



Sol de

Inverno

Ana Vitola



Capítulo 1

Jonathan olhou para o relógio do celular e percebeu que tinha poucos minutos para resolver aquela situação toda. Uma dor de cabeça estava começando a se instalar e ele ainda tinha que aguentar uma sala de aula cheia de alunos, que burlavam a noção de higiene básica e a atenção deles mais voltada para uma formiga na parede do que no que ele falava.

Entrou na livraria do shopping, onde havia passado para comprar o presente de aniversário do seu sobrinho e atacou a primeira atendente que parou na sua frente.

— Em que posso ajudar, senhor. — A guria lhe recebeu com um sorriso bonito, mas Jonathan não estava interessado nele.

— Comprei um livro e veio faltando páginas. — Disse sem rodeios e sem prestar muita atenção na fisionomia da atendente em questão. Todas elas eram iguais, pensou Jonathan, estavam ali para ajudarem a resolver os problemas como aqueles.

— Eu imagino que seja esse livro, não é? — Ela apontou para uma pilha em destaque no meio da livraria.

— Sim, esse mesmo. Olha, estou com um pouco de pressa, será que....

Deixou subentendido que precisava sair dali com certa urgência, e ele estava impaciente. Ambientes lotados o deixava daquela forma. Por isso que cada vez mais estava optando a comprar coisas pela internet. Santa invenção que estava cada vez mais tomando conta da vida das pessoas antissociais como Jonathan. Não precisavam sair de casa para fazer certas coisas. Ele tinha grandes esperanças que a tecnologia chegasse a um ponto onde tudo era feito de dentro de casa, sem ter que depender de outras pessoas.

Depender era uma coisa que Jonathan abominava. Gostava de fazer tudo sozinho e sem ter que contar com ninguém.

— Eu entendo, senhor. Estamos com muitas reclamações sobre a edição que chegou. O senhor não é o primeiro hoje. Só preciso da nota fiscal e seu documento. O procedimento que nos informaram era de recolher os livros e manda-los para a editora novamente. Em poucos dias nos mandarão os exemplares corrigidos e....

— Dias? — Jonathan cortou a funcionária. — Moça, preciso resolver isso hoje! — Ele se recusaria a voltar àquela livraria.

— Desculpe, mas....

Jonathan revirou os olhos e sua dor de cabeça estava aumentando

consideravelmente. Ótimo, agora teria que passar em uma farmácia e comprar medicamento para amenizar, ou não aguentaria dar aula.

A atendente hesitou. Jonathan nem percebeu a presença ao longe do gerente a observando.

— Simplesmente não posso pegar outra coisa e sair daqui o mais rápido possível?

A funcionária da livraria mexeu, milimetricamente, a cabeça indicando um não. Aquela era a quinta troca que faria àquela tarde. E pelas contas do pessoal do estoque, ainda haveria muitas nos próximos dias. Tudo por um erro na impressão da nova edição do livro. O controle de qualidade daquela editora não era muito confiável.

Jonathan xingou baixinho, mas a jovem não era tão surda e ruborizou de leve, um pouco envergonhada. Jonathan não era muito de xingar, havia aprendido com o seu pai a fazer isso, e não gostava de nenhum pouco. Mas ele estava chegando ao seu limite.

Enfiou a mão no bolso e tirou a sua carteira, onde entregou a nota fiscal do livro e sua habilitação. A moça foi até o computador mais próximo, digitou alguma coisa no computador e entregou novamente a Jonathan. Ele a pegou, com uma certa agressividade excessiva e não hesitou em pegar um lenço úmido do seu bolso, limpar o documento e guarda-lo. Novamente não percebeu as feições da jovem atendente ao ver aquilo. Ele estava trabalhando desde às oito da manhã, não tivera nem quinze minutos para engolir o sanduíche amassado que estava na sua mochila, mas não acreditava que estava tão suja a ponto de um cliente precisar limpar o documento na sua frente. Ela esperava que o gerente não tivesse visto o que o cliente fez. Precisava demais daquele emprego.

Olhou para o lado e viu a cara descontente do gerente em sua direção. Engoliu em seco, um pouco para afastar as lágrimas. Se perdesse aquele emprego não saberia nem como voltar para casa. E por isso, precisou jogar com as armas que tinha naquele momento. Pelo menos amenizar os danos e deixar o cliente feliz.

— Olha... — começou a falar timidamente, esperando que não estivesse tão suja a ponto de ele sentir algum cheiro estranho vindo dela. — Algumas cópias não vieram com avarias. Eu posso fazer uma coisa e te dar ela e quando o exemplar novo chegar eu substituir. O senhor nem precisaria voltar aqui.

— O exemplar é lacrado? — Questionou. Jonathan não ficaria com um livro de prateleira onde vai lá saber quais mãos sujas haviam passado por aquelas páginas.

— Sim. — Respondeu a atendente evitando sorrir.

— Se é estiver lacrado e sem faltar nenhuma página, eu aceito.

Jonathan a seguiu até uma parte mais afastada da livraria, sem sentir o olhar do gerente sobre os dois e a moça indicou a estante com o livro em questão. Realmente estava lacrado, Jonathan o pegou da prateleira, ainda segurando o lenço úmido e o abriu, foleando até a falha encontrada no outro livro e vendo que estava inteiro.

— Obrigado. — Jonathan respondeu e se retirou dali o mais rápido possível. Passando pelo gerente que caminhava em direção à atendente.

Paula, a jovem atendente suspirou de alívio ao ver o excêntrico professor Jonathan Ramiro Dering se afastar da loja, nem percebeu a presença do seu gerente, chefe imediato aparecendo.

— O que foi isso, Paula? — Falou entre os dentes, uma maneira de gritar sem alertar os outros clientes para um escândalo.

— O mesmo problema com o livro aquele. O cliente não estaria aqui quando ele chegasse e eu fiz um favor para ele. Para ele não sair insatisfeito. — Acrescentou.

O gerente ponderou por alguns segundos. Olhou para Paula com um certo tipo de desgosto.

— Que esse seja o primeiro e último cliente que tu faça isso, certo? E desconte do teu vale do final do mês.

— É claro, senhor. — Baixou a cabeça, para arrumar a estante e juntar o plástico do lacre do livro levado. O gerente girou nos seus calcanhares e saiu.

Paula soltou a respiração, que nem sabia que estava segurando com tanta força. Dos males o menor, pelo menos o dano seria no vale que todos os funcionários recebiam no final do mês para trocarem por livros na livraria em que trabalhavam. Um certo incentivo para que os próprios funcionários pegarem o hábito de ler. O que era um livro, que nem fazia o seu estilo na estante, do que perder o emprego?

Ela sabia, assim que o reconheceu, que o professor Jonathan poderia ser o fio que faltava arrebentar para ela perder seu emprego. Era estudante, último semestre de arquitetura, na mesma faculdade em que ele lecionava. Todos os alunos, de todos os cursos o conheciam. Ele era o mais brilhante professor de química e cheio de manias. Tudo tinha que estar ao gosto dele e Paula tinha certeza de que se ele saísse da livraria sem o livro, poderia fazer um escândalo que custaria o seu emprego. Não que fosse o emprego dos sonhos, apesar dela gostar de ler, mas as metas altíssimas, gerente que pegava no seu pé, alguns

colegas e o salário mínimo tiravam todo o encanto que poderia ter.

Ela suspirou aliviada. O seu expediente estava chegando ao fim e ela não tinha sido despedida. Era um dia feliz.

Jonathan saiu do seu carro e caminhou em direção ao seu prédio na faculdade. E estava tão concentrado em alguma coisa alheia que nem percebeu a mulher parada a sua frente, esperando que ele a atropelasse.

— Jonathan! — Beatriz o parou e não hesitou em segurar o braço dele. — Estava atrás de ti, onde tu te meteu?

Jonathan teve que se recuperar do susto que levou da esposa do melhor amigo, Ricardo.

— Estava no shopping, comprando o presente do Felipe.

— Não me diz que tu comprou outra coisa tão barulhenta como aquela bateria? Eu juro que deixo o Felipe uma semana na tua casa com o brinquedo irritante e não vou aceitar ele de volta. De quebra mando até o Ricardo se for um brinquedo que ele vai gostar.

Sim, a bateria do ano passado não foi nenhum pouco bem recebido por Beatriz e Ricardo, contudo, amado por Felipe e sua batida incessante. Ricardo estava com medo de receber uma multa do condomínio e que a esposa atirasse o brinquedo pela janela do apartamento, não que ele fosse contra a última opção. Jonathan aprendeu a lição quando cuidou de Felipe durante algumas horas para os amigos saírem: nunca mais daria brinquedos que fizessem tanto barulho, ele ainda lembrava da dor de cabeça que tinha ficado, era pior do que qualquer ressaca que ele já tinha experimentado na vida.

— Não é nenhuma bateria ou similar. É uma bicicleta nova. Ricardo me disse que a dele já estava pequena, então peguei uma maior.

— Graças aos céus. Prefiro ele com duas bicicletas do que outra bateria. A Liana vai dar uma para ele também, uma lá e outra aqui. E assim não precisamos ficar carregando a dele todo o final de semana.

Jonathan assentiu, só esperou que Liana, irmã de Ricardo, não o xingasse por dar um presente igual ao dela. Os dois tinham um estranho, e irritante costume de darem presentes iguais ou parecidos. Se Jonathan dava uma bateria, Liana dava um violão. Se um dava um banco imobiliário, outro dava o detetive, e assim por diante...

— Que horas pretendem sair amanhã? — Questionou ao dobrarem um corredor que dava às salas de aulas de ambos. Bia era professora de bioquímica.

— Se depender do Ricardo às sete da manhã. Mas o Felipe é uma preguiça, acho que às oito passamos no teu prédio para te pegarmos, pode ser?

— Claro. — Bia se desvencilhou do amigo.

— Certo, nos vemos amanhã cedo então. — Ela nunca cansa de provocar Jonathan, mesmo sabendo que ele detesta contato físico e intimidades. Por isso ela o beijou na bochecha o fazendo esquivar. Interessante é era que Felipe também fazia a mesma coisa com ela.

Beatriz saiu rindo para a sua sala enquanto Jonathan sacava outro lenço e limpava o local do beijo e suas mãos. Com os anos teve que se acostumar com o jeito de Bia. Ele e Ricardo eram amigos já alguns anos, antes de Bia chegar e se juntar ao grupo dos malucos, como Ricardo denominava os dois. Eles haviam se conhecido por intermédio do psiquiatra de ambos, Miguel. Bia era a melhor amiga de infância de Ricardo. Os dois se apaixonaram, tiveram Felipe e se casaram com o Jonathan sempre segurando vela.

Ele não se incomodava com o fato, e nem quando os dois tinham um ataque de meiguice na sua presença. Ricardo, sua família e Bia eram as pessoas mais próximas que Jonathan tinha de uma família. E ele gostava de todos, mesmo com suas peculiaridades e modos.

Não que Jonathan pudesse falar alguma coisa sobre os hábitos deles. Os seus eram bem mais estranhos do que toda a população mundial.

Capítulo 2

Jonathan sentia-se em perfeita harmonia naquele dia. Estava sentado, ao lado de Fernanda, escutando a cunhada de Ricardo conversando pelos cotovelos e comendo um cachorro-quente. O qual ele sabia que tinha sido feito na cozinha industrial do mercado da família de Ricardo, o mesmo que ele cuidava da parte de higiene e fornecia todo o material de limpeza, além de uma palestra básica sobre micro-organismos que ele ministrava com certa frequência.

Gostava da companhia dela, assim como de toda a família do amigo. Era a sua própria família emprestada. Sentia-se mais confortável nos anos em que era amigo de Ricardo, do que todo o tempo que teve ao lado da sua. E ele nem se lembrava qual tinha sido a última vez que tinha estado no mesmo ambiente que algum parente de sangue realmente.

Estava no aniversário de cinco anos de Felipe, filho de Ricardo e Bia. Jonathan sempre foi muito literal e, pela primeira vez, conseguia entender a expressão “parece que foi ontem”. Realmente, parecia que tinha sido ontem que Bia tinha dado à luz a Felipe. Dias e semanas difíceis, por conta de uma eclampsia que havia surgido na gestação. Jonathan não gostava nem de lembrar daqueles dias angustiantes que acompanhou o amigo no hospital.

Porém agora tudo era passado. Felipe era uma criança encantadora e Bia em perfeita saúde.

— Ele e a Sofia são uma dupla e tanto. — Fernanda sorriu ao ver a filha e o afilhado correndo por entre o CTG em que era realizada a festa.

A família Chiarelli honravam as tradições do estado em que moravam. Na sua infância e adolescência, Jonathan nunca imaginou entrar em um Centro de Tradições Gaúchas, e quando conheceu Ricardo, imaginou que continuaria com a mesma convicção. O ambiente rústico não era bem visto ao lado germofóbico do químico, Jonathan levava a sua higiene e a dos locais em que estava à sério. E por isso demorou muito tempo para aceitar o convite de Ricardo e quando pisou a primeira vez, ficou estático, sem encostar em nada além do necessário. Aos poucos, seguindo Ricardo nas suas apresentações de chula, bailes ou churrascadas, Jonathan foi se soltando e se sentindo bem no meio daquele ambiente. Até mesmo aprendido a montar a cavalo, para o casamento de Ricardo e Bia, em que era um dos padrinhos, e até mesmo gostou de fazer. Sempre que podia ele e o amigo cavalgavam.

— Eles são umas figuras mesmo. — Jonathan sorriu ao ver as duas crianças, seus afilhados.

A alegria de Jonathan.

Ser padrinho de Sofia foi o melhor acaso de todos. Ele estava junto quando a bolsa de Fernanda tinha estourado, no meio de uma apresentação de Ricardo. Jonathan levou Fernanda e Sérgio até a maternidade e esperou Bia e Ricardo chegarem. No outro dia ele estava no hospital novamente para visitar Fernanda e quando viu Sofia, tão pequena e bonitinha, não resistiu em se apaixonar perdidamente. Foi convidado para ser padrinho naquele mesmo dia, em gratidão pela ajuda. E ninguém imagina como aquilo mudou a vida de Jonathan.

Pela primeira vez ele sentiu-se importante ao ponto de alguém o convidar para participar da vida de uma criança. E quando Felipe nasceu e ele convocado a repetir o feito, Jonathan não poderia ter ficado mais feliz.

Ele era consciente da sua condição de vida. Jonathan era uma pessoa diferente da grande maioria e gostava da sua solidão. Chegar em casa, encontrar tudo no seu devido lugar e limpo. Seus costumes e modo de ser não questionado por ninguém, fazia o que queria e não precisava se explicar.

Sua casa era o seu reino. Isolado e solitário reino.

E a adição das crianças na sua vida, era a última coisa que Jonathan precisava resolver. Era de um certo alívio para ele saber que deixava para o mundo algum tipo de continuação. Sofia ele não enquadrava muito naquele aspecto, mas Felipe era totalmente incluso. Via a criança quase todos os dias, o levava para o shopping, para brincarem nas praças da cidade e onde mais Felipe quisesse ir e fazer. Se Bia e Ricardo não estavam disponíveis, Jonathan fazia o trabalho sem reclamar. Era o mais próximo que ele teria de um filho naquela vida.

Aquilo tinha sido um alívio imenso nas suas preocupações para com o futuro. Ainda lembrava de como tinha chegado feliz ao consultório de Miguel, seu psiquiatra, e falado aquilo para ele. Nem as milhares de horas conversadas com o médico, até hoje, o fizeram mudar de ideia.

Jonathan era inteligente o bastante para perceber que nunca teria o que Ricardo tinha, uma esposa e filho. Alguns anos atrás ainda tinha a esperança de conseguir encontrar alguém que se encaixasse na sua vida com aquela perfeição que os livros e filmes mostram, ou que pelo menos as discrepâncias entre os dois não fossem tão diferentes.

Era sabido que Jonathan tinha um medo incontrollável de germes e seus parentes, e todas as mulheres que havia conhecido na sua vida, nenhuma burlava aquele receio de encostar, beijar, dividir a casa e outras coisas mais íntimas com outra pessoa sem sentir a ânsia e o asco genuíno. Tolerava Bia e seus avanços inocentes, pois sabia que não eram mais do que aquilo. Bia era completamente

apaixonada por Ricardo e ele por ela. Em nenhum momento Jonathan se sentiu ameaçado ou incomodado pelo que Bia fazia com ele. Era simplesmente amizade verdadeira.

— Dindo! — Sofia veio correndo em sua direção com Felipe atrás dele.

— Oi, meu amor. — Disse ele com um sorriso no rosto.

— Quero um pedaço — Sofia apontou para o cachorro quente de Jonathan e abriu a boca.

Jonathan não teve outra escapatória a não ser dividir o seu com Sofia e Felipe, que imitava a prima em tudo.

— Não é mais fácil vocês pegarem um inteiro e comerem? — Ricardo apareceu por trás deles. — Vocês sabem como o dindo John é chato com essas coisas.

— Mas com a gente ele não é, pai. — Felipe olhou para Ricardo, era com ver um adulto e uma versão miniatura juntos.

— Não sou, vocês sabem que tem que lavarem as mãos...

— Sempre quando chegamos em casa e antes de comer! — Terminou Sofia.

— Ou quando vemos que elas estão sujas. — Acrescentou Felipe. — A minha está suja — ele levantou uma e realmente estava preta de tão suja. — Vou lá lavar. — E saiu correndo com Sofia gritando para Felipe a esperar.

Realmente era bem mais aceitável estar ao lado das crianças. Jonathan, desde que elas começaram a interagir com as pessoas, as ensinou sobre lavar as mãos e outros comportamentos básicos de higiene. Por isso que não hesitava em dividir algumas coisas com elas, ou até mesmo dormir com Felipe ao seu lado quando ele passa a noite com o dindo para os pais saírem. Era um programa muito apreciado por Jonathan.

— Esses dias estávamos no meio do jantar e o Felipe largou os talheres e saiu correndo para o banheiro. Pensei que fosse uma dor de barriga instantânea, e quando eu fui atrás dele ele já estava voltando e dizendo que tinha esquecido de lavar as mãos. — Ricardo puxou uma cadeira e sentou ao lado da cunhada. — E ainda disse que o Dindo John ia ficar bravo com ele se descobrisse.

— Sofia pega as toalhinhas dela e limpa a cadeira antes de sentar. — Fernanda disse. — O Sérgio perguntou onde ela tinha aprendido aquilo e ela só faltou colocar a mão na cintura, como a Liana, e dizer: foi o meu Dindo que me ensinou.

Jonathan ficava realmente feliz ao escutar aquelas histórias. Realmente

os dois eram a sua pequena contribuição para um mundo melhor. Ele não precisava de mais nada na sua tranquila e solitária vida.

O aniversário foi uma pequena, mas animada festa. Começou no meio da tarde e acabou no meio da madrugada, depois de Sérgio assar um belo de um churrasco. Jonathan tinha uma vida completamente equilibrada, principalmente quando se falava de alimentação. Tinha uma dieta equilibrada para o seu peso e tamanho, feita por uma nutricionista professora da faculdade em que lecionava. Foram meses de ajustes e pesquisa para encontrar o perfeito. Jonathan seguia ele à risca, mas abandonava tudo quando chegava na casa dos parentes de Ricardo. Era humanamente impossível se controlar com toda aquela oferta irrecusável de alimentos fora do seu seletto cardápio e altamente calóricos. Ricardo e sua família eram donos do maior mercado da cidade, e sempre muito elogiada padaria e confeitaria. Jonathan quase nem conseguia voltar a comer decentemente após voltar para casa.

E como de costume, sempre quando a família chegava no meio da madrugada em casa, todos se reuniam à beira da piscina para beberem mais um pouco. Jonathan, Ricardo, o único que não bebia, Bia, Liana, Richard, Sérgio e Fernanda.

— Cinco anos do Felipe e da Sofia. — Sérgio, como todo o bom irmão mãos velho, que cuidou dos irmãos quando os pais faleceram, disse com a voz embargada, de emoção e álcool. Ele sempre ficava emotivo quando bebia. — Nossos bebês estão crescendo.

— E o que falar do Inácio? — Fernanda entrou na onda do marido.

— Parece que foi ontem que ele andava correndo pelado pelo pátio fugindo de ti não querendo colocar roupa. — Liana riu. — Treze anos!

— Daqui a pouco ele vai começar a trazer namoradas para casa. — Richard complementou.

— Ninguém chega perto do meu filhote! — Fernanda olhou ameaçando Richard, como se conseguisse fazer o feito.

— Felipe já vai para escola ano que vem. Meu Deus, achei um fio de cabelo branco esses dias quando me barbeava. — Ricardo gemeu.

— E eu que os alunos já estão me chamando de senhora? Até esses dias eu estava sentada no mesmo lugar que eles. — Bia bebeu mais um pouco e ficou com o semblante triste.

Jonathan ficava em silêncio observando os amigos falarem do tempo e das conquistas que alcançaram até então. Três casais, ou ele achava que eram três, já que nunca o status de Liana e Richard era claro para todos, com suas

vidas entrelaçadas e histórias para contar. Já ele, continuava na mesma desde que tinha conhecido cada um deles.

Doutorado em química. Professor de uma grande faculdade. Tinha seu próprio apartamento, carro, um bom salário e mais a grande herança que herdou de seu avô materno, uma rotina bem específica e sem muita alteração conforme transcorria. Era uma vida boa.

Sendo espectador da vida dos amigos ele não sentia, ou até então achava que não sentia, falta de nada do que eles tinham. Gostava da organização da sua vida e o modo como lidava com ela.

Jonathan já não era tão novo assim. Todos que estavam na sua faixa de idade já tinham uma família, filhos e uma boa vida compartilhada. Ele não sentia a necessidade nenhuma de mudar a sua.

Talvez ele não soubesse realmente o que estava perdendo ao abdicar certas coisas. Faltava a Jonathan alguma coisa acontecer e ele perceber que a vida não era apenas rotina e previsão. Havia muito mais do que isso em algum lugar esperando por ele.

Capítulo 3

Paula apertou o passo e enfiou as mãos dentro dos bolsos do seu casaco novo. Sentiu o vento frio e agradeceu aos céus por aquele brechó ter recebido uma carga de roupas novas no dia em que ela foi lá comprar. Um casaco grosso, marcado pelo tempo de uso, mas que coube perfeitamente no seu corpo magro. Duas calças, algumas blusas e um par de tênis no número certo. O tênis não estava em tão boas condições, mas só o fato de não a apertar ou sobrar era uma grande questão. Já tinha tido a sua cota de sapatos fora do tamanho quando era criança.

— Tchau, Paula. — Ouviu algum colega indo para o estacionamento da faculdade enquanto ela caminhava para o terminal de ônibus.

Paula acenou de volta alegremente.

Estava no último ano da faculdade de arquitetura. A única aluna bolsista integral em uma faculdade particular para ricos. Ela chegou completamente assustada, passou por todos os semestres sem saber se conseguiria aguentar mais, e lá estava ela, quase no final. Faltava apenas alguns meses para voltar para casa.

Chegou até a parada do ônibus, sacou o seu cartão do ônibus e suspirou ao perceber que ainda tinha um bom tempo no transporte e no trem. Ouviu o seu decrépito telefone tocar e o catou dentro da sua bolsa. O visor estava quebrado e não tinha como saber quem estava ligando. Apertou o botão e atendeu o celular, que um dia já tinha sido novo de outra pessoa, seu irmão comprado e agora repassado para ela.

— Alô.

— Oi, P. — Escutou seu irmão do outro lado da linha. — Como estão as coisas aí?

— Início de semestre. — Suspirou ela. Tinha saudades de casa. — Por enquanto tudo estava tranquilo. Em poucos dias começa a correria de provas, semestres e o TCC. E como está o pessoal aí?

— Estamos na mesma. A mãe com as dores nas costas, a Pauline incomodando e o Pietro acordou essa manhã com febre. Vou ter que levantar de madrugada e conseguir uma ficha com pediatra para ele.

Paula se arrepiou. Detestava quando o sobrinho ficava doente. Isso sempre significava dinheiro com remédios, dinheiro que a família não tinha sobrando.

— Se precisar de alguma coisa... — Paula disse por dizer, pois se o irmão ligasse para dizer que precisava de dinheiro, ela não saberia de onde tirar. Tinha gastado a sua pequena reserva com aquelas roupas.

Sabia que não deveria ter comprado o casaco e o tênis com a numeração perfeita! O dinheiro gasto poderia se transformar nos medicamentos de Pietro em casa. Poderia muito bem ter passado mais um inverno com as mesmas roupas de sempre, ou com as mãos geladas.

— Não precisa, P. — Como sempre seu irmão comandava todas as coisas da família. Sempre tinha sido assim. — Eu dou um jeito. Só liguei para saber como tu estava.

Paula sentiu um aperto no peito. A vida nunca tinha sido fácil para ela e seus irmãos, mas nem por isso Paulo tinha desanimado em colocar aquela família para cima. Trabalhava desde que Paula podia se lembrar e quando qualquer coisa aparecia nos seus horários de folga, ele não pensava duas vezes antes de aceitar. Tudo para dar todo o conforto que podia para as irmãs e a mãe.

— Estou bem, mano. E não vejo a hora de acabar essa faculdade e voltar para casa. — Escutou o irmão sorrir através da linha falha.

Paulo foi o maior incentivador para Paula ir para a capital estudar em uma faculdade de ricos. Paula não tinha um centavo no bolso, e o irmão gastou tudo o que tinha em casa para alugar um quarto/banheiro para ela e a deixar com o necessário para os primeiros dias de aula. Paula estava na faculdade, esse era o maior orgulho da família.

Desligou o telefone com o coração na mão. Queria pegar o ônibus, encarar aquelas horas no balanço da estrada e voltar para casa. Que se explodisse a faculdade, o diploma no ensino superior e tudo mais, sua família passava necessidade, assim como ela, para que Paula pudesse estudar. Ela já tinha desistido uma vez, voltado para casa e dito que não voltaria para a faculdade, foi a primeira vez que escutou seu irmão mais velho alterar a voz.

Paulo a fez voltar para a faculdade, disse que não aceitaria a volta de Paula para casa antes que o diploma estivesse na sua mão. Era para isso que o irmão dormia poucas horas durante a noite. Para dar para Paula a oportunidade de estudar e ser alguém na vida. E ter uma vida melhor. Ela não teve outra opção a não ser voltar e continuar.

E até agora ela estava lá, na luta. Trabalhando naquela livraria seis dias por semana, em troca de um salário mínimo, vivendo de aluguel em um quarto/banheiro com uma colega de quarto duvidosa, frio passando pelo seu casaco “novo” e quase nenhum dinheiro sobrando para se alimentar. Sem contar com o material da faculdade, que eram caríssimos. Se não fosse a boa vontade com os professores, que lhe doavam seus materiais velhos, ou até mesmo alguns colegas que a emprestavam.

Paula guardou o que sobrava de um telefone na bolsa, era o único meio de contato com a família. Pensava no que poderia fazer para sair daquela livraria e conseguir um emprego melhor. Começou a distribuir currículos na área de arquitetura para as grandes empresas atrás de um estágio remunerado. Mas precisava ter muita influência para conseguir, e seus colegas, com as famílias conhecidas tinham mais chance do que ela.

Estava de cabeça baixa, esperando seu ônibus e nem viu o que lhe aguardava.

Jonathan estava enfurecido de uma forma que só os primeiros dias de novos semestres poderiam o enfurecer. Detestava aquelas primeiras turmas de química. Sempre tinha algum espertinho desatento que não prestava atenção nas coisas que ele falava no início de cada aula experimental no laboratório de química. Quando os alunos não colocavam fogo no laboratório, faziam uma solução altamente corrosiva.

E agora lá estava Jonathan, desviando o seu caminho em direção à área de descarte. Simplesmente alheio ao que acontecia a sua volta ou a sua frente.

Deu mais um passo enquanto xingava os alunos e não percebeu a pobre Paula a sua frente. Só a notou quando o vidro a sua frente tombou no casaco dela.

— Ah, droga! — Exclamou Jonathan ao se dar conta do que a solução poderia fazer na pele de alguém. — Tira isso agora!

Paula não teve outra reação a não ser tirar o se casaco e atirá-lo no chão. Olhou para o tecido se corroendo e aquilo foi pior do que receber um tiro. Todo o seu dinheiro extra, juntado com muito sacrifício agora era uma bola sem definição.

— Malditos alunos idiotas! — Jonathan xingou. — E tu, — ele olhou para Paula, incrédula com o que estava acontecendo — não olha por onde anda?

Ela se calou completamente ao encarar Jonathan e aqueles olhos azuis irradiando irritação. Se abaixou para pegar o que sobrou do seu casaco e só escutou a voz de Jonathan.

— Não toca nisso! — Gritou fazendo com que vários alunos que ali estavam parassem para olhar o que estava acontecendo. — É uma solução errada que um aluno idiota fez, se tocar nisso vai te dar uma alergia horrível.

Paula se afastou com um pulo.

— Droga! — Jonathan exclamou novamente.

Sua segunda tinha sido péssima, e só aquilo mesmo para acontecer e fechar o dia com chave de ouro. Realmente péssimo!

Paula segurava as lágrimas olhando para o que havia sobrado do seu casaco destruído. Pelo menos, até alguns segundos atrás, poderia vendê-lo de novo para a casa que havia comprado e enviaria o dinheiro para os remédios de Pietro. Ele merecia toda a atenção, carinho e remédios quando precisasse.

E agora, tudo estava acabado. Pietro ficaria sem seus remédios e Paula sem o casaco maldito. Se aquela primeira semana de semestre fosse reflexo do que viria nos próximos meses, Paula não saberia se conseguiria aguentar. Principalmente se cada um dos seus problemas envolvessem o excêntrico professor de Química. Ainda estava sofrendo represálias na livraria do seu gerente por conta do episódio com o livro com defeito.

— A solução entrou em contato com a tua pele? — Questionou depois de olhar para as próprias mãos e ver que não tinha sido atingido.

Paula negou com a cabeça, sem nem olhar com certeza de que havia sido atingida mesmo. Só queria que aquele semestre acabasse de uma vez, assim poderia voltar para casa, trabalhar e ajudar sua família. Pauline era a próxima a ir para a faculdade em poucos anos, até lá Paula poderia juntar dinheiro suficiente para pagar os remédios de Pietro, as coisas que a mãe necessitava e ajudar Paulo a cuidar da família.

Mas o que parecia mais próximo era aguentar os xingamentos do professor Jonathan, o olhar dos alunos de todos os cursos da faculdade a vendo ser tratada daquela forma.

O tormento não parecia ter fim. Jonathan ainda reclamava sobre os alunos novos, não prestarem atenção no que ele falava e outras coisas que ela nem prestava a atenção.

— Está tudo bem — instintivamente ela tocou no braço dele.

Jonathan deu um pulo tão grande para trás que aquilo a assustou de verdade. Paula tinha sofrido demais na infância, por mais que aquilo tivesse acabado quando conheceu Paulo e Paola. Mas alguns reflexos nunca se perdiam.

Os alunos espectadores não tinham noção do que estava acontecendo, mas com certeza inventariam histórias sobre aquilo o semestre todo.

Paula ainda estava assustada, para a sua sorte o ônibus havia chegado e ela pulado para dentro sem antes mesmo de escutar mais alguma palavra de Jonathan. Ela estava tremendo, um reflexo que pensou que tivesse aprendido a controlar durante os anos. Mas parecia que não.

Sentou no primeiro banco que encontrou e sentiu as lágrimas escorrendo sobre o seu rosto. O frio invadiu até seus ossos e ela se abraçou para ver se conseguia combater-lo.

Seria mais um ano com inverno rigoroso. Mais alguns meses de frio intenso e Paula lutando contra ele. Ela detestava sentir frio. Já tinha passado demais na infância pobre. Ainda mantinha o mesmo hábito, de esquentar água em uma garrafa PET antiga para colocar nos seus pés para poder dormir sem escutar os dentes batendo, apenas o estômago roncando já era uma sinfonia desagradável.

Era por esse motivo que Paula tinha comprado aquele casaco velho. Ele era quente, gasto em diversos pontos, mas iria a esquentar durante aqueles meses. E agora ele estava no chão da parada de ônibus destruído por completo. Não servia nem para ser vendido para o primeiro brechó que ela encontrasse para ter dinheiro para os remédios do sobrinho.

Ela chorou durante o percurso do ônibus. Tentou recuperar a dignidade quando chegou a plataforma do trem. Se abraçou mais ainda, tentando não tilintar os dentes enquanto o esperava, para que a levasse até os cantos mais distantes da cidade.

Amanhã era outro dia. Outro dia em que Paula ficaria na livraria até o último segundo antes do gerente a liberar, sem direito a hora extra ou algum benefício. Iria para a faculdade, onde tentaria acompanhar seus colegas com todos os materiais pedidos dos professores para a aula e contar com a boa vontade de algum colega, ou até mesmo o professor para lhe emprestar alguma coisa. E para seu maior infortúnio, sem casaco nenhum para aplacar aquele frio do inverno.

Capítulo 4

Paula apertou o passo e enfiou as mãos dentro dos bolsos do seu casaco novo. Sentiu o vento frio e agradeceu aos céus por aquele brechó ter recebido uma carga de roupas novas no dia em que ela foi lá comprar. Um casaco grosso, marcado pelo tempo de uso, mas que coube perfeitamente no seu corpo magro. Duas calças, algumas blusas e um par de tênis no número certo. O tênis não estava em tão boas condições, mas só o fato de não a apertar ou sobrar era uma grande questão. Já tinha tido a sua cota de sapatos fora do tamanho quando era criança.

— Tchau, Paula. — Ouviu algum colega indo para o estacionamento da faculdade enquanto ela caminhava para o terminal de ônibus.

Paula acenou de volta alegremente.

Estava no último ano da faculdade de arquitetura. A única aluna bolsista integral em uma faculdade particular para ricos. Ela chegou completamente assustada, passou por todos os semestres sem saber se conseguiria aguentar mais, e lá estava ela, quase no final. Faltava apenas alguns meses para voltar para casa.

Chegou até a parada do ônibus, sacou o seu cartão do ônibus e suspirou ao perceber que ainda tinha um bom tempo no transporte e no trem. Ouviu o seu decrépito telefone tocar e o catou dentro da sua bolsa. O visor estava quebrado e não tinha como saber quem estava ligando. Apertou o botão e atendeu o celular, que um dia já tinha sido novo de outra pessoa, seu irmão comprado e agora repassado para ela.

— Alô.

— Oi, P. — Escutou seu irmão do outro lado da linha. — Como estão as coisas aí?

— Início de semestre. — Suspirou ela. Tinha saudades de casa. — Por enquanto tudo estava tranquilo. Em poucos dias começa a correria de provas, semestres e o TCC. E como está o pessoal aí?

— Estamos na mesma. A mãe com as dores nas costas, a Pauline incomodando e o Pietro acordou essa manhã com febre. Vou ter que levantar de madrugada e conseguir uma ficha com pediatra para ele.

Paula se arrepiou. Detestava quando o sobrinho ficava doente. Isso sempre significava dinheiro com remédios, dinheiro que a família não tinha sobrando.

— Se precisar de alguma coisa... — Paula disse por dizer, pois se o irmão ligasse para dizer que precisava de dinheiro, ela não saberia de onde tirar. Tinha gastado a sua pequena reserva com aquelas roupas.

Sabia que não deveria ter comprado o casaco e o tênis com a numeração perfeita! O dinheiro gasto poderia se transformar nos medicamentos de Pietro em casa. Poderia muito bem ter passado mais um inverno com as mesmas roupas de sempre, ou com as mãos geladas.

— Não precisa, P. — Como sempre seu irmão comandava todas as coisas da família. Sempre tinha sido assim. — Eu dou um jeito. Só liguei para saber como tu estava.

Paula sentiu um aperto no peito. A vida nunca tinha sido fácil para ela e seus irmãos, mas nem por isso Paulo tinha desanimado em colocar aquela família para cima. Trabalhava desde que Paula podia se lembrar e quando qualquer coisa aparecia nos seus horários de folga, ele não pensava duas vezes antes de aceitar. Tudo para dar todo o conforto que podia para as irmãs e a mãe.

— Estou bem, mano. E não vejo a hora de acabar essa faculdade e voltar para casa. — Escutou o irmão sorrir através da linha falha.

Paulo foi o maior incentivador para Paula ir para a capital estudar em uma faculdade de ricos. Paula não tinha um centavo no bolso, e o irmão gastou tudo o que tinha em casa para alugar um quarto/banheiro para ela e a deixar com o necessário para os primeiros dias de aula. Paula estava na faculdade, esse era o maior orgulho da família.

Desligou o telefone com o coração na mão. Queria pegar o ônibus, encarar aquelas horas no balanço da estrada e voltar para casa. Que se explodisse a faculdade, o diploma no ensino superior e tudo mais, sua família passava necessidade, assim como ela, para que Paula pudesse estudar. Ela já tinha desistido uma vez, voltado para casa e dito que não voltaria para a faculdade, foi a primeira vez que escutou seu irmão mais velho alterar a voz.

Paulo a fez voltar para a faculdade, disse que não aceitaria a volta de Paula para casa antes que o diploma estivesse na sua mão. Era para isso que o irmão dormia poucas horas durante a noite. Para dar para Paula a oportunidade de estudar e ser alguém na vida. E ter uma vida melhor. Ela não teve outra opção a não ser voltar e continuar.

E até agora ela estava lá, na luta. Trabalhando naquela livraria seis dias por semana, em troca de um salário mínimo, vivendo de aluguel em um quarto/banheiro com uma colega de quarto duvidosa, frio passando pelo seu casaco “novo” e quase nenhum dinheiro sobrando para se alimentar. Sem contar com o material da faculdade, que eram caríssimos. Se não fosse a boa vontade com os professores, que lhe doavam seus materiais velhos, ou até mesmo alguns colegas que a emprestavam.

Paula guardou o que sobrava de um telefone na bolsa, era o único meio de contato com a família. Pensava no que poderia fazer para sair daquela livraria e conseguir um emprego melhor. Começou a distribuir currículos na área de arquitetura para as grandes empresas atrás de um estágio remunerado. Mas precisava ter muita influência para conseguir, e seus colegas, com as famílias conhecidas tinham mais chance do que ela.

Estava de cabeça baixa, esperando seu ônibus e nem viu o que lhe aguardava.

Jonathan estava enfurecido de uma forma que só os primeiros dias de novos semestres poderiam o enfurecer. Detestava aquelas primeiras turmas de química. Sempre tinha algum espertinho desatento que não prestava atenção nas coisas que ele falava no início de cada aula experimental no laboratório de química. Quando os alunos não colocavam fogo no laboratório, faziam uma solução altamente corrosiva.

E agora lá estava Jonathan, desviando o seu caminho em direção à área de descarte. Simplesmente alheio ao que acontecia a sua volta ou a sua frente.

Deu mais um passo enquanto xingava os alunos e não percebeu a pobre Paula a sua frente. Só a notou quando o vidro a sua frente tombou no casaco dela.

— Ah, droga! — Exclamou Jonathan ao se dar conta do que a solução poderia fazer na pele de alguém. — Tira isso agora!

Paula não teve outra reação a não ser tirar o se casaco e atirá-lo no chão. Olhou para o tecido se corroendo e aquilo foi pior do que receber um tiro. Todo o seu dinheiro extra, juntado com muito sacrifício agora era uma bola sem definição.

— Malditos alunos idiotas! — Jonathan xingou. — E tu, — ele olhou para Paula, incrédula com o que estava acontecendo — não olha por onde anda?

Ela se calou completamente ao encarar Jonathan e aqueles olhos azuis irradiando irritação. Se abaixou para pegar o que sobrou do seu casaco e só escutou a voz de Jonathan.

— Não toca nisso! — Gritou fazendo com que vários alunos que ali estavam parassem para olhar o que estava acontecendo. — É uma solução errada que um aluno idiota fez, se tocar nisso vai te dar uma alergia horrível.

Paula se afastou com um pulo.

— Droga! — Jonathan exclamou novamente.

Sua segunda tinha sido péssima, e só aquilo mesmo para acontecer e fechar o dia com chave de ouro. Realmente péssimo!

Paula segurava as lágrimas olhando para o que havia sobrado do seu casaco destruído. Pelo menos, até alguns segundos atrás, poderia vendê-lo de novo para a casa que havia comprado e enviaria o dinheiro para os remédios de Pietro. Ele merecia toda a atenção, carinho e remédios quando precisasse.

E agora, tudo estava acabado. Pietro ficaria sem seus remédios e Paula sem o casaco maldito. Se aquela primeira semana de semestre fosse reflexo do que viria nos próximos meses, Paula não saberia se conseguiria aguentar. Principalmente se cada um dos seus problemas envolvessem o excêntrico professor de Química. Ainda estava sofrendo represálias na livraria do seu gerente por conta do episódio com o livro com defeito.

— A solução entrou em contato com a tua pele? — Questionou depois de olhar para as próprias mãos e ver que não tinha sido atingido.

Paula negou com a cabeça, sem nem olhar com certeza de que havia sido atingida mesmo. Só queria que aquele semestre acabasse de uma vez, assim poderia voltar para casa, trabalhar e ajudar sua família. Pauline era a próxima a ir para a faculdade em poucos anos, até lá Paula poderia juntar dinheiro suficiente para pagar os remédios de Pietro, as coisas que a mãe necessitava e ajudar Paulo a cuidar da família.

Mas o que parecia mais próximo era aguentar os xingamentos do professor Jonathan, o olhar dos alunos de todos os cursos da faculdade a vendo ser tratada daquela forma.

O tormento não parecia ter fim. Jonathan ainda reclamava sobre os alunos novos, não prestarem atenção no que ele falava e outras coisas que ela nem prestava a atenção.

— Está tudo bem — instintivamente ela tocou no braço dele.

Jonathan deu um pulo tão grande para trás que aquilo a assustou de verdade. Paula tinha sofrido demais na infância, por mais que aquilo tivesse acabado quando conheceu Paulo e Paola. Mas alguns reflexos nunca se perdiam.

Os alunos espectadores não tinham noção do que estava acontecendo, mas com certeza inventariam histórias sobre aquilo o semestre todo.

Paula ainda estava assustada, para a sua sorte o ônibus havia chegado e ela pulado para dentro sem antes mesmo de escutar mais alguma palavra de Jonathan. Ela estava tremendo, um reflexo que pensou que tivesse aprendido a controlar durante os anos. Mas parecia que não.

Sentou no primeiro banco que encontrou e sentiu as lágrimas escorrendo sobre o seu rosto. O frio invadiu até seus ossos e ela se abraçou para ver se conseguia combater-lo.

Seria mais um ano com inverno rigoroso. Mais alguns meses de frio intenso e Paula lutando contra ele. Ela detestava sentir frio. Já tinha passado demais na infância pobre. Ainda mantinha o mesmo hábito, de esquentar água em uma garrafa PET antiga para colocar nos seus pés para poder dormir sem escutar os dentes batendo, apenas o estômago roncando já era uma sinfonia desagradável.

Era por esse motivo que Paula tinha comprado aquele casaco velho. Ele era quente, gasto em diversos pontos, mas iria a esquentar durante aqueles meses. E agora ele estava no chão da parada de ônibus destruído por completo. Não servia nem para ser vendido para o primeiro brechó que ela encontrasse para ter dinheiro para os remédios do sobrinho.

Ela chorou durante o percurso do ônibus. Tentou recuperar a dignidade quando chegou a plataforma do trem. Se abraçou mais ainda, tentando não tilintar os dentes enquanto o esperava, para que a levasse até os cantos mais distantes da cidade.

Amanhã era outro dia. Outro dia em que Paula ficaria na livraria até o último segundo antes do gerente a liberar, sem direito a hora extra ou algum benefício. Iria para a faculdade, onde tentaria acompanhar seus colegas com todos os materiais pedidos dos professores para a aula e contar com a boa vontade de algum colega, ou até mesmo o professor para lhe emprestar alguma coisa. E para seu maior infortúnio, sem casaco nenhum para aplacar aquele frio do inverno.

Capítulo 5

Paula comia um sanduíche velho que tinha conseguido salvar das garras de sua companheira de quarto duvidosa. A geladeira que as duas dividiam nem sempre era respeitada quanto aos alimentos de Paula. E ela já cansou de ir procurar seu almoço do dia e não o encontra mais, seu estômago já nem reclamava de fome naqueles dias. Sabia que nada iria mudar o fato ou um almoço aparecer do nada na sua bolsa.

Ela já tinha se estressado bastante com a colega de quarto quando foi morar com ela algum tempo atrás. Por isso que agora sempre mantinha o seu quarto fechado à chave e o mínimo de coisas na geladeira. Optava por alimentos que não precisavam de condicionamento resfriado e coisas mais simples, como pacotes de bolachas, que poderia deixar trancado no seu quarto. E quando a fome de coisas mais substanciais batia, ela comprava no mercado a caminho do trabalho ou comia na hora mesmo.

Estava no seu horário de intervalo do trabalho. Dias de semana eram bem mais tranquilos e ela poderia até sentar e desfrutar do seu parco almoço improvisado. O final do mês se aproximava e seu salário estava cada vez mais contado para durar o resto dos dias. Sanduíche com água era um prato completo naqueles dias.

Com o gerente de folga, Paula poderia aproveitar aqueles instantes para realmente relaxar sentada em um dos sofás para os funcionários sem se preocupar em alguém a interrompendo ou a apurando. Paula realmente estava bem mais tranquila, principalmente depois da ligação do irmão dizendo que Pietro estava bem e todos os remédios que o médico havia receitado a farmácia popular tinha para disponibilizar de graça. Eles não eram tão potentes ou de fontes confiáveis como os da farmácia normal, mas eram melhores do que nada.

— Paula? — O senhor da limpeza sorriu ao vê-la ali.

— Seu João! Como o senhor está?

O homem, já com certa idade, sentou ao lado de Paula ainda sorrindo. Era uma pessoa maravilhosa, dizia Paula. Sempre de bom humor, conversando com ela e contando histórias sobre a sua família a fazendo rir. Ela não o via todos os dias e imaginava que ele trabalhava em escalas, sem nexos nenhuns, pois tinha semanas que o via quase todos os dias, ou não via. Ficava feliz quando o encontrava nos depósitos ou sala de descanso dos funcionários.

Ela não era dotada de muitas amizades. Tinha algumas na faculdade, mas todos eram colegas e legais com ela. A ajudavam na sala de aula e ficaram bem eufóricos quando souberam do esbarrão entre ela e o professor Jonathan. Alguns

questionaram se ela iria ao denunciar para o reitor por abuso de autoridade e outras coisas descabíveis. Paula teve que falar para todos os colegas que nada tinha passado de um pequeno esbarrão e que o professor estava com uma substância forte que estava indo colocar fora. Nada de mais ou perigosa. Somente depois de se explicar é que a aula pode voltar a continuar. Paula queria se esconder embaixo da sua classe de tão encabulada que ficou.

Porém aquilo eram águas passadas. Ela já nem pensava no episódio e quando visse o professor na faculdade, mudaria de rota só para não ter que vê-lo novamente.

— Cansado demais para um velho, e tu, minha querida? De novo no sanduíche?

Ela levantou o que estava comendo dando os ombros.

— Semana que vem é que as coisas apertam mais, seu João. Aí o senhor vai me ver com as bolachas mesmo.

Ele sorriu e tirou a garrafa de café que sempre trazia consigo. Esticou para Paula e a serviu no copo com água que ela já tomava. Tinha aprendido a tomar com ele, e nunca tinha conseguido tomar forte. Achava ruim demais. Diluído em água era bem mais tolerável, além de um gosto a mais para burlar o estômago.

— E a faculdade? — Questionou o senhor ao tirar o seu almoço, muito melhor do que o de Paula de uma sacola.

— Começando o último semestre, finalmente! — Ela respondeu animada depois de um gole no seu café diluído. — Não vejo a hora de acabar as aulas e voltar para casa. Nada mais de shoppings lotados, clientes chatos ou um gerente pegando no nosso pé.

João sorriu para Paula e começou a comer ao lado dela.

— Acho que a minha esposa pensa que eu sou um glutão. Colocou comida demais aqui, quer um pouco, minha filha?

Paula sorriu ao ver a delicadeza de seu João para lhe oferecer comida. Ela sabia que o senhor não estava em tão boas condições financeiras como ela. Paula mesmo já tinha dividido alguns pacotes de bolachas com ele diversas vezes, via como o senhor ficava grato com aquele pequeno grande gesto. Paula sabia que não tinha muito e ainda sim muito mais do que várias pessoas.

— Não precisa, seu João. Eu estou bem com o meu sanduíche. Guarda para mais tarde. — Ela mesmo faria isso com o seu sanduíche para terminar de comê-lo no intervalo das suas aulas. Assim conseguiria dormir melhor.

Seu João não aceitou a resposta de Paula e enquanto não fez ela comer junto com ele não sossegou. E para amenizar os ânimos, começou a contar

histórias sobre os seus filhos e netos.

Paula terminou de almoçar em tranquilidade ao lado do senhor. Voltou a trabalhar pelo resto do expediente e correu para a faculdade. O vento frio do final do dia era quase cortante, tanto que teve que puxar as mangas da sua blusa fina e cobrir as mãos. Não adiantava muita coisa, e também não deixava as mãos expostas ao vento. Sentia falta daquele casaco estragado. Se estivesse com ele, não estaria quase batendo queixo de tanto frio que sentia. Talvez conseguisse bater a meta do mês de vendas e ganhasse algum bônus extra, pode ser que desse a sorte de encontrar outro casaco naquela casa de roupas usadas.

Entrou na faculdade e foi direto para a sua sala. Seus colegas ainda a questionavam sobre como ela estava, e Paula sempre dava a mesma resposta: ela estava bem e não precisava de nada naquele momento. Já era desesperador demais ter que pedir os materiais emprestados para os colegas, quem dirá abusar da boa vontade deles. Ela ainda tinha vergonha do escândalo com as lágrimas que tinha feito quando ganhou alguns materiais dos colegas. Aquele tinha sido o melhor presente que Paula já tinha recebido na sua vida. E ainda não sabia se tinha agradecido corretamente aos colegas que se dividiram para lhe presentear.

O professor deu alguns minutos para a turma discutir alguns pontos da formatura, e as fotos do convite que se aproximavam. Paula aproveitou o momento para dar continuidade a um desenho de uma casa para um trabalho que teria que ser entregue em algumas semanas. Ela seria a única da sala que não faria formatura, era dinheiro demais, dinheiro que ela não tinha sobrando para investir em uma festa. Sua comemoração seria entrar em um ônibus para casa e nunca mais voltar, ir para casa e trabalhar por lá.

Estava tão entretida no seu desenho que não escutou os colegas a chamarem pela primeira vez.

— Paula! — Uma colega a chamou com mais entusiasmo.

— O que foi?

— Queremos saber se tu pode vir na data marcada para as fotos. Só falta tu confirmar.

Ela olhou para a colega sem entender o que aquilo significava.

— Eu não vou fazer formatura. — Respondeu com um sorriso fraco.

— Vai sim. — Um colega respondeu.

— Ah, não vou. — Ela tentou desconversar. Era difícil admitir que não tinha dinheiro para tal luxo, como a viagem que a turma fez no início das aulas para uma cidade histórica e reconhecida por sua bela arquitetura.

— Vai sim, Paula! — A colega sorria em sua direção, como quem soubesse

de alguma coisa que não era do conhecimento de Paula. — Nós falamos com o pessoal da produção, que está organizando o evento. Eles podem incluir uma pessoa a mais sem cobrar a mais por isso.

— O que? — Ela ficou incrédula com o que escutava.

— É isso mesmo — outra colega se aproximou dela e sentou ao seu lado. — Eles te incluíram na formatura, festa e fotos, Paula. Tu vai se formar junto com a gente. A formatura não seria a mesma sem a melhor aluna da turma, não é?

Todos os colegas de Paula concordaram e fizeram uma gritaria típica de alunos. Paula estava sem ação com aquilo. Nunca poderia se dar ao luxo de pagar uma festa como aquela. Ela sabia o preço pois a reunião dos produtores com os formandos tinha sido em um dia de aula e ela não tinha outro lugar para ir, a não ser escutar todos os planos e ficar feliz com a animação dos colegas. Era a realização de um sonho. Entraram lá como adolescentes saídos do ensino médio e saíam como arquitetos.

— Eu nem sei o que dizer e como agradecer. — Paula limpou as lágrimas que escorreram sem ela querer.

— Apenas fica gata para as fotos e na festa, Paula. — Um colega respondeu sorrindo.

— Só não mais do que eu. — Outra colega se manifestou levando a turma à gritaria novamente.

Paula não conseguia esconder o sorriso que se formou no seu rosto. Ela teria uma festa de formatura completa. Um diploma e uma comemoração à altura do seu feito. Não via a hora de contar para Paulo e escutar a voz do irmão, emocionado, pela conquista de Paula. Sua mãe choraria quando ele contasse de felicidade pela sua pequena P, como ela a chamava. Pauline iria ficar em êxtase por poder participar de uma formatura na capital, ficaria dias falando sobre isso, e Pietro ainda era muito pequeno para entender o que era a festa em si, mas iria adorar a aventura.

Aquele gesto fez com que Paula esquecesse dos seus problemas imediatos e pudesse ser feliz com o pouco o que tinha. Realmente não muito além de um quarto alugado numa zona afastada do centro, alguns pacotes de bolacha escondido dentro do seu guarda-roupa e poucos trocados na bolsa, todo o seu dinheiro para o resto do mês.

Nada daquilo importava naquele instante. Paula era grata por tudo aquilo que tinha conquistado e batalhado, e agora estava em euforia por saber que tinha sido incluída na festa da sua turma.

Ela realmente não precisava de mais nada para ser feliz.

Capítulo 6

Jonathan estava parado, perto do ponto de ônibus da faculdade, esperando. Ele não estava nenhum pouco à vontade com a situação, mas também, seu dever como um bom homem que era o impedia de deixar aquela história toda passar despercebida.

Ele só esperava que a moça aparecesse em breve, pois tinha um jogo para assistir em logo.

Jonathan tinha o gosto nacional pelo futebol. Todos os finais de semana e quartas ele geralmente tirava duas horas para assistir o seu time do coração jogar: o Grêmio. Era uma coisa bem atípica para uma pessoa como ele, e quase todo mundo que conhecia aquele lado de Jonathan se espantava quando o químico falava.

Tudo começou na infância, há muitos anos, por assim dizer. Nem ele mesmo sabe quando o amor pelo time começou, mas sabe da influência direta de seu avô. Ramiro era um senhor de riso fácil, feliz e a única pessoa a quem Jonathan se refugiava quando estava em casa, longe do colégio interno que seus pais o colocaram quando a idade escolar chegou. Jonathan contava no seu calendário os dias para visitar o avô.

Ramiro que levava o neto favorito aos jogos, viajava com Jonathan para outras cidades para acompanharem o time em competições internacionais. Eram as lembranças mais felizes de Jonathan da infância. Jonathan ainda tinha na memória nítidas imagens daquela final de 95 com jogos no Monumental Olímpico, estádio do Grêmio e na Colômbia, onde se consagraram bicampeões da Libertadores da América. Ou da final do mundial, contra o Ajax, time da Holanda em Tóquio, onde o Grêmio perdeu nos pênaltis.

Jonathan sempre abria um sorriso ao lembrar da felicidade percorrendo as suas veias ao lado do avô naquelas ocasiões em que estavam junto com o time. Até hoje ele tenta repetir aquelas sensações, mas nunca irão se igualar aos anos vividos ao lado do avô.

Ele sentia muita falta do avô ao seu lado. Perdê-lo foi a coisa mais difícil que Jonathan teve que enfrentar na sua vida adulta. Sabia que ele estava perdendo uma guerra já ganha pela idade avançada de Ramiro, mas manteve a esperança viva até o último segundo. Não queria imaginar que aquela vitória do Grêmio ao lado do avô seria a última, e que a bandeira da sorte seria agitada pela última vez.

Passar por tudo aquilo tinha sido mais doloroso que Jonathan sequer um dia imaginaria. Ele ainda sentia o peito se encolher e a garganta apertar quando

pensava no avô, nos seus últimos dias e pedindo para que o neto nunca abandonasse o time deles. Torcesse sempre, independentemente de onde eles estivessem, como já dizia o hino do clube. Com o Grêmio, onde o Grêmio estiver.

Jonathan mantinha ao pé da letra aquela promessa, por mais que às vezes tenha vontade de largar o time de mão. Os últimos anos tinha sido delicados para o time e o torcedor, ainda mais com o rival ganhando tudo que havia pela frente. Porém Jonathan era fiel à sua promessa e ao seu avô.

Principalmente a ele.

Jonathan nem saberia dizer o que seria dele sem o avô para adotá-lo e tirá-lo das garras dos seus próprios pais. Provavelmente em algum escritório com trabalho burocrático ou até mesmo em um temido hospital. Seus pais nunca toleravam a aptidão do filho mais novo para a química e nem era dos seus planos terem mais um filho, quem dirá em uma profissão tão esdrúxula como professor em uma faculdade. Se fosse para ser docente então, que fosse de um curso de suma importância e status.

Jonathan até chegou a cursar um semestre de advocacia e outro de medicina, e quase entrou em colapso mental nas duas. Não conseguia gostar de nenhuma, mas a medicina o tirava o sono todos os dias ao lembrar que teria aula com corpos, ele focava mais na conservação dos mesmos, como os processos químicos do que o professor explicava em anatomia.

Seu avô foi o salvador da pátria quando disse para o neto largar ambas e seguir a carreira que quisesse. O próprio bancaria o neto se fosse o problema, e realmente era o cerne da questão. O pai de Jonathan ainda o bancava, mesmo com todas as problemas que o filho insistia em ter, mas não se negava a pagar nada, desde que fosse de comum acordo dele e de sua mãe. E largar as faculdades implicava em sair de casa e perder todo o apoio financeiro que precisava. Seu plano inicial era se decidir entre uma daquelas duas opções tenebrosas que fazia, acabar e trabalhar para conseguir seguir o seu sonho. Ramiro achou o que a filha e o genro estava fazendo era torturante e não percebiam o que o neto mais novo realmente queria e como estavam acabando com a vida dele, sugando tudo o que ele gostava para convertê-lo a uma coisa que eles queriam.

Jonathan saiu de casa e foi morar com o avô, e depois disso foi quase que esquecido/ignorado por seus pais por completo. Quase um alívio para o jovem Jonathan, mesmo que ainda ele sofresse demais com a dependência que parecia afetiva, mas era mais um laço de querer a aprovação sempre deles. Um laço que Miguel levou um bom tempo para que Jonathan visse que era ruim e só o fazia

mal.

Foi o avô que o levou para a primeira consulta com o médico. Jonathan nem sabia para que realmente iria ao médico, e aquilo foi a melhor coisa que alguém poderia ter feito para ele. Miguel fazia um trabalho com Jonathan excepcional, conversava de uma forma que ele conseguia entender, como nunca tinha conseguido, e compreendia o que se passava com ele, como nunca ninguém realmente conseguiu. Seus medos, receios e angústias eram entendidas e não vistas como manias perturbadas. Jonathan apreciava o modo como Miguel o encarava como um igual e não alguém problemático ao extremo.

— Todos nós temos nossos problemas, Jonathan. — Disse Miguel uma vez e ficando gravado na memória dele. — Ninguém é normal ao olhar de outra pessoa, algumas só aparentam mais do que as outras.

Jonathan gostava de chegar no consultório de Miguel e ser ele mesmo, limpando todas as superfícies que encontrava, as cadeiras e não sendo taxado como maluco pelo médico. Discutiam quando alguma coisa acontecia de diferente, Miguel dava conselhos práticos e dinâmicos. Às vezes era direto e afiado como uma faca e outras vago e agia como um veneno a longo prazo, deixando Jonathan absorver cada palavra aos poucos até elas começarem a agir por completo.

Era sabido que o caso de Jonathan era mais para um psicólogo do que um psiquiatra em si, já que eles haviam categoricamente discutido o uso de medicamentos, mas foi descartado com grande sacrifício por Jonathan. E também não aceitava abandonar Miguel por outro médico. Não suportaria contar toda a sua vida, nos mínimos detalhes para outra pessoa.

Miguel era o que Jonathan precisava para colocá-lo nos eixos. Assim como Bia e Ricardo, o trio estava completo para a função. E em comum acordos os três aconselharam Jonathan a se desculpar com a estudante de arquitetura que estava no seu caminho naquele fatídico dia.

E então lá estava ele. Mexeu no zíper do seu casaco mais uma vez, para ajustá-lo ao seu corpo a ponto de não produzir calor demais ou deixar o vento frio invadir o seu corpo. O dia tinha sido bonito, um sol brilhante no céu, para os alunos sentarem nos bancos e se aquecerem e um vento cortante para dar o contraste.

Jonathan colocou as mãos no bolso e quando olhou para a frente a viu. A reconheceu pelos cabelos longos e o jeito que baixava a cabeça, se encolhendo do frio. Esperou que ela chegasse até a parada de ônibus e caminhou em sua direção.

Sua cabeça repassava as palavras que diria para a aluna. Que sentia muito o que tinha ocorrido, e que esperava que nenhum mal-entendido ficasse entre eles.

Se aproximou e parou quando estava a poucos metros de ficar cara a cara com ela.

Jonathan era excêntrico, um pouco desligado com o que acontecia a sua volta e quase nem dava bola para sentimentos alheios. Ele nunca tinha sido bom com os seus, quem dirá com o dos outros. Porém o modo como ela estava lhe chamou a atenção.

Paula estava congelando. Realmente congelando. Não sentia a ponta dos dedos dos seus pés, tinha medo que seu nariz quebrasse de tão gelado que estava e suas mãos estavam começando a ficarem dormentes. Suas três blusas mais quentes que ela tinha no seu guarda-roupa não estavam adiantando em nada. Tudo que ela mais queria era chegar no seu pequeno apartamento, tomar um banho quente e colocar aquela garrafa PET com água aquecida nos seus pés. Pelo menos algumas horas de calor ela teria para aquecer seu corpo. Comería o resto do seu sanduíche, que guardou do almoço por causa da generosidade de seu João e tentaria dormir para enfrentar o próximo dia.

Um dia a menos. Era o que ela pensava. Um dia a menos para se formar e voltar para casa. Um dia a menos para congelar no frio da capital e um dia a menos para tudo aquilo acabar de vez.

Novamente bateu os pés no chão, para ver que reavivava a circulação até os seus extremos e se abraçou, para ver se o contato dos seus braços com as mãos a esquentassem. Meio grau que ganhasse já era uma boa aquisição. Estava tão concentrada em pensar em coisas quentes, para testar aquela ideia que afirmavam que o frio era puramente psicológico, que Paula não percebeu a presença de outra pessoa ao seu lado.

Praticamente quase todos os alunos tinham o seu próprio carro. Paula era uma das únicas da sua turma que não tinha o seu. E também a única que morava em uma zona tão afastada da faculdade. Conhecía quase todos os que usavam transporte público como ela e aquele que estava ali não era um desses.

Assustou-se ao notar os olhos azuis de Jonathan tão focados nela. E também um pouco arregalados. O par de olhos combinava perfeitamente com o seu dono. Jonathan era alto, loiro, bonito, magro e elegante. Além das suas esquisitices, chamava a atenção por onde passava.

— Olá. — Disse ele automaticamente. — Sou o professor Jonathan do departamento de Química. — Se apresentou brevemente. Paula não esperou que ele estendesse sua mão para cumprimentá-la, seria demais de sua parte.

— Oi. — Respondeu tentando não demonstrar que seus dentes batiam de frio. — Paula, aluna do último semestre de arquitetura. — Quase incluiu o bolsista integral, mas recusou-se. Tinha a plena consciência que alguns professores não eram a favor das bolsas, muito menos as integrais. Era como se eles recebessem menos por ter aqueles alunos em sua turma. Paula tinha tido um desses professores, foi a matéria mais horrível de todo o curso e a causadora de tentar desistir aquela vez.

Paula. Jonathan repetiu na sua cabeça. Um nome comum para uma pessoa comum, refletiu. Só que, por ironia do destino, Paula não era nada comum aos seus olhos. Um estranho fato, chegou à conclusão. Principalmente pelo fato de que ela estava tremendo de frio em plena saída da faculdade à espera de um ônibus.

— Bom... — ele limpou a garganta e agarrou a alça da sua pasta transpassada pelo seu tórax. — É um prazer te conhecer, Paula. — Tentou ser cortês, o máximo que conseguia e tinha aprendido com o seu avô e Bia. Os dois se empenharam/empenhavam bastante para que Jonathan se aproximasse de pessoas desconhecidas.

Paula assentiu levemente com um aceno de cabeça e um pequeno sorriso no rosto. Será que seus lábios eram daquela cor mesmo ou estavam um pouco arroxeados?

— Eu queria te pedir desculpas pelo o que aconteceu aquele dia. — Jonathan ficou encabulado e desceu o olhar para os próprios pés. Um péssimo hábito que tinha herdado de quando o pai lhe passava algum sermão e dizia que estava desgostoso com o filho por qualquer coisa que ele fizesse.

Jonathan só tinha recaídas daquelas quando estava completamente fora da sua zona de conforto. E aquela era uma dessas situações por completo. Focou nos seus sapatos novos e percebeu a ponta dos dela. Diferente dos seus, eram de uma cor machada pelo tempo de uso e que já passaram pela data de validade.

— Está tudo bem. — Paula respondeu, assim como ele, um pouco desconfortável pela situação. Ainda tinha colegas preocupados com ela e dizendo para ela que não tivesse medo de denunciar se fosse o caso. Ela sempre explicava que não tinha sido nada de mais, muito diferente do que eles haviam escutado por aí.

Jonathan levantou os olhos na direção dela. Notou o acúmulo de sangue nas bochechas claras dela e quase se perguntou se era vergonha ou o frio mesmo que havia feito aquele rubor aparecer.

O ônibus apareceu quase fazendo com que ela desse um pulo de susto. Se

distanciou sem falar mais nenhuma palavra e saiu. Entrou no ônibus o mais rápido que conseguia. Tinha desviado do caminho do professor Jonathan desde o ocorrido e não prestou a atenção quando ele se aproximou sorrateiramente dela na parada. Soltou uma respiração funda quando o ônibus partiu e o deixou ali observando os movimentos dela.

Mais um dia tinha se passado.

Um dia a menos para ela terminar com tudo aquilo e voltar para casa.

Capítulo 7

Jonathan acordou e passou a mão no rosto, sentindo a barba crescida de dois dias. Se virou e pegou o seu telefone para ver o horário, nem conseguiu assimilar direito os números quando o aparelho começou a tocar.

— Alô. — Respondeu automaticamente, sem nem ver quem estava ligando.

A linha com alguns barulhos estranho não estranhou nenhum pouco Jonathan. Bem pelo contrário, abriu até um pequeno sorriso.

— Alô... — Disse novamente e escutou uma voz infantil do outro lado.

— Alô! — Novamente outros sons diferentes.

— Bom dia, Felipe.

— Oi, Dindo! Como tu está?

— Muito bem, acabei de acordar e tu? Cadê teus pais?

Jonathan tentava segurar o riso para não frustrar Felipe. Mas era bem óbvio que Bia e Ricardo o perderam de vista por apenas um segundo. Tempo suficiente para que a criança roubasse o celular de algum deles e ligasse para o dindo. Bia e Ricardo avisaram que não era inteligente de sua parte ensinar Felipe a discar os números do seu celular. Felipe ligava sempre que conseguia encontrar algum telefone ao alcance das suas mãos rápidas.

— Não sei. Papai está no banheiro e a mamãe eu não vi. Dindo, me leva no shopping hoje?

— Fazer o que no shopping, Felipe?

— Quero comer um sorvete e um “maqui”, eu vi na TV que eles estão com um brinquedo novo.

— Tua mãe não te proibiu de comer McDonald’s? E sorvete no inverno? Já está frio o bastante, não precisa comer sorvete.

— A mamãe me proibiu de comer com ela, não com o Dindo. E o sorvete no inverno não derrete, é melhor.

Jonathan não se segurou e começou a rir. Realmente, ser acordado por Felipe e suas conversas era sempre a melhor forma de começar o dia.

— Felipe! — Jonathan escutou a voz de alguém ao fundo e o barulho do telefone sendo largado em qualquer lugar.

— Que droga, filho! Quantas vezes a mãe já disse para não pegar o celular e ligar para as pessoas. Só em último caso! — A voz foi se aproximando cada vez mais até Jonathan escutar Bia. — Alô!

— Bom dia, Bia!

— John! Que alívio em saber que ele ligou para ti e não para outra pessoa alheia como esses dias. Ou para o Sérgio dizendo que precisava de uma coisa muito importante, um patinete. O Ricardo inventou de dizer para ele só usar o telefone quando precisar de alguma coisa muito importante e ninguém estiver por perto. Ele entendeu que pedir um patinete era uma dessas ocasiões. Agora ele fica andando com essa coisa no meio do apartamento e atropelando as nossas canelas. Não sei se eu xingo o Felipe ou o Sérgio por ainda dar o maldito patinete!

— Para mim ele pediu um lanche do McDonald's e um sorvete. Sabia que eles não derretem no inverno?

Bia suspirou do outro lado da linha. A cada dia que se passava Felipe estava mais esperto e ela tinha medo de descobrir até onde a esperteza do filho iria, ainda mais com todos os padrinhos fazendo as vontades de Felipe. Quando não Jonathan ali, era Liana, Richard, Sérgio e Fernanda. Até mesmo Inácio entrava naquele time.

— Pois é, ele me disse ontem no mercado quando eu e o Kado nos negamos de comprar. Aí então ele pega o primeiro celular que encontra e liga para o dindo realizar o seu sonho. Jesus, o que vai ser de mim quando ele for maior?

Jonathan percebeu que era uma pergunta retórica e nem se deu o trabalho de responder.

Era feriado, meio de semana e ele não tinha mais nada para fazer da sua vida, então decidiu aliviar para o lado dos amigos.

— Posso passar a tarde com ele se vocês quiserem. Assim ocupa o meu dia e libera o de vocês.

— Tu vai fazer todas as vontades dele e me entregar uma criança elétrica movida à açúcar como sempre?

— Não. — Respondeu Jonathan rapidamente.

— Tu não sabe mentir, John, mas eu aceito a proposta. Assim eu e o Kado podemos ter um dia de folga do Felipe. Amo o meu filho, mas tem dias que quero exportar ele de casa para os dindos. Como hoje.

Jonathan sentiu-se feliz com as palavras de Bia. Era ótimo saber que era digno de confiança para cuidar do filho dos amigos.

— Certo. Vou me arrumar e passo aí em uma hora.

— Vou arrastar o Felipe para o banho com o Kado. Assim não preciso me

estressar.

Desligaram o telefone e Jonathan levantou. Arrumou a sua cama com perfeição, escolheu a roupa para sair e foi até o banheiro. Se encarou no espelho, para se barbear e viu o seu reflexo.

Realmente Miguel estava certo, Jonathan não era mais um adolescente ou jovem adulto. Algumas linhas de expressão já começavam a aparecer e percebia que seu cabelo loiro poderia estar alguns tons mais claros do que o costume. Os cabelos brancos não eram evidentes como os de Ricardo, por ele ter os cabelos castanho e uma predisposição genética para isso, mas Jonathan começava a notar algumas mudanças no seu corpo. No fato de não conseguir perder peso com tanta facilidade e sim ganha-los se não se cuidasse, o cansaço no final do dia, quando antigamente ele ainda encarava algumas horas na academia do seu prédio, e a parte que mais lhe incomodava: a ressaca.

Por estudar em um colégio interno, católico e a bebida extremamente proibida, Jonathan não usava nem calças compridas no seu uniforme quando tomou o seu primeiro porre. Por conseguirem álcool com livre demanda dentro dos dormitórios, desde novo aprendeu a gostar e a apreciar o leve torpor que o líquido lhe trazia e adorava quando estava com o avô experimentando todos os tipos de bebidas que encontrassem. E com isso desenvolveu um gosto aguçado, requintado, ou tomava qualquer coisa que aparecia na sua frente. Era um belo hábito que tinha, já que o álcool sempre foi um instrumento de socialização desde a sua criação. Deste detalhe social ninguém poderia se queixar de Jonathan.

Só que com o passar dos anos as ressacas, sempre leves, acompanhadas de uma dor de cabeça leve passaram a serem mais incômoda a ponto de ele declinar dois dias bebendo. Coisa que há alguns anos, não era nem questionado, apenas colocado para dentro com uma alegria genuína.

Fez a barba, tomou um banho e comeu alguma coisa. Dirigiu até o apartamento dos amigos e foi recebido por uma Beatriz descabelada e de pijama.

— Pensei que só eu estava com essa cara de ressaca, e olha que eu estava lavando as roupas da semana aqui, mas alguém enfiou o pé na jaca essa noite, não é?

— Comprei um fardo de cerveja importada e coloquei um filme no DVD. Nem sei como fui parar na cama e muito menos lavei a louça. — Ele fez uma cara estranha e se assustou quando um pequeno furacão passou correndo pela sala.

— Felipe, volta aqui! — Ricardo apareceu na sala sem camisa e só de

calças, correndo atrás do filho com uma blusa na mão. — Oi. — Falou e passou por Jonathan em direção de Felipe que sentava no sofá. — Tu acha que vai sair com pouca roupa? Eu vou entregar para o teu dindo um menino e não quero receber de volta um palito de picolé.

— Picolé de chocolate, pai! — Ricardo sentou ao lado do filho e ajudou ele a se vestir. E ainda acabou o enchendo de beijos e cócegas.

Jonathan observava aquelas cenas e desviava o olhar para outra coisa a sua volta. Ver Felipe brincando com seus pais sempre trazia para ele lembranças do que Jonathan recebia dos seus. E não era nenhum pouco parecido com aquele amor incondicional.

— Meus meninos — Bia sorria ao lado de Jonathan e se aproximou dele e o beijou na bochecha, o irritante hábito que John não conseguia evitar e nem brigar mais. — Tu também é meu menino — arrematou ela. — E merecia esse beijo por me dar um dia de folga com o Kado. Vocês vão para um shopping e nós vamos para outro bem diferente, almoçar e ver um filme juntos, como faz um bom tempo que não fazemos. Precisamos encontrar uma babá nova urgentemente.

— Vocês sabem que sempre podem deixar o Felipe comigo quando querem fazer esses programas de casal. Minha casa é completamente funcional e preparada para receber ele.

— Não é a mesma coisa, John. — Ricardo comentou depois que soltou o filho e se aproximou dos dois. — Semana que vem o Richard tem plantão na quinta e a Liana vai vir no sábado. Podemos ir os 5 para o bar e esquecer da vida um pouco, e não conseguiremos fazer isso se tu estiver de babá do Felipe. Um professor lá da faculdade vai me dar o contato de uma aluna dele que servia de babá quando ele precisava. Me garante que é uma ótima guria.

Jonathan assentiu. Gostava de ficar com Felipe, mas também queria sair com os amigos juntos. E cada final de semestre era a mesma coisa, a babá terminava a faculdade e Bia e Kado tinham que sair à cata de outra.

— Então vamos, Felipe? Pegou tudo que precisa?

O menino assentiu pegando o item mais desnecessário que poderia ser: um carrinho faltando uma porta e uma roda e disse que sim. Bia riu e entregou uma mochila pequena para Jonathan com o que realmente ele poderia precisar. Uma, ou duas mudas de roupas, lenços, remédios e até mesmo uma cópia da certidão de nascimento e o cartão do plano de saúde. Se acontecesse alguma coisa, Jonathan estaria precavido por todos os lados. Bia detestava quando ele falava aquilo, mas não tinha forças para discutir com Jonathan por aquelas coisas

insignificantes.

Os dois saíram logo depois de muitas despedidas e recados para Felipe e Jonathan, não se perderem, não comerem demais ou qualquer coisa em excesso. Principalmente se forem em lojas de brinquedos. Bia não sabia qual dos dois se emocionava mais quando chegavam em uma. Felipe tinha mais brinquedos do que Bia poderia contabilizar, de tempos em tempos tinha que fazer uma limpa e colocar na caixa de doação da faculdade. Felipe nem notava a ausência deles.

Chegaram ao shopping ainda com muitas lojas fechadas. A grande maioria só abriria depois do almoço. Então acabaram na única de relevância que estava disponível no momento, a livraria, a mesma que Jonathan havia jurado que não pisava mais.

Capítulo 8

Paula estava contente por estar de “castigo” na livraria. Era feriado e também fora mandada para a ala dos livros infantis, depois de ser pega de risos com algum cliente bem-humorado. Seu gerente pensava que estava transformando a semana de Paula em um inferno, e mal sabia ele que aquele era o melhor setor para ela.

Tudo com crianças ficava mais feliz. Ela adorava fazer aquelas rodas de leituras, conquistava as crianças e os pais, e assim sua meta mensal sempre dava um belo salto. Tudo que ela precisava naquele momento.

E estava satisfeita também com seus horários da faculdade. Todas aquelas aulas extras no verão lhe resultaram em duas noites de folga na semana, quartas e sextas. Prevendo que quase não teria tempo para escrever o seu TCC, Paula adiantou o máximo que conseguiu o semestre passado e nas férias deu uma boa movimentada nele. Entregou para o seu orientador e a sua resposta foi positiva, apenas algumas mudanças básicas e Paula teria terminado o temido trabalho de conclusão. Digitaria ele nas folgas à noite na biblioteca da faculdade e tudo estaria pronto antes do seu previsto.

Realmente Paula não tinha nada para se queixar. Nem da colega e seus “clientes”, que mudavam todas as noites. Valeu a pena economizar uns dias vindo a pé para o trabalho em troca de um fone de ouvido para o velho som que ela comprou em um brechó quando se mudou. Ligava o rádio, colocava os fones e ficava mudando as estações até a companheira de quarto acabar o seu “trabalho”.

Paula estava arrumando as prateleiras quando viu um menino chegar, olhar os livros, pegar um e sentar nas poltronas coloridas. Ele era fofinho, devia ter uns cinco anos, cabelos castanhos escuros e bem vestido. Paula observou ele abrir o livro sobre as pernas e começar a olhar as páginas coloridas. Ela sorriu ao ver a cena.

Não havia nada mais lindo do que ver uma criança com um livro aberto sobre o colo. Era o início de uma vida cheia de aventuras com bruxas, fadas, dragões e reinos. Tudo o que as palavras poderiam transformar em imaginação. Paula ainda lembrava dos primeiros livros que leu na vida, todos da surrada biblioteca que a escola tinha. Ela nem sabia diferenciar as letras, mas pegou um e levou para Paulo e Paola lerem para ela. Os irmãos leram e fizeram um pequeno teatro para a irmã mais nova, aquilo tinha encantado Paula de uma forma extraordinária, sempre que podia, levava um livro diferente para os irmãos encenarem para ela. Quando foi a vez de Pauline estar na escola, Paula fez a

mesma coisa, lia para a irmã mais nova todas as noites e a incentivava a trazer outros livros sempre. Até hoje Pauline ainda lia e pedia indicações para a irmã dos livros novos que chegavam. E quando chegasse a vez de Pietro ir para a escola, ela queria fazer a mesma coisa pelo sobrinho.

— Oi — Paula se aproximou do menino. — Quer ajuda para ler?

— Eu sei ler. — Disse ele com um sorriso bonito. — Meu pai, minha mãe e meu dindo me ensinaram. Agora eu estou ensinando a Sofia. Ela não sabe ainda, a dinda Li, tia Nanda e o tio Sérgio estão ensinando ela. Aí todo mundo vai saber ler.

Paula teve que conter o riso para a desenvoltura do guri.

— O pa....to que... nao....

— Não...— Corrigiu Paula.

— Isso, tem a cobrinha! Não... to...ma... ba...no.

— Banho.

O menino sorriu e virou mais uma página. Paula se sentou no chão e o ajudou a passar mais uma página. Enquanto seus colegas detestavam fazer aquilo, Paula quase sentia-se em casa por sentar ao lado de uma criança e ler para ela. Seu coração até ficava pequeno ao se lembrar quando fazia isso para Pauline e nos primeiros meses de vida de Pietro, quando a tragédia maior se assolou sobre o teto da sua casa. Aqueles dias sombrios só foram superados pela chegada de Pietro e como Paula se agarrou a ele.

Paula e o pequeno começaram a ler o livro do pato que não tomava banho, e quando ela percebeu, uma menina tinha se juntado ao grupo. O espaço infantil da livraria é quase uma recreação para elas, e um descanso para os pais. Enquanto eles escolhiam seus livros, seus filhos se entretinham da melhor forma possível.

O pato aprendeu a tomar banho e logo veio outro livro. Outras crianças assistiam de longe chegaram mais perto e logo uma roda estava formada ao lado de Paula. Eles riam quando ela mudava a voz para imitar o personagem, ou fazia careta enquanto lia. Um divertimento que rendia a felicidade que ela precisava para encarar seus dias.

Jonathan tinha sempre mantido um dos olhos em Felipe enquanto ele rodava sobre as estantes da livraria. Deu uma passada na sessão de química e viu um novo lançamento que não tinha em casa. Mais uma olhada em Felipe e visto que ele estava rindo, sentado ao lado de uma atendente lendo algum livro infantil. Jonathan gostava do envolvimento do afilhado com os livros. Tinha ajudado Bia e Kado a ensinarem ele a ler ano passado, e agora estava tentando

ajudar Sofia quando ia para a casa de Sérgio e Fernanda. A menina era esperta como Felipe, logo estaria lendo como o primo.

Pegou o livro que estava olhando e caminhou em direção à ala infantil. Felipe estava completamente concentrado na funcionária que nem percebeu a aproximação dele. Jonathan ficou parado, com os braços cruzados olhando para a felicidade de Felipe e o modo como ele atirava a cabeça para trás quando ria de alguma tirada do livro.

A história acabou e Felipe levantou a cabeça em direção a Jonathan que acenou para ele. A funcionária, que estava ao lado dele, estava ainda sorrindo largamente quando Jonathan a reconheceu.

Era a aluna do incidente.

A que fez ele se desculpar aquele dia e desde então se pegar pensando nela. Não de uma maneira geral, mas no fato de se lembrar do ocorrido sempre que seu cérebro estava de folga, ou dormindo, como na última noite quando sonhou que estava na presença dela e os seus lábios arroxeados eram do frio que estava fazendo. Jonathan derrubava a solução e ela congelava instantaneamente. Era quase um pesadelo, principalmente quando Jonathan tentava ajuda-la e as partes congeladas do seu corpo se desprendiam. Ficou arrepiado só de lembrar da imagem nítida que seu sonho lhe proporcionava.

— Eu quero o livro do pato que não toma banho, vamos levar um para a Fifi? — Felipe olhava para Jonathan, com os mesmos olhos de Bia em um rostinho de um Ricardo em miniatura. Jonathan sempre lembrava da foto em que Sérgio mantinha na sala, uma comparação entre pai e filho que se não fosse pela qualidade das fotos, ninguém reconheceria pai e filho.

Jonathan nem prestou a atenção em Felipe, apenas na aluna que vinha em sua direção junto com o afilhado.

— Olá, professor Jonathan, — Paula disse com um certo sorriso no rosto. Toda aquela tensão inicial que havia sido criada entre eles tinha se dissipado por completo. Para falar a verdade, Paula nem pensava no ocorrido e aquela era uma boa forma de externar. — Seu filho é um amor.

Jonathan piscou para assimilar o que tinha escutado. Filho?

— Ele não é meu pai, é meu dindo. — Felipe esclareceu rapidamente.

— Ah... — Paula se desculpou com um olhar. — Seu afilhado é um amor. — Se corrigiu.

— Obrigado. — Jonathan teve que limpar a garganta duas vezes para conseguir falar alguma coisa inteligente o suficiente para a situação. Ainda tinha a visão perfeita do modo como ela havia congelado nos seus sonhos. O brilho do

olhar se apagando, o rubor das bochechas se esvaindo como fumaça ao vento e o rosto ficando branco e endurecendo.

— Dindo, quero o livro! Por favor! — Felipe se agarrou no braço de Jonathan, só isso para tirá-lo do transe.

— É claro. — Ele colocou a mão sobre o ombro do afilhado. — Vamos escolher um para a Sofia? Para lermos juntos?

— O do pato que não toma banho também! — Disse Felipe mostrando o livro.

— Vai levar dois livros iguais? — Paula se intrometeu na conversa. Era a sua meta que precisava ser batida e quanto mais encantasse a criança, melhor. Os pais sempre abriam a carteira quando os filhos ficavam hipnotizados. — Por que não leva diferente e assim por trocar com ela?

Paula deu o seu melhor sorriso para Felipe e quando a criança retribuiu, sabia que tinha feito uma venda. Felipe caminhou em direção ao local onde os livros parecidos com o do pato que não toma banho ficavam e Paula foi ajuda-lo.

Jonathan ficou ali parado. Se Liana estivesse junto teria dito que ele estava igual a um idiota. E teoricamente, até ele mesmo se achava naquele estado de estupidez sem motivo nenhum.

Ainda queria entender aquele sonho assustador que tinha tido com a aluna de arquitetura. Talvez fosse pelo fato de ter destruído o casaco da moça. Sim, aquele deveria ser o motivo principal por Jonathan ficar tão abalado com a situação toda e seus desdobramentos.

Lembrava nitidamente de Bia dizer que ela pobre, só não sabia o quão realmente ela era. Alunos bolsistas na faculdade em que ele lecionava eram raros, não eram todos que tinham inteligência suficiente para alcançar o patamar exigido pela faculdade. Nem os que tinham condições de pagar conseguiam tal fato, quem dirá os que não possuíam tão respaldo financeiro.

Felipe interagiu com a atendente com um sorriso no rosto. Jonathan nunca tinha visto ele interagir com outras pessoas daquela forma. A moça realmente tinha mexido com o pequeno de uma forma interessante. Felipe geralmente escolhia seu livro e ficava na volta do dindo quando eles iam até a livraria, e agora era como se Jonathan nem estivesse no mesmo recinto que ele.

Paula leu alguns títulos para Felipe até ele encontrar a gata que não queria pentear os cabelos e achou o título perfeito para a prima. Pegou seus dois livros e entregou para Jonathan com um sorriso no rosto. Jonathan analisou os títulos e juntou com o seu de química. Paula acenou um tchau para Felipe breve enquanto os dois se afastavam. E logo começou a atender outros pais, que tinham

escolhidos seus livros, e chegavam para buscar seus filhos.

— Onde vamos agora, dindo? — Felipe questionou após saírem da livraria. Jonathan notava que uma loja de confecção feminina estava abrindo as portas e teve uma ideia.

— Temos que ir num lugar primeiro para o dindo, Felipe. Depois eu te levo naqueles brinquedos, pode ser?

— Pode.

Felipe deu a mão para Jonathan e seguiu o dindo pelas lojas em busca do que Jonathan queria encontrar.

Capítulo 9

Paula terminou o seu expediente quando a última criança se despediu com um aceno animado. Ela sorriu em resposta e sentiu-se feliz em saber que tinha conseguido bater a sua meta do mês ainda com alguns dias sobrando. Aquilo era sinônimo de muita felicidade.

Foi para os fundos da loja, tirou o seu avental com o logotipo da livraria e pegou a sua bolsa no seu armário trancado à chave. Nem ali ela se sentia em segurança para deixar as suas coisas.

— Paula! — Uma colega do caixa a chamou e apontou para ela a um cara bem vestido, com um uniforme de uma loja bacana de roupas, aquela que Paula não tinha como bancar nenhum par de meia.

Ela se aproximou do rapaz que caminhava em sua direção. Um pouco desconfiada, principalmente com o sorriso que tinha.

— Paula? — Ela confirmou com um aceno simples. — Me pediram para eu te entregar isso.

Paula, sem entender o que estava acontecendo e pegar a sacola de papel, que ela sabia que valia bem mais que o seu almoço do dia.

— Qualquer coisa, se não servir é só vir a nossa loja amanhã que trocamos.

— Obrigada. — Respondeu, meio sem jeito.

O atendente sorridente se despediu educadamente e deixou Paula com a sacola e uma cara de quem não sabia o que era tudo aquilo. Abriu a sacola e enfiou a mão com medo que saísse algum bicho peçonhento e o atacasse.

Quando retirou o casaco do pacote, ela não acreditou no que estava vendo.

Ela bonito, de um material caro, bem mais do que ela poderia estimar. Aparentemente quente, tão quente quanto ela nunca teve em uma única peça de roupa. Sorriu para o nada ao ver aquele casaco. E então veio o questionamento, quem havia presenteado Paula com um casaco tão perfeito como aquele?

Ela vasculhou dentro da sacola e apenas encontrou um pequeno pedaço de papel, sem assinatura e com uma letra bonita:

Use-o sempre que sentir frio. Por favor, não congele. R

Aquilo a deixou um pouco apreensiva. Quem era “R” e como ele sabia que Paula estava literalmente congelando? Ela não tinha muitos amigos e duvidava muito que algum dele soubesse que ela estava mesmo precisando de um casaco e mais ainda que ela não tinha condições de comprar. Nem para seu irmão Paula tinha tido coragem de contar, era capaz dele dar algum jeito de

enviar dinheiro para ela, dinheiro aquele que Paulo com certeza não teria.

Paula olhou para todos os lados, pensando em quem poderia ter sido a pessoa que poderia ter lhe apresentado com a coisa que ela mais precisava no momento. Não encontrou ninguém às escondidas a observando.

Pensou até em devolver o casaco para a loja. E se fosse alguma pessoa com más intenções com ela? E depois que ela usasse viesse cobrar o favor. Paula não tinha nada para oferecer se esse fosse o caso. E ao mesmo tempo, queria colocar o casaco e só tirar quando o frio fosse embora.

Acabou optando pela segunda opção. Se a pessoa em questão havia lhe dado o casaco, com certeza sabia que ela não tinha onde cair morta, e se quisesse cobrar alguma coisa, Paula teria que dar o seu corpo como pagamento.

Mas pelo menos não morreria de frio. Ainda mais quando viu a previsão do tempo e a notícia era que o frio se intensificaria nos próximos dias.

Aproximou o casaco do rosto e sentiu o cheiro de roupa nova. Só de fazer aquilo já tinha se aquecido. Queria apenas conhecer o seu remetente para agradecer pela gentileza de aquece-la.

Agora ela não congelaria mais.

Foi para casa já vestida com o casaco. Ele era tão bom que Paula o vestiu até para dormir, de tão aconchegante e quente que ele era.

Jonathan estava parado no portão que dava acesso ao prédio de química da faculdade. Era um dos primeiros prédios e tinha uma excelente visão de todos os alunos que entravam e saíam das dependências da faculdade.

Ele estava ali parado, como se esperasse outra pessoa ou simplesmente não tivesse mais nada para fazer. Realmente ele estava fazendo um misto dos dois. Esperando que alguém aparecesse enquanto sua aula não começava.

Cumprimentava alguns alunos que corriam para o abrigo que o prédio proporcionava, longe do vento e frio cortante que tinha chegado à cidade. Estava tão absorto nos seus pensamentos que não percebeu a chegada de alguém ao seu lado, e nem estava preparado psicologicamente para esta certa pessoa enroscar o seu braço no seu, que estava com as mãos nos bolsos do seu casaco.

— O que tu está fazendo parado como um assassino em série esperando a próxima vítima? — Bia questionou.

Jonathan deu de ombros indiferente.

— Esperando a hora passar e eu entrar em sala de aula.

Bia olhou para o amigo.

— Te conheço, Jonathan! Nunca que tu iria esperar o horário da aula para

entrar no teu santuário. Estaria lá lustrando os tubos de ensaio.

Bia tinha toda a razão, mas Jonathan não queria revelar a sua intenção parado em frente do prédio de química, principalmente se fosse dar uma aula no seu laboratório. Geralmente ele chegava o mais cedo possível para arrumar tudo no seu devido lugar e não ter perigo de algum aluno desatento confundir um copo d'água com algum ácido.

— Talvez a passada no shopping ontem, e a chegada na loja de roupas femininas para comprar um casaco não seja um presente para mim. — Bia suspirou. — Já estava bem feliz que iria ganhar um casaco de marca.

Ela seguiu olhando para a frente, com o braço enlaçado no de Jonathan e séria.

— Como...?

— Felipe me contou. Ele me conta tudo, principalmente quando o dindo o levou para uma loja cheia de vestidos, para comprar um casaco bonito para a moça que estava lendo o Pato que não toma banho e a Gata que não queria pentear os cabelos. Queria saber como os autores desses livros infantis conseguem serem tão criativos?

Jonathan seguiu em silêncio, observando o movimento dos alunos correndo em direção aos seus prédios para fugir do frio. Até que encontrou quem ele estava procurando e sentiu-se satisfeito com o que viu.

— E, pelo visto, lá está ela — Bia cantarolou ao seu lado. — Eu vi aquele casaco na vitrine, mas tive que escolher entre comprar ou deixar o meu rim esquerdo na loja. Será que o Kado gostaria de uma esposa com um rim só?

Jonathan era inteligente demais para responder à amiga.

— Bela escolha, John. Não só do casaco.

Ele continuava a seguir Paula com seus olhos e somente quando ela se afastou longe o suficiente para seus olhos não a acompanharem mais é que se virou para Bia, que estava com um sorriso no rosto de inúmeros significados que ele não conseguia compreender.

— Como assim? — Questionou criando um vinco entre as suas sobrancelhas, Bia achava que Jonathan ficava adorável quando fazia aquela carinha de ingênuo e desentendido.

Era fofinho.

Bia sorriu e deu de ombros, ainda com um sorriso misterioso no rosto.

— Ela é bonita. Bem mais do que eu e o Kado apostamos. Pelo visto vou ter que lavar a louça por uma semana. — Suspirou arrependida.

Ricardo havia comentado com a esposa que Paula era bonita. Bia duvidava que fosse a ponto do próprio marido a achar e apostou uma semana de louça que Ricardo estava exagerando. Ele era dono de fazer aqueles comentários só para testar Bia para ver se ele estava falando sério ou não. Ricardo não era homem de ficar comentando sobre a beleza de outras mulheres, principalmente para a própria esposa. Bia conhecia seu marido e apostou que era mais uma das brincadeiras dele. E agora, ao ver Paula, mesmo de longe e com uma névoa de chuva enuviando a sua visão, teve que concordar com o marido. Paula era bonita, tão bonita que até mesmo Ricardo achava.

— E o que isso tem a ver com alguma coisa? — O vinco no semblante de Jonathan ainda continuava. Bia gostava de provocar aquela reação nele.

— Se ela não fosse tão bonita talvez não estivesse de casaco novo caríssimo. Se fosse uma Beatriz da vida tu nem daria bola se estragasse o meu casaco e me dado outro, principalmente um daqueles. Vocês homens são todos iguais, até mesmo tu e o Kado.

Jonathan demorou para perceber a ironia na voz de Bia. Todo mundo sabia que os dois nunca se deixariam levar pela aparência de outra pessoa.

— Por que não convida ela para se sentar com a gente no almoço? Ou para sairmos na sexta?

Jonathan conseguiu franzir mais o vinco entre seus olhos.

— Que foi? Pensa que eu desisti de te juntar com alguém? Posso ter fracassado nesses últimos cinco anos, mas se eu desistisse fácil, não estaria casada com o Ricardo, não é? — Bia beijou a bochecha de Jonathan, para o seu delírio e o falatório dos alunos.

Todos na faculdade inventavam histórias sobre o caso da professora Beatriz com o professor Jonathan, coitado de Ricardo era visto como o maior corno da faculdade. Os três já nem tentavam contornar a história, principalmente Jonathan, que ficava irritado quando escutava os falatórios. Não adiantava explicar, ninguém entendia a amizade de Bia com Jonathan, e nem a dele com Ricardo. As pessoas eram maldosas demais para entender os princípios de amizade.

Jonathan apenas bufou quando escutou o comentário de Beatriz. Ela ainda tinha esperanças que ele encontrasse alguém para ele... Mesmo depois de tantos encontros em dupla que ela organizou com algumas colegas e todas disseram que Jonathan era um caso perdido demais para que alguém conseguisse ficar ao lado dele.

Beatriz nunca conseguiu entender as amigas quando falavam coisas

como aquelas de Jonathan. Ele era um fofo, um amor de pessoa, com certos tipos de esquisitices, mas quem não tinha as suas? Ela mesma, morando com Ricardo e convivendo com Jonathan tinha adquirido algumas....

Porém ela não desistiria tão fácil. Esses cinco anos que se passaram desde que Bia o conheceu foram de estudos e avaliações sobre como uma pessoa deve se portar ao lado de Jonathan. Agora que já tinha um doutorado no amigo era só encontrar alguém que se encaixasse no perfil.

O problema era achar essa pessoa.

Capítulo 10

Paula olhou para a frente e quase se afogou quando a pessoa da mesa à frente se levantou e deixou a sua visão para a frente do refeitório limpa. Ainda mais quando se deparou com o professor Jonathan ao lado de uma professora conhecida e mais o seu marido sentado à sua frente.

Realmente ela não deveria ficar encarando a mesa, como se quisesse escutar sobre o que os três riam e, principalmente, o porquê deles sempre sentarem no refeitório dos alunos para almoçarem. Se Paula olhasse ao redor de todo o refeitório não veria nenhum outro professor da faculdade se misturando com os alunos.

Ela continuou a olhar enquanto comia o seu sanduíche de sempre. A professora sorria com um brilho no olhar que Paula conseguia enxergar a duas mesas de distância e Jonathan a encarava com uma certa admiração. Era sabido por todos os alunos da faculdade que haviam história que os dois eram amantes. Burburinhos sobre ver os dois caminhando abraçados e até mesmo trocando beijos eram comuns de serem escutadas nos grupos que se formavam. Todos riam do professor de física por ser tratado daquela forma.

Paula não concordava com os boatos. Tinha sido aluna do professor Ricardo no primeiro semestre da faculdade. Ele não era tão excêntrico quanto Jonathan, mas tinha suas particularidades e uma delas era sempre que tinha um tempo vago era de falar da sua esposa e filho. De longe se percebia que ele era um homem feliz no seu casamento com a melhor amiga de infância. Paula lembrava das histórias que o professor contava e ria de quando era mais jovem e sua esposa tinha uma paixonite escondida, apenas a sua irmã que aguentava a amiga suspirando pelos cantos. E quando ele começava a falar do filho, se perdia no seu sorriso.

Os alunos adoravam quando o professor esquecia a física e dava uma trégua para a cabeça ingênua, recém-saída do ensino médio, para conversarem sobre outras coisas. Paula sempre era a mais quieta da turma, estava lá para aprender, não para colocar papo fora, porém apreciava aqueles minutos de descontração antes da coisa ficar feia. Ela recordava quando todos os alunos respiravam aliviados quando Ricardo terminava a sua aula mais cedo, mas não podia liberar os alunos antes do horário, então conversava com eles.

Em uma daquelas aulas, Paula estava cansada pela primeira semana trabalhando na livraria, aprendendo tudo, a viagem que fazia todos os dias no ônibus, com medo de perder as paradas certas, a saudade de casa que batia forte no seu peito e o medo de estar sozinha naquela cidade grande. Contudo aquele

dia foi um dos mais marcantes que ela teve na faculdade.

Tudo tinha começado com bobagens em sala de aula, com o professor Ricardo descontraído e interagindo com todos os alunos, e todos sentiram o clima dentro da sala de aula mudar quando um aluno perguntou o que era aquela cicatriz no pulso do professor.

Viu o professor perder um pouco da cor do seu rosto e seu semblante mudar de alegre para uma coisa mais centrada. Observou ele reassumir o controle do seu corpo e falar abertamente sobre a sua tentativa de suicídio na adolescência. O assunto tinha chamado a atenção de todos os alunos da sala de aula, principalmente de Paula. Ela não se considerava uma depressiva ou qualquer coisa ligada à patologia, mas assim como quase todos os adolescentes tinha tido um pouco de curiosidade perante à questão e tudo que a envolvia.

Paula escutou o relato do professor e em diversas vezes concordou com algumas coisas que ele disse que sentia naquela época. Era claro que Ricardo não explanou tudo que havia acontecido na sua vida para que ele chegasse àquele ponto, mas Paula podia entender que, assim como ela, o professor tinha sofrido uma perda inesperada.

A dela tinha completado oito anos. Oito dolorosos anos em que Paula não via sua irmã sorrindo pela casa. Acordando ao lado dela ou escutando a sua voz todos os dias. A perda de Paola, em um erro tão bobo, tinha sido um marco para todos na pequena casa em que moravam. Em um dia Paola estava arrumando a bolsa de Pietro para levar à maternidade, com Paula e Pauline ao seu redor, brincando e sonhando com o sobrinho que logo chegaria e no outro dia, a notícia que o médico havia trocado uma medicação e levado à óbito a jovem mãe, que ainda estava com o filho no colo quando faleceu.

Aquela notícia ruiu sua família. Paulo ficou desconcertado. Tiveram que conter ele para que não fizesse alguma coisa de errado, como se avançar no médico que tinha trocado as pastas dos pacientes e receitado uma coisa completamente errada para sua irmã. A mãe deles teve que ser sedada para que não enfartasse ao receber a notícia que a filha tinha morrido por um erro médico. Paula tinha apenas quinze anos e Pauline dez, as duas não sabiam como processar a notícia que a irmã sorridente, que cuidava delas e estava radiante com a chegada do filho havia morrido. Elas nem entendiam ainda o significado daquela palavra devastadora. E ainda havia Pietro, recém-nascido e alheio a tudo que estava acontecendo. Ele não tinha culpa e precisava de cuidados. Paula teve que cuidar do bebê, e de Pauline, para que Paulo esfriasse a cabeça e assumisse o controle da família.

A família poderia ser pobre, mas Paulo não era burro e era bem instruído.

Seu melhor amigo tinha acabado de se formar em advocacia e entrou com uma ação contra o hospital e o médico. Nada no mundo traria Paola de volta para a família e seu filho, mas também não passaria em branco. Leo, o melhor amigo de Paulo, o assegurou que tudo aquilo renderia uma ótima indenização para a família. Indenização que mesmo depois de anos eles ainda esperavam.

Paula sofreu demais com a partida precoce da irmã. Sempre fora agarrada nela. Paola que tinha encontrado Paula no pátio do abrigo da cidade, onde a mãe trabalhava, e a transformado em sua boneca particular. Paola tinha nove anos e se encantado com Paula de uma forma especial, tanto que roubou ela do abrigo e a levou para casa para que conhecesse seu irmão mais velho Paulo, de quinze anos. Ela ainda lembrava da primeira vez que viu o irmão, sujo de terra, pois estava capinando a frente de casa.

— Paulo, olha o que eu achei para nós lá no abrigo! A Paula! Ela tem o mesmo teu nome. — Paola sorriu para a pequena Paula, agarrada na sua mão, um pouco receosa, e ainda acrescentou. — E agora temos mais uma pequena P.

Aquele dia que a vida de Paula tinha realmente começado. Ela tinha quatro anos, e ela guardava na sua memória como se fosse ontem.

A mãe protestou quando Paola disse que ela ficaria com Paula, ou melhor, precisava de Paula. Era a boneca que Paola nunca conseguiu ter por ser cara demais, e agora teria uma só sua! Paola não entendia que era mais uma boca para alimentarem e vestirem. Fez cara de choro para a mãe e o irmão que acabaram cedendo. Sorte que naquela época a adoção era uma coisa bem mais simples, a mãe só falou com o pessoal do abrigo e no outro dia Paula já estava instalada na pequena casa.

Literalmente ela foi a boneca de Paola. A irmã e levava para todos os lugares, a vestia como queria, e com o que estava disponível, penteava os cabelos e uma vez chegou até cortar, para o delírio da mãe e o riso do irmão. Paulo não demorou muito para cair nos encantos da pequena P, como Paola apelidou Paula. O irmão era meio estressado, mesmo com apenas quinze anos, mas mimava as duas sempre que podia. Nem que fosse apenas para levá-las até a praia e deixarem que elas o enterrassem na areia e saíssem correndo atrás delas depois.

A infância de Paula foi a melhor, principalmente considerando de onde ela tinha vindo. A mãe nunca falou de onde ela veio e como foi parar naquele abrigo, e Paola nunca teve curiosidade para buscar respostas, era grata a Paola por ter levado ela para casa, nunca mais deixado ela sair e passar necessidades. Paulo se tornou seu irmão mais velho e Paula sentiu-se mais completa quando a mãe apareceu com Pauline no colo dizendo que ela seria a mais nova irmã deles.

Ela era um bebê pequeno, magro e que chorava muito, Paola e Paula que se encarregaram de embalar, cuidar e alimentar Pauline, e agora era a vez de Paula ter a sua boneca de verdade.

Com apenas quinze anos, Paula perdeu Paola. Tão abruptamente que Paula pensou inúmeras vezes que não conseguiria sobreviver sem a irmã ao seu lado. Ela queria que tudo aquilo acabasse, como o professor Ricardo contou no seu episódio de tentativa de suicídio. Queria que aquela tristeza que havia tomado conta do seu coração, saísse. Que tudo aquilo que ela estava sentindo terminasse de uma vez. Que ela acordasse no outro dia e encontrasse a irmã sorrindo de volta, se isso não acontecesse, que então ela nem acordasse outra vez.

O relato de Ricardo ajudou Paula a compreender um pouco o que ela tinha passado. Era claro que ela nunca tinha chegado as vias de fato. Mas ela pensou e muito na possibilidade. Só não tinha feito pois sua família já estava despedaçada demais. Pietro precisava de uma família, sua mãe não aguentaria perder outra filha, seu irmão já estava quebrado, Pauline nem entendia o que se passava em casa e ainda sentava na frente de casa à espera da Paola.

O intervalo acabou e Paula nem percebeu que as lágrimas tinham se acumulado nos seus olhos ao se relembrar da irmã e de tudo que a família havia passado naqueles anos. Seu sanduíche havia perdido o gosto e Paula o guardou na sua bolsa enquanto limpava os olhos.

Não percebeu que o trio de duas mesas à frente tinha se desmanchado e muito menos a presença de uma mulher ao seu lado.

— Olá! — Beatriz sorria ao encarar Paula. — Ai meu Deus, está tudo bem?

Bia notou os olhos vermelhos e como professora de bioquímica, sabia diferenciar quando seus alunos haviam chorado ou fumado alguma coisa ilícita. E ao ver Paula, sabia que era a primeira opção.

— Oi. — Respondeu ela ao limpar os olhos rapidamente. — Está sim. — Recompôs-se Paula. — Apenas uma renite. — Mentiu.

— Sei — Bia fingiu acreditar. — Meu filho tem renite e essa época de inverno para ele é um saco. — Bia revirou os olhos e Paula sorriu.

Continuou a colocar as suas coisas dentro da bolsa e pegou o seu casaco novo. O que a estava salvando naquele dia frio. Ainda não sabia quem era o seu remetente e nem o que cobraria dela pelo presente. No atual estado de Paula, ela nem se importaria de fazer certos favores. O frio falava mais alto até mesmo que a sua dignidade e o diploma no final daquele ano.

— Belo casaco — comentou Bia e logo mudou de assunto rapidamente. —

Vim aqui te agradecer por ter encantado o Felipe com os livros na livraria. Ele chegou em casa elétrico e fez o pai dele ler mais uns cinco livros que ele já tinha, mas tinha que ser da mesma forma que tu fez.

Paula arregalou os olhos.

— Meu filho, Felipe, o que estava com o Jonathan no shopping no feriado. Sei que tu foi aluna do meu marido, e é bem fácil se lembrar do Felipe, quase morri para ter ele para sair a cara do pai.

— Ah, sim! Claro! Desculpe, fiquei na ala infantil e passaram tantas crianças por mim que demorei a associar. Pensei que ele fosse filho do professor Jonathan. — Paula se desculpou e segurou a sua bolsa em frente o seu peito, um pouco na defensiva.

— Se depender das línguas da faculdade é capaz de acharem que ele é filho do John, mas a genética não mente e o Felipe é mais parecido com o Kado do que comigo, em todos os aspectos. — Ela sorriu e Paula viu o sorriso mais perfeito em uma mulher. — Tenho uma proposta para te fazer, se não for incomodo. Não sei os teus horários, mas estamos um pouco desesperados atrás de uma babá para o Felipe na sextas à noite. E o Felipe realmente voltou encantado contigo. Se estiver interessada em ganhar um dinheiro extra...

Paula ainda estava encantada no sorriso de Bia, sem nem perceber que atrás dele havia mil e um planos mirabolantes da professora e melhor amiga de um certo professor de química, que passou o almoço inteiro observando uma distinta estudante de arquitetura.

Capítulo 11

Paula não estava muito segura do estava fazendo, mas nas atuais condições, não podia recusar qualquer entrada de dinheiro a mais.

Não era a primeira vez que era chamada para ser babá de filho de professores. Um dos seus mentores na faculdade, que a ajudava sempre, lhe chamava quando sabia que Paula estava disponível.

Ela olhou o prédio do endereço que havia recebido e respirou aliviada, era um prédio razoavelmente normal. Se identificou ao porteiro que a recebeu com um sorriso. Subiu pelo elevador e tocou a campainha.

Apertou as mãos dentro dos bolsos do casaco que havia ganhado e esperou um pouco. Ouviu os passos do outro lado da porta e endireitou a sua coluna. A porta se abriu e uma pessoa diferente a abriu.

— Olá... — Um homem olhou para ela que gaguejou um pouco. Tudo que ela precisava era ter apertado no apartamento errado.

— Oi... é o apartamento da professora Beatriz e do professor Ricardo?

Uma mulher apareceu ao lado do homem. Olhou Paula dos pés à cabeça e começou a rir.

— Professor Ricardo e professora Beatriz, quando eu penso que já escutei de tudo nessa vida....

— Liana! — O homem a advertiu. — Sim, é aqui o apartamento deles, tu deve ser a nova babá do Lipe, não é?

Paula sorriu aliviada confirmando, enquanto a tal de Liana continuava a rir e a falar dentro do apartamento.

— Pode entrar, por favor. A Bia está tomando banho e...

— Cheguei! — Beatriz apareceu no corredor com uma toalha enrolada no cabelo. — Olá, Paula.

— Professora Beatriz e professor Ricardo — Liana continuava a rir da cara da amiga.

— Chega, Li... Vai terminar de te arrumar. — Richard falou e a levou para dentro.

— Minha cunhada é... — Bia tentou encontrar palavras para descrever Liana, mas não encontrou. — Bem-vinda ao nosso apartamento. O Kado está saindo do banho e o Felipe deve estar colocando o banheiro a baixo.

— Obrigada.

— Fica à vontade, eu vou lá terminar de me arrumar e tirar os guris do banheiro. Da última vez que deixei os dois por muito tempo, levei quase uma

hora para desmanchar toda a espuma que eles fizeram. Xingo o Jonathan por ter feito aquele sabonete espumante.

Paula sorriu levemente para Bia que se afastava.

Respirou fundo e pensou consigo mesma se ainda dava tempo de fugir dali. Porém a necessidade básica de comer lhe falou mais alto. Tentou se acalmar e se virou para uma parede decoradas com diversas fotos. Reconhecia Beatriz e Ricardo, Felipe em diversas fases da sua infância com os pais, o casal que abriu a porta para ela, outro casal junto com os quatro e mais duas crianças. Algumas fotos mais antigas, em que Paula se aproximou para ver se reconhecia e como suspeitou, eram e Bia e Kado quando crianças e adolescentes. Ela sabia que a história deles era antiga assim.

Se encantou vendo as fotos que nem percebeu a porta de entrada se abrindo e mais uma pessoa entrando dentro do apartamento.

Jonathan estava estressado. Seu dia havia sido extremamente irritante, e não, ele não estava contando o tempo em que estava em sala de aula. Bem pelo contrário, aquele tinha sido as horas mais calmas e previsíveis do seu dia.

Ele já tinha trocado de número de telefone duas vezes em menos de dois anos e, pelo visto, teria que trocar novamente. Realmente Jonathan gostaria de saber quem era a abençoada pessoa que passava o seu número de telefone para o seu irmão mais velho. Jonathan não era dado à vinganças ou pensamentos desse tipo, mas com o tal informante ele deixaria uma solução ácida dentro do seu café, para destruir suas cordas vocais e nunca mais pronunciar um número que fosse.

As ligações tinham começado cedo, ele reconhecia o número, pois o irmão era burro o suficiente para não o trocar. Jonathan estava tomando seu café da manhã e aquilo já lhe deu uma azia sem precedentes. Dirigiu até a faculdade com a melodia do Metallica o fazendo companhia. O irmão estava conseguindo fazer com que Jonathan detestasse sua música favorita.

Incessantemente o telefone continuou a tocar até que ele colocou no silencioso. E todas às vezes que o olhava, para consultar as horas, já que a santa invenção do celular o poupava do anti-higiênico relógio de pulso e as milhares de bactérias que se acumulavam na pulseira, lá estava diversas chamadas não atendidas.

Pensou em tirar a bateria do celular, mas sabia que aquilo só ia fazer com que o irmão tivesse certeza de que era o seu número. E então teve uma ideia melhor, e contava que Liana pudesse resolver o seu problema.

Como de praxe, chegou em casa depois da faculdade e tomou um banho

demorado. Usou o shampoo e o sabonete que ele mesmo fazia no seu pequeno laboratório em casa e sentiu-se melhor depois de estar completamente limpo, com roupas limpas e no seu apartamento perfeitamente limpo e organizado. Saiu de casa quando o telefone começou a tocar, já começando a ficar nervoso com a situação.

Não, não era mais fácil atender e saber o que o irmão queria. Jonathan já tinha feito isso nas últimas duas vezes e se arrependido amargamente. Por isso havia jurado que não teria nenhum contato com a sua família. Não gostava do Jonathan que se transformava quando estava perto deles. Preferia o Jonathan que era quando estava isolado e que nem se lembrava que um dia tivera uma família além do seu avô. Era melhor quando estava junto da sua verdadeira família, seus amigos.

Dirigiu seu carro até o prédio de Ricardo. Fazia tanto aquele trajeto que o carro já se dirigia sozinho quase. Entrou no portão eletrônico, ao qual tinha uma cópia e cumprimentou o zelador, que já o conhecia de anos. Apertou o botão do elevador e limpou as mãos após entrar nele. Abriu a porta de Ricardo e pensou que estava tendo uma miragem.

Lá estava ela. A sua segunda dor de cabeça, depois das ligações incessantes do irmão.

Jonathan não deveria mais se preocupar com a pobre estudante de arquitetura. Já tinha feito tudo que poderia por ela. Se desculpado como havia sido ensinado pelo seu avô, quando se fazia alguma coisa de errada, ou que pudesse trazer qualquer tipo de desconforto para a outra pessoa. E como esse era o caso de ambas as situações, fez conforme a etiqueta pedia. Também se preocupou em aquece-la com um belo, e caro, casaco, que serviria não apenas para aquele inverno, se fosse bem cuidado, duraria por anos.

Paula não era mais para estar nos pensamentos de Jonathan, não depois de se certificar de que ela não congelaria como seu sonho perturbado. Ela até estava vestindo o maldito casaco! Com as mãos nos seus bolsos, alheia a sua presença e focada nas fotos que Kado e Bia mantinham na parede. Um misto de recordações dos dois desde que se conheciam e ambos usavam fraldas, ou não. Jonathan estava presente quando a discussão sobre a foto que Bia e Kado apareciam pelados, junto com Liana e uma mangueira aberta numa tarde de verão. Jonathan daquela vez teve que ficar ao lado de Ricardo e fazer Bia entender que era constrangedor demais terem aquela foto na sala de visitas da sua mãe e na de Sérgio, ele não precisava de mais aquela humilhação em casa.

Jonathan ficou estático ao ver Paula ali.

E quando Paula percebeu a presença de alguém ali, também ficou paralisada.

Realmente ela deveria tirar as mãos dos bolsos, pegar sua bolsa velha e sair daquela casa. Principalmente agora.

Jonathan estava tão perto de Paula que ela poderia contar até as miríades azuis dos seus olhos. Ela realmente perdeu o fôlego ao ver aquelas cores. Nem no seu estojo de lápis profissionais velhos, que ganhou de um professor, conseguiria reproduzir aquelas cores. E quando pensou que conseguiria sair daquele torpor, foi surpreendida por alguém chegando à sala.

— Não vai me dizer que tu também é o professor Jonathan! — Liana exclamou fazendo com que Jonathan quase desse um pulo de onde estava.

O susto foi quase fatal, tanto que ele teve que se recompor para conseguir falar com a irmã do seu amigo.

— Preciso de um favor, Li.

— Olá para ti também, Jonh! — Liana se aproximou de Jonathan e o abraçou. Toda a família Chiarelli sabia que ele detestava todo e qualquer tipo de contato com outras pessoas, mas nunca perdiam o hábito. — Como está indo o uso do aparelho móvel.

Nada delicadamente Liana apertou a mandíbula de Jonathan o fazendo abrir a boca e quase se enfiando lá dentro para olhar.

Jonathan tentava falar alguma coisa incompreensível para Paula, mas muito coerente para Liana, que ainda continuava a olhar os dentes de Jonathan no meio da sala. Aparentemente era uma coisa bem normal.

— É eu sei que é um saco escovar os dentes com a contenção — Jonathan falou (?) mais alguma coisa e Liana voltou a responder. — Sim, continua dormindo com o aparelho móvel e esse incisivo aqui continua no lugar.

Jonathan conseguiu se desvencilhar de Liana e retrucou.

— Ele não está no lugar certo.

— Vai teimar comigo que passei anos estudando sobre dentes, aqui não Jonathan. Vai mostrar teus dentes para algum professor da tua faculdade de merda e não enche o meu saco. Posso não ter doutorado, mas tenho mestrado em ortodontia!

Paula arregalou os olhos para a pequena discussão que começava, começou a caminhar em direção à porta e foi travada quando todos os outros apareceram na sala ao mesmo tempo.

— Pronto, começou a discussão dos dois. Sabe que eu não sinto falta

nenhuma dela brigando comigo quando éramos pequenos? — Ricardo se aproximou da esposa que revirava os olhos.

— Eu também estou de boa, quando o Jonathan está na área a Liana até me esquece um pouco. — Richard sorriu.

— Só estou falando a verdade. — Liana olhou para o grupo que ali estava. — Ele que soque os dentes no...

— Felipe! — Bia se animou ao ver o filho e não deixando que a cunhada terminasse aquela frase.

— Dindo! — Felipe apareceu do nada e correndo em direção ao Jonathan abraçando suas pernas.

— Olá, Lipe! — Jonathan sorriu ao afilhado e até mesmo esqueceu a presença de Liana a briga pelo incisivo no seu lugar errado.

Paula sempre se sentiu deslocada, principalmente depois que havia se mudado para a capital e começado a faculdade. Porém ela nunca se sentiu tão fora do seu lugar como estava naquele momento.

Capítulo 12

Jonathan estava levemente bêbado.

Sentia o corpo leve, como se flutuasse, quase a mesma sensação que teve quando andou em uma montanha-russa quando criança. Ele adorava aquela sensação toda.

Abriu os olhos novamente e tudo parecia estar em câmera lenta. O modo como Liana jogava a cabeça para trás para rir, o jeito como Richard olhava para ela e sorria, e até mesmo Kado e Bia que se entreolhavam e Kado com o braço escorado na esposa.

Amava aqueles amigos com uma intensidade descomunal. Nem pelo seu próprio irmão mais velho Jonathan tinha sentimentos tão profundos quando por aquelas quatro pessoas que o acolheram na sua vida.

— John, está tudo bem? — Bia sorria na direção dele daquela forma quase maternal.

— Jonathan está bêbado. — Richard atestou enquanto enchia o copo de Jonathan com mais bebida.

— Só nós dois estamos bebendo hoje — revelou Bia enquanto olhava para a cunhada. Ricardo não bebia, pois fazia uso de medicações para depressão e Richard, por ser médico e quase sempre ter que resolver algum chamado no meio da noite. Liana era que completava o trio de copo quando eles se encontravam. — Está tudo bem, Li?

Liana e Richard trocaram um olhar cúmplice. Jonathan, assim como toda a população mundial, nunca entendeu a relação dos dois. Enquanto fazia a sua residência em pediatria, eles namoravam sério. Depois que Richard foi para o exterior fazer a especialização em cirurgia pediátrica, eles terminaram. Cada um seguiu o seu caminho, mas nunca sem perder o contato, pois Richard era, assim como Jonathan, adotado pela família Chiarelli, família de Ricardo. E quando o médico retornou ao país, se mudou para o pequeno apartamento nos fundos de Liana e os dois estão sempre juntos, até dividem o consultório no centro da pequena cidade natal de Ricardo e Liana. Porém, quando questionados se estavam namorando novamente, ambos negavam com veemência.

E a situação sempre ficou no ar, sem ser explicada corretamente. Já que Richard era visto constantemente dormindo com Liana ou mesmo aos beijos pelos cantos.

— Bom — Richard começou a falar ainda com um sorriso no rosto. — Eu e a Li temos uma notícia para dar para vocês. — Ele encarou Liana com um sorriso besta no rosto.

— Finalmente assumiram e vão casar? — Bia bate palmas de empolgação. Ela ainda estava entusiasmada com o seu casamento há poucos meses atrás. Tinha sido perfeito e organizado por ela, Liana e Fernanda, cunhada das duas.

— Não me roga praga, Beatriz! — Liana bateu na mesa, a mesma que Jonathan tinha higienizado antes deles sentarem. Era um hábito completamente constrangedor para todos os outros frequentadores do bar, mas nunca para Jonathan e muito menos para seus amigos, eles aceitavam o modo como John era e como agia em situações como aquelas.

— Realmente eu tenho medo de supor alguma coisa que vocês possam nos contar. Mas aposto que o Sérgio deu o aval dele para vocês montarem o bar que tanto sonham.

— Já disse que entro de parceiro nessa. — Jonathan falou. — Se precisarem de um sócio.

Richard pegou o seu copo com refrigerante e bateu de leve no de Jonathan. Ele, prontamente pegou um papel de boca e limpou o seu copo, levando Richard ao riso.

— Não, ainda não é o bar. Mas ele é próximo da lista. — Richard bebeu um pouco do seu refrigerante.

— O que vocês três vão fazer para o resto das suas vidas? — Liana questionou revezando um olhar entre os três.

Ricardo deu os ombros. Bia franziu o cenho, não entendendo aonde a amiga queria chegar. Jonathan continuava a sentir o seu corpo flutuando alguns centímetros do chão.

— Estamos à procura de padrinhos para o nosso bebê. Preciso que vocês façam o curso de padrinho e me entreguem em até nove meses.

— Ai meu Deus! — Bia gritou fazendo com que algumas pessoas ao redor olhassem para a mesa deles.

Ricardo se afogou feio. Começou a tossir desenfreadamente. Bia, ao invés de acudir o marido, ainda gritava para Liana. Jonathan demorou para entender o que estava acontecendo e se precisava ajudar Richard a fazer uma manobra de Heimlich no amigo.

— Tu está grávida?! — Ricardo conseguiu sobreviver ao engasgo com água e levantou a mão para Richard que se levantava para desengasgá-lo. — Como isso foi acontecer?

— Da mesma forma como tu engravidou a Bia e o Felipe nasceu. Acredito que tu não seja tão retardado para não saber disso, Kado!

Ricardo e Liana começaram a brigarem, daquela forma que os irmãos sempre faziam e Bia abraçava Richard, que estava tão contente que chegava a chorar um pouco.

Já Jonathan estava perdido nos próprios pensamentos ao decifrar o convite de Liana. Ele seria padrinho novamente. O terceiro afilhado, ou afilhada, para ele amar incondicionalmente. Sabia da notícia há menos de um minuto e já começava a amar aquela criança.

Certamente esse era mais um dia que ele não esqueceria jamais. Ainda recordava quando Fernanda e Sérgio o convidaram para ser padrinho de Sofia, e ainda guardava na sua estante a caneca com uma mensagem que Kado e Bia lhe deram quando convidaram para apadrinhar Felipe. Uma caneca azul, com o símbolo do Grêmio personalizada com o seu nome e os dizeres: dindo do Felipe. E agora, mais uma criança estava a caminho para tornar a vida de Jonathan mais feliz e completa.

— Jonathan? — Liana estalou os dedos na frente dele, o chamando para a realidade. — Sai de Nárnia!

John piscou algumas vezes e tudo voltou ao seu lugar novamente. Bia sorrindo, Kado com uma cara estranha, Richard mais feliz do que nunca e Liana o encarando de frente.

— E aí, aceita o cargo de ser padrinho do meu filho? Não basta um retardado sendo padrinho, preciso de dois, só tu para me ajudar a criar uma criança e a ensinar ela a lavar as mãos a cada cinco minutos.

— Tu tem certeza? — Sua voz chegou até a falhar um pouco. Jonathan conhecia Liana o suficiente para saber que às vezes ela brincava com os sentimentos de outras pessoas. Tirar aquele cargo de Jonathan seria o auge da maldade de Liana.

— É claro, John! — Richard respondeu por ela. — Liana está louca para brigar com o padre da cidade por não querer batizar sem uma madrinha contigo.

Até Jonathan riu do comentário e lembrou o episódio. Liana enfurecida dentro da igreja quando eles foram batizar Felipe. Sérgio e Fernanda, Liana e Richard eram os dois casais e Jonathan sozinho. O padre disse que não iria fazer a cerimônia se eles não encontrassem uma madrinha ou retirassem um padrinho. Sérgio tentou convencê-lo com a boa lábia que tinha e a sua amizade com todos os moradores da cidade, e não foi bem-sucedido. Jonathan estava desolado com a situação. Tudo que ele mais queria era ser padrinho de Felipe. Depois de muita briga e ameaças de Liana, o padre cedeu e realizou o batismo, mesmo contra sua vontade.

Criado em um colégio interno extremamente católico, Jonathan considerava o batismo como uma promessa para com os pais e a criança que os padrinhos estão lá para ajudá-los em tudo que puderem. Jonathan levava a sua condição à sério, em todos os sentidos. Cuida de Felipe sempre que Bia e Kado precisam, fica com Sofia o tempo todo em que está na casa de Sérgio e Fernanda. O ensina e orienta os dois o máximo que pode. E, além disso, os mima mais do que os pais.

— Até hoje ele evita de passar ao meu lado. Esses dias ele se escondeu atrás de uma pilha de papel higiênico lá no mercado só para não cruzar por mim. Vai adorar quando eu chegar lá para outro batizado. Mas e aí, John...?

— É claro que eu aceito. — Emocionou-se. — Obrigado pelo convite e parabéns! Que venha com muita saúde e felicidade para os Chiarelli Matzembecker.

— Obrigado, cara. — Richard ainda estava emocionado. Finalmente ele poderia ter uma família para chamar de sua.

— Agora vem a parte difícil. — Liana olhou para Kado e Bia. — Preciso contar para o mano sem que ele me mate ou mate o Matz.

— Vocês são bem grandinhos — Bia disse — cada um com o seu trabalho e pagam suas contas, porque contar para o Sérgio assusta? Ele não fez causo nenhum quando eu engravidei de surpresa do Lipe. Bem pelo contrário, ficou bem feliz.

— Mas tu engravidou do amorzinho da casa. — Liana desdenhou e Ricardo revirou os olhos. — Além do que, ninguém nem esperava um descendente do lado do Ricardo, ele era para estar no time dos sem relacionamentos ao lado do Jonathan. — Liana olhou para John que deu de ombros, sabia que ela estava certa. Não era segredo nenhum que Jonathan nunca teria nada do que os amigos possuíam, já era feliz sendo padrinho dos filhos deles. — Já eu é outra história. Ele vai ficar me dizendo que tenho que casar com o Matz e eu não vou fazer isso.

— É.... — Richard concordou. — Realmente ela não vai fazer isso, principalmente quando a gente chega até em comprar um anel e fazer o pedido quando o ficamos sabendo do resultado do exame.

Richard deixou a frase no ar enquanto tomava mais um pouco do seu refrigerante.

— Eu ainda não acredito que tu fez isso, Matz. A gente estava conversando sobre isso há mais de cinco anos. Mas enfim...

— Sério? — Ricardo gargalhou. — E o que tu fez com o anel?

— Mande ele socar no...

— Troquei por uma gargantilha com o símbolo da odonto — interrompeu Richard antes que Liana dissesse realmente onde tinha mandado ele enfiar o anel.

Ricardo começou a rir com gosto. Conhecia bem a irmã para ter a certeza de que ela poderia muito bem mandar Richard enfiar o anel naquele lugar.

— Essa aqui, — Liana mostrou no pescoço a gargantilha com o símbolo da odonto. — Vai combinar quando eu ganhar a minha pulseira de herança.

Ela deu os ombros e continuou a falar por um bom tempo dos planos que tinha para contar a Sérgio que estava grávida.

Capítulo 13

Jonathan não sabia o que estava fazendo até entrar no shopping, no meio da semana sem a companhia de Felipe. Aquele sim era o único motivo para que ele entrasse em um ambiente cheio de gente, lojas e milhares de pontos de contaminação cruzada. Até mesmo respirar lá dentro era difícil.

Se pegou caminhando por entre os corredores, desviando das pessoas e sem direção nenhuma. Parou em frente de uma loja qualquer e teve que se concentrar em saber o que ele realmente estava fazendo, especialmente naquele shopping.

Respirou fundo, não sabendo lidar com aquela confusão que estava na sua cabeça. Tudo sempre por causa de Rodrigo, seu irmão mais velho. As ligações ainda não tinham cessado, mesmo quando Jonathan pediu para que Liana atendesse. Só ela para dar um jeito naquilo.

Quando ela atendeu, Richard, Jonathan, Ricardo e Bia pararam o que estavam fazendo para escutar ela falar. Atendeu delicadamente, dizendo que não era o telefone de nenhum Jonathan e sim dela, uma dentista, ainda questionou se Rodrigo queria marcar algum horário. Seu irmão era burro, Jonathan se lembrava, mas parecia que os anos haviam desenvolvido um pouco de inteligência. Rodrigo não acreditou e começou a bater boca com Liana pelo telefone. Liana nem adorou mandar o irmão de Jonathan para o mesmo lugar em que tinha mandado o anel de noivado que Richard havia comprado.

Jonathan esperou que aquela discussão acalorada, que chegou até a melhorar o humor de Liana, fosse o suficiente para que as ligações cessassem. Porém não foi o caso. Jonathan não tinha mais escolha a não ser tocar de número, de novo. E dessa vez pediria para ficar no nome de Ricardo, assim não teria mesmo com o irmão o rastreá-lo.

Caminhou por mais algumas lojas, sem nem prestar a atenção no que estava realmente vendo. Pessoas passavam animadas ao seu lado, mas ele não enxergava nenhuma delas. Na sua mente, passava apenas motivos para o irmão estar ligando incessantemente.

Miguel sempre dizia para Jonathan se afastar de tudo que lhe fazia mal. Por isso que se distanciou da família daquela forma depois que o avô morreu. Eles eram tóxicos, e de tão venenosos, compartilhavam para infectar Jonathan de uma forma quase mortal. Depois que se afastou por completo que Jonathan pode realmente ter uma vida normal.

Rodrigo só poderia estar ligando por um motivo: dinheiro. Era a única coisa que Jonathan poderia imaginar que fosse o motivo da tentativa de contato

incessante. Quando Ramiro morreu, uma horda de advogados se reuniu com a família para lerem o testamento do avô. Jonathan ainda estava de luto e só foi à reunião por pedido do avô quando estava no leito de morte, o fez prometer que estaria presente. Seu pai estava aparentemente contente, a herança era boa, encheria mais os seus cofres abarrotados, sua mãe, dopada pelos remédios que tomava, só assim para conseguir viver ao lado de seu marido. E Rodrigo estava com uma aparência péssima e olhando para todos os lados para achar uma saída de dar mais uma cheirada em uma carreira de cocaína.

Foi uma surpresa e tanto quando a leitura começou e a revelação que toda a herança de Ramiro Dering seria totalmente de Jonathan. Até ele mesmo saiu do estado de luto para saber o que estava acontecendo. Seu pai surtou, gritou com os advogados exigindo, não pedindo, que aquilo fosse resolvido e que o dinheiro fosse todo para ele. Sua mãe, apesar de dopada, concordava com o marido, como sempre, e Rodrigo partiu para cima do irmão.

Jonathan, antes de ser mandado para o colégio interno, era acostumado a ser o saco de pancada do irmão, mesmo ele sendo sete anos mais velho. Rodrigo era seu super-herói. Tudo que Rodrigo fazia, Jonathan queria imitar, e isso incomodava o irmão de uma forma descomunal e sempre acabava com Jonathan machucado. Principalmente depois que Rodrigo começou a se envolver com drogas.

Jonathan sabia que era errado. Naquela época ele já era mais inteligente que as crianças da sua idade. E quando tinha dez anos, nas últimas férias que passou em casa, achou o esconderijo de Rodrigo e despejou no vaso e deu descarga. Fizera aquilo para cuidar do irmão, esperando que ele largasse a droga e fosse seu melhor amigo em casa. Só que isso não aconteceu.

Jonathan fechou os olhos quando sentiu novamente o aperto na sua garganta. Recordou Miguel dizendo para ele se afastar de tudo que lhe fazia mal e se aproximar do que fazia bem. Respirou fundo e quando reabriu os olhos estava em frente de uma loja de roupas para bebês.

Não pensou duas vezes em entrar na loja e ir direto para a sessão de recém-nascidos. Escolheu um conjunto amarelo e sapatinhos de lã verde, pediu para embrulharem para presente e comprou o primeiro presente de seu novo afilhado(a). Aquilo sim tiraria Jonathan daquela zona tempestuosa.

Funcionou por alguns minutos, e logo quando saiu da loja, seu telefone tocou de novo e toda a angústia retornou. Jonathan queria quebrar o seu telefone, jogar ele no chão e fazer mil pedaços. Era só uma porcária de eletrônico que não faria falta nenhuma naquele momento. Depois era só comprar outro, usar o maldito dinheiro que o avô lhe deixou, e que os excelentes advogados do seu pai

não conseguiram reverter o testamento.

Chegou a pegar o aparelho para grudá-lo no chão com toda a força que possuía no seu corpo. Senti o plástico da capa gelado se aquecer com o seu toque e então....

Então Jonathan a viu.

Novamente ela estava a sua frente. Longe para não o perceber ali, mas perto o suficiente para que Jonathan a visse com perfeição. Os mesmos jeans desbotados, os mesmos tênis surrados, um blusão largo e um avental por cima, sendo seu uniforme.

Jonathan ficou parado onde estava a observando. Sobre o que ela ria com algum cliente? Ele recordava dela o atendendo no episódio do livro avariado, por que ela não riu daquela forma para ele? Será que se aproximasse um pouco mais conseguiria escutar sobre o que falavam?

Decidiu ficar onde estava. Não fazia sentido se aproximar de Paula, principalmente sem nenhum motivo aparente. Se ele achava estranho, quem dirá ela que, aparentemente, é uma pessoa normal.

Jonathan largou o telefone novamente no bolso. Pegou um dos seus lenços umedecidos e passou no banco em que estava próximo. Se sentou atrás de um arbusto de enfeite e ficou ali por um tempo a observando.

Se Bia estivesse ali com ele, o chamaria de aprendiz de serial killer. Contudo Jonathan não daria bola, continuaria a observar Paula de longe enquanto ela atendia os clientes. Ela era diferente, Jonathan sabia disso, pois a atraía de uma forma inexplicável.

Bastava Jonathan se perder um pouco nos seus pensamentos, que quando retornava lá estava ela. Geralmente sorrindo, quando a encontrava ao acaso, e na faculdade, no refeitório, era de cabeça baixa, comendo alguma coisa com os olhos nos seus cadernos e livros. Ele tinha uma curiosidade por saber o que ela lia, escrevia ou até mesmo pintava, como percebeu no dia anterior enquanto almoçavam.

E acima de tudo, Jonathan encontrava ela nos seus sonhos. Depois do fatídico sonho/pesadelo dela congelando na sua frente, os de agora eram mais tranquilos. Alguns ela estava apenas sorrindo para ele, noutros caminhando ao seu lado em uma praia qualquer. Aquilo o intrigava por completo. Jonathan nem era muito chegado em praias, só ia quando Sérgio e Fernanda o convidavam para passar alguns dias com eles no verão. Toda a família Chiarelli ia para o mesmo hotel todos os anos, e somente assim para Jonathan encarar um veraneio na praia. Para estar com seus amigos e afilhados. Nunca entrou na água ou

descalçou os tênis quando estava na areia, porém gostava do vento e o barulho das ondas quando dormia.

Ficou ali até o movimento do shopping cair consideravelmente. Sempre focado e procurando ela dentro da loja. Às vezes ela sumia por alguns instantes, o arbusto na sua frente não dava a visão perfeita que ele gostaria, mas logo reaparecia com os braços cheios de livros de um lado para o outro, conversando com clientes, ou com os colegas de trabalho. E Jonathan ali a observando e tentando imaginar o que se passava na sua mente.

Paula não imaginava que era observada por Jonathan a pouca distância. Estava em um dia inspirado. Aquele dia tinha rendido bastante e dado um grande salto nas suas metas de vendas mensais. Ela estava sorridente sem motivo algum. Tinha pegado clientes adoráveis que aceitavam suas dicas e não subestimavam sua inteligência. Até mesmo tinha trocado algumas piadas com eles, e foi repreendida com um olhar severo do seu gerente no fundo da loja.

Porém, nada abalava Paula naquele momento. Estava bem aquecida com o casaco misterioso e com um dinheiro extra da noite como babá de Felipe. Havia rendido algumas refeições mais encorpadas e o seu shampoo favorito.

Como era de esperar, Felipe era aquele amor de criança que ela havia conhecido no turno lidando com a ala infantil da livraria. Ele não incomodou em nada, a fez ler vários livros e Paula o ajudou a ler outros. Nem fez birra para dormir! O que era seu grande medo. Na última casa que ficou como babá, a criança não dormiu enquanto os pais não chegaram, e aquele foi a primeira e última vez que seria babá naquela casa.

E com Felipe a história foi outra. Quando bateu o horário de colocá-lo na cama, ele mesmo se prontificou de ir ao banheiro e escovar os dentes. E ainda acrescentou que a dinda Liana e o dindo Jonathan sempre disseram que os dentes tinham que tomar banho antes de dormirem.

Toda a vez que Felipe tocava no nome do padrinho, o estômago de Paula ganhava uma borboleta a mais. E todas elas faziam a festa constantemente. Ela não sabia de onde havia surgido o sentimento, só que ele estava se tornando cada vez mais presente e constante na sua nada agitada vida.

Certo, Paula poderia estar completamente focada nos seus estudos, mas não era cega. Jonathan era atraente e ela tinha que se controlar pois tinha vezes que não conseguia desviar os olhos, como naquele trágico episódio quando ele apareceu no apartamento de Beatriz e Ricardo. Ela deveria ter se preparado mais, já que os três eram amigos, e foi burra ao abaixar sua guarda quando o viu ali, na sua frente e a olhando intensamente, como se também não acreditasse que ela

estava ali. Tudo imaginação da sonhadora Paula.

Realmente ela precisava acordar para a vida. Focar nas correções do seu TCC e rasgar aquele desenho que tentava fazer dos olhos de Jonathan. Ainda tinha esperanças de conseguir copiar o exato tom de azul que eles eram. E para que isso acontecesse, teria que trocar os seus velhos e usados lápis de cor profissional que tinha. Precisava de um estojo completo, e não o seu, que um dia foi de um dos seus professores e agora era seu.

Paula balançou a cabeça sorrindo para o nada. Precisava acordar dos seus sonhos mais utópicos. Se em quase cinco anos na capital, faculdade e shopping nunca tinha chamado a atenção de nenhum rapaz, não seria agora, nos seus últimos meses naquela cidade, naquela faculdade e naquele emprego que isso aconteceria. E, principalmente, de um renomado professor de química, que ao invés de se aproximar, se tornava mais distante possível.

Ou talvez ele estivesse se escondendo atrás de um arbusto ridículo olhando na sua direção e imaginando o que faria dali em diante.

Capítulo 14

Paula estava sentada no canto mais distante do refeitório. Teve aula apenas no primeiro período e agora esperava pelo horário, no meio da tarde, para conversar com seu professor sobre o seu TCC. Por isso que passaria quase todo o dia sentada no canto do refeitório o esperando.

Isso era melhor do que estar trabalhando na livraria, pensou enquanto batia seu lápis na mesa. Pelo menos economizaria algumas passagens e poderia comer seu sanduíche de almoço em paz, e não em pé entre um cliente e outro.

Suspirou profundamente. Olhou no relógio do refeitório e percebeu que tinha um longo tempo sem fazer nada, absolutamente nada. Foi salva pelo gongo quando seu decrépito telefone começou a tocar. Mesmo sem conseguir enxergar no visor quem era, sabia que era Paulo. A única pessoa que tinha aquele número.

— Oi, P. — Seu irmão a saudou.

— Oi, Paulo. Como estão as coisas por aí?

— Tudo ótimo, e contigo?

— Ótimo, aconteceu alguma coisa? — Questionou ao ouvir o irmão limpando a garganta.

— P, falei com o Leo hoje.

— Vocês se falam todos os dias, somos praticamente vizinhos, o filho dele é colega da Pauline. — Paula riu.

— Não, P. Falamos sobre o andamento do processo...

O sorriso de Paula sumiu por completo depois daquelas palavras. O processo de Paulo contra o médico e o hospital que atendeu Paola, há oito anos atrás era um assunto muito delicado da família. A mãe nem gostava de saber, e toda a vez que Paulo tocava no assunto, ela chorava agarrada em Pietro. Pauline saía da sala e Paula era quem o escutava. Mas não significava que não se abalasse.

Por todos eles, nem haveria processo em si. Dinheiro não iria trazer Paola de volta para casa. Mas o senso de justiça de Leo colocou na cabeça de Paulo ainda falava mais alto. Era injusto demais Pietro crescer sem uma mãe, e também, injusto demais que o médico e o hospital não pagassem e aprendessem com seus erros. Outras vidas poderiam ser poupadas de erros tão infantis como a de errar o prontuário de uma paciente.

— Bom... — Paulo suspirou pesadamente. — O cálculo foi feito e está na mesa do juiz para ele assinar, seja lá o que o ele tem que assinar. Leo está em cima disso e disse que antes do final do ano o dinheiro já vai estar liberado. Nem

que para isso ele peça para trancarem as contas do hospital enquanto não pagarem.

Paula engoliu em seco. Naquela época, o valor estipulado por Leo, alegando que seriam os gastos básicos para a criação de Pietro e indenização para a família era um valor altíssimo. Paula, nem se trabalhasse durante cinco anos sem gastar um centavo conseguiria juntar a soma. Ela nem imaginava o quanto de juros e correções monetárias teria transcorrido em todos aqueles anos.

— É muito dinheiro, P. — A voz de Paulo era quase um sussurro. E se ela bem conhecesse o irmão, ele estaria limpando as lágrimas naquele momento. — Eu.... Nem sei o que fazer com tudo aquilo que sair. E também acho errado mexer nele, ainda mais da forma como foi conquistado.

Sim, Paulo tinha uma ressalva muito grande sobre o uso daquele dinheiro. Era um dinheiro vindo através da morte de sua irmã. Aquela quantia não era nada em comparação a perda deles, e usá-lo parecia tão errado quanto o erro do hospital.

— Nós precisamos do dinheiro, Paulo. — Paula sempre dizia isso quando o irmão tinha aquelas crises de consciência. — A casa precisa de uma reforma, aliás, uma casa nova seria a melhor solução, o pátio é grande e quando eu me formar posso fazer o desenho e planta. E sem contar nas outras coisas. Pauline está para vir para a faculdade, ela tem condições de uma federal ou uma bolsa como eu, mas mesmo assim....

Ela deixou subentendido. Não deixaria a irmã morar numa casa em que dividia com uma quase prostituta, que roubava sua comida da geladeira e trazia os clientes para lá. E muito menos trabalhar em uma livraria em que o gerente te detesta e ainda coloca a tua meta maior do que a dos outros funcionários.

Paula aguentava todas aquelas adversidades, pois sabia que era uma vitória e tanto estar lá, e ela não dava bola para nenhuma das coisas que passava. Nem mesmo o fato de ter passado frio, fome e humilhações quase que diariamente. Estava lá por ela e por seus irmãos. Paulo já tinha enfrentado coisas piores, agora era a vez de Paula, para que Pauline sofresse menos ainda.

— Eu sei.... — Paulo disse quase como em um suspiro. — Os sorvetes estão rendendo também e acho que, se tudo der certo, abrir uma sorveteria. Eu sei que é um sonho meu, mas...

— Paola ficaria muito feliz em saber que finalmente tu está realizando o teu sonho, mano. E mais ainda com o dinheiro dela....

Paula recuperou um pouco do sorriso nos seus lábios. Paulo, nas poucas horas vagas que tinha, conseguiu chegar à receita perfeita de sorvete quando

Paula era adolescente.

Paula não sabe como ela, Pauline, Paola e Paulo não tinham diabetes de tanto que comeram sorvete até ele estar no ponto perfeito. E depois que Paulo chegou onde queria, ele e as irmãs saíam para vender na praia por um preço mais em conta que os outros. Precisavam ganhar o paladar dos banhistas para começarem a terem algum lucro de verdade.

Por morarem em uma cidade praiana, no interior do estado, a cidade quase dobrava de habitantes na época do verão e Paulo via aquela época do ano como expansiva para seu pequeno negócio. Paula adorava entrar em férias e passar o dia todo na praia, andando de um lado para o outro, com um isopor no ombro, junto com Pauline, vendendo. As duas se revezavam e brincavam enquanto vendiam. Às vezes paravam, sentava na areia fofa e comiam um sorvete, uma pequena recompensa quando as vendas eram boas.

Logo o pequeno comércio de Paulo começou a dar algum pequeno retorno. Ele investiu em um freezer velho, que fazia mais barulho do que gelo e com a ajuda de sua mãe, eles passavam a noite fazendo os sorvetes para as meninas venderem no outro dia. E quando as pessoas começaram a bater na casa deles atrás dos sorvetes, Paulo conseguiu respirar um pouco aliviado e melhorar um pouco mais a vida em casa.

— Assim espero. — O irmão ficou alguns segundos em silêncio e se despediu de Paula, dizendo que ligava no outro dia.

Paula guardou o velho telefone na bolsa e viu o seu bloco de desenho velho, com aquele rascunho, que ela nem poderia nomeá-lo de tão rústico que era. Olhou para os lados e ainda estava sozinha no refeitório da faculdade, ainda tinha quase uma hora até o horário de almoço. Puxou o bloco para cima da mesa, seus lápis, que pegou da lixeira da livraria, por estarem com as pontas quebradas e por isso ninguém compraria e recomeçou a desenhar.

Era claro que aqueles lápis amadores não chegariam a intensidade que ela precisava para retratar aqueles olhos azuis com perfeição. Talvez aqueles conjuntos caríssimos, que ela sonhava em um dia ter pudesse chegar um pouco mais próximo do aceitável. Mas como ela não poderia contar com eles, tinha que se satisfazer com os que tinha disponíveis.

Voltou a desenhar e pintar com o esmero que o porte do desenho pedia e o que sua memória permitia. Nem percebeu o horário passando, os alunos chegando ao refeitório e nem uma criança parando na sua frente, sorrindo.

— Oi, tia P!

— Felipe! — Bia apareceu, um pouco aflita! — Jesus, tu quer me matar do

coração? Pisquei por meio segundo e tu me foge! Quantas vezes eu disse para ti não sair assim?

— Eu achei a tia P! — Ele apontou para Paula, que a todo custo tentava esconder seu trágico desenho sobre um certo par de olhos azuis que Beatriz conhece muito bem.

— Oi, Paula. Desculpa, mas o Felipe tem a mania de sumir do nada quase me matando do coração.

— Olá — respondeu ela socando tudo de qualquer forma na sua bolsa. — Sem problemas, eu nem vi ele chegar aqui.

Felipe sentou ao lado de Paula, ficando com as pernas balançando no ar. Beatriz passou a mão nos cabelos e jogou a sua bolsa no banco contrário dos dois, ficando de frente para eles.

— A babá da tarde deu cano, como eu tenho aula depois do almoço e o Kado fica monitorando os alunos e o Jonathan atrás dele, resolvi trazer o Lipe — explicou. — Pelo menos assim o Kado consegue fazer alguma coisa além de ficar debatendo com o Jonathan.

Paula assentiu com a cabeça de leve. E antes que se desse por conta, Felipe já estava correndo em direção a duas pessoas que entravam no refeitório: Jonathan e Ricardo. Ela teve que reprimir um suspiro de susto no último instante, mas não conseguiu segurar seus olhos para que não se arregalassem.

Viu Felipe se jogar nos braços do pai que o pegou e o jogou para cima. Felipe aterrissou nos braços dele e se agarrou no seu pescoço enquanto o beijava diversas vezes. Paula não conseguiu não perceber o sorriso de Beatriz e ainda murmurar um “meus meninos” de leve.

Sua última esperança era que eles chegassem, Beatriz pegasse sua bolsa e eles fossem para outra mesa do refeitório, mas foi em vão. Ricardo a cumprimentou e também deixou a sua bolsa ao lado da de Bia. Quando Jonathan se aproximou, começou a limpar a mesa freneticamente, quase a assustando.

— As pessoas dão oi antes de começarem a extirpar qualquer forma de vida além da humana nas superfícies, Jonathan! — Bia o repreendeu como repreendesse Felipe.

Paula quis falar alguma coisa, para que ela deixasse disso, mas não conseguiu. Principalmente depois que Jonathan levantou a cabeça e olhou em direção dela.

Realmente aquele desenho tosco que ela estava fazendo iria direto para o lixo na primeira oportunidade que Paula tivesse. Nada seria comparável àquela cor.

— Olá, Paula. — Ela quase engasgou com o próprio ar que respirava, não tinha ideia que Jonathan sabia o seu nome.

— Oi, professor. — Se sentiu aliviada por conseguir pronunciar duas palavras corretamente.

Jonathan desviou o olhar quando imaginou que já era tempo demais a encarando, principalmente tão de perto assim. Era assustadoramente apreciado por ele. Paula chamava a sua atenção como ninguém.

E o pior de tudo aquilo era o fato de que Bia havia percebido, e na ânsia de juntar o amigo com qualquer pessoa, usava de toda a sua artimanha para promover encontro como aqueles.

Mas nada, absolutamente nada, superou o fato de Bia sair para dar aula, Ricardo murmurar alguma coisa sobre monitoramento para alguns alunos e Felipe não querer sair ao lado de Paula.

Estariam os três em comum acordo para deixarem os dois o mais próximo possível?

Capítulo 15

Felipe estava correndo solto no meio da praça em frente à faculdade. Jonathan e Paula estava um pouco mais atrás caminhando lentamente.

Era uma situação completamente estranha para ambos e apenas com Felipe por ligação. O menino não parou enquanto não arrastou Paula para junto deles. Talvez ele estivesse convivendo demais com a mãe e ficando com as mesmas habilidades de juntar duas pessoas alheatórias. Jonathan estava começando a formular essa tese.

Felipe subiu em um dos balanços e começou a se balançar sozinho. Soltou uma das mãos e abanou para os dois. Paula abriu um sorriso e acenou de volta.

Jonathan a observava de lado. Era curioso a forma como ela tratava Felipe, carinhosamente afetiva e parecia até mesmo um pouco nostálgica. E a sua curiosidade era tanta, que ele não conseguiu ficar de boca fechada.

— Por que tu trata ele assim, se nem mesmo precisa?

Paula olhou para Jonathan de um jeito estranho.

— Porque ele é uma criança e eu acredito que deva ser tratado dessa forma? — Ela franze a testa e quase murmura. — Fiz alguma coisa de errado?

Um pequeno pânico começou a se alastrar sobre o seu corpo. Suas mãos, dentro do bolso do casaco, começaram a suar de nervosismo e ela começou a repassar todas as palavras que havia dito durante aquele almoço, se foram cinco foram muitas.

— Não... — Jonathan começou a esclarecer. — Desde que te vi na livraria, lá na casa do Kado e a da Bia e agora aqui. Tu trata o Felipe como se ele fosse uma criança que tu convivesse desde que ele nasceu. Não o trata da mesma forma como as outras pessoas.

Ela quase suspirou aliviada. Sentiu as mãos relaxarem dentro dos bolsos e até as tirou de lá para se refrescarem um pouco. Paula deu um meio sorriso sem jeito e ajeitou o cabelo que estava em frente dos seus olhos. Aquele gesto automático foi um alívio para Jonathan, ele mesmo já estava com vontade de fazer aquilo para olhar diretamente nos olhos dela.

— Tenho um sobrinho, ele é mais velho que o Felipe. Saí de casa para estudar e o Pietro tinha a idade dele. Sinto saudade daquela época e de como ele era pequeno e esperto como o Felipe. Hoje em dia só vejo ele nas férias e cada vez está mais alto e mais esperto.

Jonathan assentiu. Olhou para Felipe, cada vez mais alto no balanço e lembrando da última vez que ele estava em um, Ricardo estava explicando, de

uma forma básica, como funcionava a física no movimento do balanço.

O silêncio constrangedor, pelo menos para Paula, recomeçou. Jonathan sentia-se bem à vontade com ele. E vendo que ele não continuaria o assunto, coube a ela limpar a garganta e falar alguma coisa. Escolheu um terreno neutro, assim ela imaginava.

— E tu? Algum sobrinho ou afilhado?

Jonathan deu mais alguns passos e respondeu mecanicamente.

— O Felipe, Sofia e um que nem nasceu ainda.

Paula imaginou que aquilo seria o máximo de assunto que os dois teriam pelo resto da tarde. Felipe continuava a ganhar altura no balanço e Paula sentou em um dos bancos que a praça oferecia. Ele ficou paralisado ao lado do banco, um pouco desconfortável.

Jonathan estava firme onde se encontrava. Era acostumado a ficar em pé, ou a limpar os bancos em que estava. Ou, no mínimo, forrá-los com algum tipo de papel para o estrago não ser tão grande. E ali, ele estava apenas com a chave do seu carro, celular e no bolso sua carteira e um pacote de lenços umedecidos. Descartou os lenços para forrar o banco desde aquela vez ainda na escola e ficou com as calças úmidas, os colegas espalharam a notícia que ele havia mijado nas calças. Foi uma dura lição aprendida e longos dias sendo apelidado de diversas coisas.

Todo seu medo de sujeira foi um efeito colateral, como adora se gabar Miguel, de pequenos traumas da infância de Jonathan. Ele foi criado dentro de um lar completamente disfuncional, vendo seu pai trair sua mãe em diversos pontos, uma mãe que não dava bola para nenhum dos filhos e vivia trancada no seu quarto, para não ver as traições do marido e muito menos os filhos e um irmão drogado. Jonathan tinha nojo de encostar em qualquer parte da casa, pois não sabia o que o cômodo tinha presenciado e se, pelo menos, alguém havia se importado de limpar. O que começou em casa se espalhou para o resto do que o cercava.

Ninguém sabe onde outras pessoas passaram, se lavaram as mãos após irem ao banheiro ou se mantinham um nível aceitável de higiene básica. Imagina algum lugar com um fluxo tão grande de pessoas! As probabilidades de estarem contaminadíssimas eram gigantescas! E depois de começar a se aprofundar na química, conhecer mais afundo algumas coisas, seu TOC por desinfecção se tornou um fator para que ele quase nem saísse de casa.

Realmente resolveu procurar ajuda quando ele percebeu que não conseguia mais fazer tarefas simples, como ir ao mercado, sem entrar em um estado de

estresse completamente exagerado. De deixar a pele irritada de tantos produtos e água quase fervente ao tomar banho. Os anos de terapia com Miguel o ajudaram a sair deste quadro, mas não o ignorar por completo.

Antes do tratamento começar, ao lado de seu avô, Jonathan nunca iria estar em uma praça, ao céu aberto e ao lado de um banco qualquer. Muito menos sentar nele. O máximo que ele fazia, quando estava de bom humor e tranquilo, era ir aos jogos do Grêmio, mas de preferência no setor superior, para evitar a temida avalanche nos gols. Uma multidão descendo em sua direção não era nada confortável, principalmente para seu avô, que não acompanhava o fluxo. Mas agora, principalmente depois do nascimento das crianças, com Jonathan estando sempre ao lado de Felipe, e sempre que podia de Sofia, conseguia ser mais liberal. Até mesmo algumas fraldas Bia o fez trocar de Felipe, sem dar um chique depois, pois Felipe tinha o sono leve.

E apesar de toda essa mudança, não seria agora que ele abandonaria velhos hábitos e sentaria em um banco de praça. Principalmente perto demais da faculdade, vai saber o que aqueles bancos já tinham visto?

Paula estava se sentindo um pouco desconfortável com aquilo tudo. A presença de Jonathan, parado ao seu lado, como um guarda-costas, era um pouco perturbadora, principalmente pelo silêncio, quebrado apenas pelas risadas de Felipe ao fundo.

— Tenho algumas folhas de rascunho na minha mochila — disse depois de alguns minutos, que pareciam horas.

Jonathan abaixou o rosto para focar no dela. O dia estava frio, mas bonito. O sol brilhava forte, o vento gelado não deixava ele aquecer completamente as coisas e também fazia os cabelos de Paula voarem pelo seu rosto. Mais uma vez, Jonathan teve que conter o impulso de arrumá-los. De onde tinha vindo aquela ideia absurda? Nem ele mesmo sabia...

— Posso pegar ele e forrar no banco. — Ela deu de ombros, explicando sua ideia para não soar tão idiota assim. — Melhor as folhas de rascunhos do que o banco em si, não é?

Ela sorriu. E Jonathan teve a certeza de combinava bastante aquela expressão com o seu rosto.

— Acho que o Felipe ainda não cansou de ficar no balanço, mas eu já me cansei de te ver em pé ao meu lado. Talvez seja o fato de eu trabalhar em pé — novamente um meio sorriso de leve — que eu não consiga ver alguém na mesma posição.

Jonathan assumiu um semblante um pouco diferente do além de espantado

com o que estava acontecendo na sua mente. E também pelo fato dela estar oferecendo uma pequena solução, não a melhor opção, para a situação em si. Ele sabia que algumas pessoas ficavam desconfortáveis por ele ficar em pé aos seus lados. Bia era uma que detestava quando ele fazia isso. E ao mesmo tempo, procurava alguma coisa para que ele pudesse sentar em cima, nem que fosse o seu casaco ou a pasta da faculdade.

Explicar seu TOC para outras pessoas era uma coisa complicada para Jonathan, ele já não era muito especialista em situações normais, quem dirá dizendo suas esquisitices. Era um fato que todos os alunos da faculdade, ou pelo menos boa parte, eram cientes da condição do professor. Nenhum aluno de Jonathan saía da primeira aula com ele sem dizer para todo mundo que o professor limpa a mesa, cadeira e evita qualquer tipo de contato com os alunos.

E Paula usar da sua sensibilidade para ajudá-lo, ao invés de chama-lo de maluco, como uma amiga de Bia fez em um dos encontros arranjados que ela fazia, era um ótimo sinal.

Não precisar falar era melhor ainda.

— Obrigado. — Jonathan disse por fim, fazendo Paula sorrir novamente.

Viu ela abrir a mochila velha, tirar algumas folhas avulsas e forrar o banco ao seu lado.

— Prontinho. — Disse ao terminar o trabalho. — Não é um trono cravejado de ouro, mas é o que a casa oferece.

Jonathan assentiu e sentou ao lado dela. Arrumou a coluna da forma mais ereta que conseguiu e tentou relaxar. Por mais incrível que aquilo parecia, estar ao lado dela era menos aterrorizante do que de qualquer outra pessoa estranha que pudesse ser. Somente com a família de Ricardo que ele conseguia relaxar à vontade.

Paula também se ajustou mais. Só o fato de estarem sentados, e não Jonathan como um poste de luz, já era mais normal do que antes. E percebendo que ele não iria falar mais nada, pegou um dos seus livros e foi ler. Pelo menos assim o tempo passaria um pouco mais rápido.

Jonathan começou a enumerar todas as coisas estranhas que sentia ao lado de Paula. Precisava listá-los para levar até Miguel na próxima consulta. Tinha certeza de que o médico iria destrincha-los com toda a maestria que ele possuía. A certeza de que aquilo acabaria em breve deixava Jonathan mais tranquilo.

O tempo para pensar no que dizer sobre aquilo tudo a Miguel foi interrompido por Felipe, que cansou de se balançar e estava com as bochechas vermelhas pela brincadeira, dizendo que estava com vontade de comer um

sorvete.

— Não vou achar sorvete aqui, Lipe. — Jonathan pegou um dos seus lenços umedecidos do bolso e deu ao afilhado para limpar as mãos. — Posso te oferecer um suco?

— Quando o calor chegar eu prometo que te faço sorvete, Felipe. — Paula disse ao lado de Ricardo, ao ver a decepção nos olhos da criança. Duas coisas que Paula entendia quando se misturavam: sorvete e crianças.

Paula não sabia como ela, e o resto da sua família, não tinha desenvolvido diabetes de tanto que eles comeram sorvete. Café da manhã? Massa de sorvete sem estar congelado. Sobremesa? Sorvete. Lanche da tarde? Pão com cobertura para sorvete. E assim por diante....

— Mas eu queria agora, tia P! Estou com saudades de comer sorvete, e nem no mercado do dindo Sérgio tem.

Jonathan continuava no trabalho de limpar o afilhado. Tinha passado para o rosto, Felipe não gostava, mas sabia que não adiantava discutir, quando estava com Jonathan passava por todo aquele ritual.

— Se o dindo encontrar no mercado daqui ele compra, pode ser? Agora vamos lá comer alguma coisa? Eu vi que tu quase não almoçou.

Felipe resmungou alguma coisa, ainda sem esquecer do sorvete, mas aceitou. E quando estendeu o convite para Paula, ela usou da desculpa que o professor a encontraria em breve. Ainda faltava algumas horas, porém percebeu que aquele era o momento perfeito para deixar os dois. Era nitidamente claro que Jonathan estava um pouco desconfortável ao lado dela e ela não pretendia estender o sentimento do professor de química. O tempo em que ficou foi o suficiente para não decepcionar Felipe, já bastava o fato do sorvete.

Paula se despediu com um beijo na bochecha do menino, um trabalho a mais para Jonathan, e um até logo para ele. Se afastou da praça em direção à faculdade sem nem perceber o par de olhos azuis a seguindo até onde podiam.

Capítulo 16

Sérgio olhou para os seis a sua frente, incluindo a esposa Fernanda, Ricardo, Bia, Liana, Richard e até mesmo Jonathan. Estava sério de uma forma que deu medo até em Jonathan, e logo depois começou a rir.

— Vocês quase me pegaram. — Disse entre os risos. Todos se entreolharam, inclusive Fernanda e ficaram em silêncio enquanto ele ria.

Não era brincadeira.

Liana estava realmente grávida.

— Sérgio... — Fernanda começou a falar, para ver se conseguia explicar que aquilo não era nenhuma brincadeira e foi cortada.

— Qual é, Gorda. A Li não está grávida, não é, Liana?

O irmão mais velho a fitou daquela forma que ele achava que intimidava Liana, mas ela nunca falou que não adiantava coisa nenhuma os olhares ameaçadores que ele imaginava que dava.

— Estou sim, — Liana puxou da bolsa, que estava no seu colo um envelope branco e entregou ao irmão. — Fiz a primeira ecografia hoje à tarde.

Jonathan observava a cena com uma certa expectativa. Havia apostado com Ricardo e Bia que finalmente Sérgio esganaria Liana, já Ricardo apostou no choro descompensado e Beatriz num misto dos dois. Os três chegavam a estar inclinado em direção de Sérgio, esperando a sua reação.

Sérgio pegou o envelope das mãos da irmã e, tremulamente, abriu e olhou a imagem da ecografia.

— Parece um ET, — deu de ombros Liana — mas é o meu ET.

— Nosso — Richard fingiu uma tosse em meio a palavra.

— É.... nosso.

Sérgio virou a imagem, para ver se conseguia discernir alguma coisa e Fernanda a puxou para perto de si.

— Realmente é uma ecografia de um bebê. — Disse depois de alguns instantes. — Minha Li vai ser mamãe....

A cunhada, quase uma segunda mãe para Liana, se levantou e a abraçou, emocionada. Ambas trocaram algumas palavras, para que ninguém pudesse ouvir. Mas realmente ninguém prestava a atenção nas duas, eles queriam eram ver a reação de Sérgio.

E tudo começou a ser desenhando, quando ele levou a mão ao rosto, limpando uma lágrima que havia aparecido. E logo começaram a surgir outras.

— Droga... — Resmungou Jonathan, saindo por completo da aposta.

— Alguém perdeu.... — Bia cochichou para Jonathan que não falou nada, apenas cruzou os braços sobre o peito. Bia comparou a expressão dele quando Felipe fica emburrado com alguma coisa.

— Fifi e Felipinho terão mais um para brincar com eles. — Fernanda falou animada após abraçar Richard calorosamente. Não é, Sérgio?

Sérgio continuava estático, limpando as lágrimas que ainda escorriam dos seus olhos. Quando finalmente levantou o rosto e olhou para Liana, seu semblante de felicidade transpareceu. Levantou-se rapidamente e foi em direção da irmã.

— Minha princesinha não é mais criança — disse com a voz embargada do choro.

— Não sou faz tempo. — Liana disse nada inocentemente.

— Mas para mim sempre vai ser. — E abraçou a irmã a levantando do chão, daquela forma que sempre fazia com ela quando tinha oportunidade. Não era sempre que Liana estava de acordo com as demonstrações de afeto do irmão. Já Ricardo era sempre pego de surpresa e não tinha escapatória.

— Parece que alguém perdeu também. — Jonathan se inclinou em direção à Bia, com um sorriso sarcástico de volta ao seu rosto. Ricardo também se enfiou na outra ponta, fazendo quase um completo sanduíche de Beatriz.

— Parece que os dois me devem, isso sim.

— Idiota... — Bia e Jonathan falaram ao mesmo tempo para um Ricardo triunfante.

Sérgio chorou mais um pouco agarrado em Liana, falou coisas sem sentido e sentimentalista, ameaçou Richard de brincadeira e conseguiu manter a compostura. Não seria dessa vez que esganaria a irmã mais nova, para o delírio dos expectadores.

— Bom, chega de focar o assunto só em mim e no bebê. Quero saber agora da novidade que está acontecendo aqui. — Liana olhou em direção de Jonathan, alheio ao que ela falava, mais interessado em tentar se lembrar se ainda tinha aquela sua criação para lavar suas roupas, ou precisava fazer mais no laboratório da faculdade. Geralmente ele comprava os ingredientes e conseguia fazer em maior quantidade, distribuindo para os amigos e para ele. Agora não se lembrava se precisava fazer ou se ainda tinha para mais alguns dias

De tão alheio, depois de perder a aposta, só escutou o final da frase de Liana com o seu questionamento.

— Quem é a tua namorada, Jonathan?

— Ahn...?

Respondeu ele automaticamente, esquecendo da conversão que estava fazendo de cabeça para o que precisava comprar para fazer tal quantidade de produto. Parecia que estava na hora de fazer o composto mesmo. Melhor ter sobrando do que ter que recorrer àqueles que haviam no mercado. Uma coisa inútil que só fazia espuma e não limpava as roupas com a eficiência que ele necessitava.

— Não entendi o que tu falou.... — disse logo após o seu devaneio se dissipar.

— Queremos saber que história é essa de que tu está namorando?

Jonathan arregalou os olhos azuis de uma forma tão grande que pareciam que iam saltar das órbitas como duas bolinhas de gudes, a mesmas que Fernanda proibiu Inácio de brincar e quebrar os vidros de casa quando Sérgio deu um estilingue para ele de presente e o ensinou a usar.

— Opa... Como assim? — Fernanda se animou daquela forma entusiasmada que ela tinha. Sérgio ainda secava as lágrimas, eram muitas emoções para apenas uma hora.

— A Paula. — Ricardo olhou para o amigo e respondeu, para o seu desespero começar. — A nova babá do Felipe nas noites, quando precisamos.

— A que ficou com a Sofia aquele dia? — Fernanda quase pulou da cadeira. — Ela adorou a menina!

— Essa mesma! — Bia se manifestou, para Jonathan realmente se desesperar de uma forma descomunal.

— Não... — Começou ele a falar, mas em vão.

— Eles se conheceram na faculdade, Jonathan quase matou a guria com um ácido forte, destruiu o único casaco que ela tinha. Foi o maior bafafá na faculdade aqueles dias. Tivemos que pedir para ele se desculpar antes que a coisa ficasse pior. Aí ele ficou arrependido de ter destruído o casaco dela e comprou um caríssimo, lembra daquela loja que entramos, Li, e saímos com medo de ter que pagarmos pelo ar que respiramos?

— Mentira!

— Sim! Essa mesma. Um casaco que eu teria que vender o meu rim para pagar. E o senhor arrependido foi lá e comprou para ela.

— Meu Deus, eu casaria na hora! — Liana debochou e ainda olhou para Richard que revirou os olhos.

— Eu.... — Novamente Jonathan tentou falar em vão.

— Só que ele não disse que o casaco foi presente dele, apenas assinou com um R, como se alguma pessoa do mundo, fora nós, soubesse que ele tem um nome do meio.

Jonathan revirou os olhos. Sabia da mania da família Chiarelli em se meter nos assuntos um dos outros, ignorando por completo a presença do mesmo enquanto a conversa é debatida.

Bia terminou de contar o resto da sua história, se prolongando em detalhes que nem chamavam a atenção, mas que para ela davam um ar de conto de fadas. Beatriz estava exagerando, como sempre, fantasiando demais.

— E então, agora, nós almoçamos sempre juntos, nós quatro. Quando eu e o Kado não vamos à faculdade, os dois almoçam juntos. E se ela não aparece no refeitório, alguém fica a procurando o tempo todo.

Sim, de fato Paula estava se tornando uma presença constante no almoço dos três. Beatriz sempre tomava a iniciativa de sentar na mesma mesa em que Paula estava. Ela era um pouco tímida, ou talvez até demais, para o próprio Jonathan reparar, e sempre ficava quieta, quase nem falava enquanto Bia e Ricardo conversavam pelos cotovelos sobre as aulas daquela manhã, nem Jonathan seguia o ritmo dos dois. Mas ela conseguia superar o silêncio dele.

Quando Ricardo e Bia não estavam almoçando no refeitório, Jonathan seguia o ritual de sentar na mesa em que ela se encontrava. Geralmente os dois trocam algumas palavras básicas e cada um fica perdido no seu mundo particular, sem incomodar o outro. E quando Paula não estava, bom, Jonathan nega que não fica procurando, mas é visível para todos que ele fica olhando para todos os lados, como se estivesse à procura de alguém, ou um torcicolo horrroso.

Porém ele nunca admitiria isso para ninguém, nem mesmo para Miguel, quando ele o questionou. Ricardo sabia que Bia tinha uma ligação direta com o seu psiquiatra, pois ele já chegava nas consultas com Miguel sabendo de alguns detalhes da sua semana, e quando Jonathan foi a sua última visita, o médico também sabia de certas coisas que somente quem acompanhava Jonathan saberia.

— E para completar o quadro — Ricardo se intrometeu. — Ela foi minha aluna há uns anos, está quase se formando em arquitetura e é muito inteligente.

— Isso é ótimo, Jonathan! — Fernanda sorriu esperançosa, ela ainda tinha mais fé em Jonathan que ele mesmo em alguns aspectos. — Estou doida para conhecer a Paula mais a fundo. Tenho certeza de que vocês formam um casal

excepcional e...

— Ela não é nada minha. — Finalmente ele conseguiu falar e ninguém o interrompeu. — Bia exagerou demais. — Olhou para a amiga que soltou um riso silencioso e debochado. — Aconteceu os fatos, mas não da forma que ela expressou e romantizou. Foram apenas circunstâncias normais. Beatriz que a incluiu no nosso meio, ela é quieta e até parece um pouco desconfortável quando ela — apontou para Bia — começa a falar pelos cotovelos. E eu segui o que estávamos fazendo quando vocês não estavam. Sentei na mesa dela e foi só isso, ok? Ela não é minha namorada e tenho certeza de que nem quer ser!

Disse enfático, pois de tanto analisar quando a família começava a se intrometer na vida de Ricardo, ele encerrava o assunto daquela forma.

Só que ele não era Ricardo, e as regras, pelo visto, não se aplicavam a Jonathan.

Capítulo 17

— Jonathan Ramiro Dering. — Miguel falou da porta o chamando.

Como sempre, Jonathan estava em pé, conversando com a secretária sobre o tempo enquanto esperava ser chamado. Ele não sentaria para esperar. Sabia que Miguel tinha um número considerável de pacientes que se sentavam ali para esperar suas consultas.

Miguel sorria da porta, como sempre fazia ao reencontrar algum paciente e esperou que Jonathan entrasse para fechar a porta. Sentou-se na sua cadeira, atrás da mesa e esperou ele fazer todo o seu ritual de limpar a cadeira do paciente com um lenço umedecido. Miguel ainda recordava as primeiras consultas em que Jonathan não sentava de forma nenhuma, ainda mais com uma poltrona que não era de corino e o tecido era impossível de higienizar, segundo Jonathan. Depois de algumas consultas e conhecendo mais seu paciente, Miguel comprou uma cadeira diferente e de corino, para a felicidade de Jonathan.

Sendo psiquiatra há tantos anos e sabendo que precisava ganhar a confiança de Jonathan para realmente começarem o tratamento, ele fez esse pequeno e tão notável agrado. E quando Jonathan viu a cadeira, Miguel percebeu que havia ganhado a confiança de Jonathan, que compreendia seus medos sem julgá-lo como maluco, como a maioria das pessoas fazia. E aquele foi o início de uma relação de médico-paciente que já durava uns bons anos.

Jonathan era um paciente clássico, com suas fobias desencadeadas por traumas da infância e que se acentuaram na sua fase adulta. Relativamente fácil lidar com ele, conversar e o orientar. Ao longo das consultas Jonathan se revelou um caso mais para uma psicóloga do que um psiquiatra, ele não precisava de remédios e apenas uma boa conversa e orientações sobre como lidar com as situações do seu cotidiano. Miguel explicou isso para ele e o recomendou para vários profissionais de sua confiança, em vão. Jonathan havia criado com Miguel um vínculo de confiança muito forte, e não queria perder aquilo. Mesmo com muita conversa ele se manteve irredutível, tanto que Miguel desistiu dos psicólogos a assumiu o papel, mesmo sendo além da sua formação.

Foi com Miguel que Jonathan desnudou a sua alma, desde quando era criança demais para entender o que acontecia na sua casa, os flagras do pai transando pela casa com qualquer mulher, aprendeu a reconhecer o cheiro que ficava pelos cômodos após a relação, inclusive no seu próprio quarto, chegando a o expulsar algumas vezes para que pudesse usar. Aos rompantes da sua mãe, que abusava dos remédios controlados para se sentir bem, a ponto de esquecer dos próprios filhos, e o abuso psicológico que o irmão fazia com Jonathan e o

seu uso de drogas na sua frente, levando até uma tentativa de homicídio contra ele certa vez.

O abandono no colégio interno, foi, de certa forma, um alívio para a vida nada pacífica, de Jonathan. Lá não tinha perigos ou cenas que uma criança não deveria presenciar na infância.

Seu único familiar que desempenhava seu papel era seu avô. Jonathan era apegado a ele de uma forma descomunal. Era seu avô que se preocupava em ligar todas as semanas para saber como o neto mais novo estava. Era seu avô que o pegava nas férias e o levava para conhecer todos os cantos do mundo. Era seu avô que o ensinou a gostar de futebol e a torcer para o Grêmio. Foi seu avô que viu que as fobias de Jonathan estavam se tornando muito presentes e atrapalhando o neto de ter uma vida normal. Foi seu avô que o levou na primeira consulta com Miguel. E ia em todas até não ter mais forças para isso.

A morte do vô de Jonathan foi traumática demais para ele. Miguel quase reconsiderou o fato dele não usar medicamentos. Foram consultas seguidas, diárias, para que pudessem afastar a possibilidade. Jonathan estava realmente sozinho no mundo. Durante aqueles anos de tratamento tinha finalmente se afastado de seus problemas: sua família. E precisava de algum contato com outras pessoas que não fossem seus alunos.

Foi naquele momento que Miguel pode juntar algumas peças de um complicado quebra-cabeça. Juntar Jonathan e Ricardo não foi fácil, mas havia valido a pena ser xingado por Ricardo durante suas consultas. Jonathan não era uma pessoa completamente sociável, os anos vivendo abandonado, negligenciado e depois apenas com seu avô, formou uma personalidade forte e um pouco diferenciada, mas quando se acostumavam com ele, percebiam que Jonathan era um homem independente e com uma carência infantil, mas inofensivo.

Como Miguel previa, Jonathan e Ricardo se tornaram amigos e, para o seu deleite, a família de Ricardo o havia adotado como um membro permanente. Era mais do que o psiquiatra esperava do seu paciente, uma vitória e tanto. Jonathan havia desenvolvido muito desde que virara amigo de Ricardo e, depois que Beatriz chegou na vida de Ricardo, os dois desenvolveram muito mais. Ela fazia um trabalho que nem anos e mais anos de terapia com o médico ele conseguiria alcançar aquele patamar.

— E como estamos nesses últimos dias? — Miguel questionou após finalmente Jonathan se sentar à sua frente.

— Liana está grávida, mais um afilhado, ou afilhada para mim. Comprei

uma camiseta do grêmio já.

— Kado me disse semana passada. Ele está bem preocupado com a situação. Disse que a Liana não sabe o que está fazendo. — Miguel riu. — E fora isso, como estão os sonhos que tu tinha me relatado da última vez que nos vimos? Da moça congelando e tu desesperado querendo fazer alguma coisa para ajudar?

Jonathan deu os ombros de leve. Havia confidenciado para Miguel dos sonhos que tinha tido com Paula. Mas não entrou em mais detalhes, de como a conhecia, de que comprou um casaco de presente e, principalmente, como ficava tudo estranho na presença dela. Jonathan detestava quando as coisas não saiam como deveriam ou que o deixassem desconfortável, porém com Paula o mal-estar era uma coisa que ele ansiava em sentir.

— Passaram — revelou com um dar de ombros discreto.

Miguel o encarou profundamente. Conhecia seus pacientes bem demais para saber quando eles estavam realmente escondendo alguma coisa dele. Sabia respeitar o limite entre a confissão e a omissão. Havia coisas que realmente demoravam para o paciente finalmente se abrir sobre o que estava acontecendo. Miguel achava que o tempo de Jonathan tinha se esgotado.

— Um sonho desses pode ter algum significado além do que esperamos. Teria acontecido alguma coisa, inexpressiva, mas que te tocou mais profundamente? Nunca tinha te visto tão ansioso por apenas um sonho, John.

Jonathan percebeu que estava entrando num terreno perigoso. Miguel nunca deixava escapar alguma coisa. Jonathan estava contente demais em conseguir esconder Paula por duas consultas, a terceira seria uma vitória e tanto. Contudo, caiu direitinho na teia que Miguel tecia com maestria.

— Sei que vocês três estão com uma nova amiga, Ricardo me contou. Qual o nome dela mesmo...? Paula, não é?

Miguel estendeu a mão para pegar a xícara de café que mantinha em cima da sua mesa. Um tempo friamente calculado para o silêncio perdurar por alguns segundos. Tempo suficiente para Jonathan se emaranhar mais na teia de Miguel.

— Sim. — Confirmou Jonathan. — Paula. — Sentiu um doce arrepio passar pelo seu corpo após falar o nome dela. — Ela fez amizade com a Bia e ela entrou para o grupo dos professores excluídos.

— E como está sendo a relação de vocês? — Outra pausa para um gole de café e Jonathan se remexeu na cadeira que ele havia limpado. Esfregou as mãos e passou pelos cabelos. — Alguma coisa que eu deva saber?

E a luta de Jonathan acabou. Morreu na praia depois de tanto nadar para se

afastar das garras de Miguel.

Suspirou profundamente e contou toda a relação dele com Paula, desde o primeiro momento em que a viu, com uma pequena pausa onde Miguel fez outro café e ofereceu a ele que aceitou, depois de higienizar a xícara decentemente. Não enfeitou a história como Bia fez aos Chiarelli, apenas contou como tudo tinha acontecido com adendos aos questionamentos de Miguel para entender a cena como um todo.

— E depois que a Bia floreou a história de vocês, a Fernanda deu a ideia de tu convidar ela para sair. Só vocês dois, sem Felipe, Kado ou Bia de intermediários.

— Ela fez mais do que isso, me fez prometer que convidaria Paula para sair. Ela não entende, Miguel. Eu.... Eu não posso fazer isso e também não posso desapontar a Fernanda. Como eu me livro da situação?

Finalmente Jonathan havia se livrado de carregar aquele dilema dentro de si. Não poderia recorrer a Ricardo e Beatriz, pois eles apoiariam Fernanda e Bia era capaz dela mesma fazer o convite e deixar Jonathan e Paula sozinhos em algum canto. Ela e Ricardo eram românticos demais para entenderem que Jonathan não se relacionaria com ninguém.

Nunca!

Não conseguiria manter uma relação saudável com uma pessoa normal. Ele não suportava nem outras pessoas o tocando, quem dirá coisas tão íntimas como abraços, mãos dadas, beijos e até mesmo sexo. Eram coisas completamente assustador para Jonathan qualquer um daqueles cenários. Ele já entrava em pânico quando Beatriz se grudava muito com ele, mesmo sabendo que ela mantinha um ótimo padrão de higiene pessoal, quem dirá uma estranha ao seu lado.

Jonathan não suportaria. Por mais que gostasse da pessoa acabaria a magoando, como ele sempre fazia. Ninguém aguentava ficar ao lado dele. Ninguém suportava sua mania por limpeza, seu TOC excessivo por eliminar todos os germes que pudesse encontrar ao seu redor. Como manter algum sentimento por alguém que prefere dormir em lençóis limpos ao invés de querer tocar o corpo de alguém em busca de prazer.

Já foi uma conquista e tanto para Miguel fazer com que ele buscasse alívio com ele mesmo, em um ambiente completamente preparado para tal assunto e com meses de planejamento para que Jonathan não desistisse da ideia. Miguel teve que recorrer a muitos artigos científicos sobre a masturbação masculina, principalmente aquelas que falavam de câncer de próstata e deixou de

lado os que realmente interessavam como os sobre ansiedade. Um trabalho árduo, mas que ao longo dos anos tinha se tornado eficiente.

Contudo o contato físico com outra pessoa era uma coisa completamente diferente. Jonathan não apenas negava em fazê-lo, como sentia-se completamente incapaz de conseguir realizar qualquer coisa afetiva e carinhosa com outra pessoa.

— Calma aí... — Miguel levantou as mãos pedindo para que ele desacelerasse por completo. — Ninguém aqui está falando em tu levar a guria para um motel de quinta categoria e transar com ela loucamente. Não que eu seja contra a ideia, desde que realmente tu limpe as coisas e use camisinha. — Jonathan fez uma cara de nojo genuína. — Estamos apenas falando sobre sair, conversar e falarem sobre coisas que ambos gostem. Uma coisa inocente e que não precisa de nenhum contato físico para acontecer. É bem simples até, pode convidar ela para tomarem alguma coisa no bar, comerem um lanche no shopping ou...

— Não... — Jonathan o interrompeu balançando a cabeça e prevendo uma bela dor de cabeça quando saísse da consulta. Deveria ter ficado quieto quando Miguel começou a enrolá-lo até ele falar demais, como tinha feito. — Não me sinto à vontade em nenhum desses lugares.

— Em algum lugar tu deve te sentir confortável, Jonathan. — Miguel sorriu de leve. — Convida ela para ir lá. Simples assim.

Capítulo 18

Paula estava sentada à mesa, como sempre, no canto e olhando pela janela o tempo passar. Tentava se distrair para não se lembrar de que sua colega de quarto havia roubado todo o seu dinheiro, que ela escondia não tão bem quanto ela imaginava.

Era o único dinheiro eu ela tinha para se virar na última semana do mês. Sua única fonte de renda para comer até receber novamente.

Seu estômago só não estava roncando de fome pelo fato de seu João, o serviçal da livraria ter dividido seu almoço ontem e lhe dado um pacote de bolacha do seu café da tarde. Pacote aquele que Paula teria eu fazer durar mais dois dias.

Ela não era uma pessoa rancorosa, longe disso. E apesar de estar sem nenhum tostão furado, nem para comer, ela tentava não pensar mal da sua colega de quarto. Sabia que ela não era confiável, e que seu esconderijo não era nada adequado. Qualquer um que ficasse mais de dois minutos no seu quarto desconfiaria de onde ela escondesse o seu dinheiro. E desde que ela foi assaltada ao voltar para casa uma noite, Paula andava com o mínimo de dinheiro possível consigo.

Sua sorte que ela tinha pessoas, como seu João, que lhe ajudavam sempre que podiam. E também ela não ficava chorando pelos cantos como uma coitada sem alento. Não ia adiantar em nada ficar se lamentando. Tudo que ela poderia fazer naquele momento era poupar aquelas bolachas, encher as garrafas de água que tinha na faculdade e riscar mais um dia no seu calendário de volta para casa. Todas as noites significava um dia a menos.

Ficou observando o movimento dos alunos, os barulhos normais do refeitório até sentir sua mesa se movimentar. Levantou os olhos e encontrou Beatriz equilibrando uma bandeja do refeitório e sua bolsa.

— Nada dos meninos ainda? Pensei que a essa hora eles já tinham se liberado.

Paula demorou a entender o que ela estava falando. Bia conseguiu sentar-se, sem derrubar nada, e sorriu para Paula.

— Almoçou cedo? — Questionou animada. — Ou está de dieta? Eu juro se tu me dizer que está de dieta eu te atiro a minha bolsa.

— Já almocei. — Paula mentiu com um sorriso. Bia não precisava ouvir os problemas de uma simples estudante de arquitetura.

— Bom, e eu vou almoçar antes que os dois cheguem e me aluguem pelo resto do meu tempo. Amo meu marido e o John, mas às vezes amos mais quando

eles estão longe de mim.

Paula não pode segurar o sorriso ao ouvir ela dizer aquilo.

Gostava de Beatriz, ela era tudo ao contrário de Paula. Enérgica, inteligente, tinha um marido devoto aos seus pés e perfeito, filho querido e uma vida boa. Se Paula pudesse escolher como gostaria de estar em cinco anos, não se importaria de usar os parâmetros de Beatriz. Nem casar, filhos e família era uma ideia aterrorizadora assim, não se tivesse um companheiro como o de Bia.

E, ao que parecia, Bia gostava de Paula. Conversava com ela como se fossem amigas de infância. Paula via muito de Paola em Bia, e aquilo a deixava mais confortável do que era recomendado no caso dela.

— E o que vai fazer no final de semana, Paula? — Bia perguntou depois de colocarem conversa fora.

— Trabalhar, a princípio. É meu final de semana de folga, mas vou ver se consigo trocar com alguém que queira. Pode ser que eu consiga umas horas extras a mais no meu mês. Se não, vou ficar em casa estudando mesmo. Adiantar algumas correções do meu TCC.

— Tu faz outra coisa além de trabalhar e estar aqui na faculdade? — Bia riu. — Teu TCC tem quase seis meses para apresentação e tu está nas correções finais, pelo que me disse esses dias.

Paula deu de ombros de leve.

Era claro que ela tinha outras vontades. Ir ao cinema era um deles. Nesses anos que morava na capital, conseguia contar nos dedos, de uma mão, quantas vezes tinha conseguido ir ao cinema com aquelas super promoções de 90% de desconto, e sem pipoca ainda. Paula ficava só no cheiro, que ela adorava. Ela gostaria de voltar para casa também, mas as passagens eram caras para ficar apenas um dia, já que outro era gasto só em viagem. Paulo sempre oferecia dinheiro para que ela voltasse, mas Paula era realista, no inverno as vendas de sorvete despencavam consideravelmente. Voltar para casa por pouco tempo era colocar dinheiro fora.

Paula tinha vários desejos, que sonhou nos primeiros meses após sua mudança. Quase nenhum deles se realizou por falta de dinheiro. Então ela ficava em casa, trabalhava na livraria, cuidava de crianças, como vinha fazendo com Felipe para Bia e Kado, e até mesmo algumas faxinas que apareciam. Tudo que Paula pudesse fazer ela topava.

— Quando eu estava na faculdade, ou nas especializações, tudo que eu menos queria nos finais de semana era estudar. E foi uma briga tirar o Ricardo de casa quando começamos a namorar. Ele sempre preferiu ficar em casa estudando

a sair. Ou vamos para casa. Lá sempre tem alguma coisa para nós fazermos, nem que seja repor as prateleiras do mercado do meu cunhado. Sempre damos jeito de fazer alguma coisa diferente.

Sim, realmente Paula tinha uma pequena ponta de inveja da vida de Beatriz. Por isso que ela passava os finais de semana trabalhando e estudando, para vencer na vida e chegar lá e ser tão feliz e completa como Beatriz era. Ela almejava aquilo e tinha foco que iria conseguir.

— Quando eu crescer quero ser como tu, Bia. — Admitiu depois de alguns instantes de silêncio.

— Tem certeza? — Bia a olhou de um jeito diferente. — Minha vida não é nada extraordinária e tudo que eu passei para chegar aqui.... Não recomendo para ninguém. Sério, Paula.... Eu realmente não recomendo para ninguém tudo que eu passei para chegar até aqui. Minha vida não foi uma maravilha, bom, pelo menos até eu cair de paraquedas na casa do Kado.

Paula sentiu as bochechas ficarem quentes com aquela revelação.

— Que bonitinha, só vejo o John corar desse jeito. — Bia riu e pegou na mão dela por cima da mesa. — Minha vida antes de namorar com o Ricardo era uma tragédia. Eu era noiva, sabe? Com menos de quinze dias para subir ao altar meu noivo, um idiota, me espancou. Abandonei toda a minha vida, programadinha, perfeitinha, quase primeira dama da cidade. — Ela balançou a cabeça e debochou do título. — Vim para cá, morando com o Kado, era a única maneira dos meus pais deixarem eu vir estudar e o Sérgio, irmão do Kado, nem gostou da ideia de eu espionar o Ricardo. Bom... Resumindo, eu comecei a namorar com o Ricardo, sabia que não ia ser fácil, ele era bem mais depressivo na época, demorou para aceitar que eu poderia estar apaixonada por ele e que não era loucura ele retribuir o sentimento. Logo depois eu engravidei do Felipe e tive eclampsia e quase morri. Quase mesmo. Fiquei em coma por três dias e o Lipe na UTI quase não resistiu também...

Paula percebeu a voz de Beatriz embargar um pouco e retribuiu o afeto.

— Por isso que quero ser como tu, Bia. Passou por tudo isso e hoje está aqui. E quem te vê por fora, percebe essa mulher guerreira e feliz. Minha vida não é um mar de rosas também, minha colega de quarto acabou de roubar todo o meu dinheiro para o resto do mês. — Ela riu da ironia. — Mas quando eu me formar e ir embora, vou deixar tudo isso para trás e buscar ser feliz.

Paula manteve o sorriso forte e Bia retribuiu. E seus olhos começaram a brilhar.

— Eu realmente não deveria te dizer nada, Paula. Mas eu descobri que tu

vai ganhar uma bolsa de pós aqui da faculdade. Tudo pago e com um fundo mensal também... Não conta isso para ninguém! Pelo amor de Deus, o pessoal da secretaria me mataria se souber disso! Tu sabe como funcionam essas bolsas?

Paula estava estática perante a novidade que Bia lhe dizia. E negou com a cabeça.

— É uma maneira da faculdade ficar sempre entre as melhores do país. Eles investem pesado nos alunos que valem a pena. Aconteceu com o Jonh, com o Kado, comigo e com poucos que conheço. Eles dão essas bolsas para os melhores dos melhores, Paula. É mérito total do aluno. Pós-graduação, mestrado e doutorado e se tu chegar ao último estágio, sempre mantendo as notas eles te garantem uma vaga de professor. É a forma de manter o aluno e recompensar todo o esforço. Depois de chegar ao nível de professor tua vida está feita, Paula.

Paula abriu a boca para falar alguma coisa, mas não conseguiu. Era demais para seu entendimento.

— Tua vida já está trilhada aqui, e se tu quiser, pode ser igual a minha, academicamente. Se tudo der certo e tu continuar no mesmo ritmo de elogios dos professores, pode começar a lecionar antes de acabar o doutorado, como o Kado e o John fizeram. Eu, como vim de outra faculdade, eles fizeram eu terminar o doutorado, mas tu... Meu Deus, Paula, é a melhor oportunidade da tua vida. Eu realmente não deveria te falar isso, o Kado vai me matar se souber que eu abri a minha boca, mas te ver falando que quer uma vida igual a minha e eu sabendo que a possibilidade existe, não pude segurar.

— Eu.... Eu não sei o que falar. — Admitiu por fim. — Isso é uma coisa que eles podem mudar de ideia até a minha formatura. — Paula disse, para afastar aqueles pensamentos inúmeros que inundavam sua mente fértil.

Curso de mestrado, doutorado e lecionar na faculdade. A pobre estudante, que está sem comer há quase dois dias e vendia sorvete na areia quente da praia com um futuro que não era possível nem para famílias mais ricas do que a dela? Era sonho demais para a pobre Paula. O coração esperançoso dela não ousava em ir tão longe.

— Não, Paula. Eu tenho umas amigas na secretaria, são ótimas para saber desses babados... Eu vi o teu histórico, elogios e observações na tua ficha de aluno. Todos os professores dos últimos semestres votam, e tu vai ser unanimidade. Essa bolsa é tua. Mas eles só vão te oferecer depois da formatura. E eu acho isso ridículo, porque a pessoa se forma já com alguns planos em mente e aí vem a bomba da bolsa e acaba com tudo. Acho que deveriam contar antes para a pessoa se organizar melhor, não acha?

Paula apenas conseguiu mexer a cabeça, milimetricamente, para concordar com Bia. Aquela notícia mexia com sua vida completamente. E se fosse verdade? Ela conseguiria abandonar a família, por mais longos anos, em busca daquele sonho quase utópico? Ou Paulo, Pauline, sua mãe e Pietro estariam dispostos a se sacrificarem um pouco mais, com Paula não estando em casa para ajudá-los.

Ela estava tonta, isso era a verdade. Talvez fosse a falta de comida, misturado com a notícia que Bia tinha jogado no seu colo. Uma bomba doce e almejada por tantos.

Paula tentou levantar, para ver se tomava um pouco de ar fresco na rua. Mas não conseguiu terminar o percurso, desmaiando no meio do caminho, e só não caindo com tudo no chão, pois foi aparada alguém.

Capítulo 19

— Calma, Paula. — Brincou Ricardo ao segurar ela firme. — A última mulher que desmaiou nos meus braços se casou comigo.

— E pretendo continuar casada. — Bia respondeu ao chegar ao lado dela e ajudá-la a se recompor.

Jonathan assistia tudo de perto. Para não dizer que ele não ajudou, afastou uma cadeira para que Ricardo pudesse acomodar Paula com segurança. E deu um passo para trás, um pouco perturbado com o que estava acontecendo.

— O que aconteceu? — Ricardo perguntou ao entregar um papel para Bia, que abanava Paula.

— Sei lá, estávamos conversando e ela levantou muito rápido. Parecia eu quando estava grávida. Tu está grávida, Paula?

Jonathan deu outro passo para trás, involuntariamente. Sua cabeça, estava girando rápido demais, e se continuasse assim, ele seria o próximo a desmaiar.

Será que Paula tinha um namorado e ele, e mais ninguém, sabia? Bom... ela era bonita, chegou a chamar até a atenção dele, com certeza chamaria a atenção de outros homens. Homens de verdade, que não se esquivariam ao chegar perto dela para convidá-la para sair e muito menos ficaria martelando na sua cabeça brilhante lugares que poderia ir e que se sentia totalmente à vontade.

Jonathan passou a noite listando e chegou aos incríveis quatro lugares que se sentia bem. Sua casa, a casa de Kado e Bia, a do irmão de Ricardo e seu laboratório de química. Três eram completamente inadequados. A casa de Sérgio e Fernanda por ser em outra cidade, a de Kado e Bia, por eles morarem lá e seu laboratório a faculdade não iria entender a situação. Sobrava apenas o seu apartamento. Aquela parte mais íntima que Jonathan não tinha tanta certeza de que era um lugar completamente aceitável para convidar Paula para um encontro. Ele tinha suas manias em casa, regras básicas que ele seguia à risca, quase como um manual de boas condutas. Somente seus amigos conheciam sua casa, e todos desdenhavam das regras, para desespero de Jonathan.

Ela não tinha ideia de como Paula reagiria ao entrar na sua casa, deixar os calçados na porta, lavar as mãos e manter tudo na mais possível ordem. Jonathan não era dotado de tanta informalidade para saber que nem todos reagiam da mesma forma que Bia, que fazia o máximo para seguir cada uma delas e ainda ajudar Jonathan a deixar tudo no seu devido lugar. Só ela, sendo casada com perfeccionista como o Ricardo para entender tudo o que se passava com o amigo.

Porém, nada agora fazia mais diferença. Jonathan não tinha percebido

que ela tinha um namorado. Alguém que não andava com lenços umedecidos nos bolsos, não fabricava o próprio sabão, sabonete e shampoo em seu pequeno laboratório em casa e muito menos esfregava os azulejos do banheiro com uma escova de dentes em todos os rejuntas.

— Eu não estou grávida — Paula murmurou. — Só fiquei tonta e me desequilibrei.

— Menos mal. — Suspirou aliviada Bia. — Filhos são ótimos, mas ainda não desejo eles para ti. — E deu uma piscada imperceptível a Ricardo. As duas tinham um segredo agora e Bia sabia como um filho seria complicado para Paula naquele momento e nos próximos anos, se tudo desse certo.

Até Jonathan soltou o menor suspiro da face da terra. De certa forma, sentiu-se aliviado em escutar aquilo. Ou não... Seu problema de convidar Paula para sair ainda continuava em pé. Maldita hora em que foi prometer alguma coisa para Fernanda!

— Comeu hoje, moça? Pode ser falta de comida esse quase desmaio. — Ricardo sentou ao perceber que seu trabalho como amparador de estudantes em perigo de desmaiar já não era mais necessário. — Ontem não te vi almoçando e hoje, pelo visto, também não. — Ele olhou para a bandeja de Bia e nenhuma outra para Paula. Deduziu o lógico.

A visão de Paula ainda rodava um pouco, principalmente após piscar. Ela já tinha desmaiado por falta de comida algumas vezes. Mas seu corpo tinha acostumado a passar mais do que apenas dois dias antes de apresentar os sintomas. Era embaraçoso demais admitir para três professores doutorados da faculdade em que ela estudava que ela não tinha um tostão furado para comprar um cachorro quente de origem duvidosa do carrinho mais vagabundo da cidade. Explicar a sua situação era bem mais constrangedor do que desmaiar de fome pelos corredores da faculdade.

— Eu...

— Paula — Bia a interrompeu. — Eu não estou louca ou tu me comentou que a tua colega de quarto havia roubado o teu dinheiro?

Paula parou de respirar por alguns milésimos de segundo. Sabia que tinha se empolgado e falado demais, era a mesma história com Paola, quando as duas eram menores. Paula se empolgava e acabava contando coisas que não devia a irmã mais velha. Parecia que o velho hábito nunca a deixaria.

— Não...

— Minha filha, não inventa em me mentir. Sou casada com um paciente psiquiátrico que tem que tomar remédios diariamente. Conheço todo o tipo de

artimanha para se esquivar de um assunto. E sou mãe de um menino de cinco anos, sinto cheiro de mentira a quilômetros de distância.

— Ela tem razão. — Kado concordou atacando o almoço da esposa. — Ela sabe mais dos meus remédios do que eu.

Paula estava em um beco sem saída e bem arranjada. Tudo que ela queria naquele momento era ficar quieta e processar todas aquelas informações sobre as bolsas da faculdade que poderiam, ela não tinha tanta fé assim, vir para ela. Mas não, lá estava ela, em frente a uma Beatriz incorporando a sua mãe e seu irmão quando queriam que Paula contasse alguma coisa que ela omitia para a própria felicidade deles.

Jonathan ainda estava parado, como uma estátua, escutando a conversa dos três, quase como um intruso ali no meio. E muito incrédulo com o que estava presenciando. Era nítido que Bia havia utilizado todo aquele poder que só uma mãe tem para arrancar confissões de quem estava fazendo alguma coisa errada. Jonathan era seguidamente atingido por aqueles raios que Bia emanava de si. Ele nunca tinha escapatória deles, acabava contando até o que não era solicitado.

E agora, ao presenciar Paula na mira de Beatriz, ficou estarecido com o que ela estava escondendo. Seria verdade que Paula estava realmente sem nenhum dinheiro e passando fome em casa? Esse era o motivo real do desmaio?

— Não é nada....

Paula tentou começar a explicar a sua situação sem alarmar ninguém. Dias piores já tinha passado. Pelo menos esse ano ela não sentia frio, graças ao casaco que havia ganhado de alguém. A garrafa PET com água quente nos pés e o casaco eram mais do que suficiente para ter uma noite bem aquecida. Ela quase nem ficava mais com as mãos congelando....

— Eu trabalho na livraria e faço alguns trabalhos extras, como cuidar do Felipe. Mas o custo da faculdade, moradia e comida são altos. Por mais que eu seja bolsista integral, os materiais da arquitetura, são caros demais. Alguns eu consigo ganhar de professores ou pedir emprestado para os colegas, mas o básico do básico eu tenho que ter.

Bia sentou ao lado de Paula e Ricardo a encarava, como se pedisse para ela continuar o assunto. Jonathan estava ainda parado como um poste de luz apagado, apenas escutando.

— Moro longe da faculdade e do trabalho, ganho vale transporte, mas não é o suficiente, tenho que completar com a minha renda. Divido um apartamento com uma colega de quarto não muito confiável. — Ela deixou de fora o fato dela ser uma espécie de garota de programa e que usava o seu quarto

com os clientes, era desgraça demais para uma única pessoa e para as outras escutarem. — Meu dinheiro sempre dá para virar o mês, mas a colega encontrou a minha reserva e pegou.

Ela deu os ombros. Não era nada de mais aquilo tudo. Havia diversos alunos que passavam por dificuldade ali. Ela não era a primeira, não seria a última e muito menos a única. Alunos tinham que passarem por algum sacrifício para conseguir o seu sonhado diploma. Paula não reclamava, apenas levantava dos seus tombos e seguia em diante. Tinha aprendido na pele que a vida sempre continuava, não era seus problemas que iriam pará-lo. Enquanto ela tivesse um teto sobre a sua cabeça e uma fonte de renda estável, ela seguiria firme.

Um dia tudo aquilo iria passar. Paula não precisaria passar necessidades, frio e nem ficar sem nenhum dinheiro no bolso. Teria um bom emprego, talvez até na faculdade como professora, sonhando alto, ou num escritório de arquitetura grande, ou até mesmo no seu antigo quarto em casa, atendendo os clientes que chegariam aos poucos na cidade em que moravam. Ela acreditava, e tinha esperança, que tudo o que estava passando hoje um dia seria recompensado. E assim poderia ajudar a sua família, para que Pauline não passasse pelas mesmas coisas, que Paulo não precisasse se matar de tanto trabalhar, Pietro uma infância/adolescência digna e sua mãe uma velhice confortável, sem ter que trabalhar além do que sua idade permitia.

— Paula... — Bia se compadeceu e ela teve que respirar fundo para não deixar as lágrimas escorrerem. Ela era uma manteiga derretida em certos assuntos. — Por que tu não nos falou? A gente pode te ajudar e...

— Por favor, Bia. — Paula sorriu de leve. — Eu estou bem. Realmente bem. Tudo isso vai passar. Recebo em poucos dias e me organizo de novo.

— Paula, esse não é o caso. — Ricardo se meteu no assunto. — Minha família veio de uma zona bem pobre da cidade. Meu pai, junto com a minha mãe montaram um mercado do nada, trabalharam dia e noite para vencerem na vida. E eles conseguiram. Morreram jovens, mas deixaram eu e meus irmãos em uma situação bem confortável, mas nunca sem deixar que a gente esquecesse de onde viemos. E, principalmente, ajudar os amigos. Tudo o que tu está passando e passou é louvável, e um grande fardo para uma pessoa apenas. Eu sei como ficamos quando carregamos um peso maior do que podemos suportar e também sei como fica mais fácil quando dividimos com outras pessoas. — Ricardo olhou para a esposa que entendeu o que ele queria dizer. — Fui teu professor e, desde o início, todos nós sabíamos das tuas dificuldades, mas não imaginávamos que eram bem além do que prevíamos. Isso deveria ser passado a secretaria para que eles pudessem te ajudar em alguma coisa e...

— Ricardo — ela interrompeu — a faculdade já me dá a maior ajuda de todas. Ela me dá a oportunidade de estudar de graça. É a maior ajuda que alguém poderia me dar. Eu não preciso de nada. Falta tão pouco para eu me formar que nem sinto mais. Quando eu me formar posso encontrar um emprego melhor e me arrumar melhor.

— Tudo vai melhorar, Paula. — Bia pegou a mão dela. — Eu tenho certeza de que tu tem um futuro brilhante na tua frente. Posso prever isso, mas de uma coisa eu tenho certeza. De estômago vazio tu não chega em lugar nenhum. Eu, o Kado e o John temos uma conta no refeitório aqui, vamos te autorizar a pegar o que tu quiser nas nossas contas.

— Não, Bia... Eu agradeço, mas...

— Não tem desculpas, Paula. Aceite isso como um pagamento extra por ficar com o Felipe. John, vai lá e pega alguma coisa para a Paula, por favor.

Jonathan piscou algumas vezes até entender o pedido de Bia. Ele ainda estava remoendo tudo aquilo. Era demais para ele conseguir compreender. Bia parecia ser uma mestra em saber quando ele precisava se afastar.

E mais uma vez ela tinha acertado.

Capítulo 20

Jonathan não sabia nenhum pouco sobre os gostos culinários de Paula. E ficou com um pequeno dilema quando Bia pediu para que ele buscasse alguma coisa para ela comer. Acabou trazendo um pouco de cada e arrematou com um doce. Jonathan imaginava que ela deveria gostar de doces. O pegou e guardou no bolso, era capaz de desequilibrar e se perder no meio do caminho.

Pegou a bandeja, com uma certa cautela e começou a caminhar em direção à mesa, com cuidado para não derrubar nada. Ele tinha a leve impressão de que havia exagerado um pouco, mas antes pecar por excesso do que falta, principalmente se a situação for por comida.

Ele ainda estava um pouco mexido pela história que Paula havia contado para os três poucos minutos atrás. Era demais para ele assimilar tudo aquilo. A pobreza dela era notável, ele tinha percebido na primeira vez que tinha colocado seus olhos nela. Aquele casaco destruído, os sapatos surrados, as calças que já tiveram dias melhores e todo o conjunto da obra.

Mas fome?

Isso estava em outro patamar. Um patamar inaceitável!

Jonathan nunca sofreu de fome ou de frio, por mais distante e negligente que sua família tivesse sido com ele, Jonathan não podia se queixar do que tinha quando era criança, e até mesmo depois de adulto. Sempre teve a geladeira cheia de comida e seu guarda-roupa bem munido para todas as estações. Ele nunca soube o que era passar necessidade de verdade.

Ao ver Paula narrar aquilo sentiu uma coisa diferente dentro de si. Ele era muito ingênuo sobre compaixão incondicional. E, principalmente, sobre sentir isso. Ainda demoraria um tempo para Jonathan assimilar todos aqueles sentimentos que Paula despertava nele. Ele só precisava ser paciente e torcer para que ela tivesse a mesma paciência, e até mais, para aguardar ele descobrir certas coisas.

Porém, enquanto não conseguia decifrar e nomear todos aqueles sentimentos, Jonathan precisava fazer alguma coisa. Dar o casaco a Paula teria que se tornar um gesto simples e banal perto do que ele gostaria de fazer. O problema era como expressar aquilo tudo sem que ela se assustasse e pensasse que ele fosse um maluco total.

Chegou na mesa e encontrou Paula sozinha. Lembrou que Ricardo havia comentado que ela teria aula logo após o intervalo de almoço e Kado passaria o resto do dia com Felipe em casa. Jonathan ainda teria aulas, porém mais tarde. Encontrou o olhar de Paula e colocou a bandeja na sua frente. Puxou um lenço

umedecido e limpou para sentar-se na sua frente.

— Não precisava ter se incomodado. — Paula disse baixinho. — Eu falei que estava bem e que não precisava desse banquete todo.

— Não é incômodo nenhum. Todos nós já fomos estudantes e lidamos com eles. Nosso trabalho como professor é ajudar eles a não surtarem. — Jonathan falou sem jeito, não era comum eles conversarem. Ficavam sempre o horário de almoço, quando estavam sozinhos em silêncio. Apenas a companhia um do outro já bastava.

— Eu agradeço, Jonathan. De coração. — Ela sorriu na direção dele e se conteve no último segundo para não tocar no braço dele. Sabia que o gesto seria em vão.

— Não há de que. — Ele limpou a garganta de leve e acrescentou. — E o que a Bia disse é verdade. Sempre que precisar pode usar a minha conta na lanchonete para pegar o que quiser. — Novamente Paula olhou em sua direção e sorriu.

Jonathan quase chegou a perder o ar dos pulmões com aquele sorriso simples de Paula. Pela primeira vez na sua vida, ele entendeu o que Ricardo queria dizer quando começou a namorar com Bia. Que o sorriso dela fazia com que o seu mundo parasse de girar por alguns segundos. Jonathan achou a frase a mais estapafúrdia que o amigo, principalmente ele tendo doutorado em física, pudesse falar. Era irracional demais para Jonathan tentar compreender o significado daquilo.

E agora lá estava ele, com o seu doutorado em química, e achando que o mundo parou de girar por alguns milésimos de segundos por causa do sorriso de Paula.

Parecia que o mundo dava voltas, como dizia o ditado. Literalmente.

Paula começou a comer e percebendo que estava em frente a um banquete recheado de opções da lanchonete da faculdade. Ela nunca conseguiria dar cabo de todas aquelas coisas que Jonathan havia pegado, mas sabia que levaria alguns daqueles salgados embrulhados em papel de boca para casa. Colocaria na sua bolsa e comeria quando chegasse em casa e no outro dia pela manhã. Esquentaria no decrepito forno que o apartamento tinha e tomaria com um chá de ervas que cultivava na janela da cozinha. Dormiria quentinha e de barriga cheia.

Comeu o máximo que conseguia, acompanhada do suco de laranja fresco que havia na bandeja. Jonathan seguia em silêncio, perdido no seu próprio mundo, que parava de girar quando ela sorria. Quando empurrou a bandeja,

completamente satisfeita ele levantou os olhos azuis para ela.

— Espero que tenha gostado. Não sabia o que escolher e peguei um pouco de cada. Me baseie no que a Bia gosta, ela gosta de muitas coisas.

— Foi ótimo, Jonathan. Novamente não tenho palavras para agradecer o gesto e o carinho de vocês. Vou pedir para embrulharem o resto e levar para casa para comer quando chegar em casa.

— Sim! É uma ótima ideia! — Percebeu Jonathan, como ele não tinha pensado no que ela comeria à noite? A presença de Paula às vezes o deixava tão desatento para coisas tão simples como a refeição seguinte.

Paula levantou e caminhou em direção à lanchonete para pedir que embalassem o resto da comida. Jonathan ficou a observando e, finalmente, a pensar e fazer algumas contas simples. Ela havia almoçado e tinha comida para o jantar e café da manhã seguinte, amanhã ele, Bia e Kado a fariam almoçar e, com certeza, ela não servirá aquela fartura como Jonathan. Ela seria mais delicada e pegaria só o necessário. E o que jantaria na próxima noite?

Um leve desespero chegou à mente brilhante de Jonathan. Se suas contas estivessem certas, e elas sempre estavam, Paula não jantaria na próxima noite e quem dirá no outro dia no almoço. Ele não poderia deixar que aquilo acontecesse. Quando retornassem na segunda ela estaria desmaiando pelos cantos novamente! Era inaceitável!

Quando ela retornou com uma sacola, com as sobras embaladas, Jonathan levantou da cadeira como se ela tivesse dando choques. Paula chegou até se assustar um pouco com a reação do professor de química.

— Amanhã! — Ele disse um pouco mais animado do que gostaria, realmente assustando Paula, e até alguns alunos que estavam ao redor acabando seu almoço.

Percebeu que estava agindo daquela forma estranha de sempre, que Bia tentava suavizar desde que eles se conheceram, e tentou se acalmar. Fechou os olhos, um pouco mais forte do que o normal para uma pessoa, e passou a mão pelos cabelos.

— Amanhã eu.... — ele estava nervoso a ponto de não conseguir formar uma frase decente.

Paula o observava e tentava entender o que ele estava querendo dizer. Mas era uma tarefa difícil. Era como se ele tentasse contar um segredo, que de tão doloroso, poderia o despedaçar ali mesmo.

E de fato não era mentira. Jonathan estava tentando convidar Paula para jantar com ele amanhã. Na sua casa. Uma coisa tão inacreditável, que chegava a

ser doloroso para ele fazer o convite. Nunca, desde que morava sozinho, tinha convidado um estranho para conhecer seu lar. Nunca passou pela sua cabeça que um dia isso aconteceria. Tentava formular o convite ao mesmo tempo que tentava desviar dos pensamentos de outra pessoa, um estranho invadindo sua casa, não seguindo suas regras e fazendo coisas que o fariam ter que higienizar o apartamento de uma forma exagerada.

Jonathan realmente queria convidar Paula. Tinha que fazer isso por causa da promessa que havia feito para Fernanda, de que a convidaria para sair. Gostaria de conhecer Paula mais a fundo, tentar descobrir porque ficava tão atordoado com a sua presença e, ao mesmo tempo, ansioso para vê-la novamente. Compreender o motivo daquele sorriso e fato do planeta ter parado de girar por alguns milésimos de segundo. Sua curiosidade falava mais alto, um pouco mais do que seus medos e receios. O problema é que os medos e receios faziam um estardalhaço gigante na sua cabeça o atrapalhando por completo.

Jonathan pensou nas palavras de Miguel, de que ele não era obrigado a nada. Apenas um jantar. Paula não iria invadir todo seu apartamento, o máximo aquele cômodo inteiro ocupado pela sala e cozinha. O banheiro, talvez. Mas seu quarto seguiria intocável e longe de qualquer ameaça invisível. Se nada desse certo, pelo menos poderia dormir em paz....

— Jantar. Eu. — Ele conseguiu falar, quase acompanhado por uma careta. — Casa. Amanhã. Minha.

Paula demorou um pouco para entender o que Jonathan realmente queria falar. Parecia Pietro quando começou a falar e não usava frases completas. Era por partes e quase sempre desconexas.

— Jantar na tua casa, amanhã? É isso?

— Sim, obrigado! — E parecia que um peso tinha saído das suas costas ao ouvir Paula formular a frase decentemente.

Sim! Agora era oficial, o convite estava feito e apenas faltava a resposta de Paula. E a apreensão em saber qual seria. Jonathan não sabia os horários dela, mas não descansaria sem saber se ela tinha se alimentado corretamente.

— Eu trabalho até tarde amanhã, Jonathan. Obrigada, mas...

— Te espero. — Disse automaticamente, sem nem pensar no que estava dizendo. — Posso te buscar no shopping e depois te levar em casa. — Completou.

Realmente ele era uma graça. Agora Paula entendia tanto a devoção de Bia para com Jonathan. Era uma versão grande de uma criança, igual a Felipe e Pietro, pensou. E os olhos azuis davam um toque dramático a mais. Paula não

tinha como declinar um pedido de uma criança assim.

— Saio tarde mesmo. — Tentou argumentar.

— Só me diz o horário que eu vou te esperar. — Jonathan respondeu afirmativo e conciso da sua decisão. Paula teria um jantar decente amanhã, custe o que custar.

Estava decidido e ninguém mudaria sua opinião. Nem ele mesmo, seu maior desafiante de todos.

— Está bem. — Novamente um sorriso daqueles, para Jonathan começar a preparar uma comparação completa e quantos mais dados, melhor, mais completo seria o seu resultado final.

O tempo deles estava se esgotando. Paula deu as informações sobre sua saída no outro dia e Jonathan escutou tudo com atenção para não esquecer de nenhum detalhe. Estava tão focado que quase não lembrou do doce no seu bolso. Quando Paula estava quase saindo em direção ao prédio de arquitetura, Jonathan correu em direção dela e a parou.

— Esqueci de te entregar isso. Tu tem jeito de quem gosta de doce e... — ele parou de falar e entregou o doce nas mãos dela, e logo virou as costas e seguiu seu caminho em direção ao prédio de química.

Paula olhou o pequeno doce na sua mão e perdeu uma pequena batida do seu coração naquele momento.

Um presente inusitado para uma situação mais ainda.

Capítulo 21

Jonathan nunca foi um cara de ter muitas dúvidas. Apenas seguia o seu instinto e tudo se resolvia. Se não gostasse de alguma coisa se afastava, se lhe chamava a atenção se aproximava e quando focava em alguma coisa, esquecia do resto do mundo.

Nos seus anos na Terra, Jonathan nunca tinha ficado tão indeciso, e um pouco em pânico, como estava naquele momento.

Havia deixado tudo organizado em casa. Todos os detalhes passados e repassados na sua mente brilhante. Tudo que poderia utilizar naquela noite estava a passos de distância e não tinha como dar nada errado. Sempre foi um regular cozinheiro e se virava bem para não passar fome ou ficar totalmente dependente de comida industrializada, seu avô havia o ensinado o básico e Jonathan aperfeiçoou o aprendizado.

Tinha dirigido seu carro até o shopping onde Paula trabalhava e estava começando a pensar que tudo aquilo era um grande erro. Um passo bem além do que as pernas de Jonathan poderiam aguentar. Miguel havia dito para nunca fazer nada que o deixasse desconfortável, a vida era uma só para ficar daquele jeito. E Jonathan levava aquelas palavras como uma regra para sua vida. Não tinha sido uma, ou duas vezes, em que ele simplesmente deixou algum lugar sem dar satisfações a ninguém, principalmente os eventos da faculdade. Era só ele sentir uma pontada de desconforto que abandonava quem estivesse ao seu lado e ia embora. Bia e Kado já estavam acostumados ao jeito do amigo de ser e sempre o cobriam, quando necessário.

Mas agora a situação era completamente diferente das que ele já tinha passado. Ele estaria em seu ambiente, sua casa, um dos únicos lugares que Jonathan poderia ser ele mesmo, sem se preocupar com mais nada. Eram apenas as suas regras a serem seguidas, nada de regras impostas pelas pessoas e a sociedade em si. Jonathan poderia muito bem limpar sua mesa três vezes antes de jantar, ou escaldar seus talheres diversas vezes, sem ser taxado de nada.

Respirou fundo.

Deixou todos aqueles anos sendo chamado de diversas coisas esvaírem quando ele expirava. Tudo aquilo que ele estava passando era por um motivo maior do que seus medos e rótulos esdrúxulos.

O motivo era simples: Paula. Jonathan já sabia que estar ao lado dela era o único desconforto que ele corria atrás e fazia de tudo para sentir novamente. Era como se desse uma energia a mais que ele nunca tinha experimentado. Um aditivo fora do seu padrão para o seu mundo completamente metódico, limpo e

organizado.

Saiu do estacionamento e entrou no shopping repassando seus passos e o que fazer quando chegasse em casa com ela.

Deixar os sapatos na entrada. Confere. Tinha dois pares de chinelos os esperando por lá.

Lavar as mãos. Confere. Jonathan se certificou de que tinha sabonete líquido, de fabricação própria e papel toalha para secar.

Mesa posta e limpa. Confere. Já tinha deixado tudo pronto para quando chegassem em casa não precisasse fazer todo aquele ritual. Havia deixado os pratos, talheres e travessas cobertas. Era apenas descobri-las e atacar.

Limpar os pratos e a mesa depois de jantarem. Esse era o seu maior receio na noite toda. Jonathan realmente não se sentiria à vontade em ter que fazer aquele pequeno trabalho doméstico na frente de Paula. Seria constrangedor demais ver ela presenciar todo o processo que ele fazia ao lavar a louça. Ensaboar três vezes, enxaguar quatro e esquentar, com água fervente duas vezes. Só conseguia fazer aquilo na presença dos seus amigos, e mesmo assim escutou muita brincadeira deles. Porém, sempre levava na amizade, ainda mais que eles sempre ajudavam Jonathan, só reclamavam do trabalho em excesso mesmo.

E também o fato de ter que esperar ela sair para fazer tudo aquilo. Uma pequena inquietação para Jonathan, que nunca deixava a limpeza para depois. Era uma questão de princípios sair da mesa e ir direto para a pia terminar o serviço. Não gostar era apelido para o sentimento que ele nutria em ocasiões dessas.

Contudo ele estava firme no seu propósito. Chegou até a livraria, entrou e em menos de cinco passos dentro da loja a avistou. Cabelo preso e usando aquele avental de uniforme e sorrindo para algum cliente. Sim, por ela Jonathan faria a força hercúlea de tentar ser normal por uma noite. Paula merecia conhecer um Jonathan diferente de todas. Ele queria apresentar uma pessoa diferente.

Ele queria ser uma pessoa diferente.

Ficou ali parado, enquanto a esperava. Paula não precisou pensar muito para descobrir o que era aquele arrepio que passou pelo seu corpo do nada. Era além da corrente de ar frio que havia na loja e a pegava desprevenida sempre. Ao se virar, já com um sorriso no rosto, viu Jonathan a alguns passos de distância. Lá estava ele, pleno, como sempre, um ar de timidez misturado com um de misterioso. Sim, Paula não poderia negar, Jonathan era bonito. Não só aos seus olhos, mas o conjunto da obra inteira.

Era claro que ela estava bem desconfortável com a situação toda. Nunca

deveria ter revelado sua real situação para eles. Em hipótese nenhuma! Agora tinha que se esquivar todas as vezes que perguntavam se ela estava bem e precisando de alguma coisa. Ricardo se ofereceu a fazer uma cesta básica para ela, dizendo que pegava a preço de custo no mercado da sua família. Aquilo era bondade demais para Paula suportar. Tinha pessoas que passavam bem mais trabalho que ela. Paula ainda tinha um teto sobre sua cabeça, um casaco bom e quente e perspectivas de melhorar.

Paula quase ligou para Jonathan cancelando o jantar durante o dia. Chegou a pedir o número dele para Bia durante o almoço. Ligaria do telefone da loja quando chegasse para trabalhar. E foi completamente barrada por Beatriz.

— Não! Nem pensa em fazer isso, Paula! — Quase fez um escândalo na cantina da faculdade. — Ele já me ligou quatro vezes para me perguntar o que iria fazer. O Jonathan está completamente atordoado com o jantar.

— Então.... Vai ser melhor para nós dois. — Tentou justificar Paula. — Eu fiquei encantada com a forma que ele fez o convite, todo atrapalhado. Mas agora estou mais lúcida e...

— Paula, não! Ele precisa disso tanto como tu. Vocês dois precisam. Ele para perder o medo de pessoas e tu para comer um pouco. Invejo a tua magreza, mas isso pode ser roupa demais e tu estar virada só em ossos. São o casal perfeito essa noite. É só não dar bola para as esquisitices dele e nem contrariar o que ele te pedir para fazer. — Paula chegou a abrir a boca para argumentar, em vão. — Nada de aterrorizante, o máximo para deixar os calçados na porta e outras coisas idiotas, mas que para ele fazem o maior sentido. E uma dica, nunca questione o porquê delas, senão vão passar a noite falando sobre diferentes tipos de germes que um sapato pode ter na sola. Confia em mim, não vai ser legal.

Beatriz continuou a falar sobre alguns tiques de Jonathan. Aquilo dividiu um pouco a sua opinião sobre o químico. Um pouco de pena, por ele ter que carregar todo aquele peso, e medo, nas costas e mais ainda de admiração, dele conseguir se relacionar externamente com outras pessoas e se portar, quase normalmente. A admiração ficou ainda mais profunda quando viu ele parado ali, a esperando.

Imaginava quantas de suas regras Jonathan havia quebrado para estar ali naquele momento. Quantas mais ainda quebraria pelo resto da noite. Tudo para que Paula tivesse um jantar decente. Nem ela se daria tanto trabalho por um simples jantar como Jonathan estava tendo.

Se aproximou dele e notou Jonathan endireitar a coluna e abrir um pequeno sorriso.

— Espero não estar adiantado demais. — Confessou um pouco ansioso.

— Não. Já estava indo tirar o uniforme e bater meu ponto. Volto em menos de um minuto.

Paula se afastou, quase correndo, e entrou no espaço para os funcionários. Tirou o avental, deu uma olhada no espelho e tentou domar os cabelos enquanto os desprendiam do rabo de cavalo alto. Não podia fazer muita coisa além disso e foi surpreendida quando seu João apareceu do seu lado.

— Pelo visto o moço que vai te levar para jantar chegou. É aquele que está parado no meio do saguão principal?

— Sim, e ele é um amigo que fiz na faculdade. Professor com doutorado em química, muita areia para o meu caminhãozinho, seu João.

— Eu diria que é ao contrário, minha filha. Tu que é muita areia para todos os caminhãozinhos do mundo.

Paula riu com gosto da inteligente observação do senhor. Bateu seu ponto, desejou uma ótima noite para seu João e saiu de encontro a Jonathan no meio da livraria, sorrindo, daquela forma em que mundo dele parou novamente.

Capítulo 22

O caminho até o apartamento de Jonathan foi praticamente em silêncio. Ele, ainda não acreditando que levaria ela para sua casa, seu santuário, onde pouquíssimas pessoas estiveram. E ela por toda a situação em si.

E quando Jonathan começou a dirigir a uma área mais nobre da cidade, Paula realmente começou a ficar um pouco ansiosa. Nunca tinha ido para aqueles lados da cidade, quase nunca desviava dos seus trajetos de sempre, casa-faculdade-trabalho. E não se sentia confortável quando saía do seu roteiro de sempre, principalmente sem saber os horários de ônibus e quais a levariam de volta para a estação de metrô mais próxima.

Jonathan desacelerou e abriu o portão de um prédio lindo. Paula não negava que era uma quase arquiteta e estava tentando burlar sua ansiedade analisando os prédios, suas formas e a arquitetura de cada um deles. O de Jonathan era excepcional de tão bonito. Queria ela ver toda aquela imponência em um dia claro, para dar jus ao que seus olhos captavam no escuro da noite.

— Teu prédio é lindo. — Comentou ela já no elevador enquanto subiam.

— Meu avô também achava, por isso que comprei aqui. Ele sempre gostou de construções grandiosas.

— Acho que eu me daria muito bem com o teu avô. — Pelo espelho do elevador, Jonathan observou Paula olhando todos os detalhes do pequeno espaço.

Sim, Jonathan tinha certeza de que seu avô iria gostar muito de Paula, e assim como Fernanda, seu Ramiro faria de tudo para que o neto a convidasse para sair. Ramiro tinha muita fé em Jonathan, que um dia ele finalmente conseguisse encontrar alguém com o coração bom o suficiente para entender Jonathan.

Chegaram ao andar e Jonathan abriu a porta, com um certo receio. A partir daquele momento Paula iria entrar no seu mundo. Seu espaço pessoal. Um lugar que Jonathan poderia ser ele mesmo sem nenhum julgamento externo e, principalmente, opiniões alheias sobre como ele levava a sua vida.

— É.... — Começou ele, sem saber como explicar, sem ser rude, que ela deveria tirar os sapatos.

— Está tudo bem, Jonathan — Paula fitou os seus olhos. — A Bia já tinha me avisado que existem algumas normas ao entrar no teu apartamento. Tirar os sapatos é umas delas, não é?

Paula começou a tirar os sapatos ali mesmo, sem nem esperar a resposta de Jonathan, que ficou parado observando ela fazer aquilo.

— Essa deveria ser uma regra básica de todas as casas. — Complementou quando terminou.

— Sim — Jonathan respondeu um pouco abismado com aquela reação inesperada. — Uma regra básica para todos os lares. — Ele retirou os dele, com uma facilidade de quem faz aquilo seguidamente e ainda complementou. — Tenho um par de chinelos aqui, ou se quiser ficar só de meia....

Ficar só de meia não era bem o que Jonathan gostaria, mas era uma das concessões que ele poderia fazer. Beatriz e Felipe sempre andavam de meias no seu apartamento. Era apenas passar um pouco de desinfetante, aquele mais potente que ele mesmo fazia depois. Não era um sacrifício exatamente.

— Prefiro ficar de chinelo, já que ele está aqui. Onde é o banheiro para eu lavar as minhas mãos?

E ele não conseguiu suprimir um sorriso de leve. A noite estava iniciando de uma forma mais perfeita do que ele poderia sonhar um dia.

Paula caminhou por entre o apartamento, tentando identificar onde Jonathan se encaixava no meio de tantas coisas que seus olhos conseguiam captar. Lavou as mãos e aproveitou para lavar o rosto. Ela estava um pouco cansada. Havia tido uma reunião com seu professor no dia anterior e passado a noite corrigindo mais alguns detalhes. Acordou cedo, foi para a faculdade, onde enfrentou uma aula complexa e cheia de detalhes, trabalhou a tarde toda e agora estava na casa de Jonathan. Era notável que ela estava cansada.

Voltou à sala e não o encontrou. Provavelmente estava em algum lugar. Paula aproveitou para se aproximar do mural de fotos que ocupava quase uma parede inteira. Passou os olhos por diversos Jonathan, desde os bebês, passando pelas fotos dele criança, adolescente e até os dias de hoje. Se encantou com os cabelos cacheados de quando ele era um bebê, virado só em olhos azuis gigantes, ao adolescente de aparelho nos dentes e algumas espinhas, e com o adulto com barba por fazer e acompanhado por alguns rostos conhecidos de Paula. Felipe e Sofia eram uma presença constante no meio daquelas fotos, todas com Jonathan ao lado dos afilhados e sorrindo para as fotos.

Caminhou mais um pouco, até chegar a uma parte do mural que Jonathan dedicava ao seu avô. Todos os lugares que conheceram quando Jonathan era adolescente e era carregado para as aventuras. Nunca teve um direito de escolha, apenas era informado que iriam para tal destino passar alguns dias. Jonathan adorava aquele frio na barriga de embarcar no avião ao lado do avô, sem nem saber o que eles iriam fazer naquelas férias. Era a época mais esperada por ele.

— Meu avô era um aventureiro nato. — Jonathan comentou ao ver Paula

observando as fotos tão de perto. — Ele me ligava no internato e dizia: John, te prepara que nas férias a gente vai sumir do mapa. — Jonathan ficou ao lado de Paula encarando as fotos e se lembrando do instante exato de cada uma delas. — Tinha vezes que andávamos em lugares tão distantes que eu achava que nem no mapa mundi nós estávamos mesmo.

Percebeu que havia falado mais do que sempre revelava para seus amigos. Bia tinha levado bons meses para arrancar algumas informações como aquela de Jonathan, Paula não levou nem cinco minutos dentro do seu apartamento e já sabia coisas sobre ele.

— Como foi estudar em um internato? Acho que nunca conseguiria uma coisa dessas. Uma vez fui dormir na casa de uma amiguinha de escola e voltei para casa no meio da noite. Meu irmão queria me matar por ter que me buscar. — Paula sorriu.

— Para mim foi o contrário. Acho que foi uma das melhores coisas que meus pais fizeram por mim.

Jonathan novamente começou a falar e a perceber como era fácil conversar com Paula sobre seu passado. Ela não comentaria coisas indelicadas ou faria piada. Havia revelado uma coisa grandiosa sobre si, a única e bem-vinda decisão que seus pais haviam tido em toda a vida de Jonathan. Tirá-lo de casa e mandá-lo para um internato tinha sido a sua salvação.

Jonathan se pegou falando novamente quando os dois estavam já à mesa, jantando e dividindo uma garrafa de vinho que ele havia selecionado. Paula era uma boa ouvinte e falava coisas que Jonathan gostava de ouvir. Ela estava realmente interessada em conhecer aquele Jonathan que ele estava lhe mostrando. Ele nunca tinha conhecido alguém, além de Miguel, que gostasse de escutar a grande e conturbada vida que tivera até sair de casa.

— Minha vida não foi um mar de rosas também. — Paula falou e tomou mais um pouco do vinho. — Não lembro de nada antes da minha irmã me achar no orfanato e me levar para casa como a boneca dela.

— Não sabia que tu era adotada.

— Não fui adotada, fui encontrada. Minha irmã sempre dizia isso — ela suspirou um pouco. — Paola foi minha melhor e única amiga dos quatro aos quinze anos. Ela deixou um vazio dentro de mim que eu nunca consegui preencher com nenhuma outra amiga.

Jonathan assentiu. Estava tocado com a história de vida dela. O modo como o irmão e a mãe sustentavam a casa, como Paola cuidou de Paula, e depois veio a falecer deixando o filho junto com mais uma irmã menor. Talvez a vida

dela tivesse sido mais sofrida que a de Jonathan, já que ele sempre teve tudo ao seu dispor, e nem por esse motivo ela se ressentia de alguma coisa. Bem pelo contrário, Jonathan estava em frente da mulher mais guerreira e forte que já tinha visto na sua vida. Ela era quase uma inspiração para tudo que ele poderia querer ser um dia.

No final do jantar, com o vinho já correndo no sangue, Jonathan relaxou. Estava falando, rindo junto com Paula enquanto contava história da sua adolescência junto com seu avô em alguma aventura envolvendo shows de bandas de rock da pesada.

— Metallica, AC/DC, Guns e Stones. Ele me levou em todos e sabia cantar todas as músicas. Peguei o gosto depois disso. — Ele deu os ombros e serviu mais vinho para ela e si mesmo.

— Meu irmão e o melhor amigo deles escutavam todas essas bandas, minha mãe ficava louca quando o Paulo vinha cantando as coisas em inglês e ela sem entender nada. Até hoje ele ainda escuta escondido dela. Tenho saudade de algumas delas.

— Tenho a discografia de cada um aqui, posso te emprestar. Troco com a Liana seguido. — Ele deu os ombros de leve.

Paula, já um pouco alterada pelo vinho da uma risada.

— Adoraria ir dormir com a voz do James cantando Fade to Black, melhor do que a minha colega de quarto trabalhando, ou as rádios ruins que o meu radinho de pilha toca.

— Tua colega de quarto trabalha em casa?

— Ela é prostituta — Paula vira o resto da sua taça — a melhor aquisição que já fiz na minha vida foi um fone de ouvido decente. Assim posso aumentar o volume no máximo e não escutar nada.

Aquilo realmente pegou Jonathan desprevenido por completo. Paula até se arrependeu de falar aquilo tão abertamente. Contudo, não deixava de ser fofo ver Jonathan corar daquela forma.

— Por que tu mora nessas condições? — Questionou depois de alguns segundos.

— Meu contrato vai até o final do ano, se eu sair agora perco um mês de caução e no momento não estou podendo arcar com o prejuízo e muito menos com um aluguel maior. — Ela deu os ombros e ainda levantou, se segurando na cadeira. — O papo está ótimo, mas eu preciso ir embora. Amanhã é minha folga e eu pretendo dormir um pouco a mais.

Jonathan se tornou a decepção em pessoa naquele momento. Olhou no relógio e não acreditou nas horas que já eram. Nem viu o tempo passar ao lado de Paula. Será que tinha acabado as pilhas e ele nem tinha notado? Olhou para o do micro-ondas e confirmou, o tempo havia passado e ele nem percebido.

Queria ficar ali por mais algumas horas. Ou talvez pelo resto da sua vida.

Capítulo 23

Jonathan levantou-se, melhor e mais seguro que Paula, já que uma garrafa de vinho compartilhada não fazia nem cócegas nos seus sentidos. Seriam preciso mais algumas doses para começar a fazer efeito no seu corpo.

— Eu te levo, ou melhor, — corrigiu-se ao lembrar que, apesar de ter bebido pouco, não era prudente ficar atrás de um volante — te pago um táxi.

— Por favor, Jonathan, não precisa. Sério. — Paula estava começando a ficar constrangida demais com tudo aquilo.

O jantar havia sido ótimo, Jonathan era um perfeito cavalheiro, e, pela primeira vez, desde que se conheciam, ele estava falante e escutou com uma boa atenção dedicada a cada palavra que Paula pronunciava. Paula não sabia dizer quando tinha sido a última vez que alguém prestasse tanto atenção nela, tirando os professores da faculdade em apresentação em trabalhos.

Aquelas poucas horas fez com que Paula sentir-se muito bem. Um pouco de ar puro em uma cidade cheia de poluição. Uma renovação que ele nem sabia que precisava.

— Esse jantar já foi incrível. Sei que estou ficando repetitiva, mas não tenho palavras mesmo para agradecer tudo isso. Espero um dia poder retribuir tudo isso. Não precisa te incomodar. Eu procuro uma parada de ônibus até o terminal de trem e...

— Não, Paula. Nunca que eu vou te deixar sair daqui à noite, a procura de uma parada de ônibus e do metrô. Tu nem deveria pensar em alguma coisa dessas. Não tem medo de ser assaltada ou algo pior?

— Se um alguém vier me assaltar, o coitado vai me dar dinheiro de pena de mim. Isso sim. — Brincou ela sorrindo e vendo o sorriso de Jonathan.

Uma cena para guardar para sempre na sua memória, pensou Paula. Um Jonathan completamente à vontade, na sua casa, conversando sobre tudo e todos, bebendo e sorrindo para Paula. Especialmente para ela. Paula não imaginava, mas Jonathan estava completamente encantado por ela, para não dizer outra coisa que ele não saberia nomear corretamente.

— Vou pedir para o porteiro chamar o táxi que atende o pessoal do prédio. — Disse Jonathan decidido. Não iria aceitar que ela saísse do seu apartamento para uma parada de ônibus e muito menos pegasse o metrô. Principalmente naquela hora.

Paula ficou sem jeito, mas não teve escapatória a não ser aceitar a carona. Por um lado, ficou aliviada, pois não sabia onde se encontrava a parada de

ônibus e muito menos quais as linhas que ali passavam. Pela região mais abastada, e afastada, não duvidava nada que precisava pegar duas conduções até chegar ao centro e à estação de metrô. Ou na pior das hipóteses, chegar na estação e encontrá-la fechada. Estava vestida com o seu casaco quente, mas ele não seria o suficiente para que aquecê-la a madrugada toda.

Jonathan ligou para o porteiro solicitando um táxi e quando ele chegou os dois desceram pelo elevador ainda falando sobre algumas coisas. Jonathan realmente estava à vontade em ter Paula ali ao seu lado. Era uma sensação estranha, já que nunca levava pessoas ao seu apartamento, mas estar com ela era tão perfeito, que ele nem se lembrou da louça suja que teria que lavar ainda. Aquilo era quase um milagre, se tratando de Jonathan e seus costumes fora do padrão.

Ele estava relaxado, leve. Poder ser o Jonathan sem precisar se preocupar em parecer esquisito ou coisa do tipo. Paula parecia ser o tipo de pessoa que não dava bola para suas maneiras exageradas. Ela nem comentou nada quando ele derrubou um talher no chão por acidente e passou um produto seu em todo o redor da mesa. Ela até ajudou ele. Era incrível demais tudo aquilo.

— Obrigada mesmo, Jonathan. — Novamente ela agradeceu, estava se achando repetitiva, mas realmente não sabia mais o que dizer. Só sua família que faria alguma coisa assim por ela. Se ligasse para seu irmão agora, ele daria um jeito de enviar dinheiro para ela o mais rápido o possível, tirando a própria comida dele se fosse a única opção.

— Não há de que, Paula. Minha casa estará a tua disposição, sempre que precisar. — Jonathan falou aquilo com o seu coração pulando para fora do seu peito.

Ainda queria passar mais um tempo ao lado de Paula. Nem ele sabia determinar a quantidade ainda, seria para sempre muito tempo?

Sabia que era uma loucura sem comparação. Mas não era isso que ele sentia falta de quando seu avô era vivo? Das loucuras que ele fazia e levava o neto junto? Jonathan sentia-se vivo em cada uma delas. Sentia o sangue correndo nas veias e o coração batendo forte no seu peito. Quase parecido com a sensação que estava tendo ao lado de Paula.

Porém ele se conteve. Era um passo muito além do que as pernas dele suportariam. E ele não poderia prever a reação dela para uma coisa sem sentidos daquela. Paula poderia estar sendo receptiva, mas isso não queria dizer absolutamente nada, principalmente, com os pensamentos dele. Jonathan apenas se conteve em puxar um lenço do seu bolso e abrir a porta do táxi para ela. Um

ato simples, mas que fez Paula sentir-se mais especial ainda.

Viu ela dizer o endereço ao motorista e fechou a porta.

— Ih, guria... — o taxista falou balançando a cabeça. — Não escutaram no rádio ou na TV? O acesso àquela região toda foi negado por uma batida da polícia num ponto de tráfico. Ninguém entra e nem sai de lá e nem tem hora para liberarem. Escuta só... — Ele mexeu no rádio do carro e um radialista anunciava os pontos da cidade trancados e sem previsão de retornar ao normal.

Paula escutou aquilo e ficou sem reação. Todas as ruas que davam acesso ao seu bairro estavam bloqueadas. Significando que não teria como voltar para casa àquela noite. Tudo estava perfeito demais para ela. Paula nunca conseguia aproveitar aquela felicidade plena na sua vida.

Um jantar perfeito com a volta para casa negada. Reta final da faculdade, mas com o trabalho exagerado e uma colega roubando seu dinheiro. A chegada de um sobrinho, mas a perda da irmã pós-parto por um erro médico. E a lista continuava....

Desceu do táxi um pouco desolada e pensando em qual alternativa teria para resolver aquilo. Sua chance de realmente passar a noite na estação de metrô poderia se concretizar em pouco tempo.

Jonathan ainda estava processando aquela situação. Conversou com o taxista que ele lhe explicou que realmente não poderia ajudar e foi embora em busca de outro passageiro. O acesso à região onde Paula residia estava totalmente trancado. Não tinha jeito mesmo.

Pelo visto Paula teria que ficar mais um tempo. Jonathan teve que se concentrar um pouco para não sorrir e deixar tão na cara que desejava que aquilo acontecesse. Talvez seu avô, de onde ele estivesse, mexeu alguns pauzinhos em favor do neto.

— Vamos voltar lá para dentro, está frio aqui. — Disse ao ver ela se abraçando para espantar o frio que congelava suas mãos.

— Preciso voltar para casa, Jonathan. Talvez se eu for de ônibus e pegasse o metrô...

— Não, Paula, não tem jeito, tu escutou o rádio dizendo que todas as linhas estão trancadas. Ninguém entra e ninguém sai daquela região da cidade. Vamos entrar senão congelaremos aqui.

Voltaram para o apartamento em silêncio. Jonathan, mesmo sabendo que não tinha jeito, ligou a televisão e colocou no canal de notícias da cidade. Imagens apareceram das vias fechadas, a polícia invadindo os locais e um repórter dizendo que o caos era demais, quem morasse na região se mantivesse

fechado dentro de casa ou que evitasse chegar perto das zonas atingidas.

Paula realmente não tinha escapatória. Suspirou e caminhou dentro do apartamento pensando no que poderia fazer. Realmente ela não tinha opção nenhuma.

— Acho que a Bia deixou uma muda de roupa aqui em casa. Ele e o Felipe passaram uma noite aqui quando o Kado estava palestrando em outra cidade e o apartamento estava sendo pintado.

Paula não conseguia entender o que Jonathan estava querendo dizer com aquilo tudo.

— Meu apartamento é pequeno, só para uma pessoa e com um quarto, mas acho que não vai ter problema em ficarmos aqui confortavelmente.

— Jonathan...?

Ele não esperava que aquela noite acabaria daquela forma. Na sua cabeça, tudo transcorreria conforme o plano. Após jantarem, Jonathan a levaria até o táxi e voltaria para casa para começar a limpeza do apartamento. Mas, pelo visto, seu plano haveria complicações.

Não que ele estivesse reclamando, só pelo fato de Paula passar a noite ali com ele, valeria qualquer desvio da ideia original. Paula dormiria com Jonathan e ele não poderia estar mais contente com isso.

Capítulo 24

— Tu vai dormir aqui comigo. — Jonathan respondeu calmamente.

Paula precisou piscar algumas vezes para entender completamente o que estava acontecendo naquele momento. Um jantar, para que ela não passasse mais fome era uma coisa, um exagero até, visto que Paula já tinha enfrentado outras vezes a mesma situação, mas passar a noite já era uma linha que ela não pretendia ultrapassar. Principalmente com Jonathan e assim tão rápido.

— Eu agradeço o jantar e a hospitalidade, Jonathan, mas realmente não é preciso se incomodar mais comigo. Talvez a situação tenha se resolvido e....

Novas imagens de helicópteros sobrevoando a região que Paula teria que passar para chegar em casa não era nenhum pouco convincente de que a situação melhorasse em breve.

Droga! Ela estava mesmo trancada ali, talvez mais do que os moradores daquela região afetada. Era claro que Paula não poderia se queixar, estava em segurança e não ao relento, mas parecia que quanto mais ela rezava, mais assombração aparecia na sua vida.

Tudo que ela queria era chegar em casa, no seu minúsculo quarto, pegar aquela garrafa PET velha, encher com água quente e colocar nos seus pés para dormir quentinha. Esquecer que estava passando por aquela situação e sendo tão assistida de perto por Bia, Ricardo e Jonathan. Acordar só quando o seu pagamento estivesse caído na sua conta e não precisasse de mais ajuda deles.

Ela não era uma mal-agradecida, longe disso. Só não gostava de ser os centros das atenções e nem causar mais transtorno que já tinha causado. Era óbvio que Jonathan mudou toda sua rotina para recebê-la no seu apartamento. Apesar dele ter sido um ótimo anfitrião, Paula sabia que estava invadindo um espaço muito pessoal. Provavelmente Jonathan desinfetaria toda a casa só por ela ter passado ali aquelas horas, quem dirá o que ele poderia fazer se ela passasse uma noite. Ela não queria dar tanto trabalho assim. Principalmente para ele.

Paula tinha notado o modo como Jonathan estava se esforçando, mas percebia os movimentos e olhares para tudo que ela fazia ou tocava. Conseguia sentir a dedicação dele e sabia que estava começando a forçar a barra além do necessário. A essa hora era para Paula estar quase em casa e Jonathan limpando o pequeno apartamento com todos os seus produtos disponíveis.

Mas não, ali estava ela, ilhada e atrapalhando mais do que o que gostaria. Aqueles minutos a sós com ele havia revelado à Paula um Jonathan completamente diferente do que ela estava acostumada. Divertido, compreensivo e uma pessoa além do que ela imaginava.

Era contagiante estar ao lado dele, sem ninguém por perto. Apenas os dois compartilhando uma refeição simples, mas feita com todo o capricho. Jonathan havia feito por Paula uma coisa incrível. Era impossível não ficar quase suspirando em saber que tudo aquilo era especialmente para ela.

Paula sempre teve os dois pés atrás em relação aos homens. Culpa de Paola e todas aquelas histórias que contou para a irmã dos seus relacionamentos fracassados e o amor nunca correspondido pelo melhor amigo de Paulo. E agora lá estava Paula, sendo o alvo da atenção de Jonathan por todo aquele tempo em que estavam ali. Não era Paola que dizia que homem nenhum fazia alguma para uma mulher sem outras intenções por trás?

Como ela poderia lembrar daqueles conselhos se Jonathan estava exatamente fazendo um jantar para ela sem nenhuma outra intenção? Realmente era impossível Paula conseguir lembrar de alguma coisa estando com Jonathan fazendo ela se sentir um pouco especial num momento tão conturbado.

E, além disso, Paula tinha a plena consciência de que Jonathan estava fazendo aquilo por ter um bom coração, não porque estava dando em cima dela. Não que Paula tivesse muitos pretendentes, ao optar em estudar teve que deixar muitas coisas para trás, inclusive festas e namorados. Mas ela não se arrependia. Bem pelo contrário, estava feliz com o pouco que tinha, ainda mais depois de uma noite como aquelas.

Contudo, achava que tudo ficaria melhor se a noite terminasse com ela em casa, e não presa ali. Deixando Jonathan e ela desconfortáveis com a situação. Era para ser apenas um jantar, nada além daquilo. Depois que as finanças escassas de Paula se estabilizasse o mínimo para ela manter três refeições aceitáveis, tudo voltaria ao normal, com ela sendo apenas a babá de Felipe quando Ricardo e Beatriz precisassem de seus serviços.

Nada de jantares e noites daquelas. Jonathan voltaria ao seu silêncio de sempre ao seu lado e tudo voltaria ao normal. Principalmente as ilusões de Paula, com o passar do tempo ela veria que Jonathan era simplesmente gentil e um coração generoso, nada além disso.

Paula acordou do seu devaneio momentâneo quando o decrepito telefone começou a tocar na sua bolsa. Paula catou ele no meio das suas coisas e atendeu rapidamente, nem adiantava olhar no visor quem era, pois ele não funcionava mesmo.

— P! Aonde tu está? — A voz de Paulo era de assustado ao extremo.

— Oi, Paulo....

— Me diz que tu está em casa ou em outro lugar, bem longe de toda essa

confusão que está passando na TV!

Jonathan percebeu Paula se afastando um pouco para falar ao telefone. Ele se retirou até o seu quarto dando a privacidade que ela precisava.

Precisou tomar uma respiração profunda para conter um pouco da excitação que estava sentindo. Nunca tinha ficado tão animado por receber uma pessoa em casa, e muito menos para passar a noite. A sorte era que Jonathan sempre foi muito precavido e sabia exatamente como lidar com aquela situação. Os anos convivendo com Beatriz o deixou preparado por completo.

Abriu a porta do seu guarda-roupa e achou exatamente o que procurava. Era claro que encontraria, todo seu armário era milimetricamente arrumado, Jonathan poderia procurar qualquer camiseta do seu arsenal no completo escuro e encontrar rapidamente. Um conjunto de pijama, novo, que Jonathan havia comprado para situações como aquelas. E também por estar cansado de emprestar seus pijamas para Bia, raramente eles voltavam. Adicionado com uma cueca nunca utilizada, ele sempre tinha algumas sobressalentes e devidamente limpas. Paula se sentiria confortável naquelas roupas. E enquanto dormisse, suas roupas que usava agora poderiam serem lavadas e secas para a manhã seguinte.

Realmente o plano perfeito.

Voltou para a sala, orgulhoso de si mesmo e Paula ainda continuava ao telefone.

— Boa noite para vocês. Eu também te amo.

E a frase foi como um banho de água gelada em toda aquela empolgação que Jonathan estava sentindo. Ele chegou a ter que se escorar em seu sofá para que Paula não percebesse o seu abalo. Ou assim ele pensava que conseguiria disfarçar.

Ela tinha um namorado, era isso? Apesar do que ela havia falado aquele dia do desmaio.

Bom, Jonathan não deveria ficar surpreso com tal detalhe. Paula era uma mulher diferente de todas que ele já havia conhecido. Além de causar aquele desconforto que ele ansiava, era linda, inteligente e bem diferente do recluso, esquisito e cheio de manias Jonathan. Era meio que esperado que ela tivesse alguém na sua vida. Alguém que não fazia o seu próprio sabão em pó, que não tinha um ritual para lavar a louça e muito menos um receio extremo de germes alheios. Não, o namorado de Paula não tinha medo nenhum daquelas coisas simples que Jonathan abominava.

Ele começou a sentir-se um pouco ridículo por ser quem ele era. Ridículo por ter mostrado a ela o seu apartamento, pequeno, extremamente limpo e

funcional. Ridículo por se encantar por cada palavra, sílaba e letra que ela falou e extremamente humilhante em convidá-la para passar a noite na sua casa, por mais que aquilo fosse uma necessidade e não um convite banal.

Dormir em uma cama com Jonathan era um pequeno caos. Bia já sabia todas as manias de Jonathan, e ignorava todas elas com maestria, nunca se sentiu incomodada por ele ser daquele jeito, já Paula provavelmente acharia tudo aquilo frescura demais e contaria para o seu namorado aos risos, sobre o dia que o professor de química, louco e maníaco, lhe emprestou um pijama lacrado, junto com uma cueca nunca usada e lavaria suas roupas com um composto dele para que ela tivesse o que vestir no outro dia.

Jonathan não era muito dado às opiniões sobre si, mas, depois de muitos anos convivendo com cada um dos seus métodos, ele sentiu-se um tremendo idiota. Cercado por uma bolha, criada por ele mesmo, que o impedia de ser banal, de ter uma vida normal, de sair na rua sem se preocupar em ser feliz, mesmo que respirando um ar poluído, encostando em pessoas, em coisas de uso comum e conhecendo outras pessoas como Paula. Alguém que fizesse o seu mundo parar de girar quando sorria, que lhe encantava de uma forma além do que ele poderia acreditar que fosse possível, uma pessoa além de todas as outras... Alguém como Paula...

Mas não, a sua realidade era outra, completamente diferente. Jonathan era o contrário de todas as pessoas normais que ambos conheciam. Ele carregava lenços nos bolsos, para não ter risco de se sujar, sempre tinha uma muda de roupa extra dentro do carro caso precisasse, tomava banhos quase escaldantes para tirar toda a sujeira do seu corpo e nunca havia beijado uma mulher, mesmo estando quase mais próximo dos quarenta do que dos trinta anos.

E, pelo visto, esse último item nunca iria sair da sua lista. Jonathan morreria sozinho, virgem e sem nunca conseguir saber o que é ter alguém nos seus braços.

Sua única consolação nessa vida era seus afilhados. Sofia, Felipe e o bebê que Liana ainda gestava. Aqueles sim eram o seu sinônimo de amor incondicional, sua pequena contribuição para o mundo, ensinando-os e os ajudando em tudo que precisassem. Jonathan era um ótimo padrinho e aquelas três pessoinhas eram o seu prêmio de consolação para todas as coisas que suas manias o privam.

Paula era um sonho muito utópico. Uma areia mais do que especial para o pequeno caminhão de Jonathan carregar. Onde ele estava com a sua cabeça ao supor que ela poderia querer alguma coisa com ele? O que ele estava imaginando ao supor de que aquelas horas em que passaram juntos haviam

mostrado para ela um Jonathan completamente diferente do que ele realmente era?

Talvez ele precisasse de mais um espelho em casa para se enxergar e colocar Paula ao lado dele para que finalmente percebesse que nunca teria chance alguma com ela. Nunca que Paula deixaria de olhar para Jonathan como o professor maluco de química e seus hábitos mais doidos ainda.

Capítulo 25

Paula desligou o seu telefone, ou assim ela pensava que tinha feito, pois o visor estava completamente apagado, e, quando olhou para Jonathan o encontrou olhando para o nada, de um jeito estranho.

Um olhar perdido, como se estivesse viajando dentro da sua própria cabeça, alheio a tudo que estava acontecendo ao seu redor, ou se alguém o observasse de perto. Aquilo durou alguns segundos, o tempo exato para que Paula não decidisse algo como jogar um pouco de água nele para acordá-lo.

— O pessoal lá de casa também está com a TV ligada — deu de ombros ligeiramente. — Minha mãe já estava pedindo para o meu irmão vir me buscar aqui.

Jonathan assentiu milimetricamente, concordando.

— Aposto que teu namorado já está no meio do caminho para cá. — Disse calmamente, mais do que pensava que conseguiria.

Paula sorriu e logo começou a rir.

— Não tenho namorado, Jonathan, o máximo um irmão ciumento e uma mãe devota a todos os santos que deve uma vela para cada um nesse momento.

Alívio.

Jonathan sentiu uma espécie de arrepio descer sua coluna e se espalhar pelo resto do seu corpo, em especial em um certo músculo incansável que trabalhava o dia todo alimentando suas células. Seu coração parecia que tinha recebido uma dose extra de sangue com algum tipo de composto químico que acalmou seus nervos instantaneamente.

Então ela não tinha namorado. Aquilo era um bom sinal, não era? Tudo parecia crer que sim, mas mudava algum daqueles fatos que Jonathan estava pensando a segundos atrás?

Nenhum pouco.

A realidade era dura e significativa. Jonathan não podia ter esperanças para aquilo que ele nem sabia o que era. Namoro com Paula? Nem pensar... Ela merecia alguém que beijasse o chão por onde ela andasse. Jonathan o máximo que conseguiria fazer era passar uma vassoura seguido por um pano embebido com desinfetante.

— Bom, — ele limpou a garganta, com medo que a voz falhasse — já que não tem nenhum irmão ou namorado vindo para cá te resgatar, podemos começar a nos arrumarmos para dormir?

E na confusão toda dos seus sentimentos, e a ligação de Paulo, preocupado

com a segurança dela e se certificando de que não precisava vir para a capital buscá-la, Paula esqueceu-se completamente de que Jonathan estava com todos os preparativos para que ela passasse a noite com ele.

— Se não for incômodo demais, — continuou ele — tenho um pijama novo que deixo aqui de prontidão para a Bia e roupa de baixo que nunca usei, para emergências como essas. Posso lavar as tuas roupas para que amanhã elas amanheçam limpas e secas.

— Jonathan.... — Ela tentou formular algum plano que não envolvesse ela dormir ali, aquilo já seria demais!

Sua cabeça estava a mil. Toda aquela atenção e devoção de Jonathan realmente estava mexendo com a sua autoestima de uma forma arrasadora. Ela não sabia se conseguiria se safar dali sem algum dano permanente. Já pensou se ela acordasse e percebesse que nunca esqueceria aquilo e começasse a fantasiar sobre outras coisas com Jonathan? Como ela conseguiria lidar com mais aquilo? Era uma preocupação, ilusão, que ela gostaria de não incluir nos seus pensamentos antes de dormir para o resto da sua vida.

Contudo, sabia que não tinha escapatória, estava presa, literalmente, dentro daquele apartamento com ele. Na companhia dele. Sendo o alvo de toda aquela atenção e dedicação de Jonathan. Paula sabia que seus sentimentos não sobreviveriam, e não tinha nenhuma escolha. Principalmente quando ele a olhava com aqueles olhos azuis gigantes e uma carinha de cachorro abandonado na chuva.

— Acho que eu não tenho escolha, não é? — Ela tentou dar um meio sorriso, mas falhou, para a sanidade de Jonathan continuar intacta.

— Vou te deixar à vontade no banheiro. Tenho uma escova de dentes sobrando também, vou te acompanhar até lá e te mostrar.

Jonathan a mostrou onde estava tudo e a deixou sozinha para tomar um banho e relaxar um pouco. Ela não sabia que estava precisando de um bom banho quente até a água atingir o seu corpo e começar a relaxar. Realmente um bom banho quente aliviava as tensões e desanuviava um pouco a cabeça.

Jonathan percebeu que tinha pouquíssimo tempo para conseguir limpar aquela cozinha para o mínimo aceitável aos seus padrões. Colocou a água para esquentar e lavou a louça três vezes antes de esquentar tudo com água fervente. Provavelmente teria que refazer o processo amanhã, pois não teria tempo para guardá-las naquele momento, e acabou no momento certo em que Paula apareceu na cozinha, segurando suas roupas.

— Eu poderia lavar enquanto tu tomava banho — disse ao não notar que

ele estava quase cansado ao fazer aquilo tão rápido para que ela não percebesse todo o trabalho que ele fez para concluir uma tarefa tão simples. E ele esperava que ela dormisse antes que ele acabasse de tomar o seu banho.

— Não foi nada. — Disse com um pequeno sorriso no rosto. — Vejo que o pijama ficou um pouco grande. A Bia é mais alta.

— E tem mais corpo que eu também. Mas está ótimo. Tudo está perfeito. Onde posso deixar a minha roupa?

Jonathan mostrou para ela a máquina e a programou para lavagem e secagem automática. Ao acordarem a roupa dela estaria limpa e seca.

Paula estava um pouco receosa ao entrar no quarto de Jonathan, um ambiente quase estéril, sem brincadeiras à parte. Eles arrumaram a cama e Paula deitou logo após ele sair para tomar o seu banho.

Sentiu-se uma princesa na cama macia e os cobertores quentes envolvendo o seu corpo. Nunca tinha dormido com tanto conforto como dormiria aquela noite. O frio estava grande lá fora, mas ali Paula estava aquecida, em todos os sentidos da palavra. Tanto seu corpo físico como a sua alma e seus sentimentos. Nada de uma garrafa de PET velha nos seus pés para aquecê-los junto com aquele cobertor antigo e comprado em um brechó, que Paula já teve que remendar algumas vezes.

Nem percebeu que estava com tanto sono e dormiu bem antes de Jonathan voltar para o quarto e observar a sua cama com outra pessoa ocupando o outro lado. E pasmem, não era Beatriz ou Felipe quem estava ali, era Paula. Estaria ele dormindo e sonhando?

Jonathan sorriu. Era utópico demais para ser verdade, apesar de ser apenas um imprevisto. Não era para ele estar tão feliz com uma parte da cidade fechada e com pessoas correndo risco de vida. Mas ele não podia evitar, aquele sentimento, em seu peito enchendo de ansiedade, medo e um misto de alegria fazia um bem danado para a alma dele. Um bem que ele nem sabia que ainda poderia sentir depois da morte de seu avô.

Deitou ao lado dela, com cuidado, e percebeu ela se mexer de leve. Lembrou de Ricardo dizendo que tinha um medo horrível de ver Beatriz dormindo ao seu lado, receio que pegou depois dos dias em coma pós o nascimento de Felipe. Mas ali estava Jonathan, um pouco encantado com Paula, observando ela dormir ao seu lado. Precisou se controlar para que ela não acordasse e pesasse que ele fosse algum tipo de maníaco que estava pensando em diversas formas de acabar com a vida dela.

Deitou no seu travesseiro, respirou fundo e fechou os olhos. Ainda

suprimindo um sorriso e um pouco feliz ao saber que quando acordasse, ela ainda estaria ali.

Se fosse um sonho, que ele não acordasse tão cedo então, pelo menos nos seus sonhos Paula estava ali e poderia ficar o tempo todo em que ele dormisse. Era uma coisa que não aconteceria caso ambos estivessem acordados.

Capítulo 26

Jonathan se virou na cama e sentiu um cheiro diferente. Se fosse em um dia comum da sua vida totalmente programática, teria se levantado na mesma hora e investigado de onde tinha vindo o cheiro. Retiraria toda a roupa de cama, colocaria tudo dentro da máquina e a ligaria o mais rápido possível. Talvez até isolasse o seu quarto e o colocasse em quarentena até conseguir desinfetar tudo.

Mas esse não era o caso.

Jonathan enfiou o nariz no travesseiro ao seu lado e voltou a sonhar com alguém, sorrindo para ele de uma forma que o fazia sentir-se feliz. Era estranho sentir alguma coisa em um sonho, mas lá estava Jonathan, com a sensação de um dia de sol quente esquentando sua pele e seu corpo por dentro. Sentindo o coração bater forte no seu peito e ampliando ainda mais a sensação de estar aquecido. Era o paraíso que ele nem imaginava que existia.

Gemeu ao escutar o barulho do seu despertador e tentou voltar para o seu sonho perfeito. E se decepcionou quando não conseguiu.

Se endireitou na cama, passou a mão pelos olhos, para se habituar ao sol que já entrava pela janela do quarto e sentiu a barba de dois dias deixar o seu rosto áspero. Precisava se levantar, tomar um banho e fazer a barba antes de começar o seu dia. Mas antes....

O cheiro diferente o atacou de novo. Jonathan deu um pulo na sua cama ao se lembrar que Paula deveria estar ali, deitada ao seu lado, dormindo calmamente, ou acordando pelo barulho do despertador irritante que Jonathan mantinha ao lado da sua cama. Já era de propósito aquele som estridente, para que ele realmente levantasse e o desligasse por completo.

Jonathan olhou ao seu redor e o quarto estava vazio. Nenhum sinal de Paula pelo cômodo. Calou seus pensamentos, para ver se aguçava a audição, e escutava alguma coisa do banheiro ou cozinha, mas só escutou o mais absoluto silêncio. Alguma coisa estava estranha.

Ele dormiu à noite toda como uma pedra, depois de ter ficado observando Paula dormir ao seu lado. Além de estar cansado, depois de toda aquela preparação e inúmeros pensamentos do que poderia acontecer, em vão, pois saiu tudo melhor do que ele poderia esperar, adormeceu rapidamente de tão exausto. Nem percebeu a presença de Paula ao seu lado, uma grande coisa já que Bia ou Felipe se mexiam a noite toda e o acordavam a cada cinco minutos.

Levantou rápido e foi em direção à cozinha, ainda com algum fio de esperança que ela estivesse por ali. E com a questionamento de onde ela havia se enfiado, ou como tinha aprendido a ser tão silenciosa. Chegou até a cozinha e a

encontrou da mesma forma como a deixou na noite passada, completamente imaculada de tão limpa. A única coisa que destoava a perfeição, e tudo milimetricamente no seu devido lugar, era um *post-it* amarelo grudado na sua geladeira branca.

Caminhou até lá e leu o bilhete feito às pressas e colado um pouco torto.

Obrigada pela noite e pela hospedagem.

Desculpa alguma coisa.

P.

Jonathan destacou o pequeno bilhete e analisou cada uma daquelas letras, pequenas e bem desenhadas no papel. Ele seria um professor feliz se todos os seus alunos tivessem uma letra tão bonita como a de Paula. Os garranchos que recebia de alguns alunos não eram nem dignos de serem chamados de letra, mas a que estava naquele papel amarelo, colado na porta da sua geladeira era quase uma obra de arte.

Jonathan se pegou sorrindo por um bom tempo, imaginando Paula escrevendo aquilo às pressas, tanto tempo que acabou quase perdendo o horário e teve que se barbear às pressas chegando até a se cortar.

— Paula te atacou? — Bia questionou ao ver o pequeno corte na bochecha de Jonathan na hora do almoço.

— Não. Eu me cortei enquanto me barbeava hoje. Sangrei horrores, quase pensei que precisasse de pontos. — Jonathan largou sua bolsa em uma cadeira vazia, começou a limpar a outra e sentou em frente de Bia.

Começou a arrumar as suas coisas nem percebendo o olhar incisivo de Beatriz em sua direção, só percebeu quando ela começou a estalar os dedos na sua frente.

— O que foi?

— Como assim o que foi? Ela conheceu teu apartamento, não me ligou no meio do jantar, escondida no banheiro para eu buscá-la e tu chega cortado aqui. Não sou burra e sei ligar os pontos. Desembucha, Jonh!

— Desembuchar o que? — Liana colocou sua bandeja com seu almoço ao lado de Jonathan e sentou-se. — O que o Jonathan aprontou dessa vez? Espero que não tenha colocado fogo no seu apartamento de novo ou quase morrido intoxicado por alguma experiência que deu errado.

— Minha experiência não deu errado, eu que confundi os componentes e...

— E quase morreu envenenado. — Liana completou a frase.

— Acidentes acontecem... — Ele deu os ombros de leve.

— E quase matam — Bia se intrometeu e resolveu acabar com o assunto, se virou para Liana, que estava na capital para fazer alguns exames e resolveu almoçar na lanchonete da faculdade em que eles trabalhavam. — Jonathan estava em um encontro com a Paula ontem à noite. — Revelou, fazendo com que Liana olhasse para Jonathan.

— Encontro, é? E isso aí é um arranhão dela depois que tu jogou ela na cama deixou ela usar e abusar do teu corpo? Deixou ela lamber as tuas tatuagens com leite condensado e outras coisas a mais? Por experiência própria eu recomendo.

Jonathan arregalou aqueles olhos azuis para Liana sem conseguir quase compreender o que ela estava falando. A sorte que ele era muito ingênuo para certas coisas e ainda não tinha gerado imagens para aquela situação.

— Hormônios da gravidez... — Bia suspirou, com uma lembrança distante. — Quase matei o Kado uma vez e...

— Estou almoçando aqui — Liana apontou para o seu prato — realmente não quero estragar ele com historinhas tua e do meu irmão.

— O que tem eu? — Ricardo apareceu do nada e olhou para Jonathan. — O que vocês duas fizeram com ele, — apontou para Jonathan, ainda processando aquelas palavras de Liana. Lamber, tatuagem e leite condensado — parece aquele piripaque do Chaves. Inácio imitava direitinho.

— Devo jogar água nele? — Liana pegou o seu copo cheio e foi interrompida por Bia. As duas travaram uma disputa pelo olhar, mas Bia tinha a vantagem de ser mãe e saber como ganhar uma disputa com o olhar como ninguém, Liana ainda iria aprender aqueles truques com o tempo.

— Ninguém vai jogar água em mim — Jonathan se recuperou do choque inicial e se arrumou na cadeira. — Estou bem. — Respirou fundo e sentiu o bilhete de Paula no seu bolso da calça. Esteve a manhã toda junto ao seu corpo, quase que pesando bem mais do que deveria. Todo o movimento que ele fazia, sentia ele ali.

— Ok, agora estamos todos aqui, pode contar o que acontecer no jantar com todas as palavras. — Bia o incentivou com um olhar amigável. Jonathan não percebeu a armadilha dela e acabou caindo uma presa fácil e indefesa. Apenas esperando o bote do seu predador.

Narrou toda a história da noite passada para os três enquanto almoçavam. Liana queria mais detalhes e colocava alguns mais picantes, fazendo com que Bia risse e Ricardo mandasse ela ficar calada. Bia era a mais atenta, observando todas as palavras de Jonathan e pedindo explicações mais aprofundadas em

alguns pontos da história. Quase uma sentiu-se em uma banca examinadora de uma tese, de tantas perguntas que Bia fazia, mas respondeu elas com toda a sinceridade e inocência que aquele corpo possuía.

— Vocês jantaram, riram, conversaram, tu pensou que ela tinha um namorado, que no fim era irmão, ela dormiu ao teu lado e não rolou nenhum beijo? E tu ainda tem a cara de pau de dizer que não entendeu o porquê ela foi embora deixando só um bilhete?

— Liana! — Ricardo olhou para a irmã pedindo que ela parasse, ou diminuísse um pouco do ritmo. Às vezes parecia que ela esquecia com quem estava lidando.

— Que foi? O retardado é o Jonathan, não a Paula. Matz me disse que achou ela bem gostosinha, se ela não fosse dele — apontou para Jonathan — eu apoiaria ele a dar em cima dela. Pelo menos assim ele sairia do meu pé.

— Tu está grávida dele. — Kado disse afirmativo e um pouco questionador.

— Sim, e era esse o plano. Ficar grávida e depois abrímos o bar. Não estava incluso todo o ramo sentimental que ele estar querendo me enfiar goela abaixo. Deixei isso bem claro para ele. Queria o corpo dele para usar quando eu quisesse até ficar grávida. Depois o único envolvimento que teríamos é na criação dela e no bar. Nada além disso.

Ricardo conhecia a irmã desde que nascia, mas às vezes tinha a impressão que um outro ser assumia o corpo dela. Principalmente quando ela dizia coisas como aquelas. Kado era um paciente psiquiátrico desde os 16 anos, dependente de remédios para toda a sua vida, confuso com seus sentimentos e mais outros diagnósticos que Miguel adorava enfeitar, mas mesmo com todos os seus problemas, nunca conseguiu compreender como a irmã pensava. Talvez a louca da família Chiarelli fosse ela e não ele.

— Que seja, — Bia, sabendo da personalidade da amiga de infância e de como o marido se perturbava à toa com isso, apaziguou os ânimos. Voltou a sua atenção para Jonathan, era ele que importava naquele momento. — Adorei a noite de vocês, John. Não dá bola para o que a Li fala, são hormônios da gravidez.

Jonathan deu um breve sorriso, Bia ainda era a sua amiga favorita, ela entendia o que se passava com ele e não o julgava ou forçava a barra, como Liana.

— Eu acho que hoje é dia de folga da Paula, não é? — Jonathan confirmou com um aceno de cabeça. — Não vamos ver ela hoje, mas amanhã eu almoço

com ela aqui e vejo quais as impressões dela sobre o jantar e posso questionar sobre a saída à francesa dela.

— Não precisa, Bia. — Jonathan se apressou em dizer. — Foi só um jantar inofensivo e que acabou daquela forma por cauda da barricada policial. Se tivesse acontecido com qualquer outra pessoa o desfecho seria o mesmo. Ela é uma boa amiga e uma surpresa para mim, pensei que na idade que estou, não faria mais amigos.

Errado, pensou Bia.

Assim como conhecia seu marido e todas as suas facetas, desde o físico apaixonado pela sua profissão, ao pai e marido dedicado a sua família e também ao depressivo com tendências suicidas, Bia também conhecia Jonathan. Ele, assim como Ricardo, eram peças únicas de um jogo especial que a grande maioria das pessoas não conseguiriam jogar por não entenderem as regras especiais que ambos tinham.

Porém ela era uma jogadora nata. Sabia de todas as jogadas e atalhos para encurralar outro jogador. Bia via, no fundo dos olhos azuis de Jonathan o que ele gostaria. Sabia também que ele nunca admitiria. Jonathan era dedicado demais a sua aparência e seus princípios básicos, e nunca falaria que estava interessado em Paula. E Bia tinha quase certeza que a palavra “interessado” nem se enquadrava na descrição do caso em si. Jonathan estava diferente, um brilho no olhar, além do que ele tinha quando via os afilhados.

Bia estava louca para dar um nome para aquilo que via nele. Era parte de uma promessa que havia feito anos atrás, quando ainda estava grávida de Felipe e ajudou ele a realizar um dos seus maiores sonhos. De tatuar asas de anjo nas suas costas, o sorriso de felicidade que recebeu de Jonathan ao ver o trabalho finalizado era o que ela queria para o amigo para o resto da sua vida.

Ela faria aquilo acontecer. De uma forma ou outra, Jonathan seria uma pessoa feliz.

Capítulo 27

Paula arrumou o fone de ouvido no seu lugar e voltou a colocar um travesseiro em cima da cabeça. Nem isso era capaz de amenizar o som de sua colega de quarto “trabalhando”. Paula estava cansada, havia passado o dia inteiro no depósito da livraria e repondo estoque. O trabalho mais exaustivo de todos, e claro que o seu gerente a escalou para aquilo. Havia deixado de ir a um dos grupos de estudos à tarde para terminar o trabalho de repor tudo.

Só conseguiu passar na faculdade no início da noite para assistir uma aula cansativa e nada produtiva. Se os professores soubessem o esforço que alguns alunos fazem para assistir certas aulas, com certeza repensariam seus planos. Paula detestava quando gastava passagens sem necessidade nenhuma. Dinheiro colocado fora, literalmente. Enquanto seus colegas comemoravam a folga, ela pensava no que poderia fazer com aquele dinheiro, e o tempo, gasto para nada.

Seu estômago roncou quando passou perto da lanchonete. Tentou seguir em frente, mas não conseguiu. Precisava comer alguma coisa e sabia que não iria encontrar nada em casa. Se cobriu de coragem e anotou o valor na conta de Bia, depois ela avisaria e pagaria quando seu salário saísse.

Bateu os dentes de frio e com as mãos dentro do seu casaco salvador, tomou um ônibus e depois o metrô. Por sorte toda aquela confusão havia se dissipado por completo. Todas as vias e passagens estavam liberadas, como se nada tivesse acontecido.

Porém, para Paula, muitas coisas haviam acontecido com ela.

Ela ainda estava um pouco anestesiada com o que tinha ocorrido. Dormir ao lado de Jonathan, depois dele ter feito tantas coisas por ela tinha sido magnífico. Teoricamente, ela havia deitado e dormido mesmo, de uma forma que ela desconfiava que só crianças conseguiam dormir. Relaxada, alimentada, aquecida e protegida. A última vez que tinha se sentido assim, Paola ainda era viva e a fazia sentir-se bem consigo mesmo só pelo fato de estar ao lado de Paula.

Sua infância, antes de ser adotada, era muito obscura na sua mente. E sua mãe sempre dizia que não era bom visitar o passado com a curiosidade que Paula tinha para a sua idade com sua família biológica. Ela conseguiu entrar em mais detalhes, até porque sua mãe se negava e seus irmãos não sabiam de nada além do que Paula já conhecia. Com o passar dos anos, acabou esquecendo de onde veio e aceitado o fato. Tinha todo o amor e carinho com sua nova família e não precisava de mais nada.

Contudo, apesar de ter todo o suporte emocional e amoroso, a família de

Paula nunca foi abastada o suficiente para preencher todas as lacunas de coisas consideradas básicas. Roupas eram sempre doadas de boa vontade por outros, pouca comida para eles, sempre dividida entre todos e muito trabalho. Paulo, Paola e Paula nunca reclamaram pelos trabalhos que faziam. Limpar casas, capinar pátios ou qualquer outro trabalho que rendesse um pão a mais na mesa deles. Até mesmo depois que Paulo passou em um concurso público e investiu o pouco que tinha na sua pequena sorveteria caseira, eles nunca reclamaram por trabalhar, davam graças aos céus por mais um dia de trabalho e a certeza de terem comida em casa.

O frio sempre foi um inimigo de Paula. Por ser pequena e magra demais, recorrente de algumas anemias quando menor, o frio sempre a castigou mais do que seus irmãos. Sua mãe que a ensinou o truque de colocar água quente nos pés dentro de uma garrafa PET para aquecê-la durante a noite, e pular para a cama de Paola era tão comum quanto escovar os dentes todas as noites. Sua irmã sempre reclamava do nariz gelado de Paula encostando em alguma parte dela.

Paula lembrava com carinho a última vez que se esgueirou para a cama da irmã e sorriu ao escutar ela dizer que arrancaria o nariz gelado de Paula. Foi na última noite antes de Pietro nascer, a última que Paula teria ao lado da irmã. Se soubesse que seria a última, não teria saído do lado dela na outra manhã e esfregaria mais o seu nariz gelado nela, para nunca mais esquecer do cheiro da irmã. Aquela era uma das memórias de uma época em que Paula era realmente feliz, morando com sua família e com todos ao seu redor, ansiosos pela chegada de Pietro, que prometia aumentar mais ainda aquela felicidade.

Acordou cedo naquela manhã, bem mais cedo do que realmente acordaria em um dia de folga. Um pouco desorientada por estranhar a casa e a plenitude que pairava em cima de si mesma. Era estranho e ao mesmo tempo aconchegante. Sentiu uma sensação diferente, além do calor que seu corpo emanava. Aquele por si só já era um fato estranho, geralmente acordava já fria, com a água sem o seu calor que havia no início da noite, mãos congeladas e a ponta do nariz mais fria que uma pedra de gelo. E, por mais incrível que parecia, Paula estava sentindo todos os dedos e algo a mais em contato com a sua pele.

Jonathan estava deitado de bruços, a boca um pouco aberta e com a camisa do pijama levemente levantada, revelando alguns traços da sua tatuagem. Paula achou interessante que Jonathan, o certinho professor de química, germofóbico e outros TOC's, tinha uma tatuagem. Um ato de rebeldia?

Mas nada se comparava ao fato do braço dele repousando em cima da cintura de Paula, com a mão espalmada direto sobre a sua pele. Um toque delicado e presente. Ela nunca imaginou que aquilo poderia acontecer, que ele se

mexeria na cama a ponto de encostar nela daquela forma.

Suprimiu um sorriso e sentiu o seu corpo aquecido de uma forma diferente. Além do calor necessário para a sobrevivência. Era diferente, Paula podia sentir seu coração batendo ali naquele pequeno encontro de pele que estava sentindo.

Estudou o semblante descansado e vulnerável de Jonathan por alguns instantes. Realmente era uma cena bonita de se ver. Era como se um anjo, dos olhos azuis e os cabelos loiros tivesse descido à Terra e aterrissado perto de Paula. Sentia-se protegida e aquecida do lado dele. E não era esse o papel dos anjos?

Saiu da cama alguns minutos depois. Tudo que era bom um dia chegava ao fim, e aquele sonho de princesa para Paula havia terminado. Ela precisava sair dali urgentemente. Tinha muito o que fazer em casa para aproveitar a folga do trabalho e faculdade e colocar algumas coisas em ordem. Tinha que estudar um pouco e ler mais alguns textos para um trabalho. Não podia ficar ali, vendo o seu anjo particular dormir e esquecer da sua pobre e simples vida.

Sentiu uma pontada no seu coração ao se vestir, pegou suas roupas limpas e as vestiu rapidamente. Respirou fundo ao escrever aquele bilhete rápido, agradecendo a hospitalidade e se desculpando por alguma coisa. Precisava fazer aquilo, Jonathan havia feito tanto por ela, mudando toda a sua rotina, seus hábitos por causa dela. Ele não precisava ter todo aquele trabalho. Paula tinha certeza de que ela nem valia tanto assim.

Saiu do apartamento e sorriu para o gentil porteiro que abriu as portas para ela sair daquele palácio que Jonathan vivia. Já era agradecia apenas por conhecer aquele prédio, uma beldade arquitetônica, ainda mais banhada pela luz do sol, quem dirá por conhecer suas dependências.

Demorou um pouco mais para encontrar o caminho de casa e chegou no seu pequeno apartamento decrepito no meio da manhã. Suas roupas ainda exalavam o cheiro do sabão em pó de Jonathan e por alguns instantes cogitou tirá-las para preservar o cheiro, recordações daquela noite de princesa nas asas de anjo, mas o frio sempre falava mais alto.

Passou o dia tentando se esquecer daqueles detalhes. Do olhar de Jonathan nela, do modo como ele sorria quando ela tentava fazer alguma piada, do jeito como ele se inclinava para frente para escutar tudo que ela falava, do interesse nos assuntos sem graça que ela falava, ou até mesmo da forma que ele pronunciava as palavras. Paula sabia que tinha sido um erro fatal aceitar aquilo tudo, havia se iludido demais. Jonathan era um sonho muito, muito e muito distante dela. E só sobrava as lembranças daquelas horas para a sua recordação.

E elas deveriam de bastar.

A vida de Paula já era uma complicação só, ela não precisava de uma loira e de olhos azuis que focavam nos seus, a fazendo perder a linha de raciocínio por alguns segundos. Precisava focar nos seus estudos, faltava tão pouco para o tão sonhado canudo! E a possível oferta de ficar para uma especialização com bolsa integral? Aquilo era um tão impossível que ainda nem passava na cabeça de Paula, mas deveria, pois precisava decidir o que faria da sua vida. Se continuava na capital, com muitas dificuldades e desafios diários colocando a prova sua vontade de vencer na vida, ou voltava para casa e ajudava seu irmão a terminar de criar Pietro, ajudar sua mãe e a formar Pauline. Precisava bater sua meta na livraria para ganhar um bônus mínimo, mas que ajudava nas finanças. Descobrir um lugar novo para esconder seu dinheiro para sua colega de quarto não roubar. Se alimentar melhor. Não congelar no frio da cidade e chegar ao final do ano com o diploma na mão. Os pensamentos em Jonathan não eram nenhum grão de areia na imensidão da praia de coisas que Paula tinha que resolver.

O problema é que um grão de areia no local errado pode ser muito incômodo.

Paula tirou o travesseiro de cima da cabeça e os fones de ouvido. Parecia que sua colega de quarto tinha encerrado com mais um cliente. Saiu da cama e pegou o seu PET velho para enchê-lo de água quente. Se ganhasse o bônus da livraria, podia comprar uma bolsa térmica decente, ou pelo menos mudar o PET antes que aquele estourasse e molhasse sua cama. Colocou água para esquentar na chaleira e ouviu alguma coisa mugir à distância. Provavelmente seu celular estava perdendo a capacidade até de tocar e só grania seus últimos toques.

Imaginando que fosse seu irmão, Paula atendeu descontraída.

— É... Oi, é o Jonathan...

E o grão de areia no lugar errado atacava novamente.

Capítulo 28

Jonathan estava deitado na sua cama, com o telefone no ouvido e esperando alguma resposta dela.

Ela, a mulher que invadiu seus pensamentos durante aqueles dias. Ela que havia deixado um cheiro diferente na sua roupa de cama, aquela que Jonathan ainda não tinha criado coragem para lavar. O travesseiro era o que tinha o cheiro mais forte. O mesmo que estava servindo com um tipo de sonífero extremamente potente. O que fazia ele dormir num piscar de olhos e imediatamente entrar em um mundo diferente, com sonhos mais vívidos e a presença constante de uma sensação de paz no seu corpo.

Jonathan havia passado o dia apreensivo, esperando alguma notícia de Paula. E quando questionou Bia, se ela tinha aparecido na faculdade ao local de sempre na lanchonete, ficou bem decepcionado com a resposta da amiga. E muito preocupado.

Disse para si mesmo, diversas vezes, que ela estava bem. Provavelmente estudando ou trabalhando na livraria do shopping. Segura e sem passar por nenhum problema aparente. Se precisasse de alguma coisa ela ligaria, não era?

Era claro que aquele questionamento não trouxe nenhum alívio a Jonathan. Bem pelo contrário, já poderia dizer que conhecia Paula bem o suficiente para ter a certeza de que ela não ligaria para ninguém se precisasse de alguma coisa. Enfrentaria tudo como uma autossuficiente, mas será que conseguiria? E se ela desmaiasse de fome em algum lugar do trajeto dela de casa para o trabalho e ninguém soubesse quem avisar? Ou se fosse assaltada, por andar pulando de ônibus em ônibus e de estação em estação de metrô? Ela teria outro lugar de onde tirar mais uma passagem para voltar para casa?

Os questionamentos continuaram até um aluno perguntar alguma coisa no meio da aula e Jonathan perceber que nem sabia o que estava fazendo em sala de aula, quem dirá explicando o que o aluno queria saber.

Chegou em casa ainda com a pulga atrás da orelha, blasfêmia à parte. Tentou corrigir algumas provas acumuladas, passar notas fechadas para o sistema da faculdade que tinha no seu computador, mas em vão. Sua mente estava focada em Paula, na sua segurança, de como ela estaria naquele momento, se tinha comido alguma coisa e se havia acontecido alguma coisa para não a ver na faculdade.

Chegar no refeitório e não encontrar ela sentada naquele canto de sempre, era um dia sem sol. Frio e triste.

Tomou um banho, para ver se conseguia relaxar um pouco e resolveu se

preparar para dormir. Vestiu seu pijama e quando deitou a cabeça no seu travesseiro, sentiu o cheiro que Paula havia deixado naquela ocasião distinta. O cheiro não estava mais tão forte como no primeiro dia, mas ainda haviam resquícios, e só em entrar em contato com ele, Jonathan quase entrou em colapso.

Não conseguiu se segurar, quando percebeu, estava procurando o número do telefone de Paula, aquele mesmo que havia pegado enquanto Bia não monitorava o seu celular. Não era nada de mais, apenas por precaução, disse para si mesmo enquanto desbloqueava a tela e procurava o número na agenda. Vá que um dia Bia precisasse que Jonathan entrasse em contato com Paula para saber alguma coisa de Felipe?

Ou ele entrasse em parafuso total depois de dormir ao lado dela, não conseguisse trocar os lençóis por causa do cheiro que ficou e não tinha notícias nenhuma de Paula por quase dois dias inteiros?

Nunca podemos subestimar o que pode acontecer com a gente, não é?

Ligou e quando escutou a voz dela, alegre do outro lado da linha, quase teve um pequeno descarga de adrenalina no seu corpo. Por um instante não havia nada que Jonathan não pudesse enfrentar, se tornou invencível e poderia enfrentar qualquer por ela.

— Oi, Jonathan....

Aquelas simples palavras e escutar a voz dela teve um efeito instantâneo em Jonathan. Era como se tivesse tirado um enorme peso das suas costas. O alívio de saber que, aparentemente, ela estava bem, não havia desmaiado de fome e estava em algum hospital sem saberem a sua identidade, ou que havia sido roubada e vagava pela cidade sem saber por onde estava. Jonathan percebeu que aquelas duas hipóteses eram praticamente absurdas demais para acontecer, mas na hora do desespero, até programas de rádio contando histórias de invasão alienígena se tornava realidade.

— Está tudo bem? — Ela questionou com uma voz tão doce que Jonathan não conseguiu segurar o sorriso, mesmo estando no seu quarto, no breu quase total.

— Sim... Eu... eu — ele suspirou e abriu um pouco do seu coração — eu fiquei preocupado, só isso. Tu saiu e me deixou dormindo, aquele bilhete.... — que estava dentro do seu armário da faculdade, sempre que a abria enxergava ele. E nos últimos dias ele tinha esquecido bastante de pegar alguma coisa por lá. — Depois ninguém mais te viu na faculdade. Fiquei.... Ficamos preocupados.

Ele escutou o pequeno riso dela, e seu coração chegou a dar uma

palpitada a mais.

— Está tudo bem comigo, Jonathan. — Ela suspirou. Jonathan não poderia ver, mas Paula estava sorrindo para o nada e de uma forma que fazia muito tempo que ela não conseguia. — Eu fiquei trabalhando a mais na livraria, só isso. Aproveitei que estava em dia com as coisas da faculdade e me dediquei mais ao trabalho. — Omitiu a verdade que era bater a sua meta mais cedo no mês para receber um bom bônus.

Jonathan, do outro lado da linha, sentiu-se mais aliviado em escutar aquilo. Realmente Paula estava bem, tudo estava ok e ele poderia descansar em paz. Ou simplesmente se agarrar naquele travesseiro e se embriagar com o resto do cheiro que ainda tinha ali.

Conversaram sobre mais algumas coisas. Jonathan queria saber se a área dela já estava completamente liberada e sem perigo algum. Paula respondeu que tudo estava na santa paz. Poderia sair no alto da madrugada que nem seria importunada, Jonathan pediu, quase suplicou, para que ela não fizesse aquilo. Ou se precisasse sair, que ligasse para ele que ele mesmo iria buscá-la ou mandaria um táxi. Paula sentiu-se um pouco acima das nuvens com aqueles gestos que Jonathan faria por ela. Qual seria o único homem, naquela selva de cidade, que deixaria tudo para buscá-la no meio do nada? Só seu irmão mesmo....

Era naqueles pequenos detalhes que Jonathan se tornava o grão de areia no lugar errado para Paula. Conseguir se livrar dele era complicado, ainda mais sozinha naquela cidade há tanto tempo sozinha. Havia dias que tudo que Paula queria era alguém com quem pudesse contar ali, perto dela e que a escutasse ou dissesse as coisas que ela precisava ouvir. Como Jonathan estava fazendo naquele momento.

— Vamos jantar amanhã? — Jonathan falou antes mesmo de conseguir raciocinar com mais clareza, além daquela nuvem de sentimentos estranhos que Paula causava nele.

Paula fechou os olhos. Aquilo não estava indo rápido demais? E para onde realmente estavam indo? Paula sabia que Jonathan era um amor de pessoa, mas até onde eles chegariam com aquela história toda? Provavelmente Paula com um coração partido e esmigalhado por uma ilusão idiota que alguém como ele poderia se apaixonar pela guria pobre, morta de fome e frio, que veio do interior, vende sorvete caseiro no verão para ajudar nas contas de casa e esquenta os pés para dormir num PET velho com água quente.

Antes cortar ele agora, e sair com o seu coração apenas arranhado, do que mais futuramente. Para quando chegasse a hora de Paula voltar para casa,

onde era o seu lugar, seu coração mantivesse-se inteiro o possível para aguentar uma separação. Paula sabia que se quando voltasse para casa, deixaria toda aquela vida para trás. Não mais livraria, não mais faculdade, não mais Jonathan...

— Jonathan.... — ela respirou fundo, precisaria de mais forças do que ela achava — tu já fez tanto por mim... Não posso abusar da tua boa vontade.... Eu estou bem e....

— Não é boa vontade — interferiu Jonathan. — Eu quero te ver. —

Revelou, lembrando das palavras de Miguel: te afasta de tudo que te machuca e te aproxima do que te faz bem. Paula fazia bem a Jonathan, de um modo que ele não conseguia denominar, mas o sentimento era bom. Era aquilo que ele precisava. Do jeito como ela falava com Jonathan, sem se intimidar pelo seu jeito estranho, da forma como Paula sorria ao escutar alguma coisa que ele falava, da maneira que ela o encarava enquanto conversavam, olhos nos olhos, sorrisos nos sorrisos e a oportunidade de Jonathan ser ele mesmo, sem máscaras ou medo de ser julgado e taxado de coisas que ele não era. Ou era e não podia mudar. Paula não o tentava mudar como muitas outras já tentaram. Jonathan era daquela forma e ela o aceitava assim.

Paula sabia que era uma idiota. Uma mocinha boba como naqueles livros que ela vendia para as clientes. Romântica incurável que acreditava que o amor poderia nascer em pessoas tão distante como os dois. E o pior de tudo era saber disso e não conseguir fazer nada para impedir. Era boba o bastante para deixar ser levada pelo seu coração, mesmo seu cérebro dizendo ao contrário.

E quando ela concordou, Jonathan sorriu aliviado, mesmo com algumas ressalvas, como de não ser no apartamento dele. Já tinha passado uma noite e feito uma espécie de caminho da vergonha na manhã seguinte, sendo recepcionada pelo porteiro com um sorriso solidário. Apesar de não ter ocorrido nada, a cena era constrangedora demais.

Desligou o telefone, antes que ele morresse por completo. Colocou a água quente no seu PET e foi para o quarto. Se aconchegou naquela cama velha, com os cobertores mais velhos ainda e colocou o PET nos pés. Pelo menos dormiria algumas horas quentinha.

Amanhã era outro dia. Outro dia na faculdade, riscando mais um dia daquele calendário tão esperado, outro dia na livraria, fazendo o seu melhor para não ser demitida e conseguir aquele bônus almejado por todos os funcionários.

E outro dia, outro dia para esperar ver Jonathan.

Capítulo 29

Jonathan estava parado, em frente a livraria que Paula trabalha esperando. Um pouco impaciente e de olho em alguém que corria de um lado para o outro no meio do corredor.

— Chocolate antes de jantar sempre deixa ele elétrico. — Richard falou lambendo seu sorvete de casquinha.

— Ele já elétrico por natureza, quem dirá com chocolate antes. Até parece que tu não sabe o efeito que isso causa.

Richard riu e continuou a lamber o seu sorvete ao lado de Jonathan.

Tudo estava ajeitado, pronto e Jonathan estava só esperando a hora para sair de casa e ir em direção ao shopping esperar Paula. Pensou até em reservar alguma mesa naqueles restaurantes mais sofisticados, mas seu plano simples foi um pouco por água abaixo, principalmente depois que recebeu uma ligação.

Felipe havia, novamente, encontrado o celular da mãe solto pela casa e não hesitou em ligar para o dindo com um convite que Jonathan levava muito à sério. Felipe tinha visto na TV a propaganda de um jogo do Grêmio e não pensou duas vezes antes de ligar para Jonathan o convocando para levá-lo. De fato, aquele era um programa de afilhado-padrinho que acontecia diversas vezes. Jonathan era sócio do time há tanto tempo que nem lembrava a data certa e mantinha a mensalidade dele e de Felipe em dia desde que o afilhado nasceu.

Ele não podia negar, ainda mais com os dois dividindo um gosto tão peculiar.

E pelas suas contas daria para jantar com Paula e ainda passar um bom tempo com ela pelo shopping. Felipe ficaria um pouco entediado, mas Jonathan recompensaria o afilhado quando chegassem ao estádio. O único imprevisto que ele não contava era encontrar com Richard no apartamento de Bia e Kado. E quando ele descobriu que os dois iam ao jogo, se escalou para ir junto.

Bia nem quis escutar a história dos dois, simplesmente os enxotou com diversos avisos para não perderem Felipe no meio do estádio e fechou a porta na cara deles. Realmente ela estava com muita vontade de ficar sozinha com o marido por algumas horas.

No final, Richard veio de arrasto com os dois. Mesmo com Jonathan dizendo que ainda iria jantar com Paula e passar algum tempo com ela.

— Sem problemas. — Richard sorriu e colocou o cinto de segurança.

E lá estavam eles, Felipe ainda corria e ria sozinho no meio do corredor do shopping, vestido com a sua camiseta do Grêmio e sendo observado por

Jonathan, igualmente fardado e Richard com o seu sorvete.

Paula não demorou muito a aparecer na porta da livraria. Jonathan só percebeu o fato quando Felipe começou a correr para mais longe do seu permitido e se atirou nos braços dela, bem eufórico.

— Oi, Felipe! — Paula o abraçou e beijou o seu rosto.

— Eu comi um sorvete gigante sozinho. Minha mãe não pode saber, senão ela briga com o dindo Richard. Agora eu quero um chocolate, mas ele só vai me dar se eu jantar. Aí estamos te esperando para eu finalmente poder jantar e eu comer o meu chocolate. Depois vamos para o jogo do Grêmio e eu vou comer pipoca. Já comeu a pipoca do estádio? Só não é melhor que da dinda Fernanda. A dela é a melhor do mundo!

Paula quase não conseguiu acompanhar o que o guri falava. Bia já tinha mencionado alguma coisa sobre ele ficar um pouco elétrico quando comia chocolate demais, mas ela imaginou que fosse algo bem mais suave do que aparentava.

Avistou Jonathan, ao lado de um dos seus amigos, que ela conhecia e Felipe a arrastou até lá, ainda falando sobre a propaganda, que tinha dado um gol lindo, mas todos os gols do Grêmio eram maravilhosos.

— Boa noite, Paula. — Jonathan falou sorrindo na direção dela.

Fazia pouco menos de três dias que não a via e parecia que Paula era mais perfeita ainda ao vivo do que no seu pensamento. Nunca que sua mente traçoeira poderia recriar uma imagem dela fiel à verdadeira.

— Paula! — Richard, terminado o seu sorvete, se aproximou de Paula a dando três beijos no rosto. — Que ótimo que vamos ter a tua companhia essa noite.

— Olá. — Respondeu ela timidamente a Richard, um pouco constrangida com o modo expansivo dele, muito diferente do contido de Jonathan.

É claro que isso não passou despercebido por ele. Jonathan sentiu que aquele jantar não iria sair como o planejado. Um momento a sós com Paula. Felipe no meio não seria problema nenhum, Paula gostava do menino e Felipe sempre perguntava por ela. O problema seria aguentar Richard o tempo todo.

Ele era tinha mais desenvoltura, era mais falante e sabia como conquistar alguém. Jesus, o cara era cirurgião pediátrico e os pais e pacientes adoravam ele! Era impossível Jonathan ficar com alguma sobra com Richard por perto! E aquilo o deixava muito desconfortável com a situação.

Queria exclusividade. Paula só para ele algumas horas. Ficar na companhia

dela, escutar o timbre da sua voz e o som da sua risada. Se encantar pelos olhos dela e como o conjunto todo da obra era perfeita. Perfeita para Jonathan, com todas as imperfeições dele.

Mas não. Richard havia aparecido e agora ele não tinha chance nenhuma. Seria apenas um expectador entre eles, assim como Felipe, jogado para escanteio e teria sorte se algum dia pudesse ter outra chance com Paula. No momento em que descobrisse todas as habilidades sociais e aquelas todas outras que Jonathan não conseguia ter, Paula nunca mais olharia para ele ou daria um pouco da sua atenção.

Realmente Richard era tudo aquilo que Jonathan pensava. Um bom cara, ótimo partido e excelente ser humano. Mas para Paula ele tinha um péssimo defeito, ele não era Jonathan.

Escolheram um restaurante alheio e esperaram Jonathan limpar a mesa. Mais um ponto para o médico e outro a menos para o químico. Sentaram e Jonathan foi tentar acalmar os ânimos de Felipe enquanto ajudava o sobrinho a ler o cardápio. Com uma leitura bem iniciante, Paula prestava a atenção em como o padrinho ajudava o afilhado a montar as sílabas e as palavras. Era uma cena tão fofa de se presenciar, que ela nem prestava atenção em Richard, que falava sozinho.

E percebendo que estava sobrando na conversa, Richard se calou sem ninguém mais prestar atenção na sua presença naquela mesa. Para falar bem a verdade, a sua presença ali era mais de espião do que outra coisa. Ele estava cansado, saído de um plantão no bloco pediátrico que não indicava para nenhum dos seus piores inimigos. Porém, não pôde recusar um pedido tão enfático de Bia.

Sua missão era simples, se intrometer no jantar de Paula e Jonathan e ver qual era a real situação do caso. Bia precisava saber a quanto andava aquilo tudo para poder se meter na hora e maneira certa. Não era só o caso de fazer o papel de cupido, ela precisava entender o que acontecia quando os dois estavam juntos sem a presença dela. E de preferência, com uma presença diferente e que podia causar certo estresse, principalmente em Jonathan.

Sim, Richard notou que ele havia ficado um pouco mais sincero, para não dizer agressivo, ao ver Richard se escalando para ir junto. Não que Richard não fosse acostumado com agressividade, ele namorou com Liana por anos e ainda tinha alguma coisa com ela que nem ele mesmo entendia, mas enfim... Jonathan estava diferente e Richard sorriu por dentro ao perceber que aquilo era o mais puro e concentrado, blasfêmia à parte química, de ciúmes.

Sim, ciúmes! Jonathan estava completamente mordido pelas conversas de Richard, seus sorrisos e a jogada de charme básica que ele lançava em direção de Paula. Se Jonathan pudesse lançar algum tipo de poder especial, ou ácido pelos olhos, Richard não estaria mais presente no mundo dos vivos para passar o seu relatório para Beatriz. Chegava a ser hilária a situação toda.

Certo, Richard não era cego, Paula era uma coisinha bonitinha. Quando colocou os seus olhos nela, naquela ocasião em que a conheceu no apartamento de Bia e Kado, chegou a cogitar a ideia de tentar alguma coisa. Mas percebeu que a vaga já estava ocupada por alguém. E nunca que ele faria uma coisa daquelas, principalmente com Jonathan, um amigo tão querido por ele, quase um cunhado como Ricardo, por assim dizer.

Richard não era tão ingrato assim para trair a amizade deles e ainda levar toda a família Chiarelli de arrasto. Richard era grato a todos eles, pois se não fosse por todos, nunca que ele conseguiria fazer sua residência em pediatria e muito menos a especialização na parte cirúrgica no exterior. Se a família Chiarelli tinha adotado Jonathan como um dos seus, Richard protegeria, cuidaria e espionaria Jonathan sempre que fosse preciso. Era um deles também, e como tal, não media esforços.

Jantaram em perfeita harmonia. Richard recolheu todo o seu arsenal quando foi jogado de escanteio por Paula. Ela só tinha olhos para Jonathan e Felipe e quando era nos dois juntos, Richard nem parecia que estava presente com eles. Era apenas uma boa e velha vela no meio de um encontro dos dois.

Jonathan e Paula riam das conversas de Felipe e insistiram até ele não conseguir mais comer, só assim para ganhar o chocolate de que tanto falava. Era notável, até para as outras mesas, que os dois estavam em um mundo só deles. Paula e Jonathan tinham olhos apenas para eles, sorrisos e conversas. Estavam tão alheios a tudo que nem perceberam Richard atendendo o seu telefone e dando uma consulta de emergência para uma mãe desesperada.

O tempo passou e quando a hora do jogo se aproximava, Felipe ficava mais inquieto. O chocolate que Richard deu para ele não foi o suficiente para acalmar os ânimos, e nem o suborno de uma dose extra.

— Acho que está na minha hora também. — Revelou Paula — Não quero estragar o programa de vocês.

Jonathan olhou para o relógio em uma das lojas que estavam passando e não acreditou no horário que já era. O tempo havia passado rápido demais, tanto que ele olhou em outro lugar para confirmar mesmo que já estavam em cima da hora.

— Tenham um bom jogo, rapazes, vou torcer pelo time de vocês.

— Tia P! Vem junto com nós...

— Conosco ou com a gente, Felipe. — Corrigiu Jonathan e Richard revirou os olhos.

— Não quer vir, Paula? Ainda temos um lugar no carro. — Sorriu Richard daquela forma que fazias as mães voltarem no outro dia ao consultório porque os seus filhos tinham feito uma coisa diferente.

— Ah não, obrigada pelo convite, mas eu passo. Não sou muito de jogos e amanhã tenho aula pela manhã e trabalho até tarde.

— Eu te levo outro dia, Paula. — Jonathan falou e suprimiu o resto do comentário, onde Richard não se enquadraria no convite. Felipe sim, ele não era uma ameaça como o amigo.

Paula sorriu, mas não respondeu nada. Não gostava mesmo de jogos, não chamava a sua atenção. Ou talvez ela não tivesse quem a apresentasse ao charme de um bom jogo de futebol.

Jonathan a acompanhou até a saída do shopping e atacou um táxi, para o desespero de Paula. Ele não ouviu nenhuma das suas objeções por ele gastar com ela mais aquele bocado. A viagem não era tão curta assim e daria um valor considerável. Jonathan não escutou nada. Apenas combinou com o taxista o valor e acertou.

— A gente se vê amanhã no refeitório da faculdade? — Questionou ele antes dela entrar. Puxou um lenço do bolso e abriu a porta para ela.

— Sim. Obrigada por tudo, Jonathan, um ótimo jogo para vocês.

Paula sorriu para ele a centímetros de distância. Jonathan estava hipnotizado demais para perceber isso. Sentiu o cheiro dela, o mesmo que ainda estava fraco no seu travesseiro e quis mais. Quis sentir direto da fonte, quis encostar seu rosto perto do pescoço de Paula e ficar ali.

Para sempre.

Capítulo 30

Jonathan estava em pé, olhando para alguma coisa alheia quando a porta do consultório de Miguel abriu. O médico, um velho conhecido, lhe sorriu e deu espaço para ele entrar no consultório.

Esperou Jonathan higienizar a cadeira, como sempre e sentou-se após alguns minutos.

— E aí, Jonathan? Como estamos nesses últimos dias? Alguma novidade?

Miguel avaliava a postura de Jonathan. Conhecía bem seus pacientes para saber o que se passava por eles até no modo de se sentarem à sua frente. Com Jonathan não poderia ser diferente, ele estava incomodado com alguma coisa.

— Aparentemente tudo igual. — Ele deu os ombros de leve. — Meus alunos me incomodando por notas, mas nunca querendo fazer os trabalhos. Essas coisas de sempre.

Miguel concordou. Se ajeitou na cadeira e puxou outros assuntos, dar um pouco de voltas até chegar ao assunto principal, ou aquele que Miguel imaginava que estava perturbando seu paciente. Conversaram sobre futebol, onde Jonathan revelou que recentemente havia ido ao estádio junto com Richard e Felipe, sobre notícias atuais e tantas outras amenidades. Miguel esperou Jonathan relaxar na cadeira, se abrir mais, esquecer a tensão que havia o levado até ali. E quando chegou a hora, perguntou como não quisesse nada.

— E a garota aquela da promessa de convidá-la para sair, chegou a pensar no assunto pelo menos?

Miguel percebeu a mudança de Jonathan quase que instantaneamente.

— Qual o nome dela mesmo? — Fingiu-se esquecer do nome de Paula, uma tática antiga, mas que dava muito resultado dentro do consultório. Fingir esquecer de algum assunto sério para que o paciente pense que está enganando seu médico.

— Paula. — Respondeu ele, quase com um sorriso no rosto.

E bingo.

— Convidei ela para ir lá em casa, — respondeu rapidamente — era um local que eu estava seguro e podia controlar o que acontecia a minha volta.

— Que ótimo, Jonathan. E como foi? Como ela lidou com as tuas pequenas regras?

A essa altura do campeonato, Jonathan já tinha relaxado o suficiente. Estava à vontade, quase como se sentisse em casa. Miguel era um amigo de longa data, transpirava confiança para Jonathan. Ele podia falar o que quisesse

para o médico quando atingia aquele nível de tranquilidade.

— Achei que poderia ser um estrago sem fim. — Sorriu um pouco constrangido. — Fiquei pensando que nunca iria dar certo, sou muito chato em alguns pontos, mas me surpreendi com o que aconteceu. Era como se Paula entendesse meus receios e respeitasse cada um deles. Como se a gente se conhecesse há muitos anos. Era realmente como estar em casa em um dia normal.

Miguel sorriu feliz com as palavras de Jonathan. Sua profissão, ainda mais na sua especialização, ver um paciente ter bons progressos, boa recuperação e começar a sair do seu mundo particular e entrar em convivência novamente era uma vitória e tanto. Miguel era psiquiatra há anos, gostava da área que escolhia principalmente quando pegava um paciente com tantos problemas que eles começavam a interromper sua vida particular. Era a história de Jonathan. Chegou ao consultório, com sérios problemas de convivência e chegando a afetar sua vida. Tomava de cinco a seis banhos por dia, não saía de casa por nojo de estar em presença de outras pessoas. Evitava o contato físico e por ele, vivia em uma bolha esterilizada para não correr riscos.

Com anos de tratamento a história era outra. Jonathan conseguiu burlar seus medos. Era um professor, em contato com inúmeros alunos. Seus banhos não eram mais com água escaldante e nem mais diversos, já era um número aceitável e recomendado. Conseguia sair de casa com mais facilidade. Tinha uma boa rede de amigos e conhecidos, e agora....

Bom, Miguel esperava que aquele fosse um pequeno passo para Jonathan conseguir se relacionar com outras pessoas. Miguel tinha fé em nele, assim como em todos os seus pacientes. Ele já tinha feito um jovem suicida, desacreditado na sua vida, ser um pai e marido exemplar.... Podia muito bem enquadrar Jonathan em um patamar desses.

— Então ela é bem especial. — Argumentou Miguel, ainda vendo a expressão de Jonathan se iluminar cada vez mais.

— Sim. Não se se especial se enquadra na descrição, mas única eu tenho certeza.

Miguel acenou lentamente com a cabeça, pedindo para que ele continuasse a falar. Anos de tratamento e Jonathan já sabia o que cada ato de Miguel significava.

— Ela é diferente. Me chama a atenção de uma forma estranha. — Ele deu os ombros de leve, um pouco indiferente. — É complicado falar. No início eu ficava um pouco nervoso na presença dela, e ao mesmo tempo ansioso e

querendo sentir aquilo de novo. Não consigo colocar tudo isso em palavras. Mas parece aquela sensação que temos ao descer uma montanha-russa em alta velocidade e de cabeça para baixo. Um frio na barriga excitante, que no início achamos que não vamos dar conta, assusta quando estamos no meio do looping e quando passa queremos de novo.

— Entendo o que tu quer dizer.... Ela é como um desafio.

Jonathan se ajustou na cadeira e continuou a falar. Narrou os acontecimentos daquela noite em especial. Do modo eufórico que ficou por ela estar ali, do jeito como ela o escutava entusiasmada com o que ele falava, como lidou com os seus problemas e viu a maneira como ela se ajustou a eles. E também da experiência de dormir ao lado dela.

Miguel achou aquela última parte muito interessante e pediu mais explicações.

— Já dormi diversas vezes com a Bia. Sempre que o Kado tem alguma convenção ou palestra em outras faculdades ela vai com o Felipe lá para casa. Bia diz que não gosta de ficar em casa sozinha, tem medo que aconteça alguma coisa. Então ela vai para lá e dormimos na mesma cama, com o Felipe no meio quase sempre. Então eu estou acostumado com a situação. Não é de todo desagradável.

— Mas dessa vez era diferente, não é? Paula não é Beatriz. São duas pessoas bem diferentes. Beatriz é tua amiga de anos, vocês já passaram bons e maus momentos juntos, já Paula é praticamente uma estranha. Vocês nunca tiveram contato além do de agora e tu ficou contente com a resolução dela passar a noite contigo, na tua cama.

Jonathan assentiu.

— Isso é bem interessante, Jonathan. Gostei de escutar isso de ti, mostra que a mudança na tua vida é bem notável desde que tu chegou aqui no meu consultório e passou as primeiras consultas em pé, com medo de encostar em alguma coisa.

— Eu sei que mudei, e acredito que tenha sido para melhor. — Comentou desviando o olhar, apesar de estar somente os dois na sala, Jonathan sentia-se um pouco constrangido ao escutar aquelas palavras de Miguel.

— Muito melhor. E hoje eu posso dizer que vencemos uma longa batalha e que estamos prontos para as próximas.

Jonathan olhou para o médico, um pouco confuso, sem entender onde ele gostaria de chegar com aquilo.

— Estou contente com o patamar que tenho. — Disse decidido. Sua vida já

estava ótima onde estava. Jonathan conseguia conviver com seus receios em harmonia com uma vida normal, não precisava de mais nada.

Miguel sorriu. Era típico de todos os pacientes. Chegavam a um certo nível de convivência com seus problemas e já achavam que tudo estava resolvido. Não queriam sair da zona de conforto em que estavam, não arriscavam um passo a mais com medo de perderem o que já tinha conquistado até ali.

— Ainda temos trabalhos a serem feitos, Jonathan. Só um pouco mais de paciência e quem sabe...

Jonathan entendeu e riu com deboche. Fechou os olhos e respirou profundamente.

— Não Miguel, eu não quero mais nada. Estou bem aonde estou. Me conheço muito bem para saber que cheguei ao meu limite. Não há mais nada para mim daqui para frente.

— Como não, Jonathan?! Tu tem toda a capacidade física e emocional para enfrentar algumas coisa. Não pensa em ter um relacionamento a longo prazo?

Imediatamente Jonathan lembrou de Paula e como havia ficado próximo dela quando abriu aquela porta de táxi, há uns dias. A vontade, quase primitiva, de se aproximar, de colocar os braços ao redor dela e nunca mais soltar. De encostar sua pele na dela e sentir o calor do seu corpo contra o seu. Será que o corpo dela se moldaria ao dele? Será que o cheiro dela, aquele que já tinha sumido do seu travesseiro extra, seria mais forte do que ela havia deixado no tecido? E o seu cabelo, seria tão macio e fino como aparentava?

Jonathan tinha ficado com estas e mais inúmeras perguntas na sua cabeça depois daqueles segundos. Mas sabia que elas nunca seriam respondidas. Paula era o seu sonho mais utópico e ilusório de todos.

— Não acho. — Miguel bateu o pé de teimoso. Se seus pacientes eram teimosos, ele poderia ser mil vezes pior. — Não foi isso que tu me falou nas entrelinhas hoje, Jonathan. Paula parece tão real quanto a possibilidade de tu ir a um jogo há alguns anos. Lembra quando tu me disse que nunca mais iria ao estádio? E hoje tu vai tranquilamente....

— Não é a mesma coisa. Não dá para comparar isso... — Falou ele, conformado com a situação. Não era a mesma coisa. Nunca seria a mesma coisa.

— É sim! — Rebateu o médico. — Me diz a diferença entre as duas situações.

Jonathan balançou a cabeça novamente e rindo de deboche.

— A outra pessoa. Esse é a grande diferença entre as duas situações. — Ele engoliu em seco, e esperou que fosse o suficiente para mandar aquela bola que

havia se formado na sua garganta para o seu devido lugar. — Ir a um estádio e assistir um jogo depende só de mim, de mais ninguém. É eu sair de casa, é eu comprar o ingresso, é eu entrar na arquibancada e assistir ao jogo.

A bola que havia se formado, ao invés de diminuir, havia aumentado consideravelmente. Sentiu ela o consumir como há muito não acontecia. Jonathan não era de chorar, sabia que aquela ação não mudaria nada, bem pelo contrário era constrangedora. Teve que se controlar, respirar profundamente para recuperar sua serenidade. E claro, Miguel notou a reação dele. Era nítida a batalha interna dentro de Jonathan. A vontade de se jogar misturada com a autopreservação.

— Eu... — a voz falhou e ele limpou a garganta. — Não sou objeto de desejo de ninguém, não inspiro esses sentimentos em outras pessoas. Pode até ser à primeira vista, mas no momento em que elas me conhecem, sabem dos meus problemas e descobrem quem eu realmente sou, elas se afastam. As únicas pessoas, mulheres, especificamente, que me conhecem como eu sou e isso não as afeta é a Bia, Liana e Fernanda, e isso porque são a esposa, irmã e cunhada de Ricardo, meu amigo. Elas sabem o que significa ser um paciente psiquiátrico e não dão bola para as minhas manias. Mas todas as outras....

— Paula não é nenhuma delas e pelo que tu me disse é especial a ponto de entender e não te julgar, bem pelo contrário, te compreende e até te ajuda.

Jonathan, novamente desviou o olhar. Focou seus olhos azuis claros na estante de livros de Miguel. Conhecía cada um daqueles títulos de grandes pensadores da psiquiatria e psicologia. Até mesmo já tinha lido alguns deles por recomendação de Miguel. Não entendeu bulhufas de muitos trechos, mas apreciou a leitura.

— Ela merece alguém melhor do que alguém que não consegue nem tocar nela de verdade. Alguém que a vá tratar com todo o carinho que possua.

— E quem disse que ela quer isso?

— É o que todas merecem, não é?

— De fato. — Miguel concordou. — Mas quem disse que ela quer isso de outra pessoa? Por que ele não pode ser tu? Já perguntou isso para ela?

Capítulo 31

Paula tentou segurar o riso, mas foi impossível segurar. Sua sorte que não tinha nada na boca, pois iria cuspir na cara de Jonathan. E isso seria uma tragédia.

— Tu ri porque não foi contigo. — Comentou ele, não conseguindo segurar o seu próprio sorriso.

— Estou rindo da cara que tu deve ter feito ao ver o teu avô xingando um russo em português e ele tentando dizer que vocês estavam na cidade errada.

— Minha cara era de desespero, isso sim! Nossas malas em uma cidade e nós em outra, tudo por causa de um taxista que não sabia se comunicar com a gente.

Novamente Paula se jogou para trás rindo.

— Absolutamente tudo. Malas, roupas, nossos passaportes, alguns documentos e especialmente, dinheiro. Estávamos em outra cidade se nenhum centavo no bolso e sem entender uma palavra do que eles falavam.

Jonathan olhava Paula rir daquela forma e se encantava cada vez mais. Percebeu que relembrar suas viagens malucas com o seu avô e compartilhar as histórias com ela era a melhor coisa do mundo para ele. Matava a saudade dele e ao mesmo tempo podia escutar Paula rindo daquela forma. Era um pouco de um paraíso perdido para ele.

Os dois se encontravam com mais frequência, o máximo que as rotinas, trabalhos e os estudos de Paula deixavam. Não eram muitas horas, Jonathan sempre queria mais delas, mas bastavam para que ele ansiasse sempre pelo próximo encontro, nem que fosse um almoço rápido na faculdade.

O clima frio do inverno, com a ajuda do sol brilhando no céu era a combinação para eles se encontrarem. Geralmente Paula o esperava aos arredores da faculdade e o aguardava em algum banco. Deixava sempre algumas folhas de rascunho dentro da sua mochila para que Jonathan pudesse sentar ao seu lado sem receio.

E lá estavam eles, sentados ao sol, no horário do meio dia conversando sobre tudo e nada ao mesmo tempo. Jonathan estava à vontade ao lado de Paula, sentado e tão perto dela que Paula conseguia enxergar todas as cores dos seus olhos. Ela ainda tinha a esperança de colocar aquelas cores em papel. Mudar o desenho amador que havia feito dele e escondido dentro do seu guarda-roupa, como uma adolescente apaixonada pelo seu ídolo. O desenho não era nada realista, cada vez que ficava tão próximo dele percebia isso, mas era melhor do que nada. Pelo menos ela sabia que quando se sentia sozinha em seu quarto que

aquele desenho tosco estava ali.

Ainda não tinham avançado nenhum estágio desde que haviam se conhecido. Os dois eram receosos demais sobre como o outro se sentia em relação aos seus sentimentos. Paula sabia que nutria uma coisa completamente diferente de amizade por Jonathan, era evidente para cada um que via os dois juntos. Mas ainda tinha um grande receio em se expor. Paula não sabia como seria o seu destino em poucos meses, não queria se entregar a um sentimento que não haveria futuro, isso num cenário completamente favorável. E do outro lado, sabia que Jonathan nunca teria nada com ela. Era só colocar os dois, lado a lado, para chegar àquela conclusão fatídica. Ele era um sonho que ela nem ousava sonhar por saber onde acabaria.

E do outro lado, Jonathan tinha a plena consciência de que Paula nunca ficaria com alguém como ele. Por mais que ele se sentisse especial ao seu lado, Paula não merecia viver sua vida ao lado de uma pessoa que não conseguia nem encostar nela para as coisas mais básicas, quem dirá em aspectos tão íntimos como uma relação exigia. Ele poderia não ter nenhuma experiência no assunto, mas era rodeado por amigos que não tinham vergonha nenhuma em se expor como casais. Bia e Kado sempre estavam grudados um no outro, beijos, abraços, toque e brincadeiras, Sérgio e Fernanda era outro casal modelo para Jonathan, nunca conseguiu ver os dois juntos sem estarem se tocando em algum lugar. E até mesmo Liana e Richard, mesmo ninguém sabendo se eles eram um casal, estavam perto um do outro.

Jonathan sabia que nunca conseguiria fazer isso. E também, era ciente que Paula merecia alguém que fizesse tudo aquilo por ela e muito mais.

E por serem dois cabeças duras, e muito receosos, que continuavam naquele estágio platônico. Beatriz dizia para Ricardo que Paula e Jonathan iriam trazer úlceras para ela, de tão estressada que ela ficava em tentar juntar os dois.

Mudava o seu horário e de Ricardo de almoço, para deixar os dois juntos. Chamava Paula para ficar com Felipe algumas noites por semana, e avisava Jonathan que ela ficaria na casa deles. Ricardo já sabia a programação dos cinemas ao redor de casa, de tanto ele e Bia andarem por eles. Bia pedia para que Jonathan a encontrasse no shopping que Paula trabalhava para ela poder comprar a coisa mais insignificante, ou dizer que estava com desejo de comer em alguma rede de fast-food. A sorte era que Jonathan era bem inocente e não percebia a jogada da amiga para deixar os dois juntos sempre que podia.

— Eu não sei mais que fazer, Kado! — Disse ela enquanto escovava os dentes antes de dormir. — Paula acha que o John é demais para ela, e o John acha que não serve para ela.

— Eu entendo o Jonathan — Ricardo respondeu enquanto olhava para os seus remédios antes de toma-los. — Se dependesse só de mim nós não estaríamos juntos. — Ele olhou para a esposa através do espelho e colocou os comprimidos na boca.

Ela bufou em ironia vendo Ricardo engolir eles e sorrir.

— Claro que sim, naquela época eu era um cara que não tinha nada além de um belo currículo psiquiátrico. O que eu tinha para te oferecer enquanto tu já tinha tudo?

Bia fez menção de responder, mas Ricardo a interrompeu, continuando sua fala.

— Tu tinha tudo, Bia. Conhecia bem mais a vida que eu, eu era um virgem depressivo e com tendências suicidas. Levou um tempo para que pudesse compreender que tu queria o maluco aqui — ele apontou para si. — O Jonathan é tão doido como eu era, então deixa ele se resolver sozinho com a Paula. Não força a barra que ele foge como uma lagartixa espremido em uma janela. Deixa os dois se resolverem sozinhos, ok?

Bia não gostou nenhum pouco do comentário do marido, mas não conseguia não dar certo tipo de razão, mas não muita para ele não se acostumar. Jonathan era um caso complicado, ela sabia, só não queria dar tanto o braço a torcer. Ainda tinha esperanças para ele, ainda nutria grandes expectativas para os dois.

Paula respirou fundo, com o seu nariz congelado, o ar mais gelado de todos. Gostava do clima, apesar de sempre sofrer com ele. O ar parecia mais limpo, mais leve e menos poluído. Olhou para Jonathan que a encarava.

— Tenho que ir para a aula. — Disse com um pesar na voz.

— Eu também, e a minha aula é no laboratório com uma turma iniciante. Se ver fumaça saindo por uma das janelas do prédio de química já sabe quem vai ser o responsável.

Paula sorriu e levantou ficando na frente do sol e com ele iluminando seus cabelos. Refletindo para Jonathan uma imagem perfeita, como se fosse um anjo na sua frente. Perfeita em forma e presença. Talvez um anjo de verdade tinha vindo para a Terra conhecer um que tinha as asas tatuadas nas costas.

— Amanhã vamos jantar lá em casa? Posso comprar uma, ou duas, garrafas de vinho e fazer alguma coisa para nós.

Paula sorriu.

— Já recebi o meu salário e tenho comido bem, Jonathan. Não precisa mais te preocupar como eu ando me alimentando.

— Não é por isso.... — Paula o encarou tentando ficar séria — ok, é por isso também, mas amanhã é sexta, não vamos para a cidade do Kado porque ele tem uma feira de física na faculdade. Achei que poderíamos aproveitar e ficar lá em casa um tempo. Pelo menos não corremos o risco de encontrar nada de diferente na nossa comida.

Paula balançou a cabeça. Como esquecer do pequeno ataque que Jonathan teve em um restaurante ao ver um “brinde” no meio da salada? Foi trágico quando aconteceu, Paula pensou que teria que levar ele ao hospital, de tão branco e trêmulo que ficou. Agora rendia boas risadas entre os dois.

— Prometo não beber demais. — E quando ele bebeu tanto que ficou quase trocando as pernas e rindo do nada com ela tentando colocá-lo dentro do táxi?

De uma coisa Paula não poderia se queixar, sua vida, monótona, chata e quase sem ação, era bem diferente agora. A cada dia ou encontro que tinha com Jonathan, os dois ganhavam mais histórias para a posterioridade.

— Ok — se rendeu. Já não tinha muita resistência, imagina quando ele suplicava com aquele olhar. — Mas vamos fazer diferente dessa vez, pode ser?

— Como quiser. Quer escolher o cardápio? — Paula negou com a cabeça.

— Gostaria de eu mesma cozinhar dessa vez. — Falou sem nem mesmo analisar a frase. Será que ele deixaria Paula mexer nas suas coisas?

— Certo. — Disse com a maior naturalidade para a surpresa de Paula.

Aquilo seria uma experiência e tanto para ambos.

Capítulo 32

Jonathan havia ligado o aparelho de som ao máximo que era aceitável para o horário. Nas caixas de som, Metallica tocava sem medo de ser repreendido. E enquanto isso, na cozinha, Paula e ele conversavam, bem alterados pelas garrafas de vinho que tinham pegado no mercado na vinda para o apartamento dele.

Paula estava se sentindo nas nuvens. Seus pés um pouco acima do chão falavam pelo seu estado. Ela não era muito forte para bebidas e Jonathan não conseguia deixar o copo dela muito vazio. Uma combinação um pouco trágica.

A sua sorte era que o macarrão com queijo que ela estava fazendo, iria forrar o estômago dos dois com muito carboidrato, para o estrago não ser tão grande assim.

Já Jonathan estava apenas alegre acima do normal e com um tom mais rosado no rosto, que, particularmente, Paula achou um chame a mais. Ele estava comandando a bebida e as músicas enquanto Paula cozinhava, cantava em inglês, imitando um pouco da voz do James Hetfield, a fazendo rir mais alto ainda.

Era uma noite perfeita, o frio lá fora, o vento batendo na janela, tentando ser um convidado penetra naquela festa particular, o vinho aquecendo o corpo e a alma dos dois, o cheiro do macarrão com queijo de Paula, a única receita que ela conseguia fazer com certa maestria e muita risada entre os dois.

Paula estava relaxada, a semana tinha sido complicada, tanto no trabalho quanto na faculdade com a semana de provas intensas. Quando ela pensava que as matérias difíceis haviam acabado, eis que surgia uma pior. E quem via ela reclamando, tinha vontade de bater nela. Paula tinha ficado, como sempre, com as melhores notas da turma. Se ela reclamava, quem diria os pobres mortais que achavam uma vitória tirar a nota mínima para passar.

No trabalho, era a mesma correria de sempre. Bater a meta, arrumar as prateleiras, ser só sorrisos para os clientes chatos, conquistar as crianças com as histórias que ela lia e interpretava e aguentar o seu gerente insuportável. Paula sabia que precisava muito daquele emprego, por isso que ainda aguentava certas coisas, engolia muitos sapos e o choro por ser tratada daquela forma. Mas além do dinheiro que o trabalho lhe rendia, Paula gostava do ambiente. Nem falava sobre os funcionários entre si, o único que prestava a atenção nela era seu João. Ambos eram apenas funcionários à parte, enquanto todos os outros tinham uma espécie de amizade que não incluía os dois.

Por isso que ela sempre fazia o seu horário de descanso sozinha. Encontrava seu João e dividiam seus lanches. A pouca comida dos dois tornava-

se um banquete quando misturadas. Conversavam sobre suas vidas, seu João da dificuldade em manter o filho mais novo na linha e Paula sobre o que acontecia nos seus dias. Seu João podia notar que a presença de um certo professor excêntrico de química estava cada vez mais constante nos assuntos dela. Ficava contente ao ver Paula sorrindo e suspirando pelos cantos quando falava de Jonathan. Disse que Paula parecia ele quando conheceu a esposa. Só tinha olhos, conversas e pensamentos para a amada.

Paula o achava um encanto, ainda mais quando falava da esposa com tanto carinho. Mas teve que rir e o chamar de bobo quando disse aquelas palavras. Paula não queria admitir em palavras audíveis que estava entrando num campo minado quando se tratava de Jonathan. Se colocasse voz naqueles sentimentos tão secretos, tinha certeza de que acabaria pisando em alguma mina e tudo indo pelos ares.

Mas além das palavras, havia outra coisa que ela não poderia controlar com tanta facilidade quanto o que saía da sua boca. Suas atitudes. Era notável que ela mudava quando estava na presença dele. E quando estavam sozinhos, a diferença era tanta que nem ela mesma se reconhecia. Como por exemplo, revelar seu inexistente dote para a cozinha que tinha. Apenas sua família que sabia das habilidades de Paula. A única coisa comestível, e aproveitável, que ela conseguia fazer na cozinha sem ser um verdadeiro desastre. Ela achava que Jonathan poderia apreciar seu gosto refinado para comida.

Ele estava de olho em tudo que ela fazia, mas não de uma forma de memorizar o que deveria limpar. Sinceramente? Ele nem estava preocupado com essa parte. Estava de olho em tudo, para gravar na sua memória os momentos em que Paula esteve no seu apartamento. Para quando a solidão chegasse ao seu encontro, Jonathan tivesse aquelas memórias para recordar e afastá-las.

— Está pronto — Paula disse com um riso afetadinho pelo álcool.

Ela estava adorável, usando o seu avental de tabela periódica gingante. Cabelos presos e os pés somente de meia andando pelo seu apartamento como fosse sua casa. Jonathan gostava como àquela observação em particular soava. Um tipo de melodia suave e ao mesmo tempo marcante, tal como uma música do Metallica que tocava.

— Digo novamente que não sou nenhuma chef ou que tenha qualquer aptidão culinária. Meu irmão até me proibiu de cozinhar lá em casa dizendo que não tínhamos tanto assim para desperdiçar. — Ela tomou mais um gole do seu vinho.

— Ninguém nasce sabendo. — Jonathan preencheu a sua taça, vendo que a

garrafa tinha acabado. — Se precisar de um lugar para treinar...

Pegou outra garrafa e ambos sentaram à mesa, um de frente para o outro, abriram a boca para dizerem alguma coisa e a luz piscou algumas vezes até se apagar por completo.

— Ah, que maravilha! — Reclamou Jonathan — Já tivemos mil reuniões de condomínio para resolver a situação dos postes de luz perto das árvores e os dias com vento. Isso sempre acontece.

— Não tem problema, moro em um lugar que achamos absurdo quando não falta luz. Se soubesse tinha trazido uma vela, tenho sobrando lá no apartamento.

Paula riu, um pouco mais alto do que deveria. O álcool já estava agindo além do normal.

— Sempre tenho algumas velas sobrando aqui — ele levantou, um pouco mais rápido do que o normal tendo que se agarrar na mesa em si. Não ia admitir aquele pequeno deslize sendo efeito do álcool.

Com uma maestria, ou não, já que tropeçou em uma cadeira e quase caiu, rindo junto com Paula, Jonathan encontrou onde colocava as velas. Sua lanterna estava no quarto, na terceira gaveta do seu criado mudo. E ele tinha uma vaga lembrança de estar sem pilha. As velas teriam que servir. O máximo que poderia acontecer é pegar fogo em tudo de tanto álcool que eles haviam ingerido.

Acendeu elas depois de algumas tentativas falhas. Paula o incentivou batendo palmas e se iluminando com elas. Jonathan percebeu que aquela imagem era a que ele guardaria para o resto da sua vida. Paula sorrindo, iluminada por velas no seu apartamento.

Comeram rindo da situação e não gostaram de nenhum pouco quando a luz voltou. Mas para amenizar a situação, Jonathan mostrou os doces que havia comprado separado de Paula. Novamente o olhar dela se iluminou de uma forma espetacular.

Jonathan estava se sentindo estranho. E não era por causa das duas garrafas de vinho que eles tinham dividido. Era uma sensação diferente no seu estômago e que formigava suas mãos. Se não estivesse alterado, teria entrado em pânico pensando que era um infarto ou um AVC. Mas não, o álcool fazia com que Jonathan perdesse um pouco das suas paranoias e aflorava outros lados escondidos dele.

Paula sentou no sofá ao lado dele. Estava tão envolvida com aquele bombom que ele havia apresentado que nem percebeu ele se aproximando sorrateiramente. Por alguns centímetros não a prensou contra a guarda do sofá.

— Eu amo chocolate. — Gemeu Paula. — Quando éramos pequenas não podíamos comer sempre, mas o Paulo sempre dava um jeito de conseguir comprar, nem que fosse o mais barato do mercado junto com as compras do mês. Eu e a Paola marcávamos no calendário os dias que ele ia, só para comermos o presente. E depois que ele começou a fazer sorvete em casa, comíamos tudo o que sobrava. Nem sei como não engordamos horrores.

— Nunca fui fã de chocolate assim, prefiro outros doces. Tem um que vendem no mercado do irmão do Kado que é a minha perdição. Quando for lá de novo, vou te trazer alguns.

— Por favor, pode trazer tudo. — Novamente ela riu e Jonathan sentiu um aperto estranho dentro dele.

Imaginou como seria levar Paula para a casa dos Chiarelli. Era um pensamento muito interessante.

Paula se deliciou mais um pouco e quase gritou quando sentiu a aproximação rápida de Jonathan. O encarou, tão próximo que as cores do seu olho tomaram uma dimensão diferente da que ela já tinha. Era uma mistura tão perfeita que ela ficou hipnotizada e levou a mão para tocá-lo. O fazendo se afastar um pouco, rápido demais a assustando.

— Desculpa. — Ambos murmuraram ao mesmo tempo.

Jonathan se xingou mentalmente por estragar o clima que estava acontecendo entre ele. Mas não podia fazer nada. Era além do que ele poderia tolerar em estar com alguma pessoa. E Paula, se xingou por ser idiota demais em pensar que Jonathan a deixaria tocá-lo assim.

— Desculpa. — Ela se levantou rapidamente, tonteando um pouco. — Acho bom eu ir embora. Está na minha hora e....

— Não! — Jonathan se levantou e parou na frente dela.

Ele era mais alto, prendia a atenção de Paula ao fazer aquilo. Ela precisava esticar o pescoço para conseguir enxergá-lo com clareza.

— Desculpa, — repetiu ele, passando as mãos sobre o seu rosto. — Eu sou um idiota, sei disso.

— Não... — murmurou — acho que o vinho me afetou e eu esqueci que....

— Que eu sou um maluco que tem fobia de germes alheios? Apenas um imbecil completo se afasta quando alguém tenta o tocar? — Jonathan se afastou um pouco mais. Se tivesse um buraco para se enfiar naquele momento, ele teria entrado. Nunca mais sairia, ficaria pensando na sua vida inútil longe de todas as pessoas do mundo.

Paula sentiu aquela dor no coração. Uma pequena rachadura. Ela não deveria sentir aquilo. Sabia que Jonathan era um patamar muito elevado para ela. Entendia que seus sentimentos bobos eram platônicos, não correspondidos. E ela era a mais idiota de todas, ao tentar se aproximar de Jonathan mais do que lhe era permitido.

Jonathan, ainda se martirizando, percebeu o olhar de Paula se apagar muito. E o culpado era ele. A noite estava perfeita, o sonho que ele nunca ousou sonhar se realizando bem na sua frente, e ele tinha acabado com tudo. Se havia alguém mais idiota e que merecesse a eternidade isolado era ele. Saiu em direção ao banheiro, se olhou no espelho e viu o seu reflexo. A ânsia que subiu, de nojo dele mesmo e irritação com a sua condição, foi tanta que ele acabou vomitando ali mesmo.

Paula, sozinha na sala, percebendo a burrada que havia feito e com o seu coração sangrando pela rachadura, nem esperou Jonathan se recuperar do seu ataque, pegou sua bolsa e saiu do apartamento.

O frio era um castigo bem-vindo, pensou ela ao perceber que tinha esquecido o seu casaco no apartamento dele. Tremeu e bateu os dentes na parada de ônibus. Sentou em cima das mãos congeladas, mantendo o foco na sua respiração e no vapor que saía quando expirava. Apenas se deixou chorar quando chegou em casa e se deitou, com aquele velho PET com água quente nos seus pés.

Capítulo 33

— Felipe, tira o dedo do nariz, filho! O que a mãe já te disse sobre isso? Se tu continuar vou contar para o teu pai.

Bia olhava para o filho, naquela fase terrível dos cinco anos, pelo espelho do carro. Felipe rapidamente escondeu as mãos embaixo das pernas, sentado na sua cadeirinha. Bia adorava a frase “vou contar para o teu pai”, ela causava um efeito igual ao quando Ricardo dizia, “vou contar para a tua mãe”. Funcionava que era uma beleza quando os dois estavam separados, com Bia e Kado juntos, Felipe dobrava os dois com bastante facilidade.

— Tô cansado! Vamos para casa, mãe....

Beatriz suspirou. Ela também estava louca para ir para casa. Estavam os três naquele congresso de física que Ricardo era apaixonado e sempre levava trabalho dos seus alunos da faculdade. Era um evento legal até, Felipe sempre encontrava muito o que explorar em todos aqueles brinquedos educativos que a física proporcionava. O favorito de sempre era o de arrepiar os cabelos, Ricardo tinha muita paciência para explicar para Felipe o que aquilo fazia e como causava o efeito. Quando foi pela quinta vez que Felipe entrou na fila, ela desistiu. Deixou os dois levarem seus choques e caminhou por entre os outros estandes.

Achou alguns interessantes, outros ela nem sequer conseguia imaginar para o que serviam, principalmente quando seu guia particular estava com Felipe, e sentiu-se só. Pegou seu telefone e ligou para Jonathan. Deixou a primeira e a segunda ligação caírem na caixa postal, caminhou mais um pouco, foi atrás dos seus meninos, encantados com outra máquina estranha, ligou mais duas vezes e nada de Jonathan atender o telefone. Olhou no relógio, não era horário de jogo e Jonathan não era uma pessoa que dormisse à tarde toda. Puxou na memória algum evento em particular, mas não se recordou de nada. Apenas do jantar de Paula e Jonathan na noite passada.

Chegou a abrir um sorriso, ao imaginar o que poderia ter acontecido para Jonathan não atender o telefone. Beatriz esperava que ele estivesse muito ocupado com Paula naquele momento. Porém, ela conhecia Jonathan demais para concluir que não era nada disso que ela estava pensando.

Alguma coisa deveria ter acontecido.

Ligou mais duas vezes e tentou entrar em contato com Paula, sem sucesso nenhum. E começou a ficar impaciente.

Recorreu a Ricardo e contou ao marido sobre as ligações e o pressentimento de que alguma coisa deveria ter acontecido com Jonathan.

Ricardo tentou a acalmar, dizendo que era paranoia de Beatriz. Jonathan era crescidinho e sabia se virar muito bem. Se alguma coisa realmente tivesse acontecido ele entraria em contato.

Claro que isso não acalmou Beatriz nenhum pouco. Continuou com as ligações e se remoendo por dentro. Aguentou até Felipe reclamar que queria ir embora. Deu apoio total ao filho e desejou sorte ao marido que ainda tinha uma roda de conversa sobre alguma coisa que Bia não sabia nem começar a explicar.

Pegou o carro e ao invés de ir para casa, rumou para a de Jonathan. Chegou ao prédio e falou com o porteiro, ela e Ricardo tinham acesso às dependências. Estacionou o seu carro ao lado do de Jonathan na garagem e os dois subiram pelo elevador.

Beatriz estava apreensiva. Nunca imaginou que aquele elevador demoraria tanto para chegar ao andar de Jonathan. E quando chegou, saiu em disparada, quase deixando Felipe dentro do elevador. Disse alguma coisa para o filho levar na brincadeira o pequeno lapso de memória e chegaram a porta de Jonathan.

Ela tocou a campainha uma vez, não recebendo nenhuma resposta. Ligou para o telefone e ouviu ele chamar lá de dentro. Até mesmo Felipe gritava o dindo pela porta. Bia não era uma pessoa dada à sutilezas, ainda mais convivendo com Ricardo e sabendo das histórias do marido e sua tendência suicida. Graça aos céus e ao tratamento que Ricardo encarava com muita seriedade, Bia nunca precisou chegar ao ponto de ter que arrombar alguma porta. Fato que tanto Sérgio como Liana já tinham passado nos dois episódios suicidas de Ricardo. E agora, ela estava a ponto de fazer isso por Jonathan.

Sabia que Jonathan não era suicida. Conhecia o diagnóstico dele e confirmou com Miguel diversas vezes, mas não viu outra escolha a não ser pegar a sua chave reserva, aquela que Jonathan havia dado para ela para que se um dia acontecesse alguma coisa, assim como Jonathan tinha todas as chaves do apartamento de Bia e Ricardo. O seguro sempre morreu de velho e chaves e portas um assunto muito delicado para todos os Chiarelli.

— Fica aqui na porta, filho. A mãe já volta...— Disse para Felipe. Não sabia o que encontraria depois da porta que ela abria com a sua chave. No pior dos casos, Felipe ainda sairia de lá como uma criança inocente.

Deixou Felipe sozinho na porta do apartamento e entrou, encostando a porta. Sua primeira impressão era de tudo estar fora do lugar. Os livros, sempre muito bem organizados estavam atirados no chão. Duas cadeiras viradas, seus CD's e DVD's no chão. Gaveta dos talheres revirado, armário com as louças e panelas abertos e com tudo bagunçado por dentro. Era como se um furacão

tivesse passado por ali. E a apreensão de Bia aumentou cada vez mais.

Abriu a porta do banheiro com o coração na mão. Foi na banheira que Ricardo cortou seu pulso com dezesseis anos, quase morrendo pela perda de sangue. Fechou os olhos e abriu aos poucos, aliviada ao notar apenas a mesma bagunça da sala e cozinha, nada de um corpo estirado na banheira ou pendurado no chuveiro. Mas ainda faltava o quarto.

Medicamentosa. A segunda tentativa de suicídio de Ricardo há anos atrás, antes deles começarem a namorarem. Uma forma tranquila de acabar com tudo, como ele mesmo havia comentado para Miguel. Ricardo tinha os medicamentos a sua disposição de uso diário, tomar uma dose cavalgar era a forma mais limpa e menos dolorosa de partir. A superdosagem, a pressão caindo, o sono chegando e o coração parando de bater aos poucos.

Jonathan sabia de tudo isso. Bem mais que Ricardo, que tinha apenas o conhecimento básico das substâncias de cada medicamento. Jonathan era químico, sabia o que poderia misturar para ser mais limpo, mais calmo e mais silencioso possível.

Bia não queria abrir aquela porta. Não queria ser ela a achar o corpo de Jonathan. Sentiu as lágrimas arderem no fundo dos seus olhos e pediu coragem para encarar aquilo. Se confirmasse o que ela suspeitava, nunca se perdoaria. Deveria ter insistido na sua intuição de que alguma coisa estava errada, tinha que ter batido o pé com Ricardo e trazido ele junto. Ou não... Talvez enfrentar aquilo sozinha era melhor que o marido presenciar aquilo. Ricardo não era tão forte assim para presenciar alguma coisa daquele tipo, ainda mais com um amigo que era quase um irmão.

Beatriz colocou a mão na maçaneta fria da porta de Jonathan, expirou e inspirou profundamente. Fechou os olhos e abriu a porta com certo receio. A primeira visão era das roupas de Jonathan atiradas ao chão e a segunda, era a dele as tirando do guarda-roupa e as jogando no chão.

— Jonathan! — Beatriz gritou descontrolada! — O que tu está fazendo? — Ela já nem sabia se mais gritava, chorava ou batia nele. Tudo ao mesmo tempo.

— Não encosta em mim! Tudo está sujo! Sujo demais! — Os dois gritavam e plenos pulmões.

Bia se afastou um pouco, para não matar ele com as próprias mãos e dar jus a tudo aquilo, e prestou a atenção em Jonathan, que naquela altura tirava mais coisas de dentro do guarda-roupa e a espalhava no chão em meio as lágrimas.

— Eu estou vivendo em um chiqueiro! Olha a sujeira ali! Como eu

consegui deixar tudo isso na sujeira que está? Vou ter que colocar tudo fora e comprar tudo novo, tudo limpo!

Bia olhou para Jonathan, os braços vermelhos, o pescoço arranhado e os olhos vermelhos, irritados.

— John... — ela se aproximou, mas ele se distanciou.

— Tu está suja, Beatriz. Sai daqui, não posso deixar que tu chegue perto de mim, vai me sujar todo. Não sei onde tu estava para deixar que tu se aproxime mais.

— Ah, meu Deus! — Bia falou e começou a entender o que estava acontecendo com Jonathan.

Alguma coisa entre ontem e hoje havia desencadeado uma grande crise de misofobia, o medo de germes que Jonathan tinha. Eles já tinham passado por aquilo uma vez e foi horrível.

— Teus pais te encontraram de novo, teu irmão? Não adiantou pegar um número de telefone no nome da Liana?

Jonathan continuava a tirar tudo de dentro do seu guarda-roupa, voava suas cuecas e meias por cima da sua cabeça. Quando terminou a gaveta, a tirou com força excessiva e acabou a quebrando.

— Mãe! — Bia escutou Felipe gritar da porta. Tinha esquecido do filho novamente.

Bia correu até a porta e entregou o seu telefone para o filho, pedindo para que ele ligasse para o seu pai e dissesse que o tio Jonathan estava dando uma festa e que era para o papai vir para cá e trazer o tio Miguel junto. Ricardo entenderia o recado e largaria o evento sem pensar duas vezes para atender Jonathan. Era isso que uma família fazia naquelas horas.

Voltou ao quarto e encontrou Jonathan em pé, no meio do quarto chorando como uma criança.

— Olha, Bia... — ele apontou para a gaveta quebrada. — Tudo imundo, tudo sujo e cheio de germes. Como eu vou morar aqui? Como eu consigo dormir nesse quarto podre?

Bia se aproximou dele aos poucos, para que ele não recuasse.

— Está tudo bem, John. — Disse burlando suas lágrimas. — Eu e o Kado vamos te ajudar a limpar tudo isso, ok?

— Não dá para limpar.... Está tudo perdido. Ninguém mais vai vir aqui e ver está sujo. Só vai ficar eu e a sujeira.

— John.... — Bia deu outro passo e tocou no seu ombro de leve. — Conta

para mim, o que aconteceu ontem à noite?

Jonathan chorava cada vez mais. Sua cabeça estava doendo demais, seus olhos ardiam do sabão que havia passado para limpar eles. Seus braços irritados pela água escaldante que ele havia derramado em si no banho. Seu pescoço arranhado pelo jeito frenético que esfregou ele.

Ele estava acabado. A sujeira tinha o dominado por completo.

Tudo tinha acabado.

Jonathan estava sozinho. Sua única companheira era a sujeira.

Capítulo 34

Beatriz caminhava pelo apartamento de Jonathan, juntando as coisas que ele havia jogado pelo chão no meio do seu ataque. Finalmente ele havia pegado no sono, depois de muita briga, choro e a interferência de Miguel.

Ricardo chegou logo depois que Bia tinha conseguido acalmar um pouco Jonathan, não o suficiente para ele contar o que havia acontecido, mas o considerável para ele parar de jogar suas roupas no chão. Miguel veio minutos depois, com toda aquela calma e paciência que o médico tinha para lidar com seus pacientes em surto.

Bia já tinha visto ele trabalhar naquela forma. Uma vez, quando Ricardo espancou o ex noivo de Bia, Miguel havia sido chamado para conversar com Ricardo e feito todo um trabalho diferenciado para acalmá-lo. Dessa vez a situação era um pouco mais crítica, apesar de Jonathan não ter quebrado o nariz de ninguém a ponto de um médico ter que colocar no lugar.

Jonathan estava muito alterado. De uma forma que Bia sentiu seu coração pesar pelo modo como o amigo estava se comportando fora da sua normalidade. Nunca tinha visto Jonathan levantar a voz para ninguém, pelo menos quando a outra pessoa não usava algum uniforme de futebol. Era nítida o rompante de estresse de Jonathan.

Os três tiveram que entrar em vários acordos com Jonathan, para que ele se acalmasse para Miguel poder conversar alguma coisa com ele. De prometerem que lavariam toda a roupa dele com seu sabão. Todos os seus livros seriam novamente encapados antes de irem para a estante e que Jonathan só sentaria em alguma coisa devidamente forrada com plástico, para que ele pudesse higienizar adequadamente. Ricardo teve a sorte de encontrar uma casa que vendia de tudo um pouco e comprar alguns metros de plástico transparente.

Bia e Miguel observaram ele esfregar o plástico diversas vezes, inclusive ajudaram Jonathan a cortarem uma parte para que ele forrasse sua cama e colocasse um dos lençóis, que graças aos céus, estava na máquina de secar roupa e ele achou limpo suficiente.

Colocá-lo na cama foi outro parto. Jonathan estava agitado demais e Miguel achou de bom tom sedar Jonathan antes que ele fizesse alguma coisa mais agressiva. Jonathan tomou dois banhos antes de achar que estava realmente limpo, novamente as roupas da máquina salvaram o dia.

Tomar o remédio foi outra complicação. Jonathan não aceitava que ninguém chegasse perto dele mais do que alguns metros. Todos estavam sujos e contaminariam ele novamente. O fazendo entrar mais uma vez no banheiro para

outro banho escaldante. Ainda bem que Miguel estava equipado com tudo que era necessário.

— Não vou tomar nada. Tudo isso está contaminado! Como vou saber se vocês não trocaram o medicamento e vão me dar alguma coisa errada?

Bia e Ricardo tentaram abrir a boca para falar alguma coisa, mas Miguel não deixou. Tomou um passo a mais para a direção de Jonathan e mostrou na sua mochila uma ampola.

— Está dentro da ampola, tu sabe que elas são estéreis e que não tem como abrir. É injetável. Tenho uma seringa lacrada aqui também. Deixa eu chegar perto de ti e aplicar. Tu vai te sentir melhor quando o medicamento agir.

Jonathan balançou a cabeça. Se dependesse de Bia comandar a ação, iria dizer para Ricardo e Miguel para segurarem Jonathan e ela mesmo aplicava o sossega leão nele. Ver Jonathan daquela forma era sofrível demais. E ela, como mãe, sabia que às vezes era necessário uma força a mais para certas ocasiões. Era preferível ver Felipe chorando e dizendo que não queria fazer vacina, do que ele doente e sofrendo. Havia males que vinham para o bem.

Miguel seguiu conversando com Jonathan por um bom tempo. Tempo suficiente para que Bia encomendasse uma pizza e desse de jantar para Felipe, muito entretido arrumando os CD's e DVD's do dindo por cores. Uma ajuda e tanto nas atuais circunstâncias.

— Ele topou receber o diazepam, mas só se eu calçar uma luva estéril que eu tenho em algum lugar aqui. — Miguel sorriu triunfante.

— Ele falou o que desencadeou tudo isso? — Questionou Bia, lavando as mãos sujas de Ketchup de Felipe na pia da cozinha enquanto Ricardo recolhia a louça suja para lavar.

— Agora não é a hora, Bia. — Miguel respondeu com um sorriso e procurando o bendito par de luvas. — Primeiro cuidamos da crise em si para depois descobrirmos a causa. Agora o problema maior vai ser eu me lembrar de como calço isso sem contaminar. Achei. — Ele levantou a embalagem e saiu de novo para o quarto.

Demorou mais alguns bons minutos, Felipe até já estava deitadinho no sofá olhando seu canal de desenhos favorito e piscando cada vez mais demoradamente, para que Miguel voltasse para a cozinha e suspirasse profundamente.

— Ele dormiu. Pensei que iria ter que fazer outra aplicação de diazepam, ele é duro na queda. Mas consegui convencer ele a tomar outro junto. Se um dia ele precisar tomar remédios como os teus, Kado, vai ser uma dose cavalgar.

— Graças aos céus. — Bia colocou a mão em cima do seu coração, para que ele se acalmasse.

— Provavelmente ele vai acordar bem grogue. Alguém vai ter que passar a noite com ele, para não ter perigo dele acordar e se ver sozinho e sem saber o que aconteceu, ainda mais dopado.

— Eu fico. — Bia e Ricardo responderam ao mesmo tempo.

Bia poderia parecer mais eufórica, mas não era a única aflita. Bem mais contido, como sempre, Ricardo esperava por notícias de Jonathan. Ele sabia como aquelas crises podiam ser horríveis. Uma angústia sem fim, a perspectiva de que nada no futuro aconteceria de bom para apagar aquelas lembranças. Ricardo se condoía por Jonathan de uma forma que só quem já passou por aquilo sabia como era.

Não sairia daquele apartamento sem ter a plena consciência que Jonathan estava bem, sem nenhum resquício de perigo para si mesmo. Ricardo, mais que ninguém, sabia que o apoio era a melhor coisa que ele poderia oferecer naquele momento para o amigo. Para tudo que Jonathan precisasse, lá estaria ele, assim como Jonathan ficou ao lado de Ricardo durante os dias mais sofríveis da sua vida.

— Bom — Miguel retornou a falar — eu já fiz o que poderia fazer por ora. Agora o foco é ele dormir um pouco, acalmar os ânimos e quando melhorar eu voltar para ver ele. Com certeza ele vai dormir pelo resto da noite, se acordar, vai ser coisa rápida. Vai voltar a dormir rápido e quando acordar de vez, vai estar com uma ressaca que não vai deixar ele fazer muita coisa.

Bia assentiu. Acompanhou Miguel até a portaria e voltou para o apartamento. Felipe já tinha se rendido ao sono e dormia esparramado no sofá de Jonathan, usando o pijama que deixava ali para quando visitasse o dindo. Beatriz fez uma nota mental de trocar o pijama, aquele já estava pequeno e deixava as canelas do filho expostas.

Ela e Ricardo arrumaram o que conseguiram. Não tiraram a capa dos livros e reencaparam. Mas se caso Jonathan perguntasse, eles haviam sim tirado tudo e feito o trabalho de novo. O lixo com o plástico velho já estava na lixeira do prédio e ambos tinham certeza que o amigo não iria até lá averiguar. Colocaram os CD's e DVD's nas estantes da forma como acharam prudente. Da forma como Felipe havia arrumado por cores.

Bia foi para o quarto para juntar toda as roupas atiradas no chão de Jonathan. A sorte que ele não era um acumulador de roupas. Lavar tudo aquilo e secar levaria um bom tempo. Ricardo tentou arrumar a gaveta quebrada, mas

sem tanto sucesso, precisaria de ferramentas que Jonathan não possuía em casa. Ele e Bia fizeram o que podiam com a casa do amigo. Colocaram um pouco de ordem no caos que ele havia feito, e esperavam que fosse o bastante para que Jonathan não se sentisse mal novamente e colocasse tudo abaixo.

No meio da madrugada encerraram os trabalhos. Ricardo estava bem cansado, por ter passado a última noite dando os toques finais na sua apresentação que abandonou. Deitou ao lado do filho, no sofá, e adormeceu rapidamente. Já Bia ficou sentada em uma poltrona, conseguia se enroscar nela sem problema nenhum, mas sem conseguir fechar os olhos direto um minuto que fosse.

Quando os primeiros raios de sol entraram pela janela, ela desistiu de tentar dormir. Se esticou toda e foi até o sofá onde Ricardo e Felipe dormiam. Bufou ao ver que sofreu com uma gestação de risco, quase morreu para gerar uma criança que era completamente igual ao seu pai. Até mesmo dormindo os dois eram iguais. E não pode esconder o sorriso ao constatar aquilo. Arrumou o cabelo dos dois, até mesmo a mecha rebelde era a mesma!, os beijou e saiu em direção ao quarto de Jonathan.

Ele ainda estava dormindo, sereno e indefeso. Ao vê-lo daquela forma, tão ingênuo e encolhido na cama, como uma bola, Bia não pode deixar de se aproximar de Jonathan. Passou as mãos no cabelo dele, da mesma forma como fez no filho e chegou à conclusão que Jonathan era uma criança, tal qual Felipe. E ela sentia-se muito mãe dele, principalmente naquele momento.

Jonathan se mexeu na cama e abriu os olhos azuis para Bia. Muito zozinho, tentou se enrolar mais, porém a física e a regra de dois corpos não ocuparem o mesmo lugar, ficou bem nítida. Sua cabeça doía um pouco. Sua audição estava indo e voltando como se ele estivesse girando no mesmo lugar. Era uma sensação horrível.

— Bom dia, John... — Bia sussurrou de leve, da mesma forma que fazia quando queria acordar Felipe.

Jonathan gemeu alguma coisa e a fez rir. Igualzinho ao filho quando estava com preguiça.

— Eu trouxe um pouco de água, quer tomar?

Novamente Jonathan gemeu e ela entendeu como um sim. Pegou a garrafa de água, lacrada, que ele tinha na geladeira e entregou para ele. Ajudou Jonathan a sentar na cama e abriu para ele que tomou alguns pequenos goles.

Jonathan caiu na cama como um peso de papel. Sem conseguir sustentar o próprio peso. Novamente ele abriu os olhos, muito nublados pelas ações dos

medicamentos para ele dormir e murmurou alguma coisa para Bia. Ela não entendeu de primeira e quando Jonathan repetiu, seu coração pesou ao escutar aquilo.

— Ela não voltou, não é?

Bia não precisava de tradução para decifrar de quem Jonathan estava falando. Só poderia ser uma pessoa.

— Paula. — Gemeu Jonathan de novo. — Ela foi embora e não vai voltar.

— Ela vai sim, John. — Novamente acariciou os cabelos de Jonathan e limpou uma lágrima solitária que descia dos olhos azuis dele.

— Ela foi embora quando percebeu que eu sou sujo demais. Não queria que ela se contaminasse comigo. Por isso que ela saiu e eu preciso limpar tudo.

Bia limpou outra lágrima, e dessa vez não era a de Jonathan.

Capítulo 35

A cabeça de Jonathan repousava em cima de um travesseiro no colo de Beatriz. Ele soluçava baixinho enquanto ela acariciava seus cabelos. Era uma oportunidade única ela poder consolá-lo. Somente depois de um sossega leão poderoso para que aquilo pudesse acontecer. E devido aos acontecimentos, Bia aproveitou a oportunidade.

— Me conta o que aconteceu, John... — Bia falou baixinho, para não o assustar ou acordar Ricardo e Felipe que ainda dormiam na sala. Se um deles aparecesse naquele momento, Jonathan se reclusaria novamente.

Ouviu ele suspirar longamente. Até imaginou que ele havia pegado no sono de novo. Era bem plausível que ele não ficasse acordado por muito tempo, Miguel não brincava em serviço quando precisava dopar alguém. Às vezes Bia tinha que que pular em cima de Ricardo para que ele acordasse.

— Ela veio para cá como a gente tinha combinado aquele dia do jogo. O Richard estava junto aquele dia. Imaginei que ela nunca mais olharia para mim depois de conhecer ele. Não queria que ele fosse junto por causa disso, mas tu empurrou ele para mim e eu não consegui me livrar.

Bia sorriu ao lembrar do fato. Realmente ela havia enviado Richard discretamente, ou não, para o encontro dele com Paula. Precisava de olhar de alguém fora da situação para saber se Paula era digna de Jonathan. Não era um crime, era apenas um cuidado extra. Beatriz conhecia Jonathan há mais de sete anos, já tinha colocado ele em contato com muitas conhecidas dela e todas não se mostraram a altura para alguém como Jonathan.

Era um patamar bem elevado, ela confessava e não admitiria menos para ele. Jonathan, assim como Ricardo, era especial. Especial demais para ser tratado de uma forma errada ou mal interpretada. Não era um cargo que toda a mulher aceitaria.

Bia, sendo casada com um depressivo, brincava que se casou duas vezes. Uma vez com Ricardo, seu marido imperfeitamente perfeito, o pai responsável que cuida do filho com todo o amor e carinho. O professor que carrega seus alunos nos ombros e os ajuda para tudo que eles precisam. Que não se nega em fazer nada para as pessoas que ele amava. E o seu segundo casamento era com a depressão dele.

Sim, era um casamento e como tal precisava de um cuidado extra. Quando Ricardo está passando por alguma crise, estresse demais, cansaço pelas atividades exageradas que lhe atribuía ou qualquer coisa além do que ele podia suportar, o seu marido mudava por completo. Ricardo ficava quase inerte.

Levantar da cama era uma briga, de ver os olhos dele vermelhos após sair do banho por causa do breve choro de vontade de não sair da cama. Da vontade zero de entrar no carro e ir para a faculdade, mesmo isso sendo uma das coisas que ele mais ama fazer. De não querer voltar para casa nos finais de semana, rever sua família, ou de dançar no CTG, como eles faziam todos os sábados à tarde. Era triste ver o rendimento dele cair mais da metade e ele desesperado por não conseguir fazer seu trabalho render na forma esperada.

Era nessa hora que Bia colocava o seu segundo casamento em ação. Ela que o estimulava, o ajudava e até mesmo corrigias as provas de Ricardo, já que com os anos de experiência lhe fizeram adotar o sistema de múltiplas escolhas para a parte teórica e contas exatas para a parte prática. Era só Bia pegar o gabarito e corrigir. Deixava apenas os trabalhos escritos para ele avaliar. Se empenhava em manter Felipe entretido e deixar o pai um pouco em paz. Felipe não tinha consciência que havia dias que o pai simplesmente não iria conseguir brincar de rodeio no meio do apartamento ou explicar para ele porque Felipe caía quando saltava do sofá da sala. Bia já tinha tudo esquematizado para que ambos não sofressem com aquilo. Ricardo para não se sentir mais culpado ao negar alguma coisa ao filho e se sentir pior ainda, e Felipe por não entender o porquê de o pai estar daquela forma.

Ela segurava as pontas e cansava, muito, com a situação em si. Não era fácil. Não era um mar de rosas como os romances, filmes e novelas desenhavam. A vida era mais complicada do que as pessoas imaginavam. Ter um paciente com histórico psiquiátrico e com tendências a surtos, como o de Jonathan ou até casos mais extremos, como de Ricardo, demandava mais esforço e mais dedicação.

E quando Beatriz contava aquilo as pessoas, escutava sempre a mesma pergunta: valia a pena? Valia a pena todo aquele sacrifício em nome de outra pessoa? Valia a pena passar por tudo aquilo? Valia a pena ser casada com um depressivo e ainda segurar toda a barra?

Bia não precisava pensar duas vezes antes de responder aquelas perguntas idiotas. Sim, valia toda a pena do mundo passar por aquilo. Amava Ricardo com toda a sua força, força essa que ela aprendeu a desenvolver ao ficar ao lado dele. Valia todo o esforço em cuidar de Ricardo, pois quando ela precisava, Ricardo estava ali para ela.

Como esquecer todo o drama do nascimento de Felipe? Tudo que Ricardo passou sozinho enquanto ela estava em coma, alheia ao que acontecia na sua volta e a falta de certeza de que ela e Felipe sobreviveriam. Ricardo tinha tirado forças para enfrentar aquilo por ela e seu filho. Ela tiraria forças do inimaginável

por ele e Felipe.

Por isso que Bia era tão exigente naquela questão. Via que Paula era uma boa moça e havia encantado Jonathan de uma forma que ela nunca tinha visto no amigo. E precisava ter a certeza de que ela estava correspondendo os mesmos sentimentos que ele. Pedir para Richard fazer aquele papel era uma das suas estratégias. Richard era um amor de pessoa, médico, estável financeiramente e encantava qualquer mulher que ficasse mais de dois minutos na sua presença. Era o espião ideal.

Bia ficou impressionada com o relatório de Richard. Paula não olhou nenhuma vez para ele, focando toda a sua atenção para Jonathan. Havia passado com louvor no pequeno e inocente teste de Beatriz Chiarelli. E a cada dia que se passavam, Bia tinha a certeza de que estava incorporando mais a personalidade Chiarelli, com aqueles planos mirabolantes, a devoção aos amigos e familiares e a proteção em exagero. Só ainda não perdia o posto para Liana.

— Eu peguei ela no trabalho, como tínhamos combinado. — Jonathan voltou a falar. — Fomos ao mercado onde ela me disse que ia fazer macarrão com queijo. Eu nem gosto muito de macarrão, mas foi o melhor que eu já comi, parecia com o que o meu avô fazia para nós.

Bia continuava a acariciar os cabelos de Jonathan de leve.

— Ela fez todo o jantar enquanto nós tomávamos vinho, escutávamos música e conversávamos. Ela é perfeita, sabe... — Ele soluçou outra vez e respirou fundo antes de continuar a narrar os outros acontecimentos da noite.

A falta de luz, o jantar com as velas os iluminando. O modo como Paula sorria para ele, o jeito como Jonathan gostava de ver ela no seu apartamento à vontade. Era como se ela pertencesse mais àqueles cômodos que ele mesmo. Bia sorriu ao escutar a narração de Jonathan. Era tocante escutar o amigo contar aquelas coisas tão simples e bonitas. Bia conseguia até imaginar a felicidade de Jonathan ao viver tudo aquilo. Era a felicidade que Bia tanto dizia e queria que ele alcançasse na sua vida.

— Ela se aproximou de mim para me tocar e eu recuei, assustando ela. — O choro se intensificou um pouco mais. — Eu sou um idiota por causa disso e sei. Sei também que ela merece alguém melhor que eu, que ela possa tocar e ser feliz. Ela nunca vai ser feliz comigo. Ninguém vai ser. Vou morrer sozinho aqui nesse apartamento, lutando contra a sujeira que eu e ele temos.

Bia segurou as próprias lágrimas ao escutar aquela parte. Quis falar alguma coisa, dizer que Paula seria feliz ao lado dele, sim, mas Jonathan voltou a falar baixinho.

— Eu sai para o banheiro e senti nojo de mim mesmo por não conseguir receber o toque dela. E vomitei. Quando voltei para a sala ela já tinha ido embora. Ela foi embora para sempre e eu a perdi.

— John....

— Sou sujo demais para ela, e esse apartamento está podre. Como ela pôde entrar aqui e não sentir o cheiro do mofo e podridão das coisas que eu tenho? Vou ter que me mudar para um lugar mais limpo, lavar tudo com água sanitária e outras coisas para poder me mudar.

Jonathan tentou levantar, mas não conseguiu, o remédio estava agindo ainda e o derrubando por completo. Bia percebeu que o problema de Jonathan era mais profundo que ela imaginava. Ele estava sofrendo na sua alma, na essência do seu ser. Precisava encontrar uma forma de mostrar para ele que o que dizia era bobagem. Paula não foi embora por causa da sujeira de Jonathan, se ela pudesse voltar no tempo e ter visto a cena de perto, diria que foi ao contrário. Paula, ao ver a reação de Jonathan, chegou à conclusão de que ela era a “contaminada” na história e foi embora para não criar mais problemas para Jonathan. Essa era a verdade, e ela poderia ajudar os dois a encontrarem um meio termo para o que estava passando.

Mas primeiro ela precisava fazer outras coisas. A primeira delas era tirar Jonathan daquela crise, mostrar para ele o outro lado da moeda e deixar que ele voltasse a ser quem ele era aos poucos. Estava acostumada a fazer aquilo com Ricardo e sabia que Jonathan era um desafio mais cabeça dura que o marido.

E depois, iria até Paula para conversar com ela.

As duas teriam muito o que falarem quando toda a história for passada à limpo com a verdade. Bia sabia que Paula nutria sentimentos por Jonathan, e que ele correspondia. Beatriz só precisava fazer com que Paula entendesse bem o que estava a sua frente. O que ela conhecia de Jonathan era só uma das diversas camadas que ele tinha. Paula teria que entender que a situação dele era diferente da que ela pensava e que se quisesse encarar, teria que ter muita paciência e força para lidar com tudo.

Bia sabia como era aquilo. Tinha passado com Ricardo e contado com a família dele, e até Miguel, para entender como lidar com o marido em momentos como aqueles. Até a menor das ações poderiam ter efeitos inesperados, foi uma das palavras de Miguel que ela sempre levou dentro de si. Paula teria que aprender aquela frase e o impacto que ela causava.

Bia tinha grandes esperanças. Paula já tinha um bom caminho andado sobre pedras junto com Jonathan, agora era enfrentar o caminho com brasas. Um

caminho árduo, mas altamente recompensador.

Se fosse para dar certo, Paula teria alguém para a sua vida inteira. Jonathan não se contentava com metades, ele se doava por inteiro e fazia qualquer coisa por quem gostava. Imagina por quem ele fosse apaixonado.

E se caso Paula não quisesse enfrentar tudo aquilo. Bia teria que tomar a frente e pedir para que ela se afastasse. Era uma medida extrema, ela sabia, mas não suportaria ver o amigo sofrer e entrando em crises por alguém que estava brincando com seus sentimentos.

Compreendia que era uma atitude drástica e intrometida demais. Bem a cara de Liana, pensou consigo, mas necessária. Se Paula não encararia aquilo por ele, não merecia o sofrimento de Jonathan. Beatriz não deixaria e faria de tudo para que o amigo não sofresse mais do que o necessário.

Com Paula afastada ele sofreria, mas não tanto se ela continuasse por perto, dando aquelas falsas esperanças em forma de tortura. Beatriz não deixaria Jonathan definhando por alguém que não o merecia.

Capítulo 36

Paula estava péssima.

Havia passado o pior final de semana desde a morte de Paola. O seu sábado foi deitada em sua cama, agarrada no seu travesseiro alternando entre o choro e o sono. Parecia que seu corpo chorava, cansava até a exaustão, ela dormia para quando acordar recomeçar o mesmo processo.

Ouviu seu telefone e não teve coragem nem de atendê-lo.

Domingo ela se obrigou a levantar da cama, nem que fosse para e limpar o rosto daquela bagunça que estava. Tomou um banho, esquentou uma água para seu velho PET e novamente voltou para cama, onde só conseguiu sair na segunda à tarde. Até perdido a aula da manhã, coisa que Paula abominava, aconteceu.

Trabalhou aquele dia no automático. Pediu, na hora de passarem a escala, que ficasse na parte de organizar as prateleiras. Ali não teria contato com quase ninguém e poderia ficar sozinha, curtindo sua dor em paz.

Paula era uma idiota teimosa, sabia e talvez tudo aquilo se resumisse ao fato dela possuir essas qualidades nada vantajosas para sua vida. Se ela tivesse ficado na dela, quietinha, focada nos seus estudos e no seu trabalho horrível, nada daquilo teria acontecido.

Ela era bem avisada. Paola fez um ótimo trabalho ao explicar para a irmã que homens eram seres complicados por natureza. Viu a irmã mais nova derramar inúmeras lágrimas por um caso de amor que era impossível de acontecer. Seu amado era rico e ela pobre, a família dele nunca aceitaria a união. Paula havia consolado a irmã diversas vezes e prometido, todas as vezes, em que Paola a fazia jurar que nunca iria se envolver com ninguém. Antes só do que mal acompanhada. Repetia Paola em meio às lágrimas.

E no entanto, todos aqueles conselhos foram em vão. Ali estava Paula, sofrendo por um romance tão impossível quando o da irmã com o cara rico.

Paula sentiu novamente as lágrimas chegando aos seus olhos e pensou em outra coisa. Não podia desmorrar no meio da livraria. Já tinha se passado mais de dois dias, pelo amor.... Ela precisava se controlar e tocar a sua vida a diante. Ainda tinha muita coisa a ser feita até a sua formatura para ela poder abandonar toda aquela história e voltar para casa. Recomeçar a sua vida e ajudar a sua família com o que eles precisassem.

Respirou fundo, sem deixar as imagens de Jonathan lhe atrapalhar. Hoje, enquanto escolhia uma roupa, que pudesse afastar o frio que fazia lá fora, já que seu casaco estava perdido na casa dele, viu o desenho que havia feito de

Jonathan. Dos cabelos loiros aos olhos azuis que chamavam a atenção por onde passasse. Uma onda de dor atravessou o corpo de Paula, que ela teve que respirar fundo, diversas vezes, para conseguir se controlar. Ela tinha que lidar com aquilo, precisava arrancar o curativo o mais rápido possível para que começasse a se recuperar mais rapidamente.

Deu o primeiro passo quando pegou a folha e amassou ela como uma bola. A colocou no seu lixo e percebeu que aquilo não tinha tirado o peso que ela esperava dos seus ombros. Apenas tinha dado mais um cutucão e machucado um pouco mais.

Obrigou-se a ir trabalhar, e agora estava lá, no meio das prateleiras, esperando aquele minuto passar para que ela pudesse bater o seu ponto e encarar a jornada de volta para casa. Havia uma cama gelada a sua espera e ela parecia bem mais atraente do que a dor que ela estava sentindo dentro do seu coração.

Arrumou as suas coisas e se encaminhou até a saída da livraria, se despedindo de alguns colegas com um pequeno aceno de cabeça. E quando deu o primeiro passo em direção à saída, parou.

— Era contigo mesmo que eu queria falar. — Beatriz estava parada no meio do caminho. — Será que podemos ir até a praça de alimentação para nos sentarmos?

Paula não notou, mas Bia estava cansada. Muito cansada para uma segunda-feira. Geralmente nesses dias Bia era um poço de animação. Quase sempre passava os finais de semana na sua cidade natal. Era uma festa só. A sua família, e a de Ricardo, os recebiam sempre como se eles estivessem há uns cinco anos fora, em outro planeta. Felipe passava a viagem toda, fazendo planos e mais planos para quando chegasse em casa e fosse brincar com Sofia. Bia e Ricardo descansavam de verdade, podiam largar Felipe pela cidade que não tinha problemas. Ele com cinco anos e Sofia com seis podiam caminhar por todo o centro sem preocuparem seus pais. Cidade pequena tinha suas vantagens.

Com Felipe mais solto, coisa que não acontecia quando eles estavam na capital, era sinônimo de paz e tranquilidade. Os dois podiam fazer um chimarrão e sentar no pátio, dormirem, namorarem e quando a hora chegava, eles fugiam para o CTG. O mesmo galpão, o mesmo cheiro e as lembranças mútuas de dias e mais dias com os dois sendo parceiros de dança numa adolescência já um pouco distante. Foi ali que Beatriz havia se apaixonado por Ricardo pela primeira vez, tinha sido ali que conquistaram tantas coisas e até mesmo casado.

Realmente um final de semana em casa era a válvula de escape que os dois tinham.

E naquele final de semana, em especial e graças aos céus, Ricardo, Beatriz e Felipe haviam ficado em casa. Bia não queria pensar no que teria sido de Jonathan se eles não estivessem por ali para ajudá-lo. Ela não queria nem imaginar no que aconteceria se não encontrasse Jonathan na faculdade na segunda pela manhã e fosse até o apartamento dele.

Mas enfim, agora tudo já tinha passado e Bia estava cansada, mas de alma limpa por saber que estava ali por Jonathan.

Não foi difícil encontrar Paula, apenas uma ligação para a livraria, dizendo que era da faculdade e perguntando qual seria o melhor horário para conversar com Paula com tranquilidade. Como toda a boa loja e com um gerente idiota, como Paula o descrevia para Bia, responderam quando ela saísse do seu turno. Bia agradeceu quando disseram a hora que ela saía e correu para o shopping.

Sentaram perto de uma grande rede de restaurantes e Paula estava muito intrigada com o que Bia poderia querer falar com ela. Ela tinha uma grande ideia sobre o que seria o tema central, mas não imaginava o motivo que havia feito Beatriz se deslocar até lá para que as duas conversassem em plena segunda àquela hora da noite.

— Bia...

— Paula, — Beatriz a cortou de imediato — eu vim para conversar contigo e realmente eu espero que tu seja bem franca comigo e que a gente possa colocar algumas coisas em foco aqui, para podermos ver tudo com clareza.

Paula ficou um pouco inquieta com o modo que Bia falava. Conhecia ela pouco, mas sabia que aquele não era o seu modo usual.

— Ok... — foi o que ela conseguiu dizer e antes que Bia voltasse a falar, emendou. — Está tudo bem com o Jonathan?

Até mesmo falar o nome dele causava uma espécie de sentimento diferente, um que Paula nunca tinha experimentado na sua vida.

Beatriz suspirou pesadamente, tentando descarregar aqueles dois dias de angústia para fora.

— Sinceramente? Eu acho que ele já esteve bem melhor, mas eu vou chegar lá. Primeiro eu quero saber o que aconteceu entre vocês na sexta à noite. A versão dele eu conheço, apesar dele divagar um pouco e enrolar as palavras.

— Bom... — Paula juntou as mãos e começou a narrar o acontecido pela sua visão.

Disse do jantar que ela havia preparado, do vinho que tinham tomado além da conta, principalmente para ela que não era tão forte para bebidas alcoólicas. Da luz faltando, das velas os iluminando e o avanço que Paula havia feito na

direção de Jonathan para tocá-lo.

Bia escutava a história em silêncio conferindo os fatos que Jonathan havia falado durante a ação do diazepam no seu corpo. Realmente batia com o que escutava de Paula.

— Eu me aproximei, sei que ele não gosta que toquem nele mas,... — as malditas lágrimas queriam voltar. Paula pensava que não havia mais água no seu corpo para serem convertidas em lágrimas. — O álcool me afetou mais do que eu imaginava e eu quis tocar o rosto dele, para saber se ele era de verdade ou um sonho perfeito que eu estava tendo.

Respirou fundo.

— Desde o início eu sabia de que ele era assim e que nunca iria querer alguma coisa além da amizade. Tudo aconteceu tão rápido. Eu... Eu moro sozinha desde que saí de casa para estudar. E ver ele ali, tão interessado em mim, no que eu falava, demonstrando um zelo tão reconfortante. Se importando com o que eu pensava, falava ou fazia. Não foi difícil para que eu imaginasse coisas além do que existiam. Sou uma idiota, sei disso... — Admitiu por fim.

Bia observava Paula segurar o seu controle ao máximo. Conhecia a sensação, anos atrás ela passou por algumas daquelas situações em que queria falar bem mais do que podia para não desmoronar tudo. Todas as vezes que ficou assim eram momentos em que estava com Thiago, seu ex noivo, que não deixava ela fazer coisas básicas sem a sua permissão ou queria mandar na sua vida como se ela fosse um capacho.

— Está tudo bem, Paula. Eu só quero saber o que aconteceu e como aconteceu, não estou aqui para te julgar. Já estive nessa situação, em que uma pessoa chega na nossa vida, que está um inferno, e faz pequenos gestos que nos fazem nos sentirmos especiais. — Bia sorriu para Paula, para que ela se acalmasse. Apesar de estar ali em uma missão, Bia não precisava ser a carrasca.

Paula assentiu e deixou uma lágrima escapar do seu olho. Abriu o pacote de guardanapo de papel que estava solitário em cima da mesa e a limpou.

— Sei que o Jonathan nunca iria querer nada comigo. — Admitiu por fim, já aceitando sua infelicidade. — Ele é especial para qualquer pessoa, inclusive eu.

Bia assentiu e pegou as mãos frias de Paula.

— Sim, Paula, nisso eu tenho que concordar contigo, o Jonathan é especial para qualquer pessoa. — Outra lágrima correu dos olhos de Paula, trazendo outra, outra e mais outra.

E ali estava ela, abrindo seu coração para Beatriz. Dizendo todas as

qualidades de Jonathan, de como ele era especial e único. Bia concordava com tudo aquilo que ela falava, sem a interromper. Abriu um sorriso cansado, de quem não havia dormido por duas noites para ficar de olho em Jonathan.

Paula confidenciou para Beatriz seus sentimentos. Pelo menos alguém no mundo saberia que Paula, a pobre estudante do último semestre de arquitetura, funcionária de uma livraria em um shopping, estava completamente apaixonada por um certo professor doutor em química, com um pequeno problema com germes, mais conhecido como Jonathan Ramiro Dering.

Capítulo 37

Beatriz queria abrir o botão da calça de tanto que havia comido.

Ela precisava daquele hambúrguer gigante, com o refrigerante e a batata-frita na mesma proporção. Enquanto Paula comia o mínimo possível, Bia, se deixassem, comeria até a mesa em que elas estavam.

Estava mais aliviada por ter escutado algumas coisas de Paula. Entender o lado dela na história foi fundamental para Bia colocar as duas sobrepostas e tirar uma grande, e significativa, conclusão. Ao que parecia, nem tudo estava perdido para Paula e Jonathan.

E por esse motivo, Bia se deu ao luxo e à gula de comer toda aquela absurdidade. Ela realmente merecia cada uma daquelas calorias dentro do seu corpo.

Estava quase virada desde sábado, quando encontrou Jonathan surtando no seu apartamento. Ele poderia ter dormido boa parte do dia e da noite, mas Bia não pregou os olhos mais do que algumas poucas horas, quando o seu corpo realmente não aguentava mais, ou Ricardo assumia o posto de ficar de olho em Jonathan.

Tinham convencido o amigo, muito abalado pelos medicamentos, a irem para o apartamento deles. Arrumaram o quarto de Felipe para que Jonathan ficasse mais perto deles. Felipe nem usava aquele quarto, a cama dos pais era um imã gigante para ele. Ou um portal se abria para que no meio da noite, Felipe fosse transferido para o meio dos pais.

E mesmo com a proximidade e a comodidade de estarem em casa, Bia não descansou. Ficou o tempo todo preocupada como uma mãe quando o seu filho estava doente. Manteve contato com Miguel por telefone, e até recebeu o médico no meio da tarde de domingo para ver como ele estava.

Bia não entrou no quarto, Ricardo pediu um pouco de privacidade para Jonathan. Sabia como aquelas consultas domiciliares eram mais complicadas e delicadas, tanto para o paciente como o médico. A presença de Bia entre eles mais atrapalharia do que ajudaria.

Ficaram os três, se contarem Felipe, um tanto curioso sobre a doença misteriosa do dindo, sentados na sala esperando alguma notícia que fosse. E quando Miguel apareceu, Bia deu um salto do sofá.

— Parece que temos uma legítima Chiarelli por aqui. — Comentou Miguel ao ver Beatriz. — Impaciente, nervosa e sedenta por respostas.

Ricardo revirou os olhos, pois sabia que a esposa estava ficando cada vez mais parecida com Sérgio e Liana, bem mais do que ele gostaria. Já Beatriz nem

deu ouvidos ao comentário, queria saber como Jonathan estava.

— Dopado ainda, meio variando entre o sono e a consciência. Tem horas que ele fala como se estivesse sonhando com alguma coisa e outras bem lúcido. Ou seja, normal para quem tomou aqueles medicamentos que eu receitei.

— E o que vamos fazer agora? — Quis saber ela e concordando com Sérgio, seu cunhado. Miguel era um ótimo médico, mas adorava enrolar ou dizer coisas que não importavam ao nosso conhecimento, adiando as notícias que realmente interessavam.

— Bom... — Começou Miguel. — Conversei com ele e o convenci de ficar uma semana afastado da faculdade. De preferência em algum lugar neutro. Ele pediu para ver se o Sérgio ou a Fernanda não acolhem ele. Acho que ele estava meio chapado nessa hora, mas não é uma ideia ruim... Se eles estiverem dispostos...

E é claro que Ricardo não precisou falar mais nada. No momento em que pronunciou as palavras Jonathan, crise e descanso, Sérgio e Fernanda já estavam quase dentro do carro em busca de Jonathan. Porém, chegaram à conclusão que ele ainda estava sobre efeito de medicamentos, acharam melhor Richard e Liana, que tinha uma consulta com seu obstetra, trazerem Jonathan para o interior. Lá ele seria recebido como um filho por eles e tratado com toda a regalia, comida e descanso que ele precisava.

Jonathan, ao acordar naquela segunda, estava mais lúcido e tentando ligar alguns fatos que aconteceram nos últimos dois dias. Protestou contra a semana de “férias” que Miguel havia lhe dado, mas Ricardo o convenceu a aceitar, ele, mais do que ninguém, sabia como aquelas pausas eram importantes para recobrar a sanidade e tranquilidade. Jonathan escutou o amigo e acabou cedendo, não quis voltar ao seu apartamento para fazer uma mala, Ricardo disse que não precisava e ele mesmo foi até o apartamento dele e separou algumas coisas.

Bia estava um pouco aflita. Não sossegaria até receber a ligação de Fernanda dizendo que ele estava instalado e vigiado por ela e Sérgio durante vinte e quatro horas. Ninguém melhor que eles para fazerem aquela vigília superprotetora. Beatriz finalmente pode respirar aliviada em saber que Jonathan estava em boas mãos. E de Sofia, o primeiro amor apadrinhado por Jonathan. Se com Felipe ele era um grude, com Fifi era uma cola especialmente forte.

E agora lá estava ela, acompanhada por Paula e bolando um plano infalível para juntar os dois para sempre. Paula estava passando em todos os seus testes, sem nem mesmo sabendo que estava sendo avaliada. Só faltava a prova final, que falava mais alto do que todas as outras.

— Paula — começou ela, depois de notar pela vigésima vez, Paula limpar alguma lágrima desgarrada. — Eu sei que todo mundo pensa que eu tenho um caso com o Jonathan, mas por mais incrível que pareça, eu amo ele como se fosse um filho meu. Cuido dele como tal, tanto que faz dois dias que eu não durmo e nem como direito. E sei que o Ricardo se preocupa com ele da mesma forma.

Paula assentiu. Não estava sendo uma conversa que ela imaginava ter com Bia. Escutar o que Jonathan tinha passado depois da saída dela era doloroso demais. Escutou Bia enquanto seu coração sangrava por ele. Nunca imaginaria que um ato seu faria todo aquele problema.

Ela queria vê-lo com seus próprios olhos, para ter a certeza de que Jonathan estava realmente bem. Queria abraça-lo, mesmo sabendo que era uma coisa impossível de se fazer e nem saberia se algum dia teria uma oportunidade de fazer aquela coisa tão simples.

— Entendi teus sentimentos por ele e sei como dói escutar certas coisas, principalmente as que eu vou falar, mas eu realmente preciso dizer, ok? Não me leva a mal e nem fica me julgando por fazer isso. Conheço o Jonathan há sete anos, sei como ele é e como age em certas situações.

Paula assentiu. Era agora que Bia destruiria mais o coração dela, se isso fosse realmente possível. Quanto de dor e sofrimento uma pessoa poderia carregar dentro de si? Paula tinha certeza de que estava perto de saber.

— E posso dizer com toda a certeza de que nunca vi ele agir assim com outra pessoa. O que ele fez por ti foi tanto que nem ele mesmo aguentou. Ele surtou mais não por não te deixar tocá-lo, mas sim pelo fato de que ele quer isso, mas ainda não consegue. É uma briga interna tão grande que ele mesmo não suportou, tamanha é a força de vontade e o medo que ele está sentindo ao mesmo tempo.

Paula desviou o olhar de Bia para não voltar a chorar novamente. Ela nem tinha se recuperado das lágrimas do final de semana e já estava chorando novamente. Daqui a pouco cairia no meio da praça de alimentação do shopping por desidratação de tanto chorar.

— Estar com alguém, intimamente, como o Jonathan não vai ser um mar de rosas. — Admitiu Bia e complementou. — Nem eu e o Kado vivemos assim, e olha que o problema dele é bem diferente do Jonathan. Ele tem fases e fases, desde de não querer sair para colocar o lixo na rua, a chorar por não querer ir trabalhar. Já passamos poucas e boas por causa da depressão dele e sei que amanhã é outro dia e pode ser pior do que esse. Mas essa não é a questão, Paula.

Só estou te exemplificando que, mesmo com todas as adversidades que nós temos, nós estamos juntos e cada vez mais fortes. Cada crise que passamos ao lado um do outro são mais fáceis de serem diagnosticadas e tratadas. Com o tempo não melhora, mas nós ajustamos com mais facilidade, sabemos o que fazer e quando fazer.

Bia sorriu para Paula e segurou as mãos frias dela.

— Eu preciso saber se tu está pronta para encarar tudo isso. Ser paciente para que ele aprenda, no seu próprio tempo, a administrar o que ele sente e, principalmente, esperar por ele.

Paula piscou algumas vezes, para afastar as lágrimas e entender o que Beatriz estava falando.

— Eu sei que eu pareço uma louca falando isso, mas eu faço isso pelo Jonathan. Ele é uma criança quando se trata de sentimentos e não sabe o que eles significam e nem como transmiti-los. A infância dele foi um desastre, o pai um canalha, que traia a mãe dentro de casa na presença do Jonathan, a mãe uma viciada em remédios para dormir o irmão um drogado que quase o matou uma vez e.... Meu Deus, não gosto nem de pensar no que ele passou naquela casa antes de sair para o colégio interno. Olho para o Felipe e não consigo imaginar eu e o Ricardo fazendo o que eles faziam....

Beatriz teve que parar se conter. Aquela parte da história não era cabível para ela narrar. Era Jonathan que deveria se abrir para Paula e contar todas as coisas que passou para que ela entendesse quem ele era realmente. Beatriz só poderia contar o básico para que ela comesse a formar algumas ideias na sua cabeça.

— Enfim — ela respirou fundo e reencontrou seu controle — coisas absurdas para uma criança inocente presenciar. Mas que o deixaram daquela forma. O medo de encostar em alguma coisa suja, de não saber o que é receber um carinho incondicional e de amar alguém. A única família, que ele considera, é a do Ricardo. Tanto que ele pediu para ir para a casa do Sérgio e Fernanda, é o lar que ele conhece e é bem tratado.

Paula já estava destroçada, o que era estar destroçada e meia? Ouvir Beatriz falar aquelas coisas não a consolavam. Bem pelo contrário, a deixava mais aflita do que ela já estava.

— Eu.... Eu não sei o que responder, Bia. — Disse por fim, gaguejando mais do que gostaria. — Minha vida também não é um mar de rosas. Realmente eu gostaria de ter alguma coisa com ele, é um sonho tão utópico que, apesar de estar sofrendo muito com tudo isso, sabia que a minha única opção era essa. O

Jonathan é muito além do que eu imaginava para mim.

— Não... Ele é sim além para muita gente, mas não para ti, Paula. — Bia a consolou. — Se fosse qualquer outra mulher eu já teria chutado ela para longe, mas tu é diferente, tanto que eu estou aqui tendo essa conversa contigo ao invés de estar em casa dormindo. Tu é diferente e, assim como tu pensa isso, ele pensa mil vezes pior. E é isso que eu quero resolver. Quero ser a intermediária para ver o Jonathan feliz. Ele, assim como tu, merece toda a felicidade do mundo depois de tanto sofrerem, não concorda?

Paula maneou a cabeça com um sim.

Sim, ela merecia ser feliz depois de tanta luta e sofrimento. A infância esquecida por causa de algum motivo que nem sua mãe comentava com ela, a vida pobre, mas com o suficiente para ser feliz e dura ao mesmo tempo. A perda de Paola daquela forma.... O modo como caiu de paraquedas na cidade grande, em uma faculdade particular como bolsista, o frio que a castigava nos invernos, a esporádica fome por não ter mais dinheiro no mês... Se Paula fosse colocar todos os seus revezes na mesa, iria ficar até a outra semana falando. Fez um apanhado geral e nem precisou calcular a média geral para saber que merecia ser feliz. De uma forma de outra, Paula merecia alguém como Jonathan ao seu lado.

Só não sabia se seria capaz de mantê-lo com a força que ambos precisavam.

Capítulo 38

Jonathan abriu os olhos e, como fazia nos últimos dias, demorava a se recordar de onde estava. Mais precisamente no quarto de Ricardo, na casa do seu irmão mais velho, em uma pequena cidade do interior.

Passou a mão pelo rosto e sentiu a barba, bem maior do que um dia ele já usou na vida, enfeitando seu rosto. E um pequeno monte de cabelos escuros ao seu lado. Sofia.

Desde que havia chegado, para aquela semana de descanso, Sofia estava na cola de Jonathan, iluminada com a novidade de seu dindo passar todo aquele tempo com ela. Certamente não era bem isso que Miguel se referia a descanso total para Jonathan, mas para ele, ficar com Sofia todos aqueles dias era bem mais relaxante do que só dentro da casa sem fazer absolutamente nada além de tomar os remédios que o médico havia receitado.

Medicamentos aqueles que Jonathan havia se negado fortemente a ingerir. Foi preciso um pouco de perspicácia de Miguel, aliado com a preocupação de Beatriz e bem alimentada por Fernanda, desde que ele chegou. Jonathan não tinha escapatória nenhuma e acabou cedendo. E com a promessa de Miguel que, quando voltasse para casa, pararia de tomar eles. Miguel, como sempre prezou pelo companheirismo, total transparência e exímia confiança, cumpriu a sua parte do acordo ao diminuir gradualmente as dosagens.

— Bom dia, Sofia. — Jonathan disse ao ver a afilhada com os olhos abertos em sua direção.

— Bom dia, dindo John. — Respondeu com uma vozinha de sono e preguiça.

A porta do quarto abriu sem nenhuma cerimônia, uma coisa normal se falando de uma casa dos Chiarelli. Desde que Ricardo de trancou no banheiro para tirar a própria vida, todas as trancas da casa foram removidas. Fernanda ainda tinha a consideração de bater na porta para se anunciar, Sérgio não era dotado de tantas sutilezas, as abria sem se importar quem estivesse no quarto.

— Bom dia, seus dorminhocos. O café está pronto. — Sérgio disse com a empolgação que quem já estava acordado há muito tempo e ajudado com uma fornada de pães no mercado.

Sofia pulou da cama direto para os braços do pai, que a caçou no ar e a enchia de beijos. Jonathan era mais calmo com seus movimentos, ainda acordava bem zozinho por causa dos remédios, mesmo tomando a metade deles.

— Que saudade da Fifi me chutando no meio da noite. — Sérgio continuava a apertar a filha que ria. — Acho que essa noite vou te sequestrar do

teu dindo.

Jonathan conseguiu levantar e sorriu ao ver a cena deles. Era um tipo de motivação a mais. Um incentivo para continuar aquele dia, apesar de tudo que estava passando na mente dele.

Depois de tomar um banho rápido, ignorar a lâmina de barbear novamente, Jonathan desceu as escadas em direção à cozinha, onde a família Chiarelli tomava seu café. Deu bom dia para todos e começou a preparar o seu em silêncio, enquanto todos conversavam sobre alguma coisa alheia a Jonathan.

Era bom estar ali. Aquele era o único lugar, além da sua própria casa, que Jonathan realmente sentia-se bem. Por motivos maiores, não podia estar no seu apartamento. Só de pensar na possibilidade ele já começava a ficar um pouco apreensivo. Miguel disse que era normal e que era bom evitar pensar naquilo.

Jonathan ainda estava um pouco sensível desde o seu ataque de sábado. Compreendia que havia extrapolado alguns limites que ele mesmo tinha se estabelecido com o passar dos anos e da terapia que fazia. Mas agora já tinha acontecido. Tinha cruzado a linha, explodido lindamente, feito uma boa bagunça (literalmente) e precisava juntar seus cacos para voltar para casa.

Ele estava fazendo isso. Passar os dias com Sofia e com toda a família Chiarelli era uma forma de Jonathan se recuperar por completo. Ele se entretinha basicamente o dia todo. Sofia sempre tinha alguma coisa nova para mostrar, Inácio alguma dúvida em química ou outras matérias, Sérgio opiniões para o mercado, Liana de componentes dos materiais que ela usava e Fernanda sempre encontrava alguma coisa para que ele não ficasse muito parado. Mais do que ninguém, a família Chiarelli sabia da importância em manter uma pessoa ativa a maior parte do tempo possível.

Jonathan era agradecido. Eles conseguiam ocupar a sua mente sem o pressionar, sem perguntar coisas profundas ou até mesmo instigar coisas que Jonathan ainda não conseguia falar. Tinha coisas que apenas com Miguel ele conseguia se abrir, e era grato por eles respeitarem aquele limite. A única pessoa que não conseguia fazer isso era Beatriz, mas Jonathan a perdoava por ela sempre estar lá por ele. Se não fosse Bia entrar no seu apartamento aquele dia.... Nem ele sabia o que poderia fazer consigo mesmo.

Contudo, apensar de todo o “trabalho” que tinha, Jonathan ainda tinha tempos ociosos. Momentos aqueles em que ele se pegava pensando no que aconteceu naquela noite. E principalmente em Paula.

Queria, e ao mesmo tempo, não queria saber notícias dela. Era um sentimento dubio, ele compreendia, mas nem por isso aceitava. Na pressa de sair

de casa, carregado por Ricardo, Miguel e Bia, para o apartamento dos amigos, Jonathan não levou nada mais do que o essencial, e o resto Ricardo havia buscado para ele no outro dia. Nem seu telefone ele havia pegado. Estava longe da única coisa que poderia o colocar em contato com Paula.

Era uma coisa boa. Assim não precisava se recordar com mais profundidade do seu episódio de surto. E ao mesmo tempo, uma angústia de não saber como ela estava e por que havia saído do seu apartamento daquela forma.

Ao voltar do banheiro, naquela noite em questão, depois de ter vomitado, se xingado pelos próprios problemas que carregava e não conseguia suportar certas coisas, Jonathan retornou à sala e a encontrou vazia. Aquilo o destruiu por completo. Estava sozinho, no seu apartamento e aparentemente a culpa era toda de Jonathan.

Tudo por culpa dele.

A cabeça de Jonathan começou a rodar rapidamente. Imagens dele, na sua infância, vendo e escutando coisas impróprias para a sua idade o inundaram e o arrastaram para dentro do mar de loucura que habitava dentro dele. Não conseguiu se concentrar na sua respiração para se acalmar. O desespero, munido com a sua paranoia, um pouco acentuada, foi o combustível para que ele explodisse.

Começou a ver a sujeira que ele tinha perto de si, que o contaminava e afastava as pessoas dele. Ele era sujo. Ele era imundo e vivia num chiqueiro que era o seu apartamento. Precisava limpar tudo, tirar as coisas do lugar para que pudesse limpar e quem sabe, quem sabe, Paula pudesse voltar.

Era difícil até mesmo para ele explicar o que tinha acontecido, quem dirá compreender. Jonathan apagou por completo. Não percebeu que tinha quase destruído seu apartamento. Tirado todas as roupas do armário, despejado suas lembranças das viagens com seu avô no meio da sala, seus papeis da faculdade, livros e até alguns trabalhos de alunos, espalhados pelo chão.

Não chegou a ter consciência de como realmente deixou suas coisas. E, sinceramente, não queria saber. Ricardo havia lhe dito que arrumaria tudo da melhor forma possível. E se Kado falava alguma coisa, Jonathan tinha a certeza de que quando voltasse para seu apartamento, tudo estaria na perfeita ordem.

Agora, para ele, só restava aproveitar aqueles dias que Miguel havia lhe dado de descanso. Apesar de muitos pensamentos tentarem ocupar sua mente, Jonathan tentava com afinho isolar todos eles.

— Alguém precisa ir ao mercado e pegar uma lâmina de barbear. — Liana olhou para Jonathan, sentada à sua frente na mesa.

— Eu gostei do estilo, John. — Fernanda sorriu para ele.

— Bom saber, Gorda. — Comentou Sérgio irônico.

— Estou falando do Jonathan, se tu chegar perto de mim com essa lixa que tu chama de barba, vai dormir no sofá.

Jonathan riu, um pouco comedido. Era bom estar ali.

Tomou o seu café e viu toda a família Chiarelli sair em suas atividades. Liana iria para o posto de saúde para atender e depois para o seu consultório. Fernanda e Sérgio para o mercado, e Sofia estava entretida com seus desenhos animados, ainda de pijama e bem sonolenta.

Jonathan ficou sentado no sofá, ao lado de Sofia, mas não olhando os desenhos, que ela ria alegremente. Jonathan olhava pela janela, com o vento batendo e o vidro não deixando o frio chegar.

O clima o fez lembrar de Paula. Seu coração se apertou em se lembrar dela. O que estaria fazendo naquele horário? Será que estava sentada ao sol nos bancos da faculdade em frente à praça?

Ele suspirou profundamente. E voltou à realidade quando Sofia colocou os olhos dela, iguais ao da Fernanda, nos dele o assustando.

— Vamos brincar, dindo?

— De que hoje? — Jonathan sorriu para Sofia.

— Na rua, de jogo do Grêmio!

Sofia gritou enquanto corria em direção à rua. Jonathan levantou com toda a calma do mundo e foi atrás da sua afilhada. Afinal, aquela semana era para ele descansar e nada melhor do que jogar futebol com Sofia.

Capítulo 39

Bia olhou para Jonathan e não se conteve em abrir um pequeno sorriso.

— Barba...? — Era uma coisa estranha, mas não deixava de ser altamente charmosa.

Jonathan deu os ombros de leve. Bia nunca tinha visto ele nos mais de sete anos que se conheciam ele daquela forma. Jonathan tinha uma conduta bem rígida quando seu asseio pessoal. E ver ele daquela forma era uma coisa surpreendente. Bastava saber de qual lado aquela surpresa se enquadrava, se do lado das boas ou das ruins.

— Aqui é mais frio que o meu apartamento. Consigo me barbear lá sem congelar o rosto, aqui a história é um pouco diferente. E também com os remédios que o Miguel me deu eu fico um pouco zonzo e sem a coordenação motora firme. Para não correr cortes, resolvi experimentar. Estou gostando do resultado.

— Nunca te vi assim sem se barbear. É estranho, mas ao mesmo tempo ficou bem em ti.

— A Fernanda também gostou, Liana fica pegando no meu pé por isso, mas acredito que ela também aprove.

Bia assentiu e os dois continuaram a caminhar pela pequena praça no centro da cidade. O frio era implacável e o sol tentava aquecer o máximo que conseguia. Bia olhava para frente vendo Ricardo ensinar Felipe e Sofia a andarem de bicicleta com apenas uma das rodinhas auxiliares. Ela já havia perdido a conta de qual dos dois já tinha caído mais tombos. E de qual dos três ria mais alto na brincadeira.

Depois de se despedir de Paula, aquele dia no shopping, ela estava bem mais tranquila em relação ao Jonathan. Paula ainda tinha algumas dúvidas, principalmente se tratado do seu futuro depois de acabar a faculdade. Bia não podia a culpar de tê-las, ela mesma quando estava na mesma situação de Paula começou a pensar em certos rumos da sua vida, e graças aos céus que conseguiu mudar tudo que gostaria que fosse diferente. Bia nem queria imaginar o que seria dela se tivesse o medo de se arriscar a jogar tudo para cima, principalmente depois da covardia que havia passado nas mãos do seu ex noivo, e em busca da sua felicidade.

Bia tinha certeza de que Paula não perderia a oportunidade de continuar seus estudos na capital. Sabia da dificuldade que ela passava, e compreendia que a vontade dela em vencer tudo aquilo era maior do que qualquer outra coisa. Uma pós na sua área abriria mais porta para Paula do que ela voltar para casa

apenas com a faculdade. Paula não iria desistir de um futuro bem mais promissor do que ela poderia imaginar. Ela era ambiciosa e quando chegasse a hora iria fazer a escolha certa.

E de quebra, ainda se acertaria com Jonathan. No momento em que ela deixasse todos seus receios de lado, tudo se encaixaria com perfeição. Bia podia ver, com uma visão privilegiada, que Paula e Jonathan foram feitos um para o outro. Assim como ela e Ricardo. E por causa disso, ela estava pronta para ajeitar as coisas ambos. Tudo que Bia queria era a felicidade de Jonathan e ela faria o que pudesse para que isso acontecesse.

— Hmmm — Jonathan passou as mãos pelos cabelos e depois pelo rosto, pela barba que ali estava.

Bia olhou para ele, sabendo que Jonathan queria tocar em algum assunto, mas não tinha a confiança necessária para fazer aquilo. Ele era um fofo quando ficava daquela forma.

— Sim... — Bia o incentivou a falar.

— Como estão as minhas turmas? Alguém as assumiu? — Bia o encarou, sabendo que aquela não era a pergunta original. Mas a respondeu, mesmo assim.

— Estamos revezando. Fiquei com algumas e outros professores com outras. Tudo está certo na faculdade.

Jonathan assentiu e olhou para frente, Felipe havia caído feio e estava rindo do ocorrido, com um rastro de sangue nas mãos.

— Qualquer dia vão pensar que ele é maltratado em casa de tão roxo que as pernas e braços são. — Bia comentou para si mesma vendo o trabalho que teria com Felipe no banho depois. E como Ricardo estava bem empenhado em ensinar o filho e a afilhada, não deixaria mais aquele trabalho para o marido.

Caminharam mais um pouco vendo Sofia quase virar de ponta cabeça a bicicleta e Felipe atropelar a prima. Bia se ausentou um pouco para buscar a câmera de fotografia de Sérgio e Fernanda para registrar o momento.

Aquela semana na companhia dos Chiarelli havia feito muito bem a Jonathan. Ele mesmo notava as diferenças em si. Estava mais calmo, bem menos ansioso e descansado. Nem mesmo a sensação de ombros pesados ele tinha mais. Sua cabeça não estava mais acelerada a ponto de ele não conseguir focar em apenas uma coisa. A ajuda dos remédios tinha realmente desanuviado tudo, e agora ele precisaria aprender a deixar as coisas assim para não se tornar um dependente.

Mas além de tudo isso, uma única coisa estava sempre recorrente nos pensamentos dele. Paula.

Jonathan queria perguntar para Bia se tinha alguma notícia dela. Ele tinha quase certeza de que Bia tinha conversado com Paula. Conhecia Bia bem para saber que ela não iria se contentar só com a versão dele para os fatos ocorridos, Bia iria recorrer a Paula para preencher algumas lacunas e ter a visão dela.

Ele não sabia como chegar nela para aquele assunto. Tinha muito medo da resposta que Beatriz poderia lhe dar. Era aterrorizante demais conviver com aquelas dúvidas, mas ao mesmo tempo, mais ainda, saber alguma resposta que Jonathan não queria ouvir.

Talvez conviver com a dúvida era melhor do que a verdade absoluta que poderia lhe causar mais dor e sofrimento.

Jonathan poderia conviver com a dúvida, ele achava. Seguiria sua rotina organizada, suas manias e sua solidão em paz. Não precisava de toda aquela felicidade que a família Chiarelli tinha e nem Ricardo e Beatriz. Viver as margens deles, acompanhando as vitórias dos amigos e vendo seus afilhados crescerem, e os novos nascerem, era mais do que necessário para Jonathan.

Não precisava ter ninguém ao seu lado todos os dias. Bia mesmo era uma reclamava que daria tudo por algumas horas de folga do filho e marido. Jonathan tinha muitas horas ociosas e se contentava com elas sem preenchimento com problemas que uma relação poderia trazer. Era bem mais fácil viver assim, não era? Sem complicações, sem problemas, brigas e discussões sobre coisas infantis e bobas. A vida sozinha tinha suas vantagens, bem mais do que as vidas compartilhadas.

Pelo menos era assim que ele achava e tentava moldar suas opiniões para encaixar nos seus pensamentos.

Suspirou ao chegar, novamente, àquela conclusão. E até mesmo não via a hora de discutir com Miguel sobre aquilo. O tempo que estava de “férias” ali o fez ter diversos argumentos para rebater com o seu médico. Seria uma consulta interessante, cheia de teorias e estimulante.

Ele estava bem com a situação toda. Estava conformado, para ser mais sincero. Apreciou cada momento em que esteve ao lado de Paula, principalmente aqueles em que eles estavam rindo de alguma coisa. A risada dela era única e fazia Jonathan falar mais, para ouvi-la de novo. Ou quando estavam só ao lado de um do outro, Jonathan sentia-se em paz com ele mesmo e com o universo. Era uma experiência única e que valeu a pena passar por ela, mesmo que nunca mais fosse acontecer.

Quando Jonathan fosse mais velho, e estivesse em casa, sozinho e sem ninguém ao seu lado, iria recordar daqueles momentos com saudade.

— Ficou quieto do nada, Jonathan. No que está pensando? — Bia olhava para as fotos que havia tirado no pequeno visor da câmera.

— Nada em específico.

— Tu é um péssimo mentiroso, sabia. Bom, se não vai me perguntar sobre ela eu não vou responder... — Disse ela quase cantarolando.

Jonathan sentiu o corpo arrepiar, e não foi apenas de frio. Era uma coisa a mais, a mesma sensação quando estava com Paula. A de tudo sair fora do seu lugar habitual, mas ao mesmo tempo, se encaixar perfeitamente. Uma loucura tão grande que ele ficava completamente perdido quando começava a pensar naquilo.

— Estive com a Paula logo depois que tu saiu com o Richard e a Liana. — Bia começou a falar mesmo assim, ela não conseguia se conter, ainda mais vendo a reação de Jonathan ao seu lado. Era nítida a diferença que ele apresentava quando ela se aproximava ou tocassem o seu nome.

Jonathan engoliu em seco. Queria pedir que Bia parasse, estava tudo certo com o que havia acontecido. Paula tinha ido embora, não aguentou as manias exageradas de Jonathan e ele não ficava ressentido com aquilo. Bem pelo contrário, tinha chegado à conclusão de que era a melhor coisa a ser feita. Cada um seguiria sua vida como se nada tivesse acontecido. Paula encontraria alguém parecido com ela, que a tocasse quando quisesse e a fizesse feliz. E Jonathan voltaria para a sua vidinha sem graça a programada. Ela seria feliz e ele.... Ele seria também, ao seu jeito, mas seria.

Contudo, queria saber como ela estava. Apenas uma curiosidade que assola os humanos desde os primórdios.

— Ela está bem? — Questionou, simples e diretamente. Uma resposta monossilábica que Bia resolveria o problema e ele poderia seguir com o seu plano solitário em paz.

— Sim.

Ok, aí estava a sua resposta, Jonathan. Ele assentiu devagar e focou o seu olhar em Felipe, que já conseguia dar algumas pedaladas antes de cair no chão. Sofia vinha um pouco mais atrás, sendo impulsionada por Ricardo, que já tinha tirado o casaco de tanto correr atrás dos dois.

— Ela pergunta por ti todos os dias. Até convidei ela para vir para cá esse final de semana, mas ela trabalha. Mas não vê a hora de te ver, arrisco a dizer que está até com saudades tua.

Aquilo desestabilizou Jonathan, da forma que ele estava evitando.

— Ela não foi embora por não suportar teus vícios, Jonathan. — Bia falou

como se o assunto não fosse nada. — Ela foi embora por achar que não merecia ficar na tua companhia. Vocês dois pensam muito parecido. — Ela riu do infortúnio comentário.

Jonathan perdeu o ar ao escutar aquilo.

— Acho que quando tu voltar, vocês vão ter muito o que conversar.

Bia viu ele endireitar a postura, como se aquele ato o desse coragem para dizer as próximas palavras.

— Acredito que não haverá novos encontros. Paula conhece o meu pior e tenho certeza de que não vai querer ver de novo. Acho que uma oportunidade foi o suficiente para ela.

Bia olhou para Jonathan. O modo como ele olhava para frente, com o olhar vidrado em nada. Compreendia o quanto Jonathan estava se controlando para dizer aquelas palavras duras sobre ele mesmo. O pensamento de que Paula merecia uma coisa melhor do que ele a machucava. Jonathan não tinha a mínima ideia de como ele era especial e por isso merecia Paula.

— Já eu acredito que Paula conhece e o melhor e o pior do Jonathan, assim como eu conheço o melhor e o pior do Ricardo. E como ela, sei que as partes melhores se sobrepõem sobre as piores. E que nós podemos ajudar vocês quando as piores querem tomar conta a situação.

— Ninguém realmente quer lidar com o que a pessoa tem de pior. — Respondeu Jonathan ainda sem olhar para Beatriz.

— Não, realmente não. — Concordou Beatriz novamente pegando a câmera — Mas ninguém vive só das partes piores, Jonathan. E é nós momentos que as melhores veem à tona que tudo compensa.

Bia tirou algumas fotos do filho, que percebeu que a mãe estava fazendo e sorriu para ela.

— A Paula deve ter chegado à conclusão que o teu melhor é maior que o teu pior. E talvez queira continuar de onde vocês pararam em direção a uma coisa diferente do que apenas amizade.

Bia deixou Jonathan com os seus pensamentos sobre a última frase dela. Ao que parecia tudo o que ele havia pensando até então tinha sido destruído por aquela simples conversa.

A conversa que ele não queria ter.

Capítulo 40

Jonathan encarou Miguel e se perguntou do porquê o médico estar com aquele sorriso no rosto. Era um pouco assustador.

— Como estamos Jonathan, depois dessas duas semanas de descanso.

Jonathan deu os ombros de leve. Achava duas semanas tempo demais. Chegou até ligar para Miguel quando recebeu a notícia de Beatriz, após aquele passeio na praça com as crianças.

Muito tempo longe do seu apartamento, aquele mesmo que ele deveria ter arrumado sozinho, não deixar a cargo de Ricardo. Por mais bem feito o trabalho do amigo, era Jonathan que deveria ter arrumado sua própria bagunça. Tempo demais longe da faculdade e seus alunos, agora teria muitas aulas para serem recuperadas e com bom aproveitamento.

Muito tempo longe de tudo.

Miguel não deu ouvidos a Jonathan, apenas disse que havia dado mais uma semana para ele descansar na casa de Sérgio e Fernanda. Faria bem melhor a ele do que apenas sete dias. E Jonathan não teve como argumentar nada, simplesmente teve que ficar lá por mais sete dias.

Ok, no fundo ele não reclamava. Gostava de estar ali na presença dos Chiarelli, ainda mais depois que Bia e Ricardo chegaram ao consenso de deixar Felipe ali enquanto eles voltavam para casa e seus afazeres. Cuidando de Felipe e Sofia, Jonathan nem viu os dias passarem. Levou cada cansaço dos dois que tinha dias que jantava e ia direto para a cama.

Mas agora ele havia voltado. Beatriz sugeriu mais uma semaninha, mas Jonathan bateu o pé e, antes de Bia falar mais alguma coisa, Jonathan já estava dentro do carro com suas malas os esperando para voltarem.

A viagem foi tranquila e o único ponto de estresse foi quando Jonathan pediu para ficar no apartamento dele. Não queria dormir mais uma noite longe de casa. Bia chegou a começar uma pequena discussão dentro do carro, mas foi barrada por Ricardo. Kado compreendia os dois lados da situação. A preocupação de Bia em Jonathan de deixá-lo no ambiente onde desencadeou a crise. Ele, mais do que ninguém, sabia como isso era uma coisa bem delicada e precisava de um certo acompanhamento. Mas ao mesmo tempo, entendia o interesse de Jonathan em ir para casa. Apesar de sentir-se muito bem à vontade com eles, nada melhor do que estar realmente no seu espaço.

Óbvio que Bia, Ricardo e Felipe desceram junto com Jonathan. Bia quis se certificar de que Jonathan realmente iria ficar bem, e depois de mil e umas recomendações, Jonathan conseguiu ficar sozinho em casa.

Sozinho. Fechado naquele pequeno apartamento silencioso. Depois de quinze dias bem agitados e fora da sua rotina de sempre, voltar para aquele ambiente conhecido e completamente abandonado, era bem estranho.

— Bem. — Respondeu ele monossilábico.

— Hmm... Fui muito bem xingado por um Jonathan há uma semana, e hoje estamos bem silenciosos. Gostaria de saber mais a fundo como foi essas duas semanas lá com o Sérgio e a Fernanda. Faz tempo que não vejo os dois, especialmente a Fernanda. O Sérgio tem um prazer extra quando vem me visitar sozinho aqui.

Jonathan chegou até a sorrir. Todo mundo conhecia o ciúme dele de Miguel com a Fernanda, mesmo que nunca tivesse acontecido nada mais além do que conversas profissionais entre eles.

Miguel escutou Jonathan relatar seus dias. De como ficou encarregado de cuidar de Sofia e Felipe, das brincadeiras dos três, das noites de sono de Jonathan e de tudo mais que ele fez. Mas Miguel não queria escutar nada daquela ladainha que os pacientes pensavam que eram importantes. Miguel queria saber mesmo do x da questão de Jonathan, o motivo que o levou a surtar daquela forma. Óbvio que Jonathan não iria dizer o que o médico queria escutar. Miguel teria que ser objetivo.

— Certo. — Disse o médico se arrumando na sua cadeira. — E a Paula, tem visto ou falado com ela?

Jonathan negou veemente.

Pensou em ligar para ela assim que chegasse em casa, mas com a confusão de Beatriz encontrou seu celular completamente morto, sem bateria. Jonathan tomou um banho, se arrumou para dormir e o celular ainda não conseguia nem ligar. Acabou dormindo. E hoje acordou um pouco atrasado para conseguir se lembrar de ligar para ela.

— A Bia chegou a te dizer que conversou com ela?

— A Bia consulta aqui, tudo tu já sabe através dela. — Miguel sorriu.

— Queria que todos os meus pacientes tivessem uma Bia assim, mas já me conformo com ela cuidando de dois.

Jonathan revirou os olhos.

— Ela se preocupa contigo, Jonathan. E eu mantenho uma boa relação com ela por causa do Ricardo e tua também. Por isso sei da conversa dela com a Paula e como ela se sentiu em relação ao que aconteceu naquela noite. Quero saber agora como tu vai agir.

— Ainda não sei. — Mentiu Jonathan.

Mas não de um todo. Primeiramente Jonathan queria vê-la. Encarar Paula novamente para saber o que fazer dali em diante. Ele tinha plena consciência que o melhor era deixar tudo para lá. Assim os dois não se machucariam, especialmente ela. Jonathan sabia como Paula já tinha sofrido na sua vida e não queria ser mais um dos motivos que a levasse à tristeza. Ela tinha um futuro brilhante pela frente e não merecia ser sofrido só por causa de um químico cheio das manias estranhas e que não conseguia nem chegar perto dela.

Jonathan lembrou uma vez, quando era pequeno e estava correndo atrás de uma borboleta no jardim da casa do seu avô. Tinha achado ela tão bonita que queria pegá-la para colocar num pote e deixar no seu quarto. Naquela época Jonathan ainda era uma criança normal e agia como tal. Ao ser questionado pelo avô, escutou que se achava a borboleta bonita, porquê aprisioná-la no seu quarto? Ela seria mais feliz e bonita no jardim do que presa num pote no quarto de Jonathan.

Agora, muitos anos depois, Jonathan se via na mesma posição de quando criança. Sabia que Paula seria mais feliz e bonita se fosse livre.

— E se, por acaso, — Miguel olhou para Jonathan com interesse após escutar a história narrada — a borboleta queira ser presa. Talvez ela tenha cansado de voar de jardim em jardim e queira ficar em um único pote.

Jonathan encarou o médico, pensando no que havia escutado.

— Não sei — respondeu por fim —, mas acredito que ninguém queira viver dentro de um pote por muito tempo.

— De fato, mas às vezes, um pote é melhor do que vagar de jardim em jardim. É uma escolha da borboleta, Jonathan, não tua.

Jonathan saiu da consulta no horário programado. Suspirou ao entrar no seu carro e perceber que não teria tempo agora, apenas no início da noite. Dirigiu até a faculdade onde passaria o resto útil do dia. Sairia apenas quando o sol já nem aparecesse mais.

Paula estava na livraria, novamente estava na reposição. Corria de um lado para o outro, subia em escadas e nem via o tempo passar. Era exatamente isso que ela desejava, nem se importando mais para o bônus no final do mês por atingir sua meta. Nada mais importava para Paula.

Havia dezesseis dias, não que ela estivesse contando, que Paula não via Jonathan. As únicas notícias que tinha era as que Bia contava no meio do almoço delas. E não era nenhum pouco suficientes.

Pala queria ter dinheiro suficiente para ir até ele, mas ao mesmo tempo,

recusou o convite de Bia. Por causa do trabalho e também se ela tivesse dinheiro sobrando assim, iria para casa rever seus irmãos, afilhado e mãe. Realmente era um dilema que só ela conseguia suportar.

Trabalhar era a única coisa, além de estudar, que Paula conseguia fazer para esquecer um pouco de Jonathan e tudo que o cercava. E era claro que não era nenhum pouco fácil.

Paula estava com os braços cheios de livros, caminhando para o outro extremo da livraria, com os olhos quase tampados pela pilha na sua frente. Os colocou em cima do balcão, para começar a distribuí-los quando sentiu um arrepio percorrer o seu corpo.

Sua respiração ficou presa nos seus pulmões e as mãos tremeram um pouco.

Não precisou se virar para ter a consciência de que ele estava atrás de si. Os dezesseis dias, quase dezessete, não valeram de nada além de uma saudade que apertava o seu coração a ponto dele quase sair do seu peito naquele momento.

Ao se virar, ciente da presença dele, sentiu tudo ao seu redor parar. Não havia milhares de pessoas caminhando pelo shopping, nem crianças gritando em algum brinquedo da praça de alimentação. Era apenas eles, Jonathan e Paula, novamente perto um do outro.

Ele estava diferente, ela percebeu no primeiro instante. O rosto tomado por um estilo diferenciado, com barba, os olhos mais límpidos, se é que aqueles tons de azuis conseguiam obter um tom mais claro, e o mesmo modo de encará-la, como se a desnudasse a sua alma por completo.

— Paula — Jonathan disse, como se não pudesse crer na presença dela ali.

— Jonathan — ela respondeu sentindo-se da mesma maneira.

Era como se aquele breve tempo separados tivesse elevado os sentimentos deles a expoentes nunca vistos na matemática.

Capítulo 41

Jonathan estava nervoso. Mais do que já havia ficado em toda a sua inútil vida, pensou.

Gaguejou várias na frente de Paula, até ela conseguir compreender que ele estaria na praça de alimentação a esperando para comerem alguma coisa. Sorte que ela era boa com crianças que estavam aprendendo a falar. Ver ela sorrir e decifrar o que ele estava falando foi um alívio e tanto.

Trocou de mesa três vezes, limpou todas elas o mais rápido possível, para não ter risco de Paula aparecer enquanto ele estava no meio do trabalho. Ela tinha acabado de presenciar o início de um surto, não precisava presenciar ele limpando uma mesa da área de alimentação do shopping.

Paula demorou a se controlar novamente ao ver Jonathan sair da livraria. Seu coração estava quase saltando do peito e ela teve uma pequena desconfiança que se gerente havia escutado as batidas descompensadas dele. Bastou Jonathan sair que ele apareceu dizendo que Paula era paga para fazer o seu trabalho e não ficar de sorrisos para os clientes. Ali não era lugar para ela ficar tentando caçar um homem. Foi preciso seu João vir em socorro de Paula explicar que ele era um cliente agradecendo uma dica de livro. Livrou a cara de Paula com elegância. Paula o agradeceu com o seu coração.

Não conseguiu trabalhar mais naquela meia hora que ainda restava do seu horário. Estava um pouco trêmula, deixou alguns livros caírem e outros nos lugares errados. Completamente boba, pensou consigo. Era só Jonathan que havia voltado, tinha ido atrás dela e a esperava na praça de alimentação. Não era nada de mais, não é?

Ela queria acreditar que não era nada, mas não conseguia. Era absolutamente tudo. Bia havia dito, Jonathan realmente sentia alguma coisa por ela. Ela! A pobre e invisível Paula. Era muita coisa para ela conseguir assimilar.

Calma, Paula, disse para si mesma. Talvez ele fosse até ali para dizer que não queria mais ver Paula na sua frente. Era a coisa mais certa a ser pensada do que ele estar lá por ela.

Antes de encontrar com Jonathan, Paula se escondeu no banheiro dos funcionários da livraria. Lavou o rosto, esfregou as mãos mais do que o normal e penteou os cabelos. Respirou fundo arrumando a roupa que estava usando e saiu ao seu encontro.

Demorou um pouco para encontrá-lo. Jonathan estava sentado, era óbvio, olhando para o nada, austero como sempre. Realmente era uma visão e tanto para Paula. Novamente sentiu seu coração bater bem mais acelerado do que o

normal. No fundo parecia uma boba, mas no fundo Paula sabia que era amor.

Jonathan olhou para o lado quando sentiu a atmosfera mudar. Era a presença de Paula chegando perto dele. Era um fenômeno químico-físico que ele um dia gostaria de estudar a fundo. Como era possível tudo mudar e ao mesmo tempo ficar igual quando ela se aproximava?

— Cheguei. — Paula lhe sorriu e Jonathan, um pouco atrapalhado se levantou, derrubando o cardápio que um atendente largou de passagem.

Paula se apressou para pegá-lo, não dando chance para que Jonathan pensasse no que fazer e em todas as manobras que precisaria desempenhar para tal ato. Ver Paula fazer aquilo foi um alívio bem-vindo ao seu corpo e mente.

— Obrigado — disse ele ao sentarem novamente.

Inconscientemente, Jonathan pescou no seu bolso das calças os seus panos umedecidos para limpar as mãos e superfícies e ofereceu a Paula, que agradeceu com um sorriso tímido e viu ela limpar as mãos, o cardápio esquecido e a mesa.

Ficaram em silêncio por alguns segundos, enquanto ela fazia o pequeno, mas ao mesmo tempo, grande trabalho. Até ele quebrar o silêncio com a frase que poderia mudar a história deles.

— Senti tua falta.

Naquelas três palavras, Paula teve vontade de chorar. Não por ser uma boba, idiota e abandonada naquela cidade gigante, mas pelo fato de ser Jonathan a pessoa que havia sentindo a sua falta. Será que tinha sido na mesma proporção que ela? De acordar no meio da noite, tremendo de frio e lembrar de como Jonathan estaria naquele momento? De andar pela rua e sorrir para o nada relembrando de alguma coisa que ele falou? Ou de entrar na área do refeitório da faculdade e olhar para a mesa onde eles sempre sentaram e não o encontrar?

— Eu também, Jonathan.

Paula queria tocar nele, nada além disso. Encostar a mão na dele para saber se ele realmente estava ali e falando aquela frase. Era uma cena muito parecida com os sonhos que ela estava tendo naqueles últimos dias. Perfeito demais para ser considerado realidade.

Jonathan sentiu alguma coisa dentro dele se romper. Ele não tinha ideia do que era, mas sabia que a partir daquele momento ele não seria mais a mesma pessoa. Paula era real, era a borboleta mais bonita do seu jardim, que estava pousada em uma linda flor, e ele o caçador com um pote, pronto para aprisioná-la. Queria ela sempre na sua estante, enfeitando a sua vida com a sua beleza e charme.

Ele precisava dizer isso para ela, dar a chance de Paula abrir suas asas e

voar para outro lugar. Um jardim longe do alcance dele, onde ela poderia voar para sempre e ficar pousando de flor em flor. Livre...

— Eu.... — Começou ele a falar, mas sem realmente saber como colocar aquilo em palavras. Se era difícil para ele sentir, quem dirá explicar. Jonathan nunca tinha sido bom em palavras, principalmente quando elas significavam o que ele estava sentindo.

— Já escolheram? — Um garçom apareceu do nada, o fazendo quase dar um pulo na cadeira.

— Quero um chocolate quente, bem quente mesmo. — Paula respondeu para o rapaz com um sorriso simpático. Jonathan o dispensou com um aceno rápido de cabeça. Não estava a fim de comer nada, só precisava falar aquelas coisas para Paula de uma vez por todas.

Paula, notando o nervosismo de Jonathan, puxou assunto para coisas mais amenas. Viu ele trocar algumas palavras, quase todas monossilábicas, sobre como havia passado aqueles dias. Como estava as crianças e o que ele tinha feito naqueles últimos dezesseis dias. Jonathan ainda continuava estranho, e ela acreditava que o que ele precisava dizer era que estava saindo da sua vida.

Seu chocolate quente chegou e ela aproveitou para esquentar as mãos na taça. Estava se preparando para escutar aquelas palavras. A sobrevida que Bia havia lhe dado de nada adiantou. Sabia que os dias que tinha parado de chorar, para se hidratar, teriam sido em vão. Assim que saísse do shopping, com ela seguindo sua vida tediosa, não incluiria mais Jonathan.

E quando percebeu que ele estava engasgado com aquilo, deu a brecha que ele precisava para falar. Arrancar o curativo de vez ao invés de ficar remediando, adiando o inevitável.

— Eu não sou uma pessoa normal, Paula. Acho que tu já deve ter percebido isso. — Ele começou a falar enquanto passava as mãos sobre a barba que estava cultivando. Um pequeno ritual que havia pegado desde que ela tinha começado a crescer, e o sinal óbvio que nunca mais a deixaria tão grande, por mais que tenha sido elogiado por várias pessoas. — Quando tu saiu lá de casa, aquela noite, eu meio que surtei. Não! — Ele teve que se corrigir, a aceitação dos problemas sempre era apreciada, dizia Miguel desde sempre. — Eu realmente surtei. Quebrei quase todo o meu apartamento por achar que tudo estava sujo demais, e que por isso tu foi embora e me abandonou.

Paula teve que segurar firmemente na sua taça para não o tocar. Como ela queria pegar as mãos dele, em sinal de que estava ali e que nada mudaria esse fato.

— Eu pensei que tu me achava suja demais para estar ali contigo. — Esclareceu ela. — Imaginei que a tua vida seria melhor se eu não estivesse ali atrapalhando. — Disse revelando o que o seu coração tinha guardado. — Sempre soube disso, Jonathan, que me suportava por eu ser uma pobre coitada, morta de fome que não tinha onde cair morta. E apenas fiz o favor de sumir para que tu não precisasse mais sofrer com a minha presença. Tu foi um anjo que caiu na minha vida e eu compreendo as nossas diferenças. Tu é educado e gentil, nunca que deixaria alguém passando necessidades na tua frente. Eu realmente entendo, Jonathan. E aceito todas as decisões que tu escolher.

Jonathan balançou a cabeça diversas vezes. Ele não queria fazer o papel de maluco que fazia uma cena no meio do shopping. Respirou fundo e olhou novamente para Paula.

— Não — murmurou — não foi isso. Bem pelo contrário, imaginei que tu não suportaria alguém como eu. Às vezes nem eu me suporto, quem dirá outras pessoas. Não fiz nada daquilo por pena ou por ser educado e gentil. Fiz porque gosto de ti, Paula. Mais do que nunca pensei gostar de outra pessoa. Não do mesmo jeito que eu gosto da Bia, Liana e Fernanda, elas são a minha família, a única que eu tenho. Tu é diferente delas. Não sei explicar o que eu sinto, na verdade ainda não sei nem entender o que isso significa, quem dirá colocar em palavras. Sou bom em números, elementos químicos e fórmulas. Exatas. Não em palavras e sentimentos.

Uma lágrima solitária escorreu e se entranhou na barba de Jonathan. Era tão pesada que ele tinha a nítida impressão que nem era notável seu rastro, que ele tentou disfarçar limpando e não a encontrando. Novamente respirou fundo e disse para si mesmo que não iria dar vexame no meio do shopping. Seus anos de terapia deveriam lhe dar um bônus a mais naquelas situações, principalmente nas que significavam expor seus sentimentos. Ele fazia isso há anos com Miguel e não chorou em nenhuma das vezes, por que logo agora tinha que fazer isso?

Talvez porque se Jonathan chorasse ou não, Miguel estaria lá por ele. Apesar de estar recebendo por suas consultas, Miguel ainda estaria lá em qualquer situação por Jonathan, mas como seu médico. Se Paula escutasse aquilo tudo, visse ele chorando e fazendo um escândalo, ela iria embora. E ao contrário de Miguel, Paula iria embora para sempre.

E só o imaginar daquela palavra já deixava Jonathan em prantos.

Agora o seu destino estava lançado. Jonathan havia dito todas aquelas palavras para Paula. Ela poderia muito bem ir embora sem olhar para trás. Sair do seu jardim para sempre, e ir em busca de novos lugares para pousar.

Era claro que ela iria fazer isso. Meu Deus, Jonathan era mesmo um idiota ao achar que expor tudo aquilo faria ela ficar. Quem em sã consciência ficaria ao lado de alguém como ele? Nem mesmo seus pais o quiseram, e seu irmão tentou o matar quando ele era um pouco maior que Felipe e Sofia. Se nem eles suportavam o seu jeito, quem dirá Paula, uma pessoa completamente fora do seu círculo. Jonathan só podia contar com a família Chiarelli porque eles sabiam como lidar com alguém cheio de manias como ele, Ricardo era assim e por isso estendeu sua família a ele. Ricardo só era casado com Bia, porque ela era apaixonada por ele desde a adolescência e o conhecia o suficiente para saber como lidar com ele.

Paula não.

Ela não precisava ficar. Tinha uma vida inteira pela frente, para conhecer novas pessoas, e entre elas, alguém muito diferente de Jonathan que poderia lhe oferecer uma vida melhor.

E tomado por esse pensamento, ignorando o que Bia e Miguel lhe disseram, sobre Paula poder corresponder seus sentimentos, quase nem escutou quando Paula lhe respondeu, assim como ele, com uma lágrima escorrendo dos seus olhos.

— Também não sou boa em palavras, sou melhor em desenhos e números, mas entendo o que tu quer dizer em sentimentos diferentes em relação a outras pessoas. — A atenção de Jonathan focou em Paula. Novamente ela apertou a taça e continuou a falar. — Eu também sinto isso por ti, uma coisa sem explicação, mas que não se aplica a nenhuma outra pessoa.

Capítulo 42

Jonathan olhava para Liana que falava sem parar.

— Não entendo essa tua relação com ela. — Novamente repetiu. — Estão e ao mesmo tempo não estão namorando, é isso?

— Cuidado, Matz — Ricardo riu — dizem que a inteligência dos bebês vem da mãe. Se for assim.... — E ele sentiu uma almofada voando na sua cara.

— Pelo amor... — Fernanda tirou a segunda almofada das mãos de Liana. — Será que nem grávida tu consegue te controlar, Liana?

Richard, Ricardo e Sérgio riam, sem nem dar bola para Liana. Inácio estava muito entretido jogando vídeo-game de Ricardo num canto da sala.

— E outra coisa, vamos parar de falar do Jonathan, está ok? — Fernanda alternou o olhar entre Sérgio e Liana, os mais interessados naquela situação toda. — Em breve ela vai chegar e tenho certeza de que não queremos passar uma impressão errada para a Paula.

— Ela namora, ou sei lá faz o que com o Jonathan — Liana apontou para ele — nada pode ser mais esquisito do que isso. Me diz, Jonathan, vocês já deram uns amassos?

— Ok, chega! — Bia apareceu no meio da conversa. — A Paula chegou e está subindo, Liana te comporta, por favor, ok?

— Eu estou curiosa, só isso. Num dia o retardadinho dois da família aparece surtado lá em casa e depois ele está... alguém me explica como nomear isso?

— Não precisa nomear nada, só fica quieta e finge que é gente uma vez na vida. Tu já conheceu a Paula, mas hoje é diferente. E te levanta para me ajudar, que nem eu quando estava grávida do Felipe, recém saída de um coma de três dias era tão inválida assim, gravidez não é doença.

Liana levantou, um pouco raivosa pelos comentários de Bia, mas pelo menos deixou Jonathan em paz. Estava a ponto de ele mesmo pedir para que ela ficasse em silêncio por alguns momentos. Parecia que grávida ela tinha que falar, e incomodar, por dois.

Ela fazia perguntas impertinentes, coisas que nem ele mesmo sabia como responder. Ele e Paula eram mesmo namorados? Aquilo poderia até dar dor de cabeça em Jonathan se começasse a pensar demais. Melhor era deixar as coisas como estavam.

Ele e Paula estava bem, se acertando, como ela colocou um dia para Ricardo e Bia, que também faziam perguntas sempre que podiam.

E o que consistia em se acertar? Bom, desde aquele encontro no shopping,

os dois já fizeram algumas coisas juntos. Jantaram na casa de Jonathan, com ele cozinhando, caminharam pela praça em frente à faculdade, até mesmo foram ao cinema, que Paula tinha revelado a Jonathan que queria muito ir e faltava apenas uma promoção bombástica. Ele a levou de surpresa, aparecendo na livraria com os ingressos comprados. Ver o sorriso de Paula naquela hora foi o ápice da sua vida. Sempre que podiam estava juntos, nem que fosse apenas cada um sentado estudando alguma coisa. Se aquilo era sinônimo de namorar, eles realmente estavam namorando.

Quanto a questão física da coisa em si, isso sim ainda continuava bem longe de ser um namoro. Miguel havia dito para Jonathan não forçar a barra. Ele já estava muito bem no patamar que se encontrava, não precisava dar um passo maior do que as pernas, principalmente naquele momento, e voltar de novo à estaca zero.

Ele até chegou a tocar no assunto com Paula, que ao seu ver, aceitou de uma boa. Realmente ele acreditava que estava vivendo um sonho e tinha medo de acordar a qualquer momento e estar sozinho na sua casa.

Paula entrou no elevador e ao apertar o botão do andar, percebeu que não estava sentindo a ponta dos dedos. Nada de anormal até então.

Respirou fundo e percebeu que estava com um pouco de medo. Deveria ter dito a Jonathan que tinha alguma coisa para estudar, o que não era de todo uma mentira. Poderia se trancar no seu quarto, com o pacote de bolacha recheada, que ela se deu ao luxo de comprar, e virar a noite estudando. Mas seria injusto.

Jonathan a convidou para jantar com os irmãos de Ricardo de um jeito que ela não poderia negar. Ela viu a animação e empolgação dele ao fazer o convite. Realmente não tinha como se esquivar. Eles eram a família que Jonathan tinha e saber que ele queria levar ela era uma grande coisa.

Via como Jonathan ficava empolgado quando falava deles. Fernanda e Sérgio eram tidos como os pais que Jonathan nunca teve, mesmo eles tendo quase a mesma idade e Liana era uma irmã, que o incomodava como tal. Sem contar no brilho do olhar dele quando mencionava Sofia, se Felipe já era todo amor, com Sofia e os dois juntos a coisa deveria ser astronômica.

Por isso Paula estava lá. Tremendo mais do que vara verde, e podia atribuir ao frio boa parte dele e o resto ao nervosismo.

Saiu do elevador e caminhou em direção à porta. Já conhecia o apartamento de Bia e Ricardo, Richard e Liana também, mas era a primeira vez que iria ali como uma convidada em especial de Jonathan. Bia alertou que os Chiarelli quando estava juntos viravam uma arma de explosão nuclear. Liana era

a pior de todas, sempre implicando com qualquer um, Ricardo ficava na volta dos irmãos, Fernanda era a que tentava colocar ordem na bagunça e Sérgio o que tentava se enturmar entre todos os mundos. Paula iria se sair bem, garantiu Bia.

Já ela não dava garantia nenhuma.

Nem precisou tocar a campainha, Felipe estava pendurado na porta como o Homem-Aranha, gritou ele para uma menina, de cabelos escuros e uns olhos castanhos lindos.

— Tia P! — O Homem-Aranha pulou da porta e foi direto para os braços dela. — Essa aqui é a Fifi, minha prima. Ela é a Mulher-Borboleta porque não gosta de aranhas.

— Olá, Fifi. — Sofia, compreendendo quem era, não teve cerimônia nenhuma em abraçar Paula assim como o primo.

— Bem-vinda, Paula. — Bia apareceu sorrindo como sempre. — O hospício já está armado aqui. E o que eu disse sobre brincar de Homem-Aranha e Mulher-Borboleta nas portas?

Felipe e Sofia nem esperaram a frase ser terminada para os dois sumirem de vista. Novamente Bia sorriu para Paula e deu espaço para ela entrar no apartamento. Paula nem teve tempo de se preparar psicologicamente, mal entrou e uma mulher, baixinha e com uns olhos idênticos ao de Sofia já estava a abraçando.

— É um prazer enorme te conhecer, Paula. — Fernanda disse ao soltá-la e segurar as mãos de Paula. — Ouvi muito falar de ti e não via a hora de colocar meus olhos e ver que tu era real.

— Coitada dela, Gorda. Deixa a moça respirar. — Um homem com os cabelos grisalhos, alto e não negando o parentesco com Ricardo estava ao lado de Fernanda. — Bem-vinda, Paula, pode não parecer, mas eu sou o Sérgio e é um prazer te conhecer. E aquele ali — apontou para um rapaz sentado num dos sofás e entretido no vídeo-game é o Inácio, mas ele só vai aparecer quando a comida estiver pronta ou a Fernanda decidir ir lá acabar com a festinha dele.

— O prazer é todo meu. — Paula sorriu, tremendo por dentro, tentando identificar se a avaliação deles sobre ela era positiva. Mal ela sabia que Fernanda e Sérgio nem precisavam conhecê-la para aprová-la. Desde que ela fizesse Jonathan feliz...

— Eu tu já conhece, mas naquela época eu ainda tinha roupa para vestir e conseguia caminhar mais de dois passos sem colocar a língua para fora.

Paula abraçou Liana e foi surpreendida pela barriga bem mais proeminente. O próximo da lista era Richard, o médico que acompanhou Jonathan e Felipe em

um dos jantares deles. E depois de dar um oi a Ricardo, finalmente viu Jonathan, sorrindo para ela daquela forma que fazia tudo ao seu redor desaparecer.

— Tá, e como é que eles se cumprimentam? Nem um beijinho?

— Cala a boca, Liana! — Todos da família Chiarelli falaram ao mesmo tempo, causando risos.

— Só quero entender, mas vou ficar quieta o resto da noite pelo visto.

— Acho bom, boca fechada não entra mosca. — Ricardo comentou e se virou para Richard. — Lembra daquela vez que estávamos no CTG e uma mosca entrou na boca dela mesmo?

E com aquele comentário, Fernanda deixou Paula para segurar Liana antes que ela montasse em cima de Ricardo e matasse o irmão. Aquelas cenas nunca chegaram a dar nostalgia a Fernanda, da época em que ela começou a trabalhar para os Chiarelli, elas ainda eram muito presentes. Fernanda esperava que com Liana virando mãe as coisas poderiam se acalmar. Ledo engano....

Paula logo foi enturmada por Fernanda, Bia e Liana. Conseguiu relaxar ao ponto de aceitar uma bebida e rir com elas sobre assuntos cotidianos. Agora Paula podia entender toda a afeição de Jonathan pela pequena esposa de Sérgio. Fernanda era um amor de pessoa e tratava todos como se fossem realmente seus filhos.

Jonathan estava evitando beber, mais um pedido de Miguel. Apenas por alguns dias. E o bom era que todo mundo respeitava a sua decisão, Sérgio e Richard não ficavam empurrando coisas para ele, que estava grato por aquilo. Com sua sobriedade intacta, pode prestar atenção em Paula entretida no seu mundo. Tão adaptada que Darwin teria que usar outra palavra para descrever sua teoria da evolução.

Era mágico ver todos ali reunidos, brincando, rindo e conversando. Jonathan sentia-se feliz ao ver sua família e Paula reunidos. Nunca conseguiu se sentir assim, nem mesmo quando estava só com seu avô. E suspirou ao perceber que só faltava a presença dele para tudo ficar completo.

Foi acordado dos seus devaneios por um pequeno surto de Liana, uma coisa bem normal, vindo dela.

— Como assim, Paula? — Jonathan prestou mais a atenção quando escutou o nome dela envolvida no meio. — Bia, nós temos que resolver essa situação.

— Concordo plenamente. — E com Fernanda metida, aí mesmo que ele ficou curioso.

— O que as gasguitas descobriram aí? — Questionou Sérgio, jogando com

Inácio, mas ao contrário do filho, ele não conseguia se concentrar apenas no jogo.

— Amanhã é a sessão de fotos dos convites de formatura da Paula e ela acabou de nos dizer que nem sabe o que vai vestir ou se maquiar. Aceitei o desafio.

— Liana... — Paula tentou apaziguar os ânimos. Ela nem iria aquela sessão mesmo, não tinha o que vestir e muito menos como se arrumar. No início até tinha vontade de ir, mas ao ver os planos das colegas com horas e mais horas de salão de beleza, Paula havia desistido. Participar da colação em si já era um sonho além da sua imaginação.

— Sem discussão, Paula — Bia a olhou com um sorriso traiçoeiro — nós já decidimos que tu vai e já tenho até a roupa para te emprestar.

Paula olhou para Jonathan, que nem foi em seu auxílio, apenas sorriu para ela. Droga, ela nem lembrava mais porquê estava brigando mesmo....

Capítulo 43

— Gurias... — começou Paula pela milésima vez — vocês não precisam....

— Nunca diga não a um Chiarelli — advertiu Bia — eles têm a mania de converter esse não em um sim bem maior do que gostaríamos.

— Isso mesmo. — Liana sorriu para Paula de um jeito que a assustou de um pouco.

Um pouco era até exagero. Paula estava muito assustada estando à mercê de Bia e Liana. Fernanda havia lhe garantido que as duas eram inofensivas, mas Paula começava a questionar a opinião de Fernanda.

O que aconteceria naquele quarto, apenas com as três ali era um mistério para todos. Principalmente para Paula. Nem Jonathan foi autorizado a ficar, foi enxotado para o estádio, acompanhar o um jogo de futebol do Grêmio junto com Richard, Sérgio, Inácio, Sofia e Felipe. Já Fernanda, depois de garantir que iria ser bem tratada por Bia e Liana estava fazendo compras em algum lugar.

Paula estava muito nervosa. Jonathan havia desejado boa sorte, e o conhecendo, sabia que não era ironia, ela iria precisar mesmo de sorte.

A noite passada havia sido uma ótima revelação. O nervosismo de estar ali, no meio deles, como a convidada de Jonathan, tinha passado depois de cinco minutos, e nem isso. Fernanda conseguia fazer Paula se sentir completamente à vontade no meio deles. Conversar com todos a fez pertencer daquele grupo tão interessante. Era quase como estar em casa, rodeada dos seus próprios familiares, principalmente numa época em que todos estavam reunidos e felizes.

Paula nem sabia que sentia falta daqueles momentos até vivenciar um novamente. Seu coração se apertou de saudade de Paulo, Pauline, Pietro e sua mãe. E mais ainda de Paola, ela que adoraria uma junção daquelas. Paola sempre tinha sido o espírito mais animado da família. Enquanto Paulo era o estressado, para manter tudo em ordem, Paola era o centro da diversão.

— Acho que escolhi a roupa. Esta calça, com essa blusa e o casaco. Já que preto é a cor, vamos de preto.

— Bia.... — Novamente Paula começava a dizer que aquilo era demais mesmo.

— Perfeito. — Liana falou sorrindo maliciosamente, para o desespero de Paula. — Tira essa roupa e vamos começar os trabalhos.

Novamente Paula não teve sua opinião ouvida. Ela nem queria ir àquela sessão de fotos, ainda mais que elas eram à noite, dentro da própria faculdade. Não era nada de mais perder. O que valia mesmo era o diploma no final de tudo

aquilo. A formatura em si Paula já achava um além dos seus poderes, quem dirá as fotos, que ela nem vai ter dinheiro para comprar depois.

— Ainda lembro das minhas fotos da formatura — Liana suspirou quase arrancando a blusa de Paula, que ela estava tentando tirar com um certo cuidado, já que não queria mostrar que ela era toda manchada, para usar por baixo do blusão ainda dava. — Tomei um porre depois que o Richard teve que me levar embora mais cedo.

— As minhas foram um tédio sem fim — Bia suspirou. — O Thiago estava junto e queria que eu só tirasse aquelas fotos clássicas, e quando eu fui escolher elas, tive que voltar outro dia, sem ele, para escolher mais. E esconder as que tinha comprado.

— Aquele idiota. Ainda sonho em dar na cara dele como o Kado fez. O nariz dele nunca mais foi o mesmo.

Liana e Bia começaram a rir, deixando Paula um pouco desconfortável com a situação.

— Que inveja desse teu corpo, Paula. — Liana falou quando ela tirou a blusa manchada e ficou só de sutiã, aquele um pouco descosturado. — Magra, peitos bonitos e uma bela bunda. Se tu não fosse do John, te atiraria em cima do Richard para ele sair de cima de mim um pouco.

— Liana! — Bia entregou a blusa para Paula que a vestiu o mais rápido possível, tudo para acabar com aquele pequeno tormento. Mal tinha tirado a roupa e já estava tremendo de frio, quase nem prestando a atenção mais do que as duas falavam. — Está louca?

— Louca? Nada! Estou na minha melhor sanidade mental. Os loucos dessa família são o Kado e o Jonathan. Eu estou super bem, obrigada, ou melhor, nós estamos, não é bebê? — E colocou a mão por cima da barriga.

— Eu... — Paula começou a falar, mas foi cortada bruscamente.

— O Richard é pai desse bebê, não sei com tu conseguiu engravidar e ficar dizendo que não tem nada com ele.

— Engravidei da mesma forma que tu engravidou do Felipe — debochou ela e Paula começou a bater os dentes... — E eu sempre disse que ia engravidar do Matz, não preciso como meu namorado para ter um filho. Isso era um sonho antigo nosso. Agora só falta o bar. Já temos planos de comprar aquela casa velha ao lado do consultório para fazer ele ali. O terreno vai sair no nome da criança.

— Meu Deus, tem certeza que o John e o Kado é que são os loucos da família? Criar um filho não é fácil, Li! Olha o que eu e o Kado passamos com o Felipe, o Sérgio e a Fernanda com o Inácio e a Fifi. Vocês dois têm que estarem

em plena concordância com as coisas e....

— Eu mando e o Richard obedece, sempre funcionou muito bem entre nós. Não precisamos estar juntos como um casal bonitinho, de mãos dadas e juras de amor para criarmos o bebê. Ele mora no quarto no fundo da minha casa, dou meio grito e ele já está lá para fazer o que eu quiser.

— Gurias eu.... — Paula apontou para o resto da roupa que Bia segurava e a pegou, começou a se vestir rapidamente. Seu nariz estava congelado e suas mãos sem sensibilidade. Vestia-se e quando acabasse, sairia do quarto para que as duas continuassem a brigar, nem sentiriam a falta dela. Paula era mestre em sair à francesa dos lugares.

— E quando um de vocês encontrar outra pessoa? Como vai ser o teu namorado saber que o teu ex mora num quartinho nos fundos? Ou a namorada dele saber disso?

Liana bufou e olhou para Paula, que já estava na porta.

— Nem inventa de sair que vou te maquiar agora enquanto a Bia arruma teus cabelos. — E se virou para Beatriz, já com as mãos na cintura, assumindo a mesma posição a amiga quando falava sério com Felipe. — O Richard é bem grandinho e tem um belo salário para sair do quartinho e encontrar uma casa para ele. Nunca que eu o expulsaria, é claro. O Sérgio me deserdaria se eu fizesse qualquer coisa para o protegidinho dele, mas o Matz é livre para ir embora quando ele quiser, Bia. Nunca pedi e nem exigi exclusividade. Nem quando a gente começou a tentar engravidar.

Bia se deu por vencida. Discutir com Liana era perda de tempo de ambas as partes, ela nunca daria o braço a torcer, nem sabendo que Bia tinha toda a razão do mundo.

— Eu realmente nunca vou te entender, Liana. Tem o mundo nas tuas mãos, o Richard aos teus pés e não quer nada disso. Um dia ainda quero saber o que tu quer da tua vida.

— No atual momento, só quero manter o meu consultório funcionando, os planos do bar e ter o meu bebê em paz. Mas agora eu vou maquiar a Paula enquanto tu arruma o cabelo dela. Tive umas aulinhas de maquiagem com a Letícia e não vejo a hora de colocar em prática.

Paula, àquela altura do campeonato, já nem piscava mais. Principalmente depois de escutar aquela última parte.

— O salão dela está dando um bom movimento, até a tua ex sogra estava lá esses dias.

— Coitada da Letícia. — Suspirou Bia e olhou para Paula. — Letícia é

uma ex colega nossa de aula e mora na frente do mercado. A mãe era daquelas super religiosas que não deixava a guria fazer nada.

— E ainda a velha maluca gritava para a quadra inteira ouvir que a filha era o maior pecado. Reza a lenda que a mulher teve um caso num convento com o padre, engravidou e foi expulsa. Nasceu a coitada da Letícia que só foi começar a viver quando a mãe morreu há uns sete anos atrás. — Liana suspirou. — Vou ver se consigo juntar ela com o Matz.

— Ah, pronto! — Bia revirou os olhos e se voltou para Paula. — Vamos começar isso de uma vez antes que os guris cheguem.

Liana e Beatriz se atracaram em Paula, que só queria que sair viva dali.

Jonathan estava impaciente, e um pouco apreensivo. Não tinha medo de Paula com Bia, o problema era quando a Liana estava junto. Ela conseguia fazer Sérgio e Kado se renderem até seu último pedido ser realizado, quem dirá com Bia, Paula e ainda estando grávida.

Foram expulsos de casa para irem ao jogo. Jonathan não estava a fim de ir para o estádio, o time não estava merecendo seu amor de torcedor e ele estava bem mais interessado em esperar Paula para a sessão de fotos na faculdade. Jonathan que iria levá-la, mesmo contra a sua vontade.

Jonathan não conseguia compreender o porquê do constrangimento de Paula quando ele fazia certas coisas por ela. Principalmente as que envolviam ele pagar alguma coisa. Percebia que ela não ficava completamente à vontade e até mesmo quando escolhia alguma coisa, ficava olhando os preços e pegando os mais baratos do cardápio. Jonathan não gostava de ver ela se martirizando por pequenos gestos. E não entendia a sua aversão por aquelas coisas.

Ele tinha mais dinheiro do que realmente gostaria e conseguiria gastar, não era nada de mais gastar um pouco mais com ela, que realmente precisava. Como quando a convidou para saírem e ela ficou mais nervosa do que o normal, cabisbaixa, como se não pertencesse àquele mundo. Ontem, na presença dos seus amigos, ela parecia bem mais relaxada e a Paula que Jonathan gostava de ter ao seu lado.

Sabia que tudo era uma questão de costumes. Acostumar com a nova situação em si, perceber alguns limites entre deixar ela confortável e desconfortável com alguma coisa. Restaurantes mais elevados era um desses lugares que Jonathan deveria ter mais cautela a propor para eles se encontrarem. Paula preferiria uma noite no apartamento deles, olhando um filme, ou apenas conversando, do que um jantar em um restaurante mais chique.

E, no fundo, Jonathan também preferiria ficar em casa do que a sair.

Apenas imaginou que seria mais do agrado dela fazerem coisas daquele tipo. Não era isso que todos os casais, seja lá o que eles forem, saírem em lugares assim? Jonathan se baseava muito em Kado e Bia, sabia que eles gostavam de programas como aqueles às vezes, sempre ele que ficava com Felipe para os dois saírem.

Mas era como dizia o ditado, vivendo e aprendendo. Paula não era como Beatriz, as duas tinham gostos diferentes, então Jonathan era para ter percebido isso desde o início. Porém agora era águas passadas. Haveriam muitas noites de finais de semana que os dois pudessem aproveitar da forma como bem entenderem e com coisas que agradaria os dois.

— Podemos passar no.... — Richard comentou, inocentemente.

— Não, vamos para casa antes que o Jonathan tenha um treco de ansiedade — Ricardo falou olhando para o amigo.

— Ahhh, esses casais novos — suspirou Sérgio — não podem ficar alguns minutos longe um do outro....

— Como se tu não ficasse olhando para o teu celular a toda hora. — Disparou Ricardo.

— E tu também, ou pensa que eu não vi tu mandando mensagem para a Bia o tempo todo? Não gosto da Gorda andando sozinha por aí. E vamos embora de uma vez, já perdemos o jogo mesmo. — E Sérgio tomou a frente do comboio, quase correndo em direção ao carro.

Capítulo 44

Jonathan estava em um canto, isolado dos outros alunos, familiares, até mesmo namorados e maridos. Observava a multidão e em especial Paula.

Tinha que lembrar de parabenizar Bia e Liana pelo trabalho que fizeram em Paula. Se sem nada ela já era linda, mas produzida.... Meu bom Deus! Jonathan não jogava o nome santo do Senhor em vão, desde das duras broncas das freiras do seu colégio interno, mas ao ver Paula para as fotos fora impossível não a usar.

Teve que aguentar Sérgio, Ricardo e Richard tirando com a sua cara, dizendo para levar alguma arma escondida no cós da calça, para caso alguns dos colegas de Paula resolverem mexer com ela. Sérgio até ofereceu uma faca, que ele sempre levava consigo, nunca sabia onde poderia surgir a oportunidade de um churrasco inesperado. A mesma faca que ele usava para ameaçar quem chegasse perto de Fernanda, e os futuros amiguinhos de Sofia.

Jonathan até pensou que eles estavam falando a verdade. Mas refletiu um pouco e percebeu que seria um pouco exagerado ele aparecer com algum tipo de arma branca em uma sessão de fotos para a formatura. Ainda mais que o reitor estaria por lá. Melhor evitar complicações futuras.

Saíram para a faculdade depois de alguns minutos, e muita zoação. Paula já estava mais vermelha que um pimentão e uma lagosta, misturados, de tão sem jeito que ficou. Só não ficou pior, se é que era possível, por estar ao lado de Jonathan e vendo que ele estava levando tudo com um ótimo humor, apesar da derrota no jogo que eles presenciaram.

Paula estava nervosa e feliz. Só o fato de participar das fotos, bem vestida daquela forma, era uma realização e tanta. Bia e Liana fizeram um milagre no seu jeito desleixado de se vestir. Ela e Bia não tinham exatamente o mesmo tamanho, mas nada que algumas costuras rápidas não ajustassem. Era só Paula lembrar daquele detalhe e nem fazer movimentos muitos bruscos. Tudo sairia na mais perfeita ordem, Paula era acostumada em usar roupas de terceiros e a fazer remendos daquela maneira. Nunca esqueceria da sua formatura da oitava série, quando usou uma roupa emprestada de uma amiga de Paola e a calça acabou soltando uma das pregas que elas haviam feito na última hora. Paulo teve que voltar correndo para casa buscar um cinto e adaptar na cintura fina de Paula, para que ela pudesse entrar com os colegas.

Memórias que ela guardava com carinho. A risada de Paola, a briga de Paulo, mas ao mesmo tempo o carinho em ajudar Paula....

E agora ela estava lá, ao lado dos colegas, vestindo uma toga com a faixa

azul da arquitetura. Já tinha tirado as fotos com a roupa normal, agora eram a com a da formatura em si. Seus olhos já estavam um pouco secos de tanto flashes disparados em sua direção. Mas ela não se importava. Apenas continuava sorrindo, não de uma forma automática, mas sim com toda a felicidade que seu coração possuía.

Era uma vitória para ela chegar até ali. Havia saído de casa, sem mais do que alguns reais no bolso, apenas para ver como seria os primeiros dias. E quando pensava em voltar, ligava para Paulo desesperada, só para ouvir o irmão dizer que ela ficasse mais uma semana. As semanas viraram meses, que se tornaram semestres e agora Paula estava ali. Sorrindo para as câmeras, com um canudo azul em suas mãos e um futuro brilhante pela frente.

Olhou para um lado isolado de todos e viu seu expectador de olhos azuis a observá-la. Jonathan sorriu para ela e Paula respondeu com um maior ainda. E o fotógrafo, não querendo perder a oportunidade comentou.

— Pode trazer ele para tirar uma foto contigo, se quiser. — Ele havia notado que Paula era a mais contida do grupo. Enquanto seus colegas tiravam milhares de fotos, ela posava apenas para as essenciais.

— Ah, não precisa... — Disse encabulada, para que tirar as fotos se ela não iria tê-las como recordação?

O ajudante do fotógrafo, com um tino comercial também, deixou seus afazeres para se aproximar de Jonathan sorrateiramente, e o induzi-lo a se aproximar para tirar, pelo menos, uma foto com ela.

Jonathan estava um pouco constrangido. Todos os acompanhantes estavam vestido a caráter com ternos e gravatas. Ele com uma calça jeans, tênis e uma camiseta do Grêmio da sorte, que não tinha valido de nada aquele dia. Ao se aproximar de Paula e ver o sorriso dela, até esqueceu que estava fardado daquele jeito.

— Não precisa fazer isso se não quiser. — Ela disse enquanto sorria. E o fotógrafo oportunista, disparava algumas fotos enquanto eles conversavam.

— Acho que uma foto não vai fazer muita diferença, não é? Pena eu não ter me vestido a caráter. Poderia ter passado em casa, tomado um banho, ajeitado o cabelo e colocado uma gravata azul. — Sorriu ao ver Paula rindo ao notar que os outros companheiros estavam com a gravata da mesma cor da faixa das togas das formandas.

— Eu acho que prefiro o azul da camiseta do Grêmio mesmo. Combina mais do que uma gravata.

E estava feito, Jonathan sabia que estava completamente perdido com

Paula.

O fotógrafo estranhou o fato do cara com a camiseta do Grêmio não chegar perto da formanda bonita. Se fosse ele no lugar do cara, estaria grudado nela e não saberia se conseguiria desgrudar um dia. Tirou a foto e deixou os dois a sós, em busca de novos clientes e mais fotos para vender.

— Acho que acabamos. — Paula comentou ao ver a empolgação dos seus colegas.

— Tem certeza? A única foto que tenho da minha formatura é do meu avô depois que eu recebi o canudo. Eu estou tão estranho nela que nem tenho coragem de colocar na parede.

Paula olhou para ele de esguelha. Estranho e Jonathan são duas palavras que muito se coincidem nas mesmas frases.

— Por mais incrível que pareça, — ele continuou a falar, com um sorriso no rosto — quando eu me formei em química, conseguia ser bem mais estranho do que sou hoje. Sem contar as espinhas que eu tinha. Anos de acompanhamento com dermatologista para conseguir contê-las.

Saíram da faculdade já bem noite. Declinaram o convite de Sérgio para mais uma rodada de churrasco no apartamento de Bia e Kado. Jonathan estava cheio do almoço ainda e Paula teria que trabalhar no outro dia. Paula pediu para que ele a deixasse em alguma estação de metrô e ele negou. Não deixaria que ela voltasse para casa àquela hora. Era mais conveniente para ambos que ela passasse a noite no apartamento dele.

Paula tinha se esquivado de todos os convites dele até então, mas percebeu que estava cansada demais para discutir com Jonathan. A cada novo embate deles, ele aparecia com novas teorias, e ela estava se sentindo sem energia para combatê-las. Ela adorava aquelas discussões, que sempre acaba em risos, mas hoje não. Paula só queria um banho quentinho e uma cama mais ainda.

E foi exatamente isso que fizeram. Jonathan deixou Paula à vontade no seu apartamento para ela tomar um banho, vestir aquele mesmo pijama que Bia havia deixado ali e se aconchegar no espaço vazio da sua cama ao seu lado. Parecia bem mais fácil receber Paula ali depois da sua última crise. As conversas com Miguel, semanalmente desde então, estavam surtindo mais efeitos do que ele imaginava.

No escuro, Paula e ele conversavam sobre os planos próximos.

— Meu irmão não pode vim te conhecer, mas mandou o melhor amigo. — Ela sussurrou.

Enquanto Jonathan tomava banho, Paula recebeu uma ligação de casa

com aquela notícia um pouco bombástica.

— O Leo é um amor. — Continuou Paula. — Ele e o Paulo são amigos desde sempre.

— Não sei se isso é uma coisa a favor ou não.

Jonathan tentava deixar o seu pânico de lado, e agradeceu pelas luzes apagadas. Se Paula visse o tamanho dos olhos dele naquele momento, de espanto, riria da situação.

— Completamente a favor. — Paula riu encostada no travesseiro, já encolhida como uma bolinha, praticamente só com o nariz e os olhos de fora. — O Paulo é bem intimidador, mas não passa de um gatinho. O Leo é um gatinho assustado perto dele. Quando eles eram pequenos e os colegas queriam bater no Leo ele se escondia atrás do Paulo e deixava que o meu irmão batesse neles.

— Acho que sou bem parecido com ele então. Na escola era proibido brigas, ninguém queria ficar de castigos durante a noite com as freiras rezando seus terços intermináveis. E quando dava alguma confusão eu era o primeiro a me esconder.

Jonathan riu de leve. Ele estava aprendendo a reviver alguns momentos da sua infância e adolescência e encontrar graça neles. Nem toda a sua vida era uma tragédia sem fim, percebeu quando começou a compartilhar aquelas memórias. Era tudo uma questão de com quem Jonathan se abria. Com Miguel ele despejava tudo que tinha de ruim e feio, deixando para Paula as coisas agradáveis e que a faziam sorrir.

Era claro que ele tinha que enfrentar aquilo. Se Paula pôde sobreviver à família Chiarelli completa, e ainda ser elogiada por Sérgio e Fernanda, Jonathan poderia conhecer alguém da família de Paula sem problemas. Era o mínimo que ele poderia fazer por ela.

Poderia ser uma coisa bem pior, como conhecer o irmão dela de primeira. Sem nem passar por um amigo mais próximo.

— Depois de amanhã, no intervalo de almoço?

— Sim — confirmou Paula, com um sorriso bonito, encoberto pela escuridão do quarto. — Eu espero vocês na praça de alimentação do shopping.

Jonathan suspirou. Sentiu um pequeno aperto na barriga. Um prelúdio de um soco bem dado. Respirou fundo, silenciosamente, temendo que a sensação virasse realidade em algum dia, ou em algumas horas, e aceitou o convite.

O mínimo que poderia acontecer ele já tinha certeza. Era do amigo do irmão de Paula não achar ele adequado para ela. O máximo é ele ligar para o Richard pedindo a opinião de um médico especialista em reconstrução de narizes

quebrados.

No final, tudo sairia muito bem.

Capítulo 45

Tendo por hábito limpar a mesa em que sentavam, Jonathan chegou uns bons minutos antes do combinado para deixar tudo ao seu gosto.

Disse para si mesmo que não estava nervoso. Não mesmo. Aquele leve tremor nas mãos e o suor frio eram decorrência do excesso de cafeína no seu corpo. Não deveria ter tomado aquela xícara extra antes de sair da faculdade.

E ele estava lá, quase no mesmo lugar onde observava Paula às escondidas semanas atrás. Agora estava perto de conhecer um dos amigos do irmão de Paula. Jonathan já sabia algumas coisas da família dela, apesar de não conversar muito sobre a sua, Paula gostava de contar histórias sobre a dela.

Sua mãe era uma senhora de idade, que trabalhava como serviçal em um orfanato na cidade. Nunca se casou, mas nem por isso deixou de adotar quatro filhos, e todos com a inicial P. Paulo era o mais velho, que carregava nos ombros o sustento da família. Era concursado da prefeitura da cidade em que moravam, gostava de um trabalho braçal e nas horas extras fazia sorvetes, os melhores do mundo, segundo Paula, e os vendia na praia durante o verão. Paola tinha cinco anos a menos de Paulo e dez a mais que Paula. Era a diversão da família e veio a falecer após dar à luz a Pietro. Jonathan ficava encantado em escutar as histórias que Paula contava sobre a irmã mais velha, ela se emocionava de uma forma surpreendente. Depois de Paula, vinha Pauline, a caçula. A princesinha da casa, Paulo a mimava mais do que Paula, ela comentava revirando os olhos, e no fundo, admitia que fazia todas as vontades da irmã também. Pietro era o filho de Paola, que por fim, Paulo assumiu como seu filho, tanto que o menino o chama de pai e tudo.

Todos trabalhavam desde cedo. Paula mesmo com menos de dez anos já saía com Paola para venderem sorvetes na praia durante o verão. Contava que, durante o inverno, as três dormiam na mesma cama, para se esquentarem e rirem até Paulo levantar e xingar elas, pois precisava acordar no outro dia cedo. Não conseguiu esconder quando Jonathan questionou se eles passavam fome, e mencionou que não era fome em si, apenas cautela ao dividir as quantias e fazer mágica para durar o mês inteiro.

Aquilo fez o estômago de Jonathan se embrulhar. Ele sempre teve tudo ao seu dispor, tanto com comida, roupas e qualquer coisa que quisesse. Era apenas pedir que elas apareciam do nada. E ao conhecer Paula, pôde perceber outra face da existência humana que nunca tinha despertado dentro de si. Das pessoas que realmente passavam trabalho na vida. Não conhecia a mãe de Paula e nem Paulo, mas no fundo, já nutria um respeito imediato. Não é fácil para qualquer pessoa

trabalhar e dar sustento a uma casa. E mesmo com o pouco que eles tinham, Paula dizia que eles eram muito ricos, por a mãe trabalhar em um orfanato, conheciam casos de quem realmente passava fome e frio.

Sim, ele conhecia casos. Fernanda falava as mesmas coisas que Paula, ela também tinha vindo de uma família extremamente pobre e ela e Sérgio sempre ajudavam quando viam que uma pessoa estava passando por problemas.

— Às vezes, Jonathan — Sérgio havia lhe falado um dia, quando ele presenciou Sérgio não cobrando as compras de um homem — ajudar uma pessoa é o melhor pagamento que a gente pode ter. Esse senhor mesmo, me ajudou quando furou o pneu da caminhonete de entregas. Eu estava sozinho no meio do nada e ele apareceu oferecendo ajuda.

Jonathan assentiu e logo esqueceu, perante seus problemas egoístas do dia-a-dia, e escutando Paula narrar sua infância sofrida, recordou-se daquela frase de Sérgio.

E depois de ouvir alguns relatos de Paula, e ver como ela era uma vencedora por estar ali, ainda passando por algumas dificuldades, prometeu para si mesmo que faria de tudo para ajudá-la sempre que ela precisasse. Na verdade, nem precisava prometer, já havia colocado aquilo como uma prioridade na sua vida. Ver e fazer Paula feliz, o máximo que ele pudesse e além disso.

Acordou dos seus devaneios ao ver ela se aproximar, sorrindo, como sempre.

— Pensei que estava adiantada demais, mas temos um vencedor.

— Me liberei mais cedo da faculdade e vim para cá. Não quis ir te atrapalhar no trabalho. — Ele deu os ombros.

Paula já entendia algumas entrelinhas de Jonathan, sabia que ele estava bem nervoso e havia chegado cedo para limpar a mesa e se acalmar um pouco. Pelo visto a última parte não estava acontecendo.

— Sei e....

— P! — Paula escutou a voz conhecida e se virou rapidamente.

— Leo! — Saiu em direção ao homem a alguns metros de distância e se jogou nos braços dele.

Jonathan assistia a cena em silêncio e engoliu em seco quando o homem, aparentemente Leo, a levantou do chão com uma certa facilidade.

— Que saudade da pequena P! — Leo a colocou no chão e colocou as mãos no rosto dela para vê-la melhor. — Sempre a mais bonita de todas.

— Leo! — Ela sorriu — Para com isso, continuo a mesma guria que vivia

correndo atrás de vocês, querendo saber o que estavam fazendo. Vem, deixa eu te apresentar o Jonathan.

Paula pegou a mão de Leo, outro fato analisado por Jonathan, e o trouxe em sua direção.

— Jonathan, esse é o Leo, Leonardo, melhor amigo do meu irmão desde sempre.

— É um prazer te conhecer, Jonathan.

— O prazer é meu — respondeu enquanto Leo estendia a mão para ele.

Jonathan congelou por alguns milésimos de segundos, o tempo suficiente para Leo perceber o que havia feito de errado.

— Ah, droga, esqueci que a Paula avisou que tu tem receio de encostar em pessoas, desculpa. — E recolheu a mão rapidamente.

— Não tem problemas, Leo. — Paula amenizou os ânimos, para o alívio de Jonathan. — Vamos nos sentar.

Jonathan estava um pouco congelado. Paula ao lado de Leo era uma visão que ele nunca tinha visto. Aquela Paula sorridente e contente era uma coisa que ele só conheceu há pouco tempo e ver ela agindo assim com outra pessoa era um pouco desconcertante. Antes deles começarem a se relacionarem com mais “intimidade”, apesar dos pesares, ela era contida e reservada. Ou talvez aquilo fosse só paranoia da cabeça dele. Miguel havia avisado que aquilo poderia acontecer.

Todas as pessoas mudavam quando conheciam mais as outras. Jonathan, quando começou a conhecer Ricardo era uma coisa, quando conheceu a família dele era reservado e com medo de falar alguma besteira, mas com o passar do tempo foi se soltando até ser considerado um membro deles. Com Paula era a mesma coisa, cada vez que passavam mais tempo juntos, descobriam uma faceta nova, conseguiam se abrir mais e relaxarem para serem mais espontâneos e eles mesmos.

E aquilo era uma boa coisa. Paula já conhecia uma boa parcela de Jonathan e ainda estava lá. Ponto para o químico.

Provavelmente agora, já poderia dizer que conhecia Paula também, ao perceber que ela estava bem à vontade na presença de Leo e na sua também, quando estavam sozinhos. A Paula falante, sorridente e brincalhona era sempre presente.

— Me fala como está o pessoal? O Paulo, Pauline, Pietro e a mãe? E a tua família?

— Todos bem, morrendo de saudade e contando os dias para a grande formatura da arquiteta Paula. Como anda a faculdade?

— Um tormento de sempre, tiramos as fotos dos convites no final de semana. — Paula olhou para Jonathan e piscou para ele.

— Nem acreditamos que a nossa pequena P, aquela que corria no meio da rua atrás do Paulo para que ele a levasse à praça, está se formando em arquitetura. Teu irmão só fala disso, com um sorriso idiota no rosto. Ela é o orgulho dele, sabia? — Leo encarou Jonathan.

— Eu imagino — finalmente Jonathan falou.

Paula notou o nervosismo de Jonathan. Ele ficava pálido, com os olhos bem mais azuis e bem mais arregalados do que o normal. Era até um pouco bonitinho ver ele daquela forma, um pouco vulnerável, mas ela decidiu acabar com o sofrimento dele de uma vez por todas.

— Pode relaxar, Jonathan. O Leo não vai te comer vivo e nem fazer um relatório gigante para o Paulo.

— Relatório para ele? — Leo olhou para Jonathan. — Bem pelo contrário, quero ver ele padecer um pouco. Pode ser que melhore um pouco aquela cara de quem está com dor de barriga sempre. Nada me faria mais feliz do que isso.

Jonathan sorriu de leve, somente Paula para conseguir aquele feito nele perante a situação.

Ela continuou fazendo o meio de campo entre os dois. Era bem nítida a introspecção dele, e Paula fazia de tudo para incluí-lo nos assuntos em que falavam. Leo era efusivo, além do que ele esperava e ajudava um pouco puxando Jonathan para o assunto, mas sem forçar a barra. Jonathan acabou se soltando. Conseguiu falar mais do que algumas poucas palavras e frases.

Almoçaram juntos, Paula estava tão feliz que quase não se continha. Era a junção dos seus dois mundos, o novo e atraente que Jonathan proporcionava, com o seu de infância e o único que ela conhecia até então. Ela sabia que se Leo havia gostado de Jonathan, Paulo não poderia falar nenhuma palavra. Ele escutava a palavra do amigo mais do que a de qualquer pessoa.

Realmente ela estava feliz.

Se despediram com a promessa de Leo trazer Paulo da próxima vez, para o delírio de Paula. Sentia tanta saudade do irmão que não via a hora de colocar os olhos nele.

— Podemos ir um dia, Paula. — Jonathan falou, depois de se despedirem de Leo e ela continuar a falar da saudade que tinha de casa. — Aproveitamos a ida do Kado e da Bia para casa e seguimos de lá.

— Seria um sonho! — Ela disse hipnotizando Jonathan com o brilho no seu olhar. Se ela fizesse aquilo sempre, Jonathan estava perdido.

E por mais incrível que pareça, mais perdido do que ele já era por ela.

Capítulo 46

Miguel tentava esconder o sorriso com uma força além do necessário.

— Então.... — O médico se endireitou na sua cadeira e com o olhar ainda focado em Jonathan.

— Estamos aí. — Respondeu o químico como se não fosse nada de mais.

— Sei... — Miguel continuou a encarar Jonathan intensamente.

O silêncio perdurou pelos dois por mais alguns segundos. Jonathan detestava, com toda a sua força de existência, quando Miguel fazia aquele jogo de quem ficava mais tempo em silêncio. Jonathan quase sempre perdia.

— Ok! — Ele disse para quebrar aquele silêncio perturbador — O que tu quer saber? Tu sabe como eu detesto esse clima de silêncio. Me sinto na época da escola com as freiras me lançando um olhar reprovador por alguma coisa que eu não sei o que fiz de errado.

— Não fez nada de errado, Jonathan. Bem pelo contrário, quero saber o que tu fez de certo nesses últimos dias que não nos vimos. Aliás, senti a tua falta.

Jonathan encarou o médico sem expressão.

— Tu teve um surto, estava vindo certinho nas consulta e agora sumiu. — Explicou Miguel. — Fiquei preocupado e tive que usar de fontes alternativas para ter notícias tuas.

— Beatriz, suponho.

— Exatamente. — Miguel ainda encarava Jonathan. — E ela me disse algumas coisas interessantes que eu quero confirmar contigo.

— Acredito que ir atrás de informações minhas através da esposa do meu amigo não é muito ético.

— Ética é um conceito abrangente e um pouco disperso. Cada um pode interpretar de uma forma diferente do outro. No meu caso eu acho muito válido ir atrás de informações dos meus pacientes para que eu possa saber o que está acontecendo com eles. Se for o caso, posso me intrometer sem riscos de a situação ficar mais complicada. Entenda isso como um excelente bônus que eu dou aos meus pacientes queridos.

Jonathan não ficou muito contente com a explicação de Miguel, chegou a abrir a boca para uma boa resposta, mas foi barrado.

— Podemos usar o tempo aqui para discutir os conceitos de ética, ficarmos em silêncio, eu reclamar da multa que levei no trânsito ou nós falarmos sobre tu a Paula. Eu, particularmente, prefiro a última opção. Mas como a consulta é tua,

posso deixar ao teu gosto.

Jonathan revirou os olhos. E Miguel abriu um sorriso de quem sabia que havia ganho a briga. Percebeu Jonathan se endireitar na sua cadeira e esperou ele começar a falar.

— O que a Bia te falou? — Questionou por fim.

Miguel ponderou um pouco a questão.

— O mínimo para me acalmar. — Mentiu, Bia falou muitas coisas. Quando ela começava a falar para Miguel de Ricardo e Jonathan, quase esquecia da própria vida. Miguel gostava do fato, não precisava ficar instigando, era apenas falar alguma coisa que ela desabava a contar o resto. Era um prato cheio.

— Então ela deve ter relatado até a cor da roupa que eu estava usando.

Jonathan encarou o médico que não negou e nem afirmou nada. Estava apenas esperando que ele acabasse com aquela pequena birra e começasse a falar de uma vez. Miguel queria um pouco de emoção naquele dia.

— Ok... — Jonathan se rendeu. — Já que é uma coisa tão importante para ti, vamos aos fatos. Paula e eu estamos acertados.

— Acertados como o que?

Jonathan deu os ombros teatralmente. Essa era uma questão que nem ele sabia responder. Eram namorados? Mais do que amigos? Ou apenas amigos mais chegados? Ele acreditava que a última opção, pelo menos para ele, não se enquadrava. Deixava aqueles cargos para Bia, Liana e Fernanda. Elas sim eram suas amigas mais chegadas, quase suas irmãs de coração, pensava. Enquadrava Paula em alguma daquelas outras duas opções, ainda não tinha conseguido distinguir em qual, ou teria que criar um meio termo entre elas.

Uma tarefa que ele achava bem além da sua capacidade.

Jonathan suspirou pesadamente e tentou encontrar palavras para explicar o inexplicável.

— Na verdade, nem eu sei. É uma coisa bem complicada e que a gente evita de pensar, principalmente quando nós estamos juntos.

Miguel assentiu. Conhecia bem Jonathan para perceber quando ele falava a verdade. E esse era um desses momentos. Não via um pingo de hesitação ou alguma pausa para inventar alguma coisa no meio da história. Realmente Jonathan estava falando a verdade, e era naquele ponto exato que Miguel queria chegar. Ajudá-lo a enxergar o que estava acontecendo a sua frente, guiá-lo pelo caminho menos tortuoso e mais simples, com conselhos e uma boa conversa.

— E o que vocês fazem quando estão juntos? — Questionou um pouco

curioso para saber como uma pessoa com medo de germes consegue ficar ao lado de outra pessoa assim.

— Conversamos, eu a busco no trabalho, jantamos no shopping, ou lá em casa, às vezes na faculdade, andamos pelos nossos prédios, pelas áreas de convivência. Já teve dia que eu estava com o Felipe e o levamos à praça para andar de bicicleta. Essas coisas simples e que pessoas normais fazem, por mais estranho que pareça.

Miguel assentiu lentamente. Sim, Jonathan estava de parabéns, e talvez Paula também, por conseguir fazer tudo isso com ele. Era uma diferença notável, mas ainda faltava algumas coisas para ambos passarem.

— Gostaria que tu me dissesse o que sente quando está com ela, Jonathan. Um resumo geral do que acontece contigo quando está na presença dela. Pode tomar o tempo que quiser, ou podemos fazer aquele esquema de se imaginar vivendo o momento. Lembra como fazíamos isso quando começamos a conversar?

Jonathan desviou o olhar um pouco. Não tinha gostado nenhum pouco de fazer aqueles exercícios de voltar ao passado e explicar o que sentia. Miguel havia insistido muito em memórias que ele gostaria de esquecer por completo, só para narrar as sensações e sentimentos que havia passado naquele momento específico. Era muito torturante revivê-los e ainda falar como se sentia.

— Eu sei que usamos essa tática só com momentos ruins da tua vida, mas pensa pelo lado positivo, dessa vez vai ser coisas agradáveis. Tenho certeza de que vai ser outra experiência.

Jonathan não quis contestar. Já estava cansado demais de brigar com Miguel, nunca levava a lugar nenhum. O médico sempre ganhava.

Fechou os olhos, respirou e expirou com toda a tranquilidade que o ato exigia. Deixou a mente vagar por algumas lembranças recentes. Paula e ele caminhando pela calçada da praça, com o vento cortando de tão frio, mas o sol de inverno os aquecendo. Era uma sensação de paz e tranquilidade além do que qualquer outra imaginada.

— Eu me sinto bem ao lado dela — começou baixinho. — Paula me faz sorrir com mais facilidade do que eu já tenha feito e eu consigo a fazer rir. Acho que esse é o auge de quando eu estou com ela. Ver o sorriso de Paula me aquece por dentro, mais do que qualquer agasalho que eu possa comprar e usar. Quando não estou com ela, sinto falta. Parece que o sol foi embora e o que sobra é frio e distante. O tempo, parece não transcorre com a mesma velocidade, o que é uma coisa fisicamente impossível, mas que agora eu compreendo que é possível sim

o tempo se arrastar. — Jonathan abriu um sorriso tímido. — Ela é diferente de todas as pessoas que eu já conheci. Apesar de nunca ter se relacionado com outra pessoa como eu, diferente de todos e cheio de manias, ela faz questão de tentar se enquadrar nas minhas regras e não as questiona. Só aceita. Ela sabe como isso é importante para mim e que faz eu me sentir mais seguro na presença dela. Sei que é um esforço que ela não precisaria passar e fazer. Ela poderia simplesmente me dar tchau um dia e não voltar mais.

A expressão de felicidade de Jonathan foi sendo substituída por outra.

— Paula é tão bonita, não só por fora, mas por dentro também. Existem milhares de pessoas por aí, mas ela escolheu estar comigo. Por alguma razão que, ao mesmo tempo eu quero saber, eu tenho medo de descobrir e acabar com tudo o que temos. Sei que não temos nada, se formos comparar com outros relacionamentos, mas compreendo que o pouco que temos é muito. É mais do que eu sonhei, é mais do que eu desejei e é bem mais do que eu sei que mereço.

Miguel percebeu que Jonathan estava indo para outro lado da conversa que ele gostaria, decidiu parar por ali e trabalhar em um ponto de cada vez. Jonathan estava confuso, era esperado que estivesse assim. Em todos os seus anos de vida, o químico nunca tinha vivido sentimentos tão fortes como aqueles.

— Jonathan — Miguel o chamou de volta. — Gostei muito do que eu ouvi. Não vejo a hora de conhecer a Paula pessoalmente, para dar um rosto a essa personificação que tu fez. Se um dia quiser trazer ela aqui para....

— Não! — Ele o interrompeu, aumentando a voz além do necessário. — Não acho que trazer ela aqui irá fazer bem. Já sou excêntrico demais, trazer Paula aqui seria o cúmulo. Com toda a certeza ela iria embora no mesmo dia e eu nunca mais a veria.

— Ok. Foi só uma sugestão. Fica o convite, quando tu achar que for o momento eu estarei aqui. Mas vamos focar ao que tu me disse. Notei muito o fato da Paula estar se adaptando ao teu mundo, mas onde tu se adapta ao mundo dela?

Miguel lançou a questão no ar e Jonathan ficou em silêncio.

Era uma questão que Jonathan ainda não tinha pensado. E vendo Miguel a expor daquela forma, o fez se sentir egoísta.

— Vamos trabalhar nisso, Jonathan. No que tu pode e vai fazer para se adaptar à realidade de Paula. O que ela gostaria que tu fizesse para ela se sentir segura e à vontade. Um relacionamento não é uma mão de via única. São duas pessoas, duas personalidades que se moldam a cada defeito e qualidade do outro. Vamos usar o exemplo da Bia e do Kado, um casal que nós dois conhecemos

bem. Ricardo tem suas particularidades, ele gosta de um ambiente organizado e em perfeito estado, Bia teve que se modificar como pessoa para se encaixar em um mesmo ambiente que ele. Já Ricardo teve que aprender a ser mais sociável e encarar outros ambientes porque ela gosta. E os dois mudaram quando Felipe chegou.

Jonathan prestava atenção no que Miguel falava. Era tudo verdade. Ele precisava começar a pensar em coisas que teria que mudar na sua vida para o benefício de Paula.

— Precisamos achar um meio termo entre a mudança de vocês. Tu precisa abrir mão de certas coisas para que a relação não mude apenas a Paula. Tu precisa mudar, Jonathan. Precisa aprender a fazer concessões, mudanças e ser mais flexível em alguns pontos. Ou então pode chegar um dia em que a Paula vai perceber que está fazendo todo o trabalho na relação e decidir dar um basta e ir embora.

A última frase de Miguel atingiu Jonathan como um soco. O fez perder o ar e a visão. Percebeu que era o seu maior medo. Perder Paula.

— Calma, Jonathan. — Miguel sorriu ao ver a palidez que invadiu Jonathan. — Por isso que eu estou te falando essas coisas. Vamos trabalhar em pequenos passos no início e quando tu perceber vai ser mais fácil do que parece. Viver na zona de conforto é ótimo, o nome já diz, não é? Mas sair dela também pode ser maravilhoso. Te mostrar novos horizontes e perspectivas que tu não enxergava de onde estava. E quando tu perceber, vai estar bem além do que tu te encontrava e ver que é melhor do que tu imagina.

Capítulo 47

O vento e a chuva fria batiam na janela da sala do apartamento. Dentro da casa estava Jonathan e Paula, ela, enrolada em um cobertor, uma caneca de chá fervente e os olhos fixos em um trabalho que precisava terminar. Jonathan estava sentado à frente dela, sem cobertor e sem chá quente, apenas uma pilha de provas, seu computador para lançar as notas e uma caneta vermelha que trabalhava sem parar.

Não olhavam o relógio, sabiam que a madrugada tinha entrado e ambos certos que não tinham hora para acabar seus afazeres. Tudo por um dia a menos de trabalho para poderem descansarem no feriado. Paula, principalmente, foi a mais afetada. Teve que fazer muitas horas extras na livraria para conseguir a liberação para sair. Era claro que seu gerente, vendo a importância que Paula dava para aquele feriado longe do shopping, não hesitou em cobrar dela quase o dobro do horário que cobraria de outros funcionários. Jonathan tinha achado aquilo o absurdo do ano, e Paula teve que o convencer de que não valia a pena se estressar por causa disso. Tudo que ela não precisava era mais uma rixa com o seu gerente e receber uma demissão por justa causa, ou injusta, no caso.

Então ela tinha se sacrificado. Sacrificado horas de estudos, horas de descanso e, principalmente agora, horas longe de Jonathan, para o desespero dele. Foram horas incontáveis sozinho no apartamento e noites congelantes, mais frias do que ele imaginava que um dia poderia sentir.

Porém agora o pior já tinha passado. Em poucas horas, os dois entrariam no carro de Ricardo e Beatriz, dividiriam um banco com a cadeira de Felipe, e iriam curtir o final de semana, com feriado prolongado, junto com suas famílias. Dois dias na companhia dos Chiarelli e os outros dois na cidade em que a família de Paula residia.

Paula era a mais ansiosa de todas, por todos os motivos possíveis. Fazia muitos meses que não via ninguém da sua família, nada além de conversas por telefone, uma coisa que não era o suficiente para a saudade que ela sentia. Não via a hora de chegar em casa e ser abraçada por todos, colocar seus olhos em seus irmãos, mãe e afilhado, para ter a certeza de que todos estavam bem. Ela sabia que dois dias não era o tempo suficiente para matar toda aquela saudade, mas era bem melhor do que nada.

Seu nervosismo tinha alguns picos, se ela começasse a colocar todos os eventos que a aguardavam naqueles dias. O primeiro de todos era ser recebida na casa do irmão de Ricardo. Jonathan fazia questão que ela fosse e ficasse hospedada com ele na casa de Sérgio e Fernanda. Paula sentia o estômago se

apertar só de se lembrar disso. Adorava Ricardo e Beatriz, mas não sabia se essa amizade havia chegado àquele ponto. Tinha até falado para Jonathan sobre isso, mas ele foi categórico em rir e dizer que na família Chiarelli não havia esse problema imaginário. Todos eram bem recebidos e tratados como membros da família, não importando o grau de amizade que existia entre as partes. Bom, se Paula havia questionado aquilo para tranquilizá-la, a resposta de Jonathan a deixou mais apreensiva ainda. Mas ela não poderia reclamar ou se opor, sabia que da parte dele também seria uma provação.

Levar Jonathan para sua casa seria uma prova e tanto para o químico, e Paula sabia disso. Era tão ciente do fato que o isentou de fazer tal coisa. Disse que ele não precisava ir, se não quisesse. Poderia pegar o ônibus da cidade de Ricardo e Bia e seguir viagem até a sua. O preço da passagem entre as duas cidades era bem mais em conta do que o trajeto feito desde a capital. O valor era tão baixo que até cabia no bolso raso de Paula. E para sua surpresa, ou outro pico de nervosismo exacerbado, Jonathan não aceitou a oferta. E estava até animado em poder conhecer toda a sua família.

Paula tinha muito frio na barriga em imaginar aquele encontro. Não por Jonathan ser mal recebido ou destrutado por Paulo. Leo, o amigo de seu irmão que a visitou há algumas semanas, havia feito um trabalho excelente em pintar Jonathan quase em cima de um pedestal para toda a sua família. Paula tinha até receio deles acharem que ele era demais para ela.

Eram outros aspectos dessa visita que deixam Paula bem receosa. Começando pelo fato da sua família ser humilde. Não, ela não se envergonhava dela. Bem pelo contrário, sabia como era abençoada por Paola ter a encontrado anos atrás naquele orfanato, dito que Paula era sua boneca gigante e a levado para casa. Mas isso não ignorava o fato de que sua família era pobre e sem a grande vastidão de recursos que Jonathan era agraciado.

Sua casa era um amontoado de extensões que Paulo fez ao longo dos anos. Não era uma construção arquitetônica ou com algum estilo definido. Nem mesmo o material de todos os cômodos eram o mesmo. A sala de entrada ainda era de madeira, seguida pela cozinha, também de madeira, e os quartos de tijolos. Tinha medo que Jonathan trancasse em frente à casa e não conseguisse entrar por receio.

Era claro que isso não iria abalar em nada a relação deles, principalmente para ela. Paula entendia o enorme sacrifício que Jonathan fazia só de estar ao lado dela em momentos como aquele, em que estavam dividindo enquanto trabalhavam e estudavam, mas no fundo ela tinha muito medo da reação dele em ver de onde ela veio. Compreendia que a situação financeira dela não era um

problema para ele, Jonathan nunca foi indelicado em tocar naquele assunto, mas saber que ele iria ver com os próprios olhos a sua realidade a assustava um pouco. Por mais que ele estivesse animado com a viagem, não gostaria de ver a decepção nos olhos claros dele.

E toda essa bola de neve, que cada vez que ela percebia estava mais próxima e maior, deixava Paula muito aflita. A ponto de ela ter que riscar a frase que estava escrevendo pela terceira vez. Até Jonathan tinha percebido o seu nervosismo.

— Algum problema que eu possa ajudar? — Jonathan largou a caneta vermelha na mesa e a observava. — Posso não entender muito de arquitetura, mas se for problema com a matemática...

Paula abriu um sorriso pequeno. Se a matemática fosse seu problema mais urgente ela seria uma pessoa mais contente e menos nervosa.

— Não. — Ela suspirou. — Acho que meu cérebro já congelou, junto com o meu nariz. — Tocou-o e percebeu que ele estava uma pedra de gelo.

Jonathan a encarou, ainda sem conseguir compreender como uma pessoa tão pequena pode sentir tanto frio. Ele estava com calor só de ver ela enrolada no cobertor e tomando aquele chá fervendo. Isso sem contar quando ela se encolhe na cama e fica tremendo. Jonathan já levantou várias vezes para pegar mais um cobertor para ela.

— Ainda falta muito? — Questionou ela ao levantar e colocar o chá no micro-ondas. Jonathan achava que o líquido não podia esquentar mais do que aquilo, mas resolveu ficar em silêncio quanto aquela observação.

— Não. Mais algumas provas. Ou melhor, tragédias. Não posso chamar algumas de provas.

— Muitos desastres? — Jonathan chegou a rir de deboche.

— Compararia ao desastre de Chernobyl algumas, mas outras se salvam. Uma média de três desastres para meia salvação. Eu já pedi milhares de vezes para me tirarem as turmas de calouros, mas.... — ele suspirou — sempre sou o premiado do ano. Meu sonho mesmo é ficar só com as orientações de doutorados, o responsável por essa parte está para se aposentar e eu espero ficar com a vaga quando ela sobrar.

— Eu já fico bem feliz em acabar a faculdade. — Brincou Paula retirando o seu chá do micro-ondas. Jonathan já se achava muito aventureiro quando tomava chimarrão quente, mas Paula o superava com o chá fervendo.

— E vai acabar logo, e em breve começar a especialização, mestrado, doutorado e quando perceber vai estar corrigindo provas de alunos iniciantes que

ainda fazem brincadeiras de quinta série sobre gases nobres.

Paula riu com gosto. Jonathan adorava quando via ela assim.

— Acho que vou para o banho, me esquentar um pouco e ir dormir. Amanhã o dia vai ser longo para nós. — Paula terminou de tomar o seu chá fervente e saiu em direção ao banheiro.

Jonathan voltou para sua pilha de provas para terminá-las o mais rápido possível. Sua mala já estava arrumada para passar o final de semana estendido fora de casa, mas ele queria dormir um pouco antes de encarar a viagem.

Ele adorava ir para a casa de Sérgio e Fernanda, era um dos locais que ele se sentia bem, além da sua própria casa. E isso era uma coisa muito importante para ele. Contudo, naqueles dias em que passarão longe de casa, o que realmente importava era o fato de Paula estar indo visitar sua família. Jonathan estava mais do que contente por poder realizar aquilo para Paula, e levando em consideração o que Miguel havia dito aquele dia na sua consulta, Jonathan tinha que começar a fazer grandes exceções em nome de Paula. Ela merecia cada regra quebrada por Jonathan. Por Paula, Jonathan percebeu que faria qualquer coisa, inclusive visitar a sua família e ficar instalado na mesma casa.

Seria um desafio e tanto para ele, que evitava ao máximo lugares diferentes e que não o deixassem confortável o bastante. Gostava da sua zona de conforto e dos limites que ela lhe impunha. Extrapolá-los era uma coisa que Jonathan nunca tinha em pauta, pelo menos, até conhecer Paula.

Via que ela estava nervosa, mais do que nunca tinha visto. E lhe causava um pouco de vergonha ser o motivo disso. Paula até chegou a dizer para Jonathan que não precisava acompanhá-lo até sua casa. Falou que não se importava dele não querer ir, ela já era agradecida demais pela carona de mais da metade do caminho. Só o fato de ter a oportunidade de passar aquelas horas com a sua família era mais do que um sonho. Jonathan quase aceitou a dispensa. Quase...

Mas as palavras de Miguel, dizendo que estava na hora dele fazer concessões falou bem mais alto. Seria fácil demais ficar na casa de Sérgio e Fernanda enquanto Paula viajava para sua casa. Cômodo demais ele a esperar para que voltassem para casa juntos. Conveniente demais ficar em um lugar que ele considerava sua segunda casa e ver ela ser a convidada.

Não, pensou Jonathan no último instante que poderia usar para pensar sobre o assunto, ele não faria isso. Encararia o desafio assim como Paula já tinha encarado alguns para estar ao lado dele. Jonathan realmente gostaria, com toda a sua força, que o relacionamento com Paula fosse duradouro, e para que isso

acontecesse estava na hora dele começar a repensar alguns dos seus atos e, principalmente, manias.

Precisava ser forte. Bem mais do que um dia precisou ser. Ficar tanto tempo afastado do convívio de pessoas diferentes do seu meio era o que ele mais temia. A rejeição por conta de terceiros sobre suas manias sempre foi uma dor de cabeça que ele evitava ao máximo. Por isso se afastava. Era mais sossegado viver em meio a pessoas que o compreendiam do que uma multidão de estranhos que não aceitavam, e nem queriam entender o que se passava com ele.

Jonathan tinha que passar por aquilo. Disse para si mesmo que apenas as primeiras vezes que seriam difíceis. Paula estaria lá, ela ajudaria no processo e veria o seu esforço para estar ali com ela. No meio da sua família, com seus irmãos e mãe. Ela estaria ao lado dele todos os momentos, e esse era um ótimo incentivador.

Terminou de corrigir as provas e de lançar as notas. Deu graças por conseguir fazer aquilo sóbrio e não deixar o nervosismo do que o aguardava naqueles próximos dias o abalassem a ponto de corrigir alguma prova errada.

O barulho do chuveiro já tinha cessado há muito tempo. Jonathan tomou um banho rápido e se vestiu mais ligeiro ainda, o frio estava castigador. Entrou no seu quarto e viu apenas uma bola em cima da cama, percebeu que era Paula, tentando se esquentar da forma que podia. Sabia que ela detestava estar gelada e a cobriu com mais um cobertor. Deitou no que sobrou de cama para ele e adormeceu rapidamente com ela ao seu lado.

Sabia que se ela continuasse ali, tudo ficaria bem no final. Por ela Jonathan faria até o impossível.

Capítulo 48

— Paula, é um prazer te receber aqui em casa. Por favor, releve tudo que ver e escutar aqui dentro. Tentamos manter a ordem, mas quando se junta toda a família é um caos. — Fernanda, ainda abraçada em Paula, falava sem parar.

Paula estava gelada, não pelo fato do frio torturante de acordar cedo e encarar a viagem de quase duas horas de carro. Estava gelada de nervosa mesmo, e uma recepção dessa, em frente ao mercado da família, com todo mundo parado e olhando não era uma coisa muito discreta que ela esperava.

— Paula! — Sérgio foi próximo da fila, enquanto Fernanda distribuía abraços para o resto dos companheiros de viagens de Paula.

Sem defesa nenhuma, Paula foi erguida por Sérgio como se não pesasse mais do que poucos quilos.

— Estávamos preocupados com a demora de vocês. A Nara achou que teria que desmanchar a mesa do café que ela fez na cozinha do mercado para vocês.

— Não! — Jonathan se interferiu entre eles. — Nunca que a Nara faria uma coisa dessas comigo! Ela sabe que não há nada melhor do que as mesas de café que ela faz.

— Ainda mais que o Sérgio disse que a Paula é magrinha. — Liana apareceu, ao contrário de Paula, já bem rechonchuda por causa da gravidez.

Ela abraçou Paula como se fossem velhas amigas, da mesma forma como fez com Beatriz.

— O Richard e eu já passamos por lá e fizemos um pequeno estrago.

— Fizemos mesmo. — Richard apareceu sorrindo e veio em direção de Paula, para o descontentamento de Jonathan.

Apesar da fase que estava vivendo ao lado de Paula, ele nunca iria se sentir à vontade ao lado de Richard. Principalmente quando ele abraçava Paula e dava três beijos na sua bochecha. Aquilo fazia com que Jonathan tivesse que reprimir um sentimento bem neandertais de sua parte: ciúmes.

— Acho que já vamos para lá, a Paula tem que conhecer a cozinha da Nara. — Esperou Richard se afastar um pouco, mas não perdendo o sorriso que Liana investiu um bom tempo para que ficasse mais do que perfeito, e quase arrastou Paula pelos corredores do mercado, deixando toda a família Chiarelli encantada com a cena.

— Maldade, Matz... — Liana ria enquanto falava.

— O que? Xinga e tua cunhada que pediu para que eu fosse só sorrisos para a Paula quando a visse.

— Bia?! — Ricardo olhou para a esposa que dava os ombros de leve, inocentemente.

— Muito legal ver o Jonathan com ciúmes, mas não exageremos, Richard. — Fernanda o advertiu levemente. — Vamos deixar os dois à vontade? — Olhou para Liana especialmente. — Nada de brincadeiras de mal gosto ou coisas parecidas.

— Eu sou um anjo de pessoa. — Liana se defendeu colocando as mãos sobre a barriga. — Estou passando mais tempo no banheiro do que com qualquer outra pessoa. Como tu aguentou isso, Bia? Sem contar a posição para dormir! É um inferno!

— Mãe, Dinda Li falou palavrão! — Felipe tinha conseguido se desprender das garras de Sérgio e já estava com um chocolate na mão.

— E alguém está comendo chocolate pela manhã! — Ricardo olhou para Sérgio que não escondia o sorriso.

— O que foi que eu perdi? — Sérgio se serviu de um chimarrão enquanto Liana contava o acontecido e Ricardo tentava tirar o chocolate da mão do filho.

Paula e Jonathan se entranharam pelos corredores do mercado. Jonathan explicava para ela algumas curiosidades e fatos que levaram a família Chiarelli construir aquele pequeno império.

— Os pais deles eram muito pobres, Sérgio conta que antes dele nascer a situação era bem crítica, mas eles trabalharam, cresceram, Sérgio nasceu e o mercadinho começou a progredir. Depois veio o Kado e a Liana, com dois anos de diferença entre eles. Sérgio já era grandinho na época. Construíram um mercado novo, fizeram a casa e se estabeleceram na vida, e aí a tragédia aconteceu.

Paula sabia da história. Ricardo não havia contado a parte do assalto e que ele presenciou a morte dos pais tão de perto quando era seu professor. Ela veio a saber desses detalhes quando começou a andar com eles. Jonathan havia contado uma parte e Bia aprofundado mais o assunto. Agora ela entendia algumas coisas em Ricardo que nunca foram bem explicadas aos seus alunos e sua admiração para com ele tinha aumentado consideravelmente.

— Sérgio assumiu tudo, incluindo o trabalho extra de criar os dois. Liana era uma peste, não que ela ainda não seja — Jonathan acrescentou fazendo Paula sorrir. — E o Kado era quietão na dele. A Fernanda apareceu depois de uns cinco anos, grávida do Inácio e o Sérgio pegou ela e nunca mais a soltou. Literalmente. Os dois trabalharam juntos, terminaram de criar os dois, criaram o Inácio e agora a Fifi, construíram o maior mercado da cidade e de quebra a maior cozinha

industrial da região, e tão limpa como um bloco cirúrgico.

Jonathan parou em frente de uma porta e Paula entendeu o recado. A convivência entre os dois já resultava em parcerias como aquelas, Jonathan não precisava mais se preocupar em abrir portas, acionar elevadores e coisas simples. Paula nem imaginava como ele grato por aqueles simples, e tão preocupantes, para ele.

Entraram em uma antessala com alguns funcionários conversando. Alguns cumprimentaram Jonathan e Paula notou uma coisa muito interessante naquele espaço. Todos os funcionários estavam conversando e sorrindo, uma coisa que ela nunca viu na sua livraria. Lá era cada um por si. Brigando por cada cliente e a comissão que ele renderia.

Jonathan mostrou para Paula outra porta, ao qual ela abriu e eles entraram em um ambiente vazio, com uma pia. Lavaram as mãos em silêncio e Jonathan mostrou como ela deveria usar a touca e as proteções dos sapatos.

— Levou um bom tempo para adequar tudo, principalmente com os funcionários mais velhos, mas nós contamos com uma em especial. E a melhor cozinheira de todas.

Fardados, Jonathan e Paula entraram dentro da cozinha industrial do mercado da família Chiarelli. A mistura de cheiros de pães, bolos e doces sendo feitos fez o estômago de Paula soltar um pedido de atenção imediato, fazendo Jonathan sorrir.

— E se não é o meu químico favorito — uma senhora apareceu sorrindo para os dois.

— O único — Jonathan respondeu brincando — depois só há o físico, a dentista, médico e bioquímica. Sem contar o advogado e a administradora.

— Todos os meus favoritos! — Nara respondeu com um sorriso gigante. Era a funcionária mais velha do mercado, mais velha até mesmo que Sérgio. — E tu, minha querida, deve ser a Paula.

Novamente Paula foi acometida por um abraço gigante. Estava começando a gostar daquela recepção tão calorosa, quase um gostinho do que seria voltar para casa em menos de um dia, pensou consigo mesma enquanto retribuía o afeto.

— Bem que o Sérgio me disse para eu caprichar no café, essa moça está precisando mesmo! Jonathan, vai ter que trazer ela aqui mais vezes para podermos colocar um pouco de carne nesses ossos! Tenho certeza de que a mãe de Fernanda vai concordar comigo, ela vai adorar cozinhar para vocês.

— Nem me fala, Nara. — Jonathan disse e olhou para Paula. — Sempre que eu venho para cá volto para casa uns dois quilos a mais de tanto que como, e saio com a impressão de que não comi o suficiente.

— Bobagem, John! — Nara riu e mostrou a mesa posta, realmente uma paisagem aos olhos de Paula. Tudo que poderia sonhar em uma padaria bem-conceituada estava naquela mesa. — Vamos, meus filhos, sentem-se antes que o Richard volte e comece a comer tudo de novo. Aquele menino me ganha só com um sorriso e quando eu vejo estou sendo assaltada aqui. E cadê Ricardo, Bia e Felipe? Estou morrendo de saudade dos meus meninos! — E olhou para Paula. — Fiz os bolinhos de chocolate que o Ricardo era apaixonado quando era criança e agora ele e o Felipe brigam quando chegam aqui por eles. Tal pai, tal filho.

A porta se abriu e Ricardo, Bia, Felipe, acompanhados por Richard e Liana chegaram, terminando de compor a mesa. Liana e Richard estavam lá para o segundo round do café da manhã, uma coisa que Nara já estava acostumada e sabia que quando Inácio chegasse, depois de acordar, teria que repor a mesa toda. Nara teria que fazer mais para suprir a demanda do mercado.

Paula nunca comeu tanto na sua vida e estava se sentindo até com falta de ar por causa disso. Realmente Nara era aquela cozinheira de mão cheia que todos falavam enquanto comiam. Felipe era o mais animado, principalmente depois de Sofia e Inácio chegaram. O menino corria de um lado para o outro com a prima por entre a cozinha e depois no meio dos corredores do mercado, sendo cumprimentado pelos clientes que ali estavam. As senhoras de idade que faziam a feira do final de semana, eram só elogios aos dois e a Inácio, que ajudava nos caixas enquanto empacotava as coisas com rapidez. Paula sentiu-se até um pouco deslocada ao ver que todos estavam ajudando em alguma coisa, até mesmo Jonathan estava conversando com Sérgio sobre a armazenagem de algumas coisas na parte da fruteira e congelados.

Porém não ficou muito tempo sozinha, Richard e Liana a sequestraram para uma área mais afastada de tudo e bem misteriosos.

— Precisamos de uma arquiteta aqui — disse Liana, agarrada em uma barra de chocolate que Richard tentava tirar das mãos dela a todo custo. Conseguiu depois de alguns tapas distribuídos por Liana.

Paula achou até graça do acontecido.

— Mas precisamos de segredo absoluto, principalmente contra o lobo e a loba alfa. — Ela voltou a falar enquanto Richard comia o resto do chocolate para não ter modo de Liana pegá-lo.

— E o que seria? — Paula começou a ficar um pouco intimidada com o pedido tão guardado.

— Vamos comprar a casa ao lado do consultório — Richard apontou para ela — para montarmos um bar. Deus me livre se o Sérgio descobre isso, ele é capaz de deserdar a Liana e ficar só comigo, porque eu sou irresistível e se ele me expulsar eu levo a Nara e a Fernanda comigo.

— E o mano é bem agarrado com as duas. — Liana comentou, por fim — bem mais do que comigo. Queremos um projeto com o espaço que temos.

— Eu ainda não sou arquiteta — disse Paula, bem mais assustada com a proposta.

Ser estudante era uma coisa, seus professores ainda a corrigiam com coisas insignificantes ao seu olhar, mas para eles fazia toda a diferença em um projeto. Não se sentia segura o suficiente para fazer um trabalho daquela proporção, principalmente quando viu o espaço em questão que os dois falavam.

— Deixa de ser boba, Paula. — Richard falou sorrindo — todos nós sabemos do teu potencial. Tu é a melhor da tua turma, Bia, Kado e Jonathan, principalmente ele, falam isso sempre que podem. E nós vamos te pagar, é claro.

Não era uma questão de dinheiro, longe disso. Paula se sentiria muito sem graça ao cobrar alguma coisa para cada uma daquelas pessoas que, de uma forma ou de outra, a ajudava a conseguir se formar.

— Confia no teu taco, gata. Antes mesmo de me formar eu extraí um siso do Sérgio, sem um professor do meu lado, nunca tremi tanto na minha vida. E isso serviu para provar que eu conseguia atender longe da faculdade. O Richard aqui muito diagnosticou a gente antes de se formar, ninguém morreu. É um incentivo e tanto. Isso não é um projeto para semana que vem, mas só estamos te avisando que vai ser tu quem vai arquitetar o nosso bar.

E Liana falou com aquele tom que usava com todos a sua volta. Era a última palavra e ninguém discordava dela. Nem mesmo Paula conseguiria esse feito.

Capítulo 49

— Cadê as crianças? — Paula questionou quando o tédio começou a apoderar-se do seu pequeno corpo.

— De preferência bem longe. — Brincou Beatriz, deitada em um sofá. — Devem estar enfiados em algum lugar do mercado, correndo pela rua, ou foram sequestrados pela minha mãe, a última opção é a mais provável. E não, eu não estou nenhum pouco preocupada — complementou. — Felipe já passa o tempo todo trancado lá em casa, quando chegamos aqui ele tem toda a liberdade de caminhar e fazer o que quiser. Todo mundo conhece ele e não tem perigo nenhum ficar na rua.

Paula assentiu. Era estranho estar ali, sem nada para fazer. Se estivesse em casa, poderia estar estudando ou fazendo qualquer outra coisa do que estar ali sem nada para fazer.

Jonathan estava muito entretido em algum campeonato de vídeo-game com Ricardo e Inácio, no quarto do mais novo. Fernanda e Sérgio estavam no mercado e Bia estava quase em coma de tão descansada que estava.

— Aproveita a folga, Paula — Bia disse depois de alguns segundos. — Às vezes é ótimo dar uma pausa em tudo para poder relaxar e...

O quase silêncio da casa foi quebrado com a presença de Liana, chegando na sala e se atirando no outro sofá.

— Estou indo fazer as unhas e o cabelo para hoje à noite. Se o bebê deixar eu ficar mais do que 5 minutos sentada para a Letícia trabalhar. Querem ir junto?

— Viu só — Bia falou e piscou para Paula.

Caminharam até a frente do mercado, onde o salão de Letícia era. Paula percebeu a presença de Felipe e Sofia correndo pela praça logo ao lado e ficou um pouco mais despreocupada ao vê-los ali. Tinha escutado as histórias de que a cidade era tranquila, bem diferente da capital e que todos eram reféns da violência desenfreada. Talvez Paula ainda estivesse com os reflexos da cidade grande e a prisão que ela impunha a todos os seus moradores. Sair de casa e ver crianças brincando em uma praça, praticamente sozinhos era uma coisa tão irreal quanto aquela cidade em si.

— Quando vamos saber o que se esconde dentro de ti? — Beatriz questionou ao abrirem a porta do salão de Letícia e cada uma se sentar em um dos pequenos sofás de espera.

— Boa pergunta — Liana respondeu, um pouco corada pelo exercício da caminhada breve — semana que vem temos outra ecografia e eu espero que o bebê não esteja com as pernas fechadas de novo. Já avisei ao Richard que eu vou

comer um caminhão de chocolate antes da consulta.

— Cuidado a diabetes gravídica...

— Já tenho um me falando isso o dia todo, Bia. Não precisa de mais uma para o cargo e...

— Oi, gurias. — Letícia apareceu e sorriu para elas. — Desculpa a demora, quem vai ser a primeira?

— As grávidas — Liana se levantou, com dificuldade — sempre quis ser a primeira em alguma coisa e estou usando a gravidez como uma das desculpas para isso.

Bia revirou os olhos para a cunhada e Paula não conseguiu segurar o riso com a situação. Talvez relaxar fosse mesmo o que Paula precisasse depois de dias tão conturbados como aqueles.

Esperou Bia e Liana fazerem as unhas enquanto conversavam entre as quatro, Paula até parecia que as conhecia da sua infância, de tão à vontade que conseguiu ficar. Realmente ela tinha que concordar com Jonathan, era muito bom estar ali com a família Chiarelli. E ela nem podia conter mais a felicidade em saber que àquela hora, amanhã, estaria com a sua própria família.

Paula ficou enlouquecida, quando Bia e Liana ficaram enchendo o seu saco para que ela se arrumasse também. Era muito constrangedor para Paula aquelas situações. Bia sabia que a situação financeira dela possuía certos luxos como aqueles e que aquela pressão toda deixava Paula muito constrangida. Mas nem por isso ela abandonava o coro junto com Liana e Letícia. Ela não teve escapatória. Teve que aceitar por fim toda aquela choradeira por ela não querer cortar os cabelos.

— Uma coisa tão simples que ninguém vai notar. — Bia falou com os olhos brilhando de empolgação para Paula. Agora ela entendia quando Jonathan comentava das caras que Bia fazia. Ele nunca tinha conseguido escapar de nenhuma.

— Vamos chegar lindas no baile do CTG hoje, pena que eu não vou poder beber nada. — Liana reclamou enquanto olhava para suas unhas brilhando.

— Eu pretendo encher a cara de quentão hoje. Quando estiver a ponto de não saber quem eu sou, vou despachar o Felipe para os meus pais, que nem vão reclamar por isso.

— Nem me fala isso. Cheguei à conclusão que meu filho não terá avós. Para quem eu vou empurrar ele quando estiver de a ponto de sumir?

Bia começou a rir e a desejar boa sorte para a amiga. Já Paula ficou mais concentrada no trabalho de Letícia e na parte do baile. Como Jonathan poderia

ter esquecido de um detalhe como aquele? Ele bem que poderia ter dito alguma coisa. Bom, pelo menos Paula poderia contar com a compreensão de Fernanda e dizer que ficaria em casa com as crianças. Todos eles mereciam sair e se divertirem sem se preocupar com elas.

O que Paula não esperava era que Felipe e Sofia fossem os mais empolgados para o baile em si do que todos os outros. Encontrou Jonathan no corredor, ele com as mãos cheias de sacola do mercado, dizendo que Nara havia feito para o café deles e o questionou sobre o baile.

— Nem sei o que fazer, Jonathan!

— Gostei do cabelo. — Ele sorriu de leve, Paula quase esqueceu do que estava falando quando viu aquela mudança nele. Se não fosse o quase.... — Desculpa, eu esqueci do baile, mas não te preocupa, a Fernanda já tem tudo esquematizado. Vai dar tudo certo, ok? Agora eu preciso ir, o Inácio está com pouca munição e eu preciso vingar os meus companheiros que morreram nas mãos dele.

E deixou Paula no meio do corredor sem saber o que fazer. Resultando no vestido rosa que ela usava, da própria Fernanda, um casaco de lã e sapatos baixos, reforçados com duas meias grossas. Por grande um sapato nunca era perdido, sempre disse sua mãe.

Jonathan estava pronto quando elas desceram as escadas da casa para saírem. Sérgio nem precisava de muito para elogiar a esposa, fazia isso todas as vezes que tinha a oportunidade, e não perdia uma quando Fernanda aparecia vestida de prenda.

Ver aquela cena, deixou eles um pouco desconfortável, por não conseguir expressar seus sentimentos por Paula daquela forma. Suspirou ao vê-la sorrindo, era muito grato por ela ser tão compreensível assim. Sabia que ela merecia toda aquela atenção que Bia e Fernanda recebiam de seus maridos, ou que Liana recebia de Richard, por mais que os dois não estivessem juntos. Paula entendia que um dia sua hora chegaria com Jonathan e que ele a compensaria com toda a sua dedicação.

Saíram para o CTG, depois de buscarem Felipe na casa dos pais de Bia, já que ele havia escapulado para lá no meio da tarde. Era claro que Sérgio e Fernanda tiveram que quase sequestrar o menino, mas prometeram aos avós que deixariam o menino pelo resto do feriado com eles. Não era fácil aquela divisão e sempre um lado saía perdendo com tempo a menos que o outro.

Liana e Richard já estavam por lá quando eles chegaram, junto com Ricardo e Bia vermelhos e com sorrisos nos rostos de dançarem pelo resto da

tarde. Paula ficou até com uma ponta de inveja da cara de cansado deles, mas ao mesmo tempo transpirando alegria. E quase tropeçou em cima de Richard, que logo a encheu de elogios.

— Uau, Paula, tu está uma legítima prenda. — Richard lhe sorriu quando a viu no salão do CTG. — Ainda bem que estamos todos armados aqui, ou a briga seria feia. Espero que o Jonathan desmanche essa cara de dor de barriga dele e deixe eu dançar algumas contigo essa noite Paula.

Richard nem precisou terminar a frase para Paula sentir as bochechas queimarem, e Jonathan lançar olhares mortais ao amigo.

Sim, Paula estava linda. O pouco que havia cortado dos seus cabelos não havia feito tanta diferença assim, já que esse era o estado contínuo dela. Paula não precisava se enfeitar para ser bonita aos olhos de Jonathan. Ela por si mesma já era o sinônimo da expressão.

Sentaram em uma mesa e conversaram por um tempo. Bia e Fernanda engataram um assunto paralelo sobre algum problema nos doces da sobremesa, que deixaram a mesa imediatamente. Liana falou alguma coisa sobre controle de qualidade dos mesmos e saiu atrás delas. As crianças, junto com Inácio, já nem eram mais vistas desde que desceram do carro. E Richard não sossegou enquanto não levou Paula para a pista de dança. Deixando Jonathan lá sozinho. Richard ainda continuou a brincadeira de pedir a concordância de Jonathan para dançar com ela, deixando o químico em uma sinuca de bico. Não poderia negar, daria mais lenha para a pequena fogueira que Richard estava cultivando, e nem falar outra coisa além de dar os ombros e sorrir.

Sim, ele estava tomado pelo mais puro e genuíno ciúme. Virou um copo de vinho quente, que era para ser um quentão, mas faltava alguns ingredientes. Fazendo que o ato por si chamasse mais atenção do que ele queria.

— Calma, John — Ricardo sorriu para ele — Richard não vai tirar nenhum pedaço da Paula.

— Ele está fazendo isso só para te incomodar, tu sabe, é a cara do Richard fazer isso. E convenhamos que é legal tirar com a tua cara, Jonathan. — Sérgio riu.

Jonathan sabia disso, Richard era um provocador nato. Namorando anos com Liana, teria que aprender a lidar com o humor estranho dela com um senso de humor diferenciado. E por isso adorava pegar no pé de alguma pessoa. Jonathan era o favorito por ficar com uma cara de poucos amigos, para o deleite de todos.

— Só acho que depois disso tu deveria tirar ela para dançar. — Sérgio

tomou um gole a mais do que o queria e fez uma careta. — Isso aqui está tão ruim que chegar a estar bom.

Jonathan assentiu. Saiu da mesa em busca de mais bebida. Estava horrível, mas era o que a casa oferecia e quanto mais bebesse, menos sentia o gosto. Uma coisa ótima, no final das contas.

Passou ao lado de onde Richard e Paula dançavam e ao longe escutou a risada de Paula, a encontrou e sentiu uma pontada aguda no seu peito. Novamente o ciúme fazia um bom trabalho no seu ser.

Jonathan precisava fazer alguma coisa e urgente, não deixaria o Matzembecker ganhar aquela disputa que os dois travaram sem nem se dar conta. Jonathan sairia o campeão de uma forma ou outra.

Capítulo 50

Jonathan observou o tempo todo em que Paula dançou com Richard, enquanto bebia calmamente. Nem percebeu as brincadeiras de Ricardo e de Sérgio a sua volta pela situação.

Na verdade, ele estava se martirizando, e muito. Estava presenciando uma cena onde ele poderia ser o protagonista. Ele poderia muito bem estar ali, no meio do salão de baile, rodopiando com Paula. Escutando suas risadas o mais próximo possível, rindo com ela, para ser mais preciso. Sendo o alvo dos inúmeros olhares dos outros presentes, querendo saber quem é a nova acompanhante do pediatra mais querido da cidade.

Sua acompanhante, ele queria gritar para todos que ali estavam. Sua namorada, mentalizou com ênfase no seu pensamento, ao colocar o copo em cima da mesa com uma força excessiva.

Bia, Liana e Fernanda, algum momento daquele episódio inteiro, perceberam a expressão fechada de Jonathan e Fernanda foi a primeira a tentar acabar com aquilo.

— Está na hora de encerrar com o papel do Richard nessa história. O Jonathan não está com uma cara de quem está gostando de tudo isso. Vai acabar mal ainda para a coitada da Paula, que está alheia a tudo.

Bia olhou para os dois dançando e depois para Jonathan. Percebeu que já tinha se estendido bastante e que Richard estava desempenhando um papel muito convincente. Convincente até demais. Já poderia parar de agir daquela forma com Paula. Jonathan já estava começando a ficar incomodado e Bia não sabia até onde a sua tranquilidade iria, não queria que ele extrapolasse a ponto de descontar tudo em Paula, que não tinha nada a ver com a função toda.

— Kado, quero dançar.

Ricardo, alheio a tudo, conversando com o irmão sobre um velho Opala que eles mantinham na garagem, e que estava precisando de uma boa mão-de-obra no motor, pela milésima vez, como Fernanda dizia, foi atingido em cheio. Ele estava cansado do treino da tarde, e por ele, não querer pisar em uma pista de dança até o próximo ensaio.

— Agora. — Bia complementou, usando aquela cara de quem não ia mais discutir o assunto. Ricardo só não tropeçou nas próprias pernas por sorte.

— Sérgio...?

— Mas é claro, minha Gorda... — Sérgio nunca precisava de outro incentivo para dançar com Fernanda.

— Bom... — Liana tomando um copo de água e olhando para a mesa vazia — já que nossos esforços para eu te ensinar a dançar sempre foi um fracasso, vou livrar a Paula do tormento de dançar com o Matz. Pelo menos com ele eu não tenho uma briga para discutirmos quem leva a dança, ele deixa eu conduzir sem me encher o saco.

Liana saiu em direção aos dois e não teve cerimônia nenhuma em escantear Paula, que voltou para a mesa com um sorriso no rosto e as bochechas vermelhas.

Ela sentou ao lado de Jonathan e ambos ficaram em silêncio por alguns instantes, enquanto ela recuperava o fôlego.

— Quer beber alguma coisa? — Ele ofereceu cordialmente para ela que aceitou uma garrafa de água de um garçom que passava servindo as mesas.

— Isso aqui é melhor do que eu pensava. — Paula disse ao se servir de mais água. — Sabe dançar, Jonathan?

— Liana e Bia me ensinaram o básico para o casamento da Bia e do Kado. Nós fizemos uma coreografia e os padrinhos se revezaram. Dancei com as três.

Paula assentiu enquanto tomava mais água. Ela queria dizer que preferia estar dançando com ele do que com Richard. O médico era um amor de pessoa, tratava todos com uma cordialidade ímpar, mas para Paula ele tinha um único e grande defeito: não era Jonathan. De todas as pessoas daquele salão, da cidade e do mundo, somente Jonathan era a pessoa com que Paula queria dançar a noite toda.

Paula não poderia reclamar de nada, ela sabia disso. Jonathan estava fazendo mais concessões do que todos já tinham visto. Fernanda havia dito isso para ela hoje, enquanto se arrumavam. Ela conhecia ele a mais tempo, e com aquele jeito maternal de toda a turma, via coisas que nem Beatriz conseguia ver através dos seus olhos de amiga. Fernanda via mais profundidade do que qualquer outra pessoa, e o que via em Jonathan, depois que ele começou a se relacionar com Paula era além do que simples palavras poderiam descrever.

Fernanda narrou para Paula o modo em que Jonathan chegou a sua casa depois daquele surto. O modo como o químico ficou nos primeiros dias e na “dor na alma” como Fernanda descreveu que ele transparecia. Era óbvio que Paula era a fonte de tudo aquilo e Fernanda ainda acrescentou que não via a hora dele se afogar de uma vez. E ainda garantiu para Paula que ele ainda estava testando a água antes de mergulhar de vez.

Paula sabia ser paciente. Seria por Jonathan. Aceitaria as pequenas grandes coisas que ele fazia por ela, que aos olhos de outras pessoas não era nada, mas

para ele era uma enorme diferença.

Jonathan ainda remoía aquilo dentro de si, ainda mais aliado ao álcool quente, misturado com açúcar e cravo, correndo no seu corpo. Estava fazendo um estrago horrível dentro da sua cabeça brilhante e problemática. Um dilema completo que o corroía por dentro.

Estava ainda movido pelo ciúmes, por mais que Paula estivesse ao seu lado naquele momento. Sentada, quieta, sem sorrir ou rir abertamente, perdendo o rubor feliz e encantador em que estava na pista de dança. Jonathan queria ver aquela Paula novamente, sentir ela quente e vibrante para ele, sem conseguir lembrar que havia outras pessoas no mesmo recinto que os dois.

Era em como conseguir aquilo que ele quase se contorcia em cima da sua cadeira. E quase estava entrando em colapso em compreender que não haveria outra saída a não ser tirar Paula para dançar. Uma coisa bem óbvia, dada as circunstâncias em que os dois estavam e onde se encontravam. Mas a questão não era tão fácil assim, principalmente para ele.

Jonathan estava se sentindo a pior das pessoas naquele momento. Um sentimento que nunca fez bem para ele, e nem para ninguém, da última vez que o sentiu, acabou surtado. Não queria que aquilo acontecesse, e aquilo era mais torturante do que ver Paula nos braços de Richard.

Queria ser normal apenas uma noite, uma noite para poder dar a Paula tudo que ela merecia. Todas aquelas coisas que via Sérgio, Ricardo e Richard fazerem para as esposas/namoradas. Dançar em um baile, abraçar....

Jonathan sabia que era capaz de fazer aquilo. Relevava com certa frequência os ataques de Bia e fazia com maestria. Não poderia ser tão diferente com Paula, era Paula que estaria ali. A mesma que esperava ele limpar a mesa para poder se sentar ao seu lado, a que abria as portas para ele não precisar pegar um lenço do bolso para isso, a que não importava o tempo extra que ele perdia ao lavar uma louça, ou que não dava bola quando Jonathan acionava a máquina de lavar roupa pela segunda vez seguida. E ainda ela mesma iniciava outro ciclo quando ele não estava presente. Paula que se adaptava cada vez mais ao seu mundo limpo e organizado.

Paula. A única que Jonathan queria ao seu lado. Que fazia ele perder o sono quando não estava no seu apartamento nas noites em que passavam distantes. Que a cada prédio diferente que eles passavam de carro comentava sobre a arquitetura do mesmo de uma forma que atraía a atenção dele. Ou que o escutava quando Jonathan lia sobre alguma descoberta no vasto mundo da química.

Sim, a mesma Paula que estava agora ao seu lado. Inserida e aceita por seus amigos e que amanhã ele iria passar pela mesma apresentação que ela venceu com tanta facilidade.

Sendo acometido por uma briga interna insuportável, misturado com barulho da música, a conversa e o cheiro de vinho quente, cravo e fumaça do churrasco, Jonathan levantou correndo e saiu em busca de ar fresco. Nem percebeu o susto que pregou em Paula, que saiu no seu encalço o chamando.

Chegou a uma área isolada, onde uma árvore velha ficava, junto com um banco de madeira. Respirou fundo diversas vezes e tentou se acalmar, para colocar os pensamentos em ordem antes que surtasse novamente. Se acontecesse de novo, Paula nunca mais voltaria. O que ela iria querer com um cara que surtava só em pensar em tocá-la?

— Jonathan... — a voz dela apareceu no meio da escuridão. — Está tudo bem?

Ele respirou fundo mais uma vez antes de encará-la. Estava feito, Jonathan não merecia nenhum pouco daquela dedicação que ela tinha por ele. E muito menos o afeto e todos os outros sentimentos que Paula sentia por Jonathan.

— Eu... eu.... — ele nem sabia como dizer para ela como sua cabeça era um campo minado. Cada passo que Jonathan dava uma bomba explodia.

E a cada bomba estourada, uma parte de Jonathan se esvaia.

— Eu quero que tu seja feliz. — Falou se atropelando todo.

— Eu sou feliz, Jonathan. — Paula sorriu ao dizer isso, mas como estava contra a luz, ele não conseguia enxergar sua expressão.

— Não! — Correu as mãos sobre o cabelo. — Te vi dançando com o Richard, quero que tu seja feliz assim sempre. E eu não vou conseguir fazer isso, eu quero. Juro por qualquer coisa que tu possa imaginar, pelos meus diplomas em química. Eles não significam nada para mim perto do que eu quero te proporcionar. Só que eu não consigo, eu me detesto por ser como eu sou, por fazer o que eu faço e não conseguir me livrar disso.

Jonathan se afastou com um passo para trás. E para a sua surpresa, Paula deu um passo à frente.

— E quem disse que não faz, Jonathan? Eu que não fui.... Faz tanto que eu estou aqui. Me faz tão feliz que eu tenho vontade de sair dançando com o primeiro que me tira, apesar de eu preferir estar dançando contigo. Mas eu entendo o porquê tu não faz e sei que quando a hora chegar, a nossa dança vai ser perfeita.

Jonathan estava na frente dela, iluminado pela luz que vinha de dentro do

salão. Paula nunca o viu tão bonito como estava agora, falando aquilo, por mais que escutar a forma como foi colocado. Jonathan estava desnudando a sua alma para ela.

— Nunca fui feliz longe de casa — continuou Paula a falar. — Não até um certo professor de química quase me matar com uma solução corrosiva e entrar na minha vida. Tudo que era lugar que eu olhava, lá estava ele. E quem diria que só com ele eu consegui finalmente achar a felicidade longe de casa? Ele que gosta de me mimar me enchendo de chocolate quando eu estou na casa dele, que me esquentava quando eu estou com frio, e convenhamos que eu sempre estou com frio, ele que faz tudo que está ao alcance dele, e além, só para me fazer feliz. Ele que vai me levar de volta para casa, só para eu matar a minha saudade.

Paula deu mais um pequeno passos em direção de Jonathan, sempre respeitando a distância mínima entre eles.

— Eu sei que não somos um casal normal, longe disso — ela sorriu, e o pequeno passo que ela havia dado a iluminou a ponto de Jonathan a enxerga-la com perfeição. — Mas eu não trocaria nada do que temos por uma coisa que tu não está preparado. Eu espero, não tenho pressa, pois sei que quando acontecer vai ser perfeito, independente do momento que for. — Ela percebeu o semblante dele suavizar e ainda arrematou — Se eu estava rindo ao dançar, é por tua causa, Jonathan, é a tua presença na minha vida.

Acometido por aquelas palavras, que fizeram o campo minado em sua cabeça se dissipar por ora, Jonathan deu mais um passo em direção dela, que se manteve no mesmo lugar. Esticou a mão, um pouco mais pesada que o normal, não querendo responder aos seus comando com a mesma facilidade de sempre.

A princípio, Paula não tinha visto o esforço dele em se aproximar, ainda estava focada nos seus olhos, como quem quisesse reforçar o que estava falando naquele momento. Tentando o fazer entender de que ele, por si próprio era o suficiente para ela. Jonathan não precisava temer ou se esconder, Paula estaria lá. E ao ver o esforço que ele fazia para se aproximar mais, ficou parada no seu lugar, esperando para ver a sua reação.

Fechou os olhos brevemente os reabrindo quando sentiu o pequeno toque de Jonathan no seu rosto. Uma coisa tão simples, mas ao mesmo tempo, tão grandiosa que ela não conseguiu segurar o sorriso.

Jonathan se aproximou mais, seu corpo estava comandando seu cérebro e vencendo. Sentiu o corpo dela mais próximo e um arrepio percorrer seu corpo com a proximidade além da que eles já tinham. E ela, entendendo que era um

trabalho dele, deixou que Jonathan tivesse o seu tempo e o que ele precisasse para concluir o que havia começado.

O primeiro toque, de muitos que viriam pelo resto da vida deles.

Capítulo 51

Jonathan abriu os olhos e voltou a fechá-los novamente. Estava escutando o barulho do vento batendo na janela e o frio que entrava pelas frestas. Se aconchegou nos cobertores e em Paula.

Sim, nela. Jonathan estava deitado na cama do antigo quarto de Ricardo com Paula encostada em si. Era maravilhosamente perfeito.

Após o primeiro toque, outros vieram. Jonathan rompeu uma barreira tão forte, que nem ele mesmo acreditava que tinha tanta força assim. Tocar em Paula tinha sido o ápice da sua vida e a certeza de que ele conseguiria, um dia, dar tudo a Paula. Tudo que ela merecia naquela vida tão dura que teve até agora.

Voltaram para dentro do salão de baile de mãos dadas. Todos na mesa perceberam o pequeno grande passo que ele havia dado e comemorado o feito, de uma forma bem característica da família Chiarelli. Uma gritaria que só. Fernanda era a mais emocionada, abraçando Jonathan como se fosse um dos seus filhos com uma conquista esplêndida. E realmente era.

Era por esses fatos que Jonathan sentia-se em casa e em família quando estava com os Chiarelli. Só eles para entenderem o que aquela situação toda significava.

Paula estava no céu. Principalmente quando Jonathan a levou para o meio do salão e dançou com ela o resto da noite. Estar nos braços dele era mais do que poderia sonhar.

Dançaram até Paula não aguentar mais. Estava com dores no rosto de tanto rir do que Jonathan falava. Seus olhos brilhavam mais do que as luzes do salão, e Jonathan soube que tinha feito a coisa certa ao se permitir se aproximar dela daquela forma. Estava sendo recompensando da melhor forma possível. E nem poderia imaginar para que o futuro o esperava.

Abriu novamente os olhos e ali estava ela, enroscada nele, como sua fonte de calor e conhecendo bem Paula, realmente seu aquecedor. E ele nunca se sentiu tão bem por isso.

Tirou uma mecha de cabelo dela do seu rosto e a acariciou de leve. Paula franziu o cenho fazendo Jonathan rir e repetir o gesto.

— Bom dia, P.

— Não.... — Novamente ele riu e ela se agarrou mais nele.

— Vamos lá, Paula. Temos uma viagem para fazer.

— Quero ficar aqui — disse ela enfiada no pescoço dele. E dizia a verdade, ela queria ficar ali.

— Eu também quero, mas acho que o teu irmão não iria gostar disso.

Paula gemeu e encostou o nariz gelado no pescoço de Jonathan. Agora ele entendia quando ela dizia que seu nariz era uma pedra de gelo.

— Mais dez minutos — gemeu Paula. E Jonathan não pode deixar de atender o pedido dela.

Saíram da cama quase uma hora depois. Jonathan desceu as malas enquanto Paula terminava de se arrumar. Encontrou Sérgio tomando chimarrão e arrumando a mesa do café da manhã para a família.

— Bom dia! Acordaram cedo para pegarem a estrada?

— Bom dia. Sim. — Jonathan respondeu começando a ficar um pouco nervoso em perceber que em pouco tempo estaria entrando dentro casa de Paula e conhecendo sua família.

Ele precisava manter a calma, muita calma. A noite tinha sido ótima, um pouco dramática no início, mas tudo tinha se arrumado perfeitamente. Não seria agora que ele daria para trás.

— Fico muito contente com a tua evolução com a Paula, Jonathan. Vocês formam um casal e tanto.

— Obrigado. — Disse encabulado. — Miguel me disse que eu tenho que começar a fazer algumas coisas pela relação. Não deixar tudo nas mãos dela.

Sérgio assentiu e se serviu de mais uma cuia, burlando as tradições gaúchas de oferecer a Jonathan. Sabia que ele não aceitaria mesmo.

— Isso é ótimo. Estamos todos aqui torcendo por vocês.

Jonathan sorriu para Sérgio. Realmente tudo estava saindo da melhor forma possível.

Tomaram café com Sérgio os fazendo rir com histórias da família. Presenteou Paula com uma enorme quantidade de gostosuras do mercado que Nara arrumou naquela manhã. Saíram logo em seguida em direção à casa de Paula em outra cidade.

— Nervosa? — Jonathan pegou na mão dela a apertando.

— Ansiosa por chegar em casa e ver a minha família. Faz quase um ano que não vejo eles. Pietro deve estar gigante! Pauline não deve ser mais uma criança. Paulo deve continuar o mesmo preocupado com tudo e todos. E a minha mãe, aquela força que sempre zelou por nós.

Paula suspirou enquanto abria um sorriso.

A viagem transcorreu sem nenhum percalço. E conforme a proximidade chegava, Paula ficava mais animada ainda. Contava a Jonathan suas travessuras

de quando era criança, junto com os irmãos, e fazia uma lista de lugares que queria apresentar a Jonathan. E percebendo que apenas dois dias seriam insuficientes para tantos momentos que ela queria compartilhar com ele.

Chegaram à pequena cidade e Paula estava quase pulando do banco de felicidade. Guiou Jonathan pelas ruas secundárias. Jonathan conhecia bem a cidade, mas nem ousou tirar aquela felicidade de Paula de dizer as ruas e ainda comentar alguns fatos interessantes que viveu nela.

Juntando os dois, não era possível dizer qual era o mais animado. Se Paula por estar indo para casa ou Jonathan por estar vendo essa empolgação dela.

Estacionou o carro em frente a uma casa antiga. Paula soltou o cinto de segurança e olhou para Jonathan, que desligava o carro e checava se tudo estava em ordem. O sorriso, já estampado no rosto de Paula desde de ontem à noite, era o mais genuíno desde que Paula havia perdido Paola. Estava realmente feliz e satisfeita em ver Jonathan ali ao seu lado.

— Está pronta? — Jonathan olhou para ela satisfeito.

— Sim, vamos!

Paula saltou do carro e esperou Jonathan chegar ao seu lado. Respirou fundo e sentiu o cheiro da sua infância entrando no seu corpo. Jonathan segurou a mão dela e juntos deram o primeiro passo em direção à casa.

— A casa é bem antiga — começou ela a explicar — ainda tem umas partes de madeira e fomos adicionando alguns cômodos aos poucos. Mas eu te garanto que é mais limpa que...

— Não precisa me explicar nada, Paula. Onde tu te sentir em casa eu vou me sentir também.

Paula chegou a abrir a boca para falar alguma coisa, mas foi travada por Paulo aparecendo na porta da casa.

— P! — Paulo apareceu e caminhou em direção de Paula, que soltou a mão de Jonathan e correu em direção ao irmão. — Minha pequena P!

Paulo abraçou a irmã a tirando do chão.

— Mano!

Paula não segurou as lágrimas ao ser abraçada pelo irmão mais velho. Aquele que sempre fez de tudo para que ela e a família tivessem o que comer na mesa. Que garantia a segurança da família, esquivando-se da sua própria ao trabalhar em lugares não apropriados. Paulo que aguentou a barra quando Pauline se foi, assumiu Pietro como seu próprio filho e teve que ser o responsável por tudo enquanto Paula, sua mãe e Pauline sofriam com o luto.

Não tinha sido fácil, isso todos concordavam, mas de uma coisa Paulo poderia ter certeza. Faria tudo de novo por sua família se precisasse. Ou encararia problemas piores. Só para ter a pequena felicidade de ver Paula ali, quase formada como arquiteta e chorando nos seus braços por estar de volta.

— Eu quase não te reconheço, P. — O irmão colocou as mãos sobre a face de Paula e olhava para a irmã, reconhecendo cada centímetro dela. — Está tão bonita, não é mais a pequena que ficava correndo atrás de mim quando eu saía para trabalhar. Está uma mulher feita.

— E tu, a mesma coisa de sempre — Paula tocava no rosto do irmão vendo as olheiras profundas, significando que ele havia passado mais uma noite trabalhando em alguma coisa extra. — Sempre sendo o protetor de todos nós.

Paulo não conseguiu deixar de sorrir. Tudo por suas meninas, como dizia sempre, Paola, Pauline, Paula e a mãe. Se pudesse, ainda por Paola. E também por Pietro, o filho que ele nunca pensou que teria, mas que mudou a sua vida para sempre.

Jonathan ficou de escanteio enquanto os irmãos se reencontravam. Sentiu um pequeno aperto no seu peito ao ver a cena. Por alguns instantes se imaginou com seu próprio irmão e a grande diferença que havia entre o que via e a sua família. Limpou a garganta e o pensamento, aquilo não era hora de pensar no que um dia foi sua família. Nem deveria ter pensado naquilo, o foco do final de semana era outro.

Paula.

Os irmãos se soltaram e Paula sorriu ao ver Jonathan ali parado. Ele abriu um meio sorriso e deu um passo à frente quando ela fez menção de apresentá-los.

Aquela era a hora da verdade, por assim dizer. Momento em que Jonathan seria apresentado para a família de Paula como seu namorado. Um dia que ele nunca pensou em viver. Se pudesse se imaginar alguns meses atrás, que estaria ali, nunca poderia acreditar.

E como um último pensamento, sabia que não poderia estar mais feliz e confiante em si mesmo do que estava.

Capítulo 52

Jonathan se endireitou quando Paulo largou sua irmã e olhou em sua direção. Ele nunca foi de medir pessoas, fazia tempo que se viu numa posição sob ameaça ou coisa do tipo, mas pela primeira vez, teve um pouco do gostinho de um pequeno desespero.

— E aquele deve ser o teu namorado. — Paulo falou apenas para Paula escutar.

— Não aterroriza mais o Jonathan do que ele já está, por favor... — Paula suplicou daquela forma que fazia desde que tinha se mudado para aquela casa.

E lembrava, com muita nitidez, do que o irmão era capaz de fazer quando Paola chegava com algum namorado para apresentar à família. Paula nunca esqueceria daquele que havia saído correndo em direção à praia com Paulo e um pedaço de madeira que ele havia juntado do pátio que estava trabalhando naquele dia. Paola tinha ficado irritadíssima, por menos de cinco minutos, antes de começar a rir daquela forma que enchia a casa de alegria.

Paulo, por ser protetor demais, era ciumento além do necessário. Ainda mais com três irmãs lindas dentro de casa. Paola era namoradeira, a dor de cabeça de Paulo em todas as idades. Paula era um anjo, e respeitava Paulo de uma forma única. Apenas um namorico de escola que não deu nenhuma dor de cabeça a Paulo, bem inocente e infantil. Pauline era uma mistura das duas irmãs mais velhas, tentava se impor contra a autoridade de Paulo, mas ao mesmo tempo não fazia nada para tirar o sono do irmão mais velho.

E agora, Paula estava envolvida novamente com alguém. Quando tinha contado sobre Jonathan para o irmão, ele já começou a imaginar mil cenários. Um professor sacana que desvirtuava alunas inocentes e inteligentes. Iria se aproveitar de Paula em todos os sentidos e maltratá-la antes de dispensá-la com um coração quebrado. Logo Paula, o seu anjo!

Queria ir até à cidade da irmã conhecer o tal sujeito. Pensou em fazer isso muitas vezes, principalmente depois de cada ligação de Paula contando alguma coisa sobre os dois. O impedimento para tal feito ser realizado era a falta de dinheiro mesmo. Com o frio não querendo ir embora, as vendas de sorvete de Paulo não entravam com tanta facilidade. O dinheiro que havia feito no verão estava no banco para alguma emergência e contratempo. Dinheiro esse que Paula não iria gostar nenhum pouco de ver o irmão gastar com aquilo, e Paulo não queria magoar a irmã. Tinha que confiar no que ela dizia e dizer para si mesmo que tudo que ela viveria era um aprendizado para o futuro.

Sua preocupação ficou menos rigorosa quando Leo se prontificou de se

certificar de que Paula estava bem. Os dois eram amigos desde que Paulo podia se lembrar e se ele falasse que a irmã estava bem, Paulo acreditaria. E foi exatamente o que aconteceu. No outro dia após ver Paula, Paulo estava na casa do amigo esperando um relatório completo.

Leo era só elogios de Paula e como ela estava bonita, para o ciúmes de Paulo aumentar um pouco mais. Ele detestava quando o amigo começava a tecer elogios de suas irmãs. Quando chegaram ao que interessava, Paulo queria o pescoço de Leo no seu almoço. Leo riu e começou a narrar as suas impressões sobre o tal professor de química que estava namorando Paula.

— Ele é estranho — começou Leo para o desespero de Paulo —, mas estranho de uma maneira boa. Caladão, na dele e observando tudo, principalmente a Paula. Ele parecia bem vidrado nela, e ela era só sorrisos para ele. Acho que a nossa pequena P está bem apaixonada pelo químico. E ele só falta limpar o chão que ela pisa. Não acho que ele seja um sedutor que está só afim de quebrar o coração dela.

Aquilo acalmou um pouco o coração e a preocupação de Paulo. Ou melhor, remediou para quando as apresentações chegassem elas voltassem com toda a força e Paulo poderia tirar as próprias conclusões sobre Jonathan.

— Lembre de tudo que eu falei, ok? Por mim.... — Novamente os olhos de súplica que Paulo nunca conseguiu negar alguma coisa.

— Vou tentar, eu juro, P. — Beijou a ponta do nariz gelado de Paula e se virou para Jonathan.

Seria fácil demais, pensou Paulo, apenas um rosnado e o cara sairia correndo com o rabo por entre as pernas. Contudo Paulo tinha que ser justo, era por causa desse cara que sua P estava em casa naquele momento. E isso poderia ser convertidos em créditos para a pele de Jonathan estar salva por algumas horas.

— E tu deve ser o Jonathan.... — Paulo percebeu ele engolindo em seco e deixando a coluna mais reta, para dar um ar de quem também poderia meter um pouco de medo. Só que não adiantou de nada, os anos trabalhando duro em qualquer lugar que precisasse, dos terrenos a serem capinados, as construções que precisavam de auxiliares para carregarem tijolos, ou qualquer trabalho braçal, deram a Paulo uma bela e sólida constituição física. Jonathan não teria nenhuma chance se quisesse se confrontar as vias de fato com ele.

— Sim, é um prazer te conhecer. Paula fala muito de ti e toda a sua família. Fico muito contente em poder ver ela aqui com vocês.

Sem armas levantadas, Jonathan deu um meio sorriso ao irmão de Paula.

Era inesperado, já que Paulo esperava alguém para uma certa competição entre os dois, para saber quem mandaria na situação. E pelo visto, Jonathan não tinha problema nenhum em deixar o cargo para Paulo. Tudo que o químico queria era ver a felicidade estampada no rosto de Paula.

Paula se intrometeu entre os dois, pegando na mão de Jonathan e a apertando de leve.

— E cadê o resto do pessoal? — Questionou sorrindo.

Paulo demorou alguns segundos ainda olhando para Jonathan e Paula, juntos. O cara era bem estranho mesmo, mas pelo visto fazia sua irmã feliz. E para Paulo, o que realmente importava era aquilo. Sua P protegida, feliz e bem.

— Pauline e Pietro, se não estão brigando estão dormindo. E a mãe foi até a feira comprar algumas coisas para a P favorita dela. Passou a semana toda falando que a P ia vir e tinha que fazer todas as comidas que ela gosta.

E ao acabar de falar, uma senhora de idade entrou no pátio carregando algumas sacolas plásticas.

— Mãe!

Paula nem deu tempo da mãe largar as sacolas no chão, se atirou nos braços da senhora sem pensar duas vezes, quase a derrubando.

— Minha menina! Minha menina voltou para mim!

Paula sempre soube que seu verdadeiro lar era dentro daquele abraço. Ainda tinha pequenos fragmentos de memória da primeira vez que viu a senhora que limpava o orfanato onde tinha sido colocada. E da primeira vez que havia sido abraçada por ela. Todas as vezes que estivera doente e tinha sido acalentada naqueles braços, todos os machucados sarados e a toda a dor que poderia carregar dentro de si se esvaíram ao estar em contato com a sua mãe. Os anos haviam passado, Paula crescido, mas o sentimento ainda continuava o mesmo.

Paulo se encarregou de juntar as coisas do chão e deixar os três sozinhos, iria ter o árduo trabalho de acordar Pauline e Pietro.

Jonathan, novamente ficou de expectador da cena, vendo como cada segundo que passaria naquela casa seria recompensado pelos sorrisos, lágrimas de felicidade, e a expressão feliz de Paula. Deu um pequeno passo à frente e antes que pudesse ser apresentado formalmente, a mãe de Paula o envolveu em um abraço, o deixando sem reação.

— Bem-vindo, meu filho. Obrigada por trazer a minha P de volta para casa.

— Mãe! — Paula começou a ter um pequeno ataque de pânico ao ver a

cena.

Tinha avisado a todos sobre os receios de Jonathan e temia que alguma coisa do tipo pudesse acontecer. Tentou se intrometer entre os dois, mas Jonathan a liberou com um aceno rápido de cabeça.

— Está tudo bem — disse sem fazer sons. Por mais incrível que parecia, aquelas palavras que havia dito para Paula que onde ela se sentisse em casa ele também se sentiria. E isso se aplicaria ali.

A mãe de Paula o soltou e ainda continuava com um sorriso no rosto, banhado por algumas lágrimas de saudade da filha.

— Não dá bola para o meu filho, ele é muito ciumento em relação às irmãs. Lembra quando ele correu um dos namorados da Paola com um pedaço de pau, Paula?

— Não precisa me lembrar dessas coisas, mãe. O Jonathan já está assustado por si só, não precisa da sombra do mano correndo atrás dele com um pedaço de pau pelo meio da rua.

Jonathan riu, de nervoso.

A mãe de Paula começou a caminhar em direção à casa deixando os dois um pouco para trás.

— Desculpa — começou Paula — eu avisei, mas a minha mãe não é muito de reter algumas informações e....

— Está tudo bem, Paula — ele a tranquilizou — estou aqui como visita e, pelo visto, vou ser vigiado por cada um dos meus atos.

— Não quero que tu mude quem tu é por causa do meu irmão. Seja o Jonathan de sempre que ele vai acabar gostando de ti.

Jonathan assentiu. Viu Paula tirar um dos lenços umedecidos dele do seu bolso e limpar as mãos de Jonathan e seu rosto. Esfregou a bochecha dele e o beijou de leve ali.

Ela estava feliz, e mais ainda por ter Jonathan ao seu lado naquele momento.

Capítulo 53

Jonathan caminhava no pequeno pátio da propriedade da família de Paula. Estava banhada pelo sol de inverno e ele parou para observar algumas das árvores que tinha por ali. Paula estava brincando com Pietro dentro de casa com Pauline junto.

Era estranho, mas ao mesmo tempo, acolhedor estar ali. Era um intruso em um ninho quase fechado. E estava sendo bem recebido no recinto. Sentiu-se como das primeiras vezes que foi até a casa dos Chiarelli. E, seguindo a lógica, em pouco tempo poderia considerar aquela pequena casa, como um lugar seguro para ele.

A mãe de Paula já o tratava como seu filho. Ficou na volta dele o tempo todo, perguntando coisas e indagando se Jonathan estava cuidando bem da sua filha. Era nítido o amor e a preocupação que ela sentia e escutar certas coisas de Jonathan acalmavam o seu coração. Jonathan respondeu todos os questionamentos que ela fez, se Paula estava se alimentando direito, estava muito magra aos olhares da mãe, se estava dormindo direito e se aquecendo contra o frio do inverno.

Sim, respondia Jonathan, com um sorriso nos lábios. Estava alimentando Paula da melhor forma possível, mesmo quando ela insistia em comer o mínimo possível. Fazia ela largar os livros e seus desenhos quando estava tarde demais para estudar, a levando para cama para dormirem, ou continuando no telefone até ele escutar o rangido da cama velha dela ao se deitar. E sempre que via que ela estava com frio, dava um jeito de corrigir aquilo. Chás e chocolate quente na faculdade, emprestar seus casacos quando ela estava no seu apartamento e questionar se ela estava bem aquecida para dormir no seu apartamento.

— Que bom, meu filho — respondeu a senhora depois de todos os questionamentos serem feitos — ela sempre foi a mais fraquinha de todos os meus filhos. Sempre com anemia, doentinha e precisando de mais cuidado que os outros.

Aquelas palavras doeram no coração de Jonathan. Era visível a vida com o dinheiro contado ali, não que Jonathan fosse comentar alguma coisa, sem falar na limpeza dela. O lugar era impecável, Jonathan realmente estava bem por estar ali. Mas, por mais discreto que ele fosse, não conseguia deixar de notar os móveis que apresentavam marcas de uso, a TV que funcionava de modo precário, onde Pietro falava os desenhos que via, a cozinha com eletrodomésticos antigos e armários já corroídos.

Precisou de uma boa dose de consciência para não ir até uma loja e

comprar tudo novo e dar para eles. Parou e pensou que Paula não iria gostar daquele gesto, por mais que fosse com as melhores intenções de Jonathan. Mas ainda estava com uma pequena vontade de dar um computador a Pauline e Pietro, os dois iriam precisar para a escola.

Por uma questão de afinidade, Jonathan logo foi atraído para perto de e Pauline e Pietro. Ambos estavam curiosos com a presença de um estranho dentro de casa. Jonathan percebeu que estava lidando com uma Paula em idade menor. Percebeu a inteligência da menina quando mencionou que era professor de química e ela revendo que seria uma das suas matérias favoritas. Conversaram um pouco sobre o que ela estava vendo em aula e o que gostaria de aprender mais. Ficou sorrindo quando Jonathan se ofereceu de levar ela ao seu laboratório na faculdade e assistir alguma das aulas dele. E Pietro era uma figura, era mais velho que Felipe e Sofia, mas Jonathan o conquistou da mesma forma.

Pretendia fazer alguma coisa para ajudá-los, mas sabia que precisava de mais tempo. Poderia inventar a história de que seu computador era velho e precisava ser trocado, assim teria a desculpa perfeita para que eles ficassem com sua máquina. E ainda de quebra, poderia pagar a internet, não era nada de mais para ele e uma ajuda para o futuro das crianças.

Tirou o pensamento da cabeça ao notar uma presença ao seu lado, por alguns instantes imaginou que fosse Paula, mas se surpreendeu em ver Paulo a poucos metros de distância.

Paulo ainda era um obstáculo para os planos dele. Mas nada que uma boa conversa não resolvesse o problema entre ambos. Tudo o que eles queriam eram a felicidade de Paula, e não seria brigando que não conseguiriam isso.

— Em breve já dá para colher — comentou Paulo, em frente a uma laranjeira. — Ano passado deu tantas que caia mais do que dávamos conta de comer.

Jonathan assentiu. Nunca entendeu nada de colheitas. O máximo que já tinha feito era um estudo de solo no mestrado sobre as propriedades químicas do solo e os benefícios para as plantas.

— Muito bonita a região. Sempre passei uns dias de férias na cidade, mas nunca imaginei como seria morar aqui.

— Calor no verão e muito frio no inverno. Na época de chuvas é mais perigoso com o risco do arrio aqui perto encher demais. Mas tirando isso, é um ótimo lugar para se viver. No verão as ruas aqui ficam cheias de turistas de todos os lugares.

— Paula sempre fala isso. Ela comenta da tranquilidade do inverno e a

agitação do verão.

Paulo chegou ao lado de Jonathan, para ambos olharem para o nada por alguns segundos até ele quebrar o silêncio depois de alguns momentos angustiantes para Jonathan, que procurava algum assunto neutro para conversarem.

— Eu estava aqui, plantando essas árvores quando a Paola apareceu com ela junto. A menor criança da idade dela que eu já tinha visto. Parecia um cachorrinho maltratado. A mãe nunca disse para nós a circunstância da ida da P para o abrigo, falava que era coisa do passado e que depois que estava adotada não importava mais. E nem ela se lembra. Mas eu me recordo, Jonathan, do olhar assustado dela atrás de Paola. Com medo de tudo e todos ao seu redor. Nunca vou esquecer de um dia quando eu estava brincando com ela e a encurralei em um canto, para fazer cócegas. O olhar que ela me deu, de medo que eu fosse a machucar ficou gravado em mim. Ninguém sabe de onde ela veio, mas eu acredito que as coisas não eram fáceis.

Paulo suspirou e limpou a garganta. Era seu dever como irmão mais velho falar algumas coisas para Jonathan. Apesar dele ser completamente estranho, era bem nítido o que sentia por Paula. Paulo sempre foi da filosofia eu o olhar era o espelho da alma de uma pessoa, e o olhar de Jonathan para Paula, assim como o dela para ele, revelava sentimentos tão profundos que poucas pessoas tinham a chance de conhecer, ou de viver.

— Ela sempre foi especial, em todos os sentidos. Protegida de Paola até os últimos dias da nossa irmã. A que ficou doente diversas vezes, mas se preocupava comigo que não dormia direito para cuidar dela. Ou a que chorou todas as noites antes de sair de casa para estudar. Ela não queria ir e nos deixar aqui, mesmo eu prometendo que cuidava de todos. E quem ia cuidar de mim, comentava — Paulo não pode deixar de sorrir com aquela menção. — Os sonhos dela sempre envolviam outras pessoas, nunca uma coisa só dela. Estudar era a única coisa que eu poderia oferecer para ela sem que eu, a mãe, Pietro ou Pauline fosse envolvido no meio. Foi da decisão mais difícil que eu já tomei na minha vida, tirar ela daqui para estudar.

Jonathan o encarou. Paulo era duro na queda, levava a família inteira nas costas. A mãe já estava com uma certa idade, cansada demais para pegar pesado no trabalho, Pauline ainda era um pouco mais velha que uma criança e tão cheia de sonhos sobre o seu futuro, Paulo tinha grandes esperanças para a irmã mais nova como tinha para Paula. E Pietro ainda era uma criança. A que havia perdido a mãe em um episódio horrível e ainda portava a inocência da infância. Jonathan criava uma espécie de respeito por ele que, o mesmo que cultivava por Sérgio.

— Foi a melhor coisa que tu fez, Paulo. — Jonathan falou. — O estudo é a única coisa que é só dela. Ninguém vai tirar de Paula.

— Quero que ela seja feliz, Jonathan. Não ficarei nenhum pouco triste se ela não voltar mais para casa. Aliás, essa é uma das coisas que eu quero para ela, Pauline e Pietro. Que estudem, se formem e, de preferência, façam uma carreira bem longe daqui. A cidade pode ser ótima, mas eles não têm futuro nenhum aqui. O máximo que podem conseguir é um emprego assalariado ou um concurso fodido como o meu. Meus irmãos merecem o melhor desse mundo, e se depender de mim, vão conseguir.

— Também quero a felicidade dela. Por isso que a trouxe para cá. Paula já fez muito por mim, muito que eu nem mesmo merecia. Ela foi um anjo que apareceu na minha vida, um sol quente de inverno para me aquecer. Vou fazer de tudo para que ela seja feliz, independente se for ao meu lado ou não. Apesar de eu querer, e me esforçar ao máximo para que seja.

Paulo endireitou os ombros e engoliu em seco. Jonathan parecia ser um homem honrado, sensato e que poderia fazer Paula feliz. Já estava fazendo, como ele podia perceber naquelas horas em que estava em casa.

Paula sempre tinha sido a mais sensata e preocupada com o bem estar de todos. Ainda continuava a mesma. Tinha deixado a mãe descansar pós o almoço assumindo a louça do almoço, não aceitou nem a ajuda de Jonathan no processo. Tinha dito que ajudaria Pauline em português em alguma coisa que não era mais do conhecimento de Paulo e estava brincando com Pietro no meio da sala. Mas, apesar de ainda ser a mesma, alguma coisa dentro dela havia mudado.

Uma parte de Paula havia florescido desde a última visita dela. Um pedaço que iluminava o olhar dela e a fazia mais bonita do que já era. E a única coisa de diferente na vida dela era a presença de Jonathan. Paulo não tinha muito o que se espelhar com seus relacionamentos antigos para tirar uma média do que era aquele sentimento. Todos seus casos eram passageiros e atribuídos a uma posição em casa que nenhuma outra mulher gostaria de assumir: uma família inteira nas costas.

Era por isso que Paulo a tirou de casa, não queria aquele fardo nos ombros de Paula. Ela era jovem e bonita, tinha uma vida inteira pela frente, sem precisar se preocupar com o resto da sua família. Havia errado com Paola, a deixando em casa e pegando a responsabilidade junto com ele. A irmã mais velha trabalhava para ajudar em casa na mesma proporção que Paulo fazia. Não quis continuar a estudar e a falta de insistência do irmão resultou em Paola morta anos depois.

Se ela tivesse estudado, poderia estar viva, Paulo ainda se pegava

pensando naquilo, mesmo anos depois. Se Paola tivesse saído de casa, conhecido pessoas diferentes, estudado e se engravidasse, não teria feito uma cesárea no hospital da pequena cidade em que moravam. Outros médicos a atenderiam e iriam fazer um trabalho diferente. Não a matariam por um erro médico crasso.

Paulo não iria errar de novo com Paula. A enviou para a faculdade quando teve a inédita chance de um curso caro totalmente de graça. Apesar dele trabalhar quase noite e dia nos primeiros meses antes de Paula começar a trabalhar para se sustentar. E se fosse o caso, trabalharia três vezes mais para tirar Paula de lá e dar uma chance de um futuro melhor para a irmã. Iria fazer aquilo por Pauline e futuramente por Pietro. Não deixaria os dois trancados naquela cidade sem um futuro melhor. Não com um cargo tão grande como cuidar de uma família, aquele era um fardo especialmente de Paulo, ele não iria dividi-lo com ninguém.

Pararia quando chegasse a hora. Paula já seria uma mulher feita com uma carreira sólida, Pauline direcionada para as mesmas conquistas e Pietro encaminhado para um futuro melhor. Esse seria o legado de Paulo, as duas irmãs e o filho com uma vida diferente da dele. Não lembrando mais dos dias que passaram trabalho, fome e frio naquela casa velha e caindo aos pedaços. Os filhos deles não sofreriam o que eles sofreram, e seriam pessoas melhores e com mais condições do que os pais.

O trabalho de Paulo ainda estava no começo. Mas ver Paula se encaminhando para tudo que ele sempre sonhou para ela era a prova de que estava fazendo a coisa certa.

Capítulo 54

— Não gosto de onde a Paula mora. — Jonathan acordou Paulo dos seus devaneios sobre a sua família. Piscou algumas vezes até entender o que Jonathan queria dizer com aquilo.

— É o que ela consegue pagar, como pode ver, não temos muitas posses para investir na educação de Paula. Ajudo com o que eu posso e...

— Não — Jonathan o interferiu, talvez o químico trouxesse mais dor de cabeça a Paulo do que ele imaginava. — Não é isso que eu estou falando. Comento pelo fato de ser em um lugar longe de tudo e perigoso para ela andar no meio da noite quando sai da faculdade e do trabalho.

— Paula me disse que a zona é completamente segura, cheia de estudantes pela volta e...

Jonathan balançou a cabeça lentamente. Conhecia a zona em que ela morava por nome e já ficava temeroso com as histórias, levando Paula até lá seu espanto caiu para o medo mesmo.

— É um bairro bem barra pesada. Tu lembra daquela vez em que a polícia entrou em confronto com os traficantes? Tem marcas de bala na fachada do prédio dela. Eu nem comentei nada, pois sabia que ela inventaria alguma desculpa.

Jonathan já conhecia Paula bem o suficiente para saber como ela reagiria, falaria que não era nada de mais e desviaria o foco da conversa. Fazia aquilo com uma maestria quase igual à que Miguel usava no seu consultório. Quando Jonathan percebia, o assunto já tinha passado e Paula já estava fazendo outra coisa, como dormir.

— Sem contar na colega de quarto dela.

— A estudante de psicologia? — Paulo franziu o cenho, Paula sempre falava nela e como as duas estudavam demais.

— Não, a prostituta mesmo, que leva os homens para a casa delas. Sem contar quando ela rouba a comida e o dinheiro de Paula do mês inteiro. Quando nós começamos a sair sozinhos a colega dela tinha roubado o dinheiro dela para a comida, fui descobrir que ela estava passando fome e desmaiou no meio da praça de alimentação da faculdade.

Paulo respirou fundo algumas vezes e voltou a encarar Jonathan. Paula passando fome? Aquilo era incrédulo para ele. Paula já tinha passado muito trabalho na infância e, agora que Paulo imaginava que tinha tudo sob controle, o namorado dela vem com essas histórias. Seriam verdades?

— Ela nunca me falou nenhuma dessas coisas, Jonathan.

— Eu imagino. Demorou um pouco para ela se abrir comigo e com os meus amigos. Ela tem um pouco de vergonha de ser pobre, por mais que a gente não de bola para isso. Todos nós temos nossos problemas, e estamos lá para ajudar uns aos outros. Acolhemos Paula e agora eu quero fazer mais por ela.

Paulo engoliu em seco, sabia da onde aquele orgulho vinha. Ele era assim também, não gostava de ficar espalhando aos quatros ventos que o dinheiro que recebia do trabalho nem sempre dava para cobrir todas as contas do mês da casa e que ficar recebendo esmola dos amigos era quase um ofensa para Paulo. Preferia acordar mais cedo e sair para capinar um terreno do que pedir ajuda para seu amigo Leo. Mas quando a situação fugia do seu controle, como remédios para Pietro, Pauline ou sua mãe, ou algo de extrema necessidade, ele engolia o seu orgulho e ia atrás de ajuda. Pagava sempre tudo de uma forma ou de outra.

E ao escutar aquilo de Jonathan, percebeu que precisava prestar mais atenção em Paula. Havia dado para ela um pouco de liberdade e aparentemente estava saindo tudo bem, mas pelo visto...

— Quero levar a Paula para o meu apartamento. Ele é pequeno, mas extremamente funcional para duas pessoas. Consigo persuadir ela a passar alguns dias comigo, mas ela sempre acaba voltando para o perigo da sua casa. E nem sempre eu consigo deixar ela em casa de carro porque trabalho e ela é teimosa demais quanto a andar de táxi. Diz que é um dinheiro mal gasto se o metrô e o ônibus a levam para os mesmos lugares.

Paulo estava um pouco tonto. Talvez fosse o sol batendo na sua cabeça ou alguma outra coisa insignificante. Tudo estava acontecendo cedo demais. Até ontem Paula era sua irmãzinha, a pequena P, e hoje era uma mulher, que omitia alguns detalhes da sua vida, passava necessidades básicas na capital para estudar e trouxe o namorado excêntrico para casa. E de quebra, ele ainda queria levar ela para morar junto com ele. Paulo sentiu-se velho naquele momento.

— Faz poucos meses que vocês se conheceram e tu quer que ela more na tua casa, não acha um pouco precoce demais?

Jonathan parou para refletir um pouco. Ele tinha dinheiro suficiente para bancar todas as necessidades de Paula. Não era promíscuo, não haveria desfile de homens/mulheres e prostitutas pela casa, e ao pensar nisso ele se arrepiou todo com a ideia esdrúxula. Possuía um bom espaço na sua sala para ela montar a sua mesa de desenho e ainda poderia compartilhar com ela seu computador para ela terminar de digitar o seu TCC. Paula falou, dando os ombros, que faria isso na biblioteca da faculdade no seu tempo vago, levando Jonathan a quase um

colapso ao escutar isso. Colocando tudo o que pensou no papel, parecia que a oferta dele era muito boa.

— Não. — Respondeu mantendo contato visual com Paulo.

— Sim, é. — Paulo suspirou e passou a mão sobre os cabelos. — Contudo, eu acho que ainda é uma melhor opção, se todo o quadro que tu me pintou sobre o apartamento dela ser verdade. Mas é uma decisão dela, não minha. Não posso obrigar a minha irmã a largar a sua independência e ir de mala e cuia para o teu apartamento.

Jonathan assentiu de leve. Sim, convencer Paula seria uma tarefa complicada, ele teria que usar de um jogo de cintura que nunca possuiu na sua vida inteira. Se falasse direto com Paula, era capaz dela ficar irritada demais e acabar brigando com ele. Jonathan não queria que isso acontecesse, no fundo morria de medo que percebesse que ele era um zero à esquerda e não valia o investimento dela.

— Quando surgir a oportunidade, ou se alguma coisa acontecer, o que eu espero que não aconteça, eu vou fazer a proposta. Só gostaria de te informar. A segurança dela é uma das minhas prioridades.

Paulo olhou novamente para Jonathan. Realmente o cara era muito estranho. Uma hora Paulo queria tacar um pedaço de pau na cabeça dele e na outra abraçá-lo e pedir para que cuidasse da sua irmãzinha no meio da cidade grande. Ele estava a um passo de fazer uma das duas opções, mas foi barrado por Pietro que o chamava de dentro de casa.

Finalmente Jonathan podia respirar novamente, sem o medo de Paulo o esganar ou o atirar para fora de casa. Agora entendia a expressão de Richard quando conheceu Sérgio: não passava nenhum fio de cabelo. Demorou alguns anos e muitas explicações por parte de Bia e Ricardo, mas Jonathan havia entendido e vivido a expressão ao pé da letra.

— Aconteceu alguma coisa? — Paula surgiu do nada ao seu lado. — Meu irmão passou por mim me olhando de uma forma estranha. O que tu contou para ele, John?

— Nada — omitiu ele e sorriu. Levou a mão até o rosto dela e tocou sua bochecha de leve.

Sabia que tocá-la seria uma experiência única, mas não imaginava no prazer que aquilo fazia ao seu corpo. Sentia-se um idiota por não ter feito aquilo mais cedo, e tentava recompensar o tempo perdido sempre que tinha a oportunidade.

— Pietro e Pauline comeram tudo o que a Nara nos deu — disse ela um pouco emburrada. — E ainda disseram que a mãe não faz bolo para eles. Só porque eu estou aqui.

— Acho que isso é um pretexto para nós voltarmos mais vezes. E eu concordo com eles, tanto a comida da Nara como a da tua mãe são ótimas. Por mim comeria sempre que pudesse.

Paula riu e Jonathan a abraçou com todo o seu corpo. Queria que aquela sensação de paz tomasse conta do seu ser por inteiro.

No final da tarde, saíram para dar uma volta pela praia. Jonathan congelou de uma forma que Paula só podia rir dele. Pela primeira vez ela estava aquecida. Quente e feliz por estar ali. Por estar com Jonathan. Por estar com a sua família. E por estar ali com todos eles. Não tinha frio mais congelante e cortante que esfriaria a sua alegria.

Assistiram o pôr-do-sol com Jonathan agarrado nela, tremendo de frio, e Paula sorrindo por estar nos seus braços. Até deu a sugestão deles voltarem para casa, conhecendo sua mãe, provavelmente ela teria acendido o fogão à lenha e estava preparando a sua famosa sopa, que esquentava até os ossos e ressuscitava até os mortos. Jonathan não aceitou a opção, preferiu ficar ali com ela e aproveitar o espetáculo que a Terra proporcionava a eles. Colocou suas mãos, enlaçadas com a de Paula dentro do seus bolsos e sentiu ela suspirar quando grudou o seu corpo as suas costas.

— Nunca te agradeci pelo casaco — murmurou ela.

— Como...?

— Tinha minhas suspeitas. Qual cliente iria me presentear com um casaco caro desses? Tu tem um da mesma marca e também vi a tua assinatura numa das provas dos teus alunos. Usar o R ao invés do J, é uma estratégia?

— Uma homenagem — confidenciou — se não fosse meu avô eu nunca teria me formado químico.

Paula sorriu ao escutar aquilo.

— Bom, então um agradecimento duplo. A ti por não me deixar congelar quando eu mais precisei e ao teu avô, por ele ter te dado a oportunidade de ser químico. A junção dos dois foi a que nos trouxe até aqui.

Jonathan a abraçou mais forte ainda. Colocou seu nariz, congelado, no pescoço de Paula e sentiu o cheiro dela entrar em seu corpo. Realmente, tudo aquilo era um espetáculo ímpar.

Capítulo 55

Paula abriu os olhos ao escutar o movimento de alguém na cama ao lado da dela, a que seria de Pauline.

— Jonathan... — sussurrou — está acordado?

Ouviu ele gemer alguma coisa e imaginou que ele estivesse congelando. Não pode esconder o riso ao lembrar dele sentado ao lado do fogão à lenha, batendo os dentes enquanto sua mãe servia mais um prato de sopa quente para ele.

Enquanto Paula esbanjava felicidade e calor, Jonathan estava congelando ao olhar de todos.

— Eu ofereci uma garrafa com água quente para colocar nos pés, tu não me escutou.... — Novamente escutou ele gemer mais alguma coisa. — Sai dessa cama e vem para cá, eu te esquento.

Cada um estava deitado em uma cama de solteiro. Paulo tinha dito para Jonathan dormir no quarto de Pietro, longe o suficiente de Paula, mas perto o bastante para que ele pudesse cuidar o que se acontecia no meio da noite. Mas sua palavra não foi de nada quando sua mãe se intrometer e dizer para Jonathan dormir no mesmo quarto de Paula, apesar das camas serem separadas.

Jonathan, no seu atual estado de congelamento parcial, só queria um lugar para se atirar e se esquentar. E a cama não foi o suficiente para que ele alcançasse uma temperatura agradável. Nem precisou Paula repetir o convite para que ele pulasse para a cama dela.

— Quem diria que eu fosse te esquentar um dia, não é? — Paula riu ao sentir a pedra de gelo chamado de Jonathan invadir a sua pequena cama.

Realmente a cama de solteiro não era a melhor opção para os dois. Com muito sacrifício e alguns risos de Paula, um pouco mais alto, eles conseguiram se ajeitar no espaço pequeno.

— Acho que vou congelar. — Jonathan falou entre os dentes que batiam de frio.

— Não congela não. — Paula o abraçou e Jonathan, que encostou o rosto no peito dela. — Que nariz gelado, Jonathan! Mais que o meu.

Jonathan não respondeu. Apenas ficou ali, sentindo o calor de Paula o aquecendo e os beijos doces que ela espalhava sobre seus cabelos. Uma pequena amostra de um paraíso particular.

Dormiu assim que conseguiu parar de tremer de frio, ainda nos braços de Paula, e ela ainda ficou um bom tempo acariciando os cabelos dele e sentindo a

sua respiração tranquila sobre o seu peito.

Pela primeira vez, em anos, Paula sentiu que estava feliz. A última vez que estava plena assim, sorrindo à toa, era quando Paola ainda era viva e estava ajudando a irmã a fazer a mala com as poucas roupas que Pietro tinha. Paola dizia que ele iria crescer rápido e não precisava de muitas, ainda mais que era verão. Mentia descaradamente para Paula, pois a verdade era que Paola não tinha muita condições de comprar roupas e era grata por seu filho nascer em uma estação mais quente.

Paula era feliz naquela época e nem sabia. Sua única preocupação era suas excelentes notas e estar a par de tudo que acontecia com Paola. E depois que a irmã morreu, o declínio de Paula começou. Foi uma descida sem fim, cada vez que tentava se levantar de um tombo, alguma coisa atrapalhava e Paula se via novamente para baixo.

Os perrengues na faculdade, a falta de dinheiro para se alimentar decentemente ou comprar alguma coisa que a faculdade exigia no seu material. Trabalhar algumas horas extras, para receber no final do mês, ou ir para casa e fazer os trabalhos que os professores acumulavam de uma forma exponencial. E quando sobrava algum dinheiro para comprar um casaco, vinha um químico derrubar alguma coisa nela e derreter o seu casaco. O mesmo químico que agora dormia nos seus braços, a abraçando como se ela fosse a única fonte de calor na terra.

Sim, Paula atrelava o seu estado atual de felicidade a Jonathan. Ela era bem realista quanto a isso. Não possuía outra explicação sem ser esta. No momento em que Jonathan apareceu na sua vida, algumas coisas dentro de Paula começaram a mudar. E de uma forma excepcional.

Ela se conhecia bem para saber que aquilo iria acontecer. Jonathan era único em seu jeito de ser e irresistível a quem o conhecia melhor. Tinha dias que ela tinha vontade de colocar ele dentro de um potinho, estéril, e aguardar junto a si.

Talvez ela já fizesse isso de uma forma diferente. Ao invés de colocá-lo em um pote o pôs dentro do seu coração machucado. E ele, como um bom antisséptico, estava limpando e ajudando a curar cada uma das feridas que ali havia. Ela sabia que ainda era cedo para sentir algo tão profundo por ele, mas era impossível de evitar. Paula estava perdidamente apaixonada por Jonathan, de uma forma que ela nem conseguia explicar.

Simplesmente havia acontecido, simples assim. Ela não poderia afirmar se tinha sido aquele dia em que ele a esperou no seu apartamento com chocolate

quente, depois de um dos dias mais frios do ano, ou no sorriso que recebeu no outro dia ao acordá-lo pela manhã. Ou em nenhum desses momentos que ela recordava, poderia ter sido em uma coisa tão simples, que nem ela lembrava mais.

Quando estava com Jonathan não haviam problemas urgentes. O trabalho da faculdade ainda tinha alguns dias para ficar pronto. Seu TCC era o mais adiantado da turma. Seu gerente nem existia e as horas intermináveis dentro da livraria cumprindo as ordens mais esdrúxulas que haviam. No momento em que via Jonathan, tudo se acabava por completo. Só havia os dois e nada mais.

Paula adormeceu depois de mais alguns pensamentos sobre o assunto. Acordou no meio da manhã sozinha na cama. Levantou da cama e quando abriu a porta do quarto, encontrou Jonathan e Paulo rindo sobre alguma coisa.

Sim, realmente aquilo era felicidade.

Passaram o dia aproveitando a família. Jonathan se enturmou facilmente, brincou com Pietro, deu aulas para Pauline, foi mimado pela mãe e conversou bastante com Paulo, principalmente quando Leo apareceu e levou os dois para a casa dele para olharem o jogo do Grêmio. E estava ao lado de Paula quando eles voltaram e Leo resolveu tocar em um assunto bem delicado para toda a família.

— Já está na mesa do juiz, Paulo. — Paulo nem olhou para o amigo ao escutar aquelas palavras. — Finalmente vocês vão ter justiça sobre...

— Isso não é justiça, Leo — ele o cortou — justo seria a Paola aqui com a gente e vendo o filho dela crescer. Isso sim seria justo para mim e para todos nós.

— Mano.... — Paula tentou fazer o meio de campo, como sempre fazia quando o assunto Paola era trazido à tona.

— Eu sei, ela era uma irmã para mim também, assim como tu a P e a Pauline. Fomos criados juntos, Paulo. Mas infelizmente tudo aquilo aconteceu e o mínimo que pudemos fazer foi esse processo.

— Dinheiro não vai trazer ela de volta e nem dar uma mãe ao Pietro.

— Não — Paula se meteu —, mas vai dar a oportunidade do Pietro ter mais condições do que nós tivemos na idade dele. De arrumar essa casa antes que ela caia em cima da cabeça da mãe. Montar a sorveteria que tu tanto sonha, Paulo. Depois de todos esses anos cuidando da gente, tu merece isso.

Paulo ainda era muito sentimental quando alguém tocava no nome de Paola, principalmente no dinheiro que o médico e o hospital iriam pagar para eles. Paula encostou no irmão e sorriu para ele.

— Conheço o juiz que está com o caso. Ele é bem... humano — evitou de

usar a palavra justo — vai assinar favorável e vamos acabar com isso de uma vez por todas.

— Isso nunca vai acabar para mim. Talvez para o hospital e o médico, que vão pagar e encerrar, mas eu não. Toda a vez que o Pietro me chamar de pai, olhar para as fotos da Paola ou eu ver a minha mãe chorando em todas as datas comemorativas, vou me lembrar.

Paulo saiu da mesa deixando eles. Paula olhou para onde o irmão saía e suspirou. Jonathan, que estava ali ao seu lado, automaticamente segurou a mão de Paula.

— De quanto estamos falando, Leo? — Pela primeira vez ela questionou. Sabia do valor inicial, mas nem imaginava o quanto estaria agora com juros.

— O suficiente para construir a casa nova, os apartamentos que tu tinha me dito e a sorveteria do Paulo. E ainda sobraria muito para a faculdade da Pauline e do Pietro.

Talvez Paula entendesse um pouco do receio de Paulo, além do dilema sentimental de que a vida de alguém tivesse algum preço. O irmão não tinha a mínima ideia de como lidar com uma quantia daquelas. Tinha medo de fazer alguma coisa e perder tudo.

— Ele vai precisar de ajuda para conseguir administrar tudo, Paula.

Ela assentiu. Ambos não tinham experiência nenhuma com valores tão altos. Paula tinha que contar as moedas quase sempre, quem dirá uma montanha de dinheiro assim.

— Não tenho datas, mas é quase certo que até a tua formatura tudo já esteja encaminhado e vocês com o dinheiro. Vou dar uma sondada no pessoal do fórum. Se eu fosse tu, já começava a esboçar alguma coisa dos prédios, Paula. Por mais que teu irmão seja um cabeça dura, ele vai acabar cedendo quando ver os desenhos e os planos.

Paula agradeceu a Leo e ele saiu em direção ao amigo. Nunca imaginou que antes de se formar teria que encabeçar dois projetos daquelas proporções. O bar de Liana e Richard, e agora a própria casa de sua mãe e seus irmãos. Paula não sabia nem se conseguiria desenhar um galinheiro fora da faculdade, quem dirá essas duas construções.

— Se ele aceitar, posso indicar o meu gerente de conta. Ele é um rapaz novo, mas bem melhor do que eu tinha antes. Vai indicar os melhores caminhos para o Paulo e onde investir.

Paula levantou os olhos para Jonathan, encarou aquele azul que ela sabia que nunca conseguiria repetir em seus desenhos, e sorriu para ele.

Se aquilo não era amor, Paula não saberia dizer o que seria.

Capítulo 56

Voltar para casa foi um pouco mais complicado que todos imaginavam. A mãe de Paula não queria que a filha voltasse para a cidade grande, Paulo estava receoso quando deixar a irmã regressar para aquelas condições que estava vivendo, a sua única certeza era que Jonathan a faria ficar o máximo de tempo junto a ele. Não era a solução que seu irmão queria, por Paulo, Paula ficaria melhor em outro apartamento, mas sabia das condições dela. Pauline e Pietro não queriam se despedir dos dois. Paula já tinha acordado emotiva, e não conseguiu segurar as lágrimas ao abraçar sua família. E até mesmo Jonathan estava um pouco triste em se despedir. Na sua cabeça brilhante, já começava a imaginar as férias de verão, com Paula, sua família e mais os Chiarelli junto.

Ao chegarem à casa de Sérgio, a despedida parte dois começou. Sérgio sempre era o mais emotivo da família, se despedir de Kado, Bia e Felipe era um martírio que ele vivia todas as semanas praticamente. Sim, para ele, Ricardo e Beatriz voltarem a morar na pequena cidade era o maior sonho. Restava a Fernanda sempre consolar o marido naquelas ocasiões.

Voltaram para casa em tranquilidade, ainda cedo para não pegarem o movimento forte de final de feriadão.

Paula e Jonathan chegaram ao apartamento dele cansados. Comeram o que Nara, e a mãe de Paula, havia separado para eles, tomaram um banho e caíram na cama quase ao mesmo tempo já dormindo.

O primeiro a acordar foi Jonathan com o despertador tocando. O desligou e voltou a se deitar com Paula ao seu lado. Sorriu ao ver que ela parecia uma bolinha enrolada ao seu lado. Era um bom jeito de começar o dia, pensou enquanto tentava achar ela embaixo dos seus cabelos e tocar a ponta gelada do nariz dela. Parecia que tudo havia voltado ao seu devido lugar, ele em temperatura normal e Paula congelando para que ele pudesse aquecê-la.

O retorno à faculdade foi mais calmo do que geralmente era. Poucos alunos, e os que estavam bocejavam a cada cinco minutos. Na livraria, o movimento era péssimo, tanto que o gerente ficava cuidado cada pessoa que entrava, olhava e saía sem nada nas mãos. Era como se a culpa fosse dos funcionários, principalmente Paula.

Novamente ela estava sendo o alvo da ira do gerente. Cada vez que ele se aproximava, Paula já sabia que iria escutar alguma coisa que ela não tinha absolutamente culpa nenhuma. Ela não poderia forçar um cliente a comprar. Mas pelo que escutava, era como se tivesse aquele poder e não estivesse usando como deveria.

Ela suspirou fundo ao entrar na ala dos funcionários para o seu horário de almoço, finalmente algum descanso, longe de tudo e todos. Apenas seu João estava ali e ela pode contar o seu final de semana em casa e os acontecimentos mais marcantes.

Na faculdade à noite, ela já estava mais tranquila. Ou envergonhada, quando um dos professores a questionou sobre a veracidade sobre o seu relacionamento com o professor Jonathan de química. Sentiu-se um pouco feliz em poder assumir aquilo e constrangida com os comentários da excentricidade de Jonathan. Queria falar em voz alta que ele era a melhor pessoa do mundo para ela. Que nenhum dos defeitos que eles achavam era verdade, e sim o charme a mais para ele ser quem era. Paula não mudaria uma vírgula que fosse em Jonathan. Porém resolveu ficar quieta e focar no resto da aula. Não seria qualquer pessoa que compreendia Jonathan como ela fazia e enxergava todas as suas qualidades.

E ao sair da aula e encontrar com ele, a esperando no estacionamento, foi a confirmação do que pensava.

Os dias pareciam que demoravam a passar quando estavam afastados e corriam rápidos demais quando estavam juntos. Jonathan sempre foi o mais impaciente dos dois. Contava os minutos, ficava caminhando de um lado para o outro enquanto a esperava e ao ouvir o barulho da chave de Paula na sua porta, já corria para vê-la entrando.

Não foi diferente quando a campainha tocou e ele foi até a porta o mais rápido possível, nem lembrando da chave que havia dado para ela quando foram ao cinema nos últimos dias. Abriu a porta, ciente que encontraria Paula, mas deu de cara com uma Liana em péssimo estado.

— Meu Deus — blasfemou, uma coisa que nunca fazia por causa da sua escola, as freiras deixava os alunos sem sobremesa quando escutavam alguma coisa do tipo — o que aconteceu, Liana?

Liana chorava copiosamente, nem respondeu Jonathan ao entrar no apartamento dele e se jogar no sofá. E ao mesmo tempo, o celular de Jonathan tocou e ele viu que era o Richard.

— Se for alguém — começou Liana entre um soluço e outro — eu não estou aqui, entendeu?

— É o Richar...

— Eu não estou aqui, Jonathan! Me dá uns minutos, ok? — Bradou ela e Jonathan assentiu rapidamente.

Atendeu o telefone, se segurando para não falar demais. Não gostava de

estar sobre pressão, principalmente ao escutar Richard desesperado atrás de Liana. Conseguiu se livrar dele, dizendo que se ela aparecesse iria entrar em contato. E antes que pudesse respirar aliviado, Beatriz ligou, seguido por Ricardo e o mais estressante de todos, Sérgio.

— Eu estou em casa e já vou para a casa do Kado — Jonathan tentava falar normalmente, mas pensando em cada uma das palavras que falava. — A Liana não pode ter ido muito longe — disse para acalmar os ânimos de Sérgio, que já beiravam o desespero.

Desligou o telefone e o aparelho, para que não tivesse que passar por aquilo de novo. Mentir para os seus amigos não era uma coisa muito agradável, e só estava mais tranquilo por ver Liana na sua frente e, aparentemente, bem. Estava mais assustado por ter ela ali, ainda chorando, do que imaginar que ela estivesse desaparecida mesmo.

Enchei um copo de água e sentou ao lado de Liana, que limpava as lágrimas nas mangas do seu casaco. Entregou o copo e sentou ao seu lado enquanto Liana bebia.

— Está tudo bem como o bebê? — Se atreveu a dizer depois de alguns instantes.

Liana acenou que sim e ele respirou um pouco mais aliviado.

— Aconteceu alguma coisa? — Continuou ele. — Estão todos atrás de ti preocupados. Se tu não ligar para o Sérgio, pelo menos, eu vou fazer isso. Ele está desesperado, Li. Capaz de fazer alguma loucura e....

Ele deixou subentendido. Liana fechou os olhos e soluçou novamente. Tinha certeza de que Richard havia acionado até o papa depois que Liana entrou naquele táxi na saída do médico sozinha. E conhecendo bastante a sua família, Sérgio provavelmente estaria entrando em um carro e vindo o mais rápido possível para a capital para encontrar ela. Tudo que ela precisava nesse momento era do irmão dirigindo feito um louco pelas estradas.

Acenou para Jonathan que foi em direção ao telefone, bem mais aliviado.

— Só avisa ele que eu estou bem e que ainda não é para dizer para o Richard, Kado ou Bia onde eu estou. Quero ficar aqui um pouco, antes que todos eles venham para cima de mim.

Jonathan ligou e acalmou o coração de Sérgio, que já estava saindo em direção à capital, com Fernanda ao seu lado. Repassou o recado de Liana, frisando que ela estava bem e na presença dele. Jonathan não iria deixar Liana sozinha um minuto que fosse até alguém chegar.

Liana estava se sentindo horrível. Queria saber qual era o problema com

as gestações da família. Primeiro Beatriz que por pouco não morreu com a sua pressão alta e descontrolada na gestação de Felipe. Ver a amiga em coma aqueles dias foi uma das piores coisas que Liana já tinha visto na sua vida. E o desespero de Ricardo a machucava. Queria ela poder pegar todo aquele sofrimento do irmão e passar para si. Ricardo era um anjo de pessoa e irmão, não mereceu sofrer daquele jeito pela esposa e filho.

E agora era a sua vez.

A gestação, que era um sonho para Liana, e que estava sendo perfeita, começava a complicar. Começou a idealizar o ato anos atrás, junto com Richard. Os dois nem estavam mais juntos, mas o plano continuou. Richard era um filho bastado, que foi largado na casa do pai depois que a mãe veio a falecer, mas nunca foi aceito pela riquíssima família do doutor Matzembecker, que com muita relutância assumiu o filho judicialmente. Richard sempre sonhou em ter uma família, ou pelo menos alguém que soubesse que nunca iria abandoná-lo e, por mais que tivesse a família Chiarelli como sua, sabia que não era o mesmo vínculo do que um filho. E Liana, por se sentir sozinha. Sérgio tinha Fernanda, Inácio e Sofia. Ricardo, Bia e Felipe. Liana não tinha ninguém.

Foram anos de planejamento. Liana queria se firmar como dentista, ter uma estabilidade mais confortável antes de se aventurar a desenvolver o seu lado materno. Richard queria estudar um pouco mais, terminar a residência em pediatria, se aprofundar em cirurgia pediátrica e ter condições de dar uma boa vida ao seu filho. Nunca renegar nada, principalmente amor e carinho.

Era o acordo perfeito, e ainda continuava sendo. Apensar de não estarem juntos, Richard e Liana eram bons amigos. Richard até morava nas peças que Liana tinha atrás da sua casa, não era mais do que um quarto, sala e banheiro, mas que para ele eram mais do que o suficiente. Bem maior e mais cuidado do que as peças que ele morava no fundo da casa do pai desde os oito anos.

E quando chegou a hora, ambos perceberam que era o momento certo para colocarem o plano em prática. Liana já tinha uma boa clientela no seu consultório de odontologia e ortodontia, e Richard um médico respeitado na pequena cidade e referência nos plantões da pediatria cirúrgica de um grande hospital. Liana engravidou no segundo mês e desde então estava tudo perfeito, até essa consulta.

— Estou com diabetes gravídica bem acentuada. — Finalmente ela falou. — Meu pâncreas está ali só de enfeite praticamente. E o médico ainda nos avisou que a predisposição do Matz é para que nasça com diabetes. Sabia que o pai dele é endócrino e que tem diabetes severa? Pois é... A genética é foda.

Jonathan escutou em silêncio Liana desabafar. Estava bem estupefato, pois não imaginava que Liana poderia ter alguns sentimentos dentro do seu coração de gelo.

Não poderia deixar de esconder o seu medo nas primeiras vezes que a viu na companhia de Ricardo. Os dois era muito diferentes, ela irreverente, descontraída, estressada e que não tinha papas na língua. Se via alguma coisa, comentava sem indiscrição. Diferente completamente de Ricardo, Jonathan notou. Mas com o passar dos dias, compreendeu que aquele era o jeito de Liana, não adiantava querer mudá-la, ela era assim e ponto.

E para ele, ver ela daquela forma vulnerável, era muito estranho e, ao mesmo tempo, um pouco triste.

— Aí o médico começou a me dizer sobre injeções de insulina e tudo mais que eu deveria fazer, sabe o que eu pensei, Jonathan? — Ela nem deixou Jonathan pensar em alguma resposta. — Em tudo que essa criança vai sofrer se realmente nascer diabética. Tu sabe como elas são, viu o Felipe a Sofia crescerem comendo doces até os olhos vidrarem de tanto açúcar no sangue. Já imaginou como vai ser a vida dela? Regulando até a quantidade de água que toma? Não podendo comer tudo o que as outras crianças comem? Levar inúmeras picadas, exames de sangue e todo o sofrimento?

Jonathan deixou Liana deitar a sua cabeça no seu ombro. A deixou chorar pelo tempo que quisesse. Realmente ele não poderia imaginar a vida de uma criança que nascesse diabética, mas tinha a certeza de que como seu/sua afilhada(o), ele faria o possível para amenizar tudo aquilo. E que toda a família Chiarelli também.

Capítulo 57

Jonathan ficou com Liana até ela cansar de chorar e acabar adormecendo no seu sofá. Ele não sabia muito o que fazer para deixá-la mais confortável, não tinha condições de carregá-la até o seu quarto, então teve que se virar como podia com na sala. Arrumou Liana da melhor forma que podia e esperou que sua família começasse a chegar.

Estava um pouco nervoso e ansioso. Em todos aqueles anos que conhecia a irmã de Ricardo, nunca tinha visto Liana daquela forma. Instável e vulnerável. E aquilo o deixava mais nervoso ainda. Liana era a força em pessoa. Se tu estivesse com qualquer problema, ela seria a primeira a te estender a mão e ainda te ajudar a superar de uma forma épica. Jonathan nunca esqueceria da conversa pelo telefone que Liana teve com o seu irmão há alguns meses atrás. Desde então o seu telefone estava mudo para ligações inconvenientes. Ou das promessas dela em querer socar cada um dos seus parentes. Só uma amiga de verdade poderia fazer uma coisa daquela.

Era certo que o seu jeito de ser era complicado de lidar. Era conhecida por toda a cidade por ser a mais cabeça dura dos Chiarelli. A princesa da casa que pintou e bordou na sua adolescência, para o desespero de Sérgio. Com ela não havia meias verdades, Liana falava tudo que vinha a sua cabeça brilhante sem pensar duas vezes. Sem nem considerar os sentimentos das outras pessoas, um defeito que chamava a atenção e causava muitos constrangimentos para a família. Somente quem convivia com ela sabia como lidar com o seu jeito de ser. Ou aprendiam e ignoravam ou o caos seria constante.

E ver Liana daquela forma foi um choque gigante para Jonathan.

Ele adorava Liana como se ela fosse a sua própria irmã e sabia que o sentimento era mútuo, Jonathan era apelidado por ela como retardadinho dois, já que o primeiro cargo era de Ricardo. Para ele, aquele apelido nada carinhoso era a melhor prova que Jonathan precisava para ser considerado da família. E como tal membro, ele estaria ali para o que fosse preciso para que Liana, e o bebê, seu futuro afilhado(a) precisasse.

Não demorou muito para Richard aparecer no apartamento de Jonathan e respirar aliviado ao ver Liana dormindo no sofá.

— Não sei se eu acordo ela para abraçá-la ou para torcer o seu pescoço!
— Falou baixo para Jonathan.

— Eu deixaria o pescoço para o Sérgio. Ele gostaria de fazer isso.

Richard concordou, ainda olhando para Liana e tentando fazer o seu coração se acalmar. Ainda conseguia sentir um pouco de fraqueza nas pernas por

imaginar onde a maluca da Liana poderia ter se enfiado depois de uma notícia daquela.

Ele se sentia completamente culpado pelo o que estava acontecendo. Tudo que Richard queria era formar uma família, da maneira que fosse, para finalmente poder se libertar de tudo que o ligava com a sua. Mas por uma ironia do destino, não seria tão fácil.

Richard era fruto de uma relação de funcionário-cliente. Onde sua mãe era uma prostituta e seu pai seu cliente. As memórias que tinha de sua mãe eram poucas, muitas perdidas com o passar do tempo. A casa velha que moravam, as histórias que ela contava para ele dormir, antes que ela saísse para trabalhar, os doces que ela trazia e pouca coisa da sua fisionomia. Recordava do dia em que a mãe o levou até uma casa grande e escutou ela brigando com um homem mau, até mesmo o som dela apanhando ainda era nítido. Voltou para a casa grande algumas semanas depois acompanhado por um homem que ele nunca tinha visto e foi abandonado ali, sozinho, em uma casa gigante e sem saber o que aconteceu.

Ali ficou sabendo que era filho de um homem importante, um grande médico, sua esposa e os dois filhos. Um menino e uma menina, que à primeira vista de Richard riram dele e falaram algumas coisas maldosas. Richard foi colocado em um quarto na área dos empregados e tratado como tal. E quando foi levado à uma clínica e tirado o seu sangue à força, ele percebeu que nunca mais veria sua mãe.

Richard foi uma das primeiras crianças do estado a ser submetida ao exame de DNA. Ele nem sabia o que era aquilo na época, mas entendeu que o resultado mudou a sua vida para sempre. Teve que aprender a escrever o novo sobrenome, cheio de letras e a ser cuidado por uma das empregadas da casa.

Aos poucos ficou sabendo da sua história. Filho de uma prostituta, um caso antigo de seu pai, sua mãe havia adoecido e deixado Richard com o pai antes de morrer. Tinha dois irmãos, um mais velho e uma mais nova. A mãe deles não suportava a presença de Richard na mesma casa que a família morava, mas seu pai não poderia fazer nada, pois o juiz havia determinado e o exame confirmado a paternidade. E nem por isso sua vida se tornou melhor. Enquanto os irmãos tinham brinquedos caros e viagens nas férias, Richard brincava com os filhos dos empregados e nas férias aprendia jardinagem e limpava as folhas que caíam na piscina da casa. Seus irmãos estudavam em colégio particular, com uniforme padronizado e aulas de línguas estrangeiras, já Richard na escola pública mais próxima, usava roupas que não eram mais úteis ao seu irmão, independente se Richard era alguns centímetros maior e foi aprender a falar inglês quando Liana a ensinava para ir poder fazer a especialização.

A relação com seu pai sempre foi a mínima possível, por mais que Richard se esforçasse ao máximo. Nunca teve relação nenhuma com ele. Apenas para castigá-lo por alguma brincadeira de criança ou qualquer coisa insignificante, como aparecer no pátio quando as amigas da irmã estavam na piscina. Richard cresceu sendo excluído e abandonado. Teve que batalhar por tudo que conseguiu conquistar. Nem mesmo quando ele passou para a faculdade pública de medicina, enquanto o irmão cursava a mais cara da cidade, paga pelo pai, Richard conseguiu uma palavra de parabenização ou uma pequena ajuda de custo extra. Recebia uma pequena mesada e tinha que se virar para comprar o que precisava.

Se formou sozinho, praticamente. Somente no último semestre de faculdade que ele descobriu o que era uma família de verdade. Havia conhecido Liana e sua vida mudou completamente depois de ver ela chorando no corredor do hospital em busca de notícia de seu irmão. Richard ainda lembrava da sua reação quando o professor do estágio o designou a cuidar de um caso de overdose medicamentosa. O professor ainda chegou a dizer que o caso já era perdido e que era apenas para Richard fazer o que tinha aprendido em aula e que o chamasse para assinar o atestado de óbito mais tarde. Richard nunca teve coragem de contar aquilo para Liana e nem a sua família.

Ricardo havia dado entrada no hospital em estado grave. Richard assumiu o caso com as palavras em mente do professor. A primeira coisa que viu foi a cicatriz no pulso, indicando outra tentativa de suicídio e que naquela vez o paciente havia tido sucesso. Respirou fundo e seguiu o passo-a-passo para um caso daqueles. Nem ele mesmo acreditou quando a melhora de Ricardo começou aparecer, e muito menos o seu professor que o cumprimentou depois do plantão.

Encontrou Liana no corredor, em prantos. Sabia que não deveria ter aqueles pensamentos sobre os parentes dos pacientes, mas ao ver ela ali, queria abraçá-la e dizer que tudo estava bem, Ricardo estava descansando em uma sala e esperando seu corpo expulsar o resto dos remédios que ele havia tomado. Se conteve em ser o mais profissional e dar a notícia de forma correta. Saiu do plantão com ela na sua cabeça pelo resto da semana.

Depois de um mês ou mais, após uma briga com seu irmão, que já era formado e negligenciava alguns procedimentos, entrou no primeiro bar que encontrou a sua frente. E para a sua felicidade lá estava Liana, servindo os clientes e subindo ao palco para cantar junto com a banda. Richard ficou encantado com ela e não sossegou enquanto não foi puxar assunto.

Aquilo tinha sido há tanto tempo, mas ainda assim parecia que tinha sido ontem. Agora lá estava ele, olhando para Liana, que carregava um filho seu

dentro de si e com a mesma genética que seu pai. Por mais que ele quisesse se afastar de tudo que remetesse àquela família, ele não conseguiria. E ainda machucaria a pessoa que ele mais amava naquele mundo.

Não demorou muito para o pequeno apartamento de Jonathan virar um covil para a família Chiarelli em peso. Sérgio e Fernanda chegaram logo após de Ricardo e Bia. Liana acordou e estava sendo mimada por Fernanda, com a cabeça no seu colo e recebendo carinho enquanto Richard explicava algumas coisas em termos médicos e mais aprofundado.

— A princípio ainda pode não acontecer nada, mas as chances são grandes, já que... — ele limpou a garganta — tenho predisposição genética.

— Eu não entendo como tu pode ser normal e o bebê da Li...? — Sérgio questionou.

— É uma questão de genética — Bia começou a falar — é tipo aquela questão dos netos se parecerem mais com os avós do que com os pais, ou com um parente distante. Carregamos dentro de nós algumas características que quando transmitimos elas podem aparecerem ou não.

Sérgio fez uma cara de quem não entendeu nada, mas ficou quieto.

— O que realmente importa é a saúde da Li e do bebê. — Fernanda disse mais confiante.

— Marina — fungou Liana. — Hoje, antes da notícia, conseguimos ver o sexo. É uma menina.

— Ah... — Kado foi o primeiro a se manifestar e depois limpar a garganta.

A comoção na sala foi geral. Jonathan precisou de uns segundos a mais para perceber o que estava acontecendo ali. Marina era o nome da mãe deles. E agora, seria da filha de Liana. Uma homenagem melhor não poderia ser.

— Marina Chiarelli Matzembecker. — Fernanda disse enquanto olhava para o marido que já chorava novamente.

— Melhor nome não há — Bia encostou no marido que beijou seus cabelos.

Richard olhou para Liana e sorriu de leve para ela. E Jonathan sentiu um aperto no peito ao sentir falta de Paula naquele momento. Ela seria mais uma do time que faria tudo por Liana e Marina. Paula já era da família também.

Capítulo 58

Paula observou seu telefone tocando dentro da sua bolsa. Estava saindo da faculdade e lutou um pouco até encontrá-lo no meio dos seus cadernos e desenhos.

— Oi — disse tentando equilibrar a bolsa novamente no ombro a caminho da para de ônibus.

— Oi — escutou Jonathan falando com algumas vozes ao fundo. — Já saiu da aula?

— Sim... Onde tu está? — Questionou escutando a mistura de vozes e o modo ansioso de Jonathan ao telefone. — Aconteceu alguma coisa?

— Algumas — apressou-se em dizer — mandei um táxi ir te buscar.

— Como? — Paula saiu de perto de um grupo de estudantes que conversavam um pouco alto demais.

— Um táxi para te buscar e te trazer aqui para o meu apartamento. Está todo mundo aqui...

Ele deixou a frase solta no ar. Estava um pouco nervoso ao ver o seu pequeno apartamento, seu santuário perfeito e limpo, invadido por toda a família Chiarelli. Não podia dizer e nem falar nada, pois eles eram sua família também e passando por uma pequena crise. Crise essa que envolvia o bebê de Liana, ou melhor, Marina, sua futura afilhada.

Por mais que sua casa estivesse sendo alvo de inúmeras novas bactérias e impurezas, Jonathan não poderia, e nem faria nada. Apenas quando todos saíssem ele começaria a limpar tudo para que voltasse a sua pequena paz interior. E enquanto isso não acontecia, ele precisava de alguma coisa para lhe deixar em paz.

Paula.

Nem pensou duas vezes antes de pegar o seu telefone e ligar para o seu taxista de confiança. Deu as coordenadas e horário para ele buscar Paula e agora só faltava avisar ela antes que entrasse no ônibus em direção à estação de trem.

Teve sorte em Paula atender na primeira ligação e agora estava ali, pendurado no telefone esperando a resposta dela.

— Jonathan, eu disse que não poderia ir para o teu apartamento todos os dias. Amanhã eu pego cedo na livraria.

— Eu sei — suspirou ele. Além de estar nervoso com aquela invasão, ainda tentava absorver tudo que Richard havia falado sobre o estado de saúde de

Liana e Marina.

Era surreal demais que novamente eles passariam por uma gestação preocupante. Primeiro foi Bia e sua eclampsia, o parto prematuro demais, o coma de três dias e Felipe na UTI Neonatal, sem saber se conseguiria sair de lá com vida. Agora era Liana e sua diabetes, que culminava com o fator genético do pai de Richard e a grande possibilidade de Marina nascer com diabetes severa.

Complicado era todos dizerem para manter a calma sendo que realmente ninguém conseguia. Ricardo era o mais quieto, mas mais por sua personalidade, sempre que acontecia alguma coisa perturbadora ele se trancava no seu mundo e só permitia que Bia entrasse para lhe fazer companhia. Sérgio era espalhafatoso demais, externava seus sentimentos para todo o prédio escutar, nem mesmo Fernanda, aquele poço de paciência, estava quieta tentando acalmar os ânimos. Richard estava numa prisão de culpa, colocando toda a responsabilidade em cima dos seus ombros. Tudo era culpa dele e da maldita hora em que a mãe dele resolveu adoecer e largá-lo em frente daquela casa gigante. E Liana, a mais nervosa de todas. Jonathan nunca havia visto a amiga chorar daquela forma. Era doloroso demais e muito assustador ver as pessoas que ele mais amava no mundo sofrendo daquela forma e imaginando um futuro mais complicado ainda.

Jonathan precisava de alguém ao seu lado. Alguém com que ele pudesse contar e saber que estaria ali. Essa pessoa era Paula. Somente ela o tiraria daqueles pensamentos exagerados e o traria de volta para a realidade.

— Eu sei — quase choramingou Jonathan — mas eu realmente gostaria que tu estivesse aqui.

Paula fechou os olhos e respirou fundo. Já poderia dizer que conhecia Jonathan a ponto de perceber que aquele não era um pedido igual aos que ele normalmente fazia todos os dias. Por Jonathan, Paula já estaria morando no seu apartamento. Se não fosse ela bater o pé e dizer que precisava do seu próprio espaço ele não teria desistido.

E como combinado previamente por ambos, aquela noite era de Paula ficar em casa. Trabalhava cedo no outro dia e sabia que ficasse na casa de Jonathan, os dois iam até altas horas da madrugada conversando, olhando filmes chatos na TV ou até mesmo estudando/trabalhando ao som de alguma música pesada que gostavam.

Paula, que sempre teve uma visão muito romantizada do amor estava percebendo que não era necessário um contato físico mais profundo para expressar o sentimento. Não precisava de Jonathan a beijando ou a tocando mais

intimamente para perceber que ele a amava, era nos gestos mais simples, como uma caneca de chá quente no meio de um filme, ou se aproximar mais dela quando sentia que Paula estava com frio no meio da noite. Assim como ele recebia o carinho dela quando estavam olhando alguma coisa na TV, a forma como Paula ajudava Jonathan com suas paranoias de limpeza sem reclamar e ainda o escutava quando ele começava a falar coisas sobre química que Paula nem entendia, mas prestava muita atenção e tentava acompanhar o ritmo dele.

Paula percebeu que alguma coisa estava realmente errada, ainda mais com o fato do pequeno apartamento estar com todos os Chiarelli nele. Jonathan deveria estar quase surtando, principalmente, por saber que não poderia fazer nada contra sua própria família. Apenas esperar que todos fossem embora e começar a limpeza pesada.

— Eu estou indo, mas só dessa vez, ok, John? — Disse Paula, tentando soar como a dona da razão, mas não teve certeza se conseguiu. Principalmente depois de escutar o suspiro de alívio de Jonathan.

Encontrou o táxi com facilidade e depois de uns vinte minutos de conversa fiada com o motorista, e os causos do Jonathan com o taxista, Paula desembarcou em frente ao prédio gigante. Quando o porteiro a viu, prontamente abriu o portão para que ela entrasse. Paula agradeceu e foi direto aos elevadores. Mal abriu a porta e viu toda a família Chiarelli em peso a observar entrar.

Cumprimentou todos e ficou a par da situação de Liana, Marina e Richard. Chegou a sentir uma dor no seu coração ao escutar tudo que poderia acontecer e entendeu o porquê da “invasão”. Era por um bom motivo e Paula agora era mais uma do time que estaria ali por Liana e Marina para o que der e vier. Já era considerada como mais uma Chiarelli por adoção por Sérgio e Fernanda.

Finalmente depois de saber de tudo que tinha acontecido foi que Paula teve tempo de chegar ao banheiro, lavar as mãos e de voltar para onde Jonathan estava. Ele empurrou para ela, em cima da mesa que os separavam, o pacote com lenços umedecidos e viu ela pegar um e limpar as mãos e o rosto. Somente depois do ritual é que se aproximou de Jonathan.

Ele, de tão tenso que estava, sentiu muito do peso nos seus ombros sair com o pequeno abraço que trocaram. Fernanda chegou a suspirar de felicidade ao ver Jonathan e Paula juntinhos como estavam, e quase viu estrelas quando Paula beijou a bochecha dele diversas vezes.

— Meu Deus, tenho até medo de saber o que vocês dois vão inventar quando começarem a transar. — Liana disse tentando abrir um sorriso em meio as suas lágrimas. — Pobre de ti, Paula. Um banho de três horas antes de pensar

em fazer qualquer coisa.

— Liana! — Fernanda e Bia a calaram no mesmo instante.

Paula, ao escutar aquilo, sentiu o rosto queimar. E se escondeu mais no pescoço de Jonathan.

— Acho que depois dessa — Sérgio assumiu o comando, como sempre — estamos prontos para irmos embora. Richard, eu a Gorda podemos ir para o teu apartamento? Acho que não aguento voltar para casa hoje e quero ir ao médico junto com vocês amanhã.

— Nem inventa isso, Sérgio — Liana levantou do colo de Fernanda rapidamente.

— Invento sim, todos nós vamos se for o caso. Todos nós precisamos estar a par do que vai acontecer contigo e com a Marina. Tenho certeza de que o Richard concorda e vai fazer de tudo para que o médico não se incomode com o fato de todos nós — e olhou para Beatriz que concordou com um breve aceno — vamos estar presentes na consulta.

— É claro — Richard limpou a garganta percebendo que teria que conversar com o obstetra de Liana um pouco. Sua sorte era que tinha um bom relacionamento com todos os médicos.

— E que também, vai marcar uma consulta com o melhor endocrinologista da cidade para uma conversa também.

E todos perceberam a hesitação de Richard naquele momento. O melhor endocrinologista da cidade era o doutor Matzembecker, pai de Richard e o único médico do mundo que ele jurou que não pediria ajuda. Limpou a garganta e prometeu a todos que faria o melhor que pudesse para que Liana e Marina tivesse o melhor tratamento de todos. Mesmo que para que isso acontecesse, Richard precisasse limpar todo o seu orgulho e ir rastejando de volta para o seu pai.

Saíram aos poucos. Fernanda foi a última, agradecendo Jonathan por tudo que tinha feito por Liana. E dizendo que ela era muito feliz em saber que tinha uma família tão perfeita como a sua.

Finalmente Jonathan pode respirar um pouco mais leve, mas não tanto como gostaria. Ainda estava temeroso por Liana e o bebê. Liana era praticamente uma irmã para ele e a ver sofrendo daquela forma não era nenhum pouco natural.

Paula sentiu o desgaste emocional de Jonathan ao ficar sozinha com ele. Os olhos pesados, o semblante triste e o brilho nos olhos apagados. Ajudou ele a

colocar tudo em ordem, prometendo que, amanhã, quando voltasse da aula à tarde, arrumaria novamente o que estivesse fora do lugar. O convenceu de ir para cama logo depois disso e aproveitou o tempo para conversar sobre o acontecido.

— Não sei o que pensar. — Respondeu ele depois de alguns segundos. — Acho que todos nós estamos mais apreensivos porque vimos a Bia, Kado e Felipe passarem por tudo aquilo. Eu nunca vou me esquecer do estado que o Ricardo ficou quando o Richard disse que o Lipe poderia não passar daquela noite. A gente temia que ele fizesse alguma coisa se ficasse sozinho. Graças aos céus que ocorreu tudo bem, mas aí eu fico pensando. Será que o raio cai duas vezes no mesmo lugar? E, sinceramente, eu tenho medo da resposta.

Jonathan estava deitado, com Paula, que usava um pijama dele e se abraçou nele o máximo que podia para se esquentar.

— Eu sei que todo mundo diz que vai dar tudo certo, mas eu só consigo pensar em tudo que pode dar errado. Meu avô tinha diabetes, mas não era tão severa assim, ficou pior quando ele entrou no hospital para morrer. Todas aquelas injeções, o monitoramento... Não é uma coisa que eu vejo a Liana fazendo ou até mesmo um bebê indefeso.

— Não vamos colocar a carroça na frente dos bois, John... — Paula disse na escuridão do quarto. — Tenho certeza de que a Li e o bebê vão ter toda a comodidade e assistência possível. O sofrimento vai ser mínimo se eles estiverem bem acompanhados. Richard é pediatra e conhece muitos médicos que vão orientá-los.

Jonathan assentiu e remoeu o que Paula falou até o sono o pegar de vez. Eles realmente não poderiam reclamar de nada até a confirmação dos fatos. E mesmo depois de ocorrido. Sérgio e Richard dariam todo o suporte do mundo para Liana e Marina.

O triste mesmo seria se eles não tivessem condições de bancar e proporcionar conforto às duas.

Capítulo 59

Paula observou seu telefone tocando dentro da sua bolsa. Estava saindo da faculdade e lutou um pouco até encontrá-lo no meio dos seus cadernos e desenhos.

— Oi — disse tentando equilibrar a bolsa novamente no ombro a caminho da para de ônibus.

— Oi — escutou Jonathan falando com algumas vozes ao fundo. — Já saiu da aula?

— Sim... Onde tu está? — Questionou escutando a mistura de vozes e o modo ansioso de Jonathan ao telefone. — Aconteceu alguma coisa?

— Algumas — apressou-se em dizer — mandei um táxi ir te buscar.

— Como? — Paula saiu de perto de um grupo de estudantes que conversavam um pouco alto demais.

— Um táxi para te buscar e te trazer aqui para o meu apartamento. Está todo mundo aqui...

Ele deixou a frase solta no ar. Estava um pouco nervoso ao ver o seu pequeno apartamento, seu santuário perfeito e limpo, invadido por toda a família Chiarelli. Não podia dizer e nem falar nada, pois eles eram sua família também e passando por uma pequena crise. Crise essa que envolvia o bebê de Liana, ou melhor, Marina, sua futura afilhada.

Por mais que sua casa estivesse sendo alvo de inúmeras novas bactérias e impurezas, Jonathan não poderia, e nem faria nada. Apenas quando todos saíssem ele começaria a limpar tudo para que voltasse a sua pequena paz interior. E enquanto isso não acontecia, ele precisava de alguma coisa para lhe deixar em paz.

Paula.

Nem pensou duas vezes antes de pegar o seu telefone e ligar para o seu taxista de confiança. Deu as coordenadas e horário para ele buscar Paula e agora só faltava avisar ela antes que entrasse no ônibus em direção à estação de trem.

Teve sorte em Paula atender na primeira ligação e agora estava ali, pendurado no telefone esperando a resposta dela.

— Jonathan, eu disse que não poderia ir para o teu apartamento todos os dias. Amanhã eu pego cedo na livraria.

— Eu sei — suspirou ele. Além de estar nervoso com aquela invasão, ainda tentava absorver tudo que Richard havia falado sobre o estado de saúde de

Liana e Marina.

Era surreal demais que novamente eles passariam por uma gestação preocupante. Primeiro foi Bia e sua eclampsia, o parto prematuro demais, o coma de três dias e Felipe na UTI Neonatal, sem saber se conseguiria sair de lá com vida. Agora era Liana e sua diabetes, que culminava com o fator genético do pai de Richard e a grande possibilidade de Marina nascer com diabetes severa.

Complicado era todos dizerem para manter a calma sendo que realmente ninguém conseguia. Ricardo era o mais quieto, mas mais por sua personalidade, sempre que acontecia alguma coisa perturbadora ele se trancava no seu mundo e só permitia que Bia entrasse para lhe fazer companhia. Sérgio era espalhafatoso demais, externava seus sentimentos para todo o prédio escutar, nem mesmo Fernanda, aquele poço de paciência, estava quieta tentando acalmar os ânimos. Richard estava numa prisão de culpa, colocando toda a responsabilidade em cima dos seus ombros. Tudo era culpa dele e da maldita hora em que a mãe dele resolveu adoecer e largá-lo em frente daquela casa gigante. E Liana, a mais nervosa de todas. Jonathan nunca havia visto a amiga chorar daquela forma. Era doloroso demais e muito assustador ver as pessoas que ele mais amava no mundo sofrendo daquela forma e imaginando um futuro mais complicado ainda.

Jonathan precisava de alguém ao seu lado. Alguém com que ele pudesse contar e saber que estaria ali. Essa pessoa era Paula. Somente ela o tiraria daqueles pensamentos exagerados e o traria de volta para a realidade.

— Eu sei — quase choramingou Jonathan — mas eu realmente gostaria que tu estivesse aqui.

Paula fechou os olhos e respirou fundo. Já poderia dizer que conhecia Jonathan a ponto de perceber que aquele não era um pedido igual aos que ele normalmente fazia todos os dias. Por Jonathan, Paula já estaria morando no seu apartamento. Se não fosse ela bater o pé e dizer que precisava do seu próprio espaço ele não teria desistido.

E como combinado previamente por ambos, aquela noite era de Paula ficar em casa. Trabalhava cedo no outro dia e sabia que ficasse na casa de Jonathan, os dois iam até altas horas da madrugada conversando, olhando filmes chatos na TV ou até mesmo estudando/trabalhando ao som de alguma música pesada que gostavam.

Paula, que sempre teve uma visão muito romantizada do amor estava percebendo que não era necessário um contato físico mais profundo para expressar o sentimento. Não precisava de Jonathan a beijando ou a tocando mais

intimamente para perceber que ele a amava, era nos gestos mais simples, como uma caneca de chá quente no meio de um filme, ou se aproximar mais dela quando sentia que Paula estava com frio no meio da noite. Assim como ele recebia o carinho dela quando estavam olhando alguma coisa na TV, a forma como Paula ajudava Jonathan com suas paranoias de limpeza sem reclamar e ainda o escutava quando ele começava a falar coisas sobre química que Paula nem entendia, mas prestava muita atenção e tentava acompanhar o ritmo dele.

Paula percebeu que alguma coisa estava realmente errada, ainda mais com o fato do pequeno apartamento estar com todos os Chiarelli nele. Jonathan deveria estar quase surtando, principalmente, por saber que não poderia fazer nada contra sua própria família. Apenas esperar que todos fossem embora e começar a limpeza pesada.

— Eu estou indo, mas só dessa vez, ok, John? — Disse Paula, tentando soar como a dona da razão, mas não teve certeza se conseguiu. Principalmente depois de escutar o suspiro de alívio de Jonathan.

Encontrou o táxi com facilidade e depois de uns vinte minutos de conversa fiada com o motorista, e os causos do Jonathan com o taxista, Paula desembarcou em frente ao prédio gigante. Quando o porteiro a viu, prontamente abriu o portão para que ela entrasse. Paula agradeceu e foi direto aos elevadores. Mal abriu a porta e viu toda a família Chiarelli em peso a observar entrar.

Cumprimentou todos e ficou a par da situação de Liana, Marina e Richard. Chegou a sentir uma dor no seu coração ao escutar tudo que poderia acontecer e entendeu o porquê da “invasão”. Era por um bom motivo e Paula agora era mais uma do time que estaria ali por Liana e Marina para o que der e vier. Já era considerada como mais uma Chiarelli por adoção por Sérgio e Fernanda.

Finalmente depois de saber de tudo que tinha acontecido foi que Paula teve tempo de chegar ao banheiro, lavar as mãos e de voltar para onde Jonathan estava. Ele empurrou para ela, em cima da mesa que os separavam, o pacote com lenços umedecidos e viu ela pegar um e limpar as mãos e o rosto. Somente depois do ritual é que se aproximou de Jonathan.

Ele, de tão tenso que estava, sentiu muito do peso nos seus ombros sair com o pequeno abraço que trocaram. Fernanda chegou a suspirar de felicidade ao ver Jonathan e Paula juntinhos como estavam, e quase viu estrelas quando Paula beijou a bochecha dele diversas vezes.

— Meu Deus, tenho até medo de saber o que vocês dois vão inventar quando começarem a transar. — Liana disse tentando abrir um sorriso em meio as suas lágrimas. — Pobre de ti, Paula. Um banho de três horas antes de pensar

em fazer qualquer coisa.

— Liana! — Fernanda e Bia a calaram no mesmo instante.

Paula, ao escutar aquilo, sentiu o rosto queimar. E se escondeu mais no pescoço de Jonathan.

— Acho que depois dessa — Sérgio assumiu o comando, como sempre — estamos prontos para irmos embora. Richard, eu a Gorda podemos ir para o teu apartamento? Acho que não aguento voltar para casa hoje e quero ir ao médico junto com vocês amanhã.

— Nem inventa isso, Sérgio — Liana levantou do colo de Fernanda rapidamente.

— Invento sim, todos nós vamos se for o caso. Todos nós precisamos estar a par do que vai acontecer contigo e com a Marina. Tenho certeza de que o Richard concorda e vai fazer de tudo para que o médico não se incomode com o fato de todos nós — e olhou para Beatriz que concordou com um breve aceno — vamos estar presentes na consulta.

— É claro — Richard limpou a garganta percebendo que teria que conversar com o obstetra de Liana um pouco. Sua sorte era que tinha um bom relacionamento com todos os médicos.

— E que também, vai marcar uma consulta com o melhor endocrinologista da cidade para uma conversa também.

E todos perceberam a hesitação de Richard naquele momento. O melhor endocrinologista da cidade era o doutor Matzembecker, pai de Richard e o único médico do mundo que ele jurou que não pediria ajuda. Limpou a garganta e prometeu a todos que faria o melhor que pudesse para que Liana e Marina tivesse o melhor tratamento de todos. Mesmo que para que isso acontecesse, Richard precisasse limpar todo o seu orgulho e ir rastejando de volta para o seu pai.

Saíram aos poucos. Fernanda foi a última, agradecendo Jonathan por tudo que tinha feito por Liana. E dizendo que ela era muito feliz em saber que tinha uma família tão perfeita como a sua.

Finalmente Jonathan pode respirar um pouco mais leve, mas não tanto como gostaria. Ainda estava temeroso por Liana e o bebê. Liana era praticamente uma irmã para ele e a ver sofrendo daquela forma não era nenhum pouco natural.

Paula sentiu o desgaste emocional de Jonathan ao ficar sozinha com ele. Os olhos pesados, o semblante triste e o brilho nos olhos apagados. Ajudou ele a

colocar tudo em ordem, prometendo que, amanhã, quando voltasse da aula à tarde, arrumaria novamente o que estivesse fora do lugar. O convenceu de ir para cama logo depois disso e aproveitou o tempo para conversar sobre o acontecido.

— Não sei o que pensar. — Respondeu ele depois de alguns segundos. — Acho que todos nós estamos mais apreensivos porque vimos a Bia, Kado e Felipe passarem por tudo aquilo. Eu nunca vou me esquecer do estado que o Ricardo ficou quando o Richard disse que o Lipe poderia não passar daquela noite. A gente temia que ele fizesse alguma coisa se ficasse sozinho. Graças aos céus que ocorreu tudo bem, mas aí eu fico pensando. Será que o raio cai duas vezes no mesmo lugar? E, sinceramente, eu tenho medo da resposta.

Jonathan estava deitado, com Paula, que usava um pijama dele e se abraçou nele o máximo que podia para se esquentar.

— Eu sei que todo mundo diz que vai dar tudo certo, mas eu só consigo pensar em tudo que pode dar errado. Meu avô tinha diabetes, mas não era tão severa assim, ficou pior quando ele entrou no hospital para morrer. Todas aquelas injeções, o monitoramento... Não é uma coisa que eu vejo a Liana fazendo ou até mesmo um bebê indefeso.

— Não vamos colocar a carroça na frente dos bois, John... — Paula disse na escuridão do quarto. — Tenho certeza de que a Li e o bebê vão ter toda a comodidade e assistência possível. O sofrimento vai ser mínimo se eles estiverem bem acompanhados. Richard é pediatra e conhece muitos médicos que vão orientá-los.

Jonathan assentiu e remoeu o que Paula falou até o sono o pegar de vez. Eles realmente não poderiam reclamar de nada até a confirmação dos fatos. E mesmo depois de ocorrido. Sérgio e Richard dariam todo o suporte do mundo para Liana e Marina.

O triste mesmo seria se eles não tivessem condições de bancar e proporcionar conforto às duas.

Capítulo 60

Jonathan já tinha perdido a noção do tempo em que estava acordado. Sabia que era cedo, tão cedo que seu despertador nem tinha tocado ainda, e ele já começa a se lamentar que em breve ele tocaria para que tivesse que levantar para começar mais um dia.

Estava deitado observando o modo como Paula dormia calmamente ao seu lado. Nada poderia ser mais perfeito do que aquele momento. Os cabelos espalhados pelo travesseiro dela, e uma parte no dele, os lábios entreabertos, olhos fechados, o rosto solene e a respiração lenta e rítmica. A observava enquanto relembrava o final de semana que havia passado ao lado dela.

Começando por aquele dia fatídico da sua demissão. Jonathan nunca tinha experimentado com tanto afincos sentimentos de raiva e impotência ao mesmo tempo. Raiva por ver ela daquela forma e impotência por não saber o que fazer para acalmá-la ou reverter a situação naquele momento. Compreendia que precisava esfriar a cabeça, acalmar Paula para depois pensar com clareza em como agir.

Foi um pouco demorado, mas Jonathan conseguiu acalmar Paula e perceber que era o suficiente para conseguir tal feito. Até uma ponta de orgulho e felicidade havia entrado no seu peito ao sentir ela se controlando novamente aos seus braços. Por milésimos de segundos percebeu que era o suficiente para Paula. Ela encontrando a paz nos seus braços era uma sensação indescritível. Mais do que um dia ele ousou em sonhar para si.

A levou para casa, depois de entregar Felipe para os pais. Paula ainda estava desolada e inquieta, como quem quisesse adivinhar o que aconteceria na sua vida a partir daquele momento. Jonathan, mais do que ninguém, sabia que aquilo era uma coisa impossível. Anos de terapia, e mais alguns estudando a química, e um pouco de física, fizeram Jonathan entender que ninguém poderia prever o futuro com uma exatidão perfeita. Ao máximo uma projeção não confiável e altamente mutável. A única certeza que ele sabia era a de que estaria ao lado dela para o resto da sua vida. Para ele, era o que bastava, e esperava que para ela, fosse suficiente o bastante.

Paula estava em pânico, era claro. Na sua cabeça passava mil e uma coisas ao mesmo tempo. O aluguel do seu apartamento, que consumia boa parte do seu salário, alimentação, passagens até a faculdade e tudo mais que envolvia dinheiro na sua vida. Onde ela conseguiria a quantia? Será que receberia o salário desemprego?, pelo menos com ele poderia se virar um pouco, mas não o suficiente. E ela sabia que havia uma grande chance de seu gerente a despedir

sem nem direito a isso.

Realmente ela estava em uma situação horrível. Fome e frio não eram nada se comparados com a perspectiva de estar sem absolutamente nenhum dinheiro e nem a possibilidade de ter em alguma data. Só o ato de saber que no início do mês ela receberia e passaria alguns dias alimentada já era uma grande felicidade. Porém, estar à mingua era desesperador demais.

Paula não tinha muitas opções à sua frente. Era encarar o que a vida lhe dava e rezar para que os danos não fossem tão horríveis. E se nada desse realmente certo, teria que juntar suas coisas, que eram bem poucas e voltar para casa.

Poderia trancar a faculdade por um semestre. Nem que se faltasse apenas alguns meses para a conclusão. Ela pararia onde estava e retomaria quando conseguisse outro emprego, o dinheiro suficiente para mantê-la na cidade por um determinado tempo. Perder algumas provas e a apresentação do TCC era um efeito colateral amargo, mas era uma das soluções que passava na sua cabeça. E somente nela, Paula não queria externar seus infortúnios com Jonathan, não era um problema dele e sim dela. Paula só queria analisar todas as suas opções antes de falar alguma coisa. Lidar com a separação com Jonathan seria a parte mais difícil de todas. Por esse motivo adiaria aquela conversa ao máximo que conseguiria. Não suportaria ver Jonathan e ela sofrendo até o dia finalmente chegar.

Por isso se deixou ser mimada por Jonathan o final de semana inteiro. Ficou nos seus braços àquela noite para olharem um filme que ele havia escolhido, depois do jantar que Jonathan havia feito especialmente para ela. Passaram o sábado juntos e no domingo, Jonathan a levou para o jogo do Grêmio, como haviam combinado previamente. Foi uma experiência inédita para Paula, e uma que ela nunca achou que realizaria na vida. Jonathan, apesar de ter ido a inúmeros jogos, estava tão empolgado como ela. Havia sido perfeito em todos os sentidos que poderia haver.

E agora, no amanhecer de uma semana, Jonathan a olhava dormir ao seu lado, chegando à conclusão de que não tinha perfeição maior na sua vida do que aqueles instantes de paz que ele tinha ao seu lado.

O despertador tocou o fazendo levantar contra a sua vontade. Tomou um banho, se arrumou, tomou o seu café e deixou o de Paula preparado. Beijou os cabelos dela, ao avisar que estava saindo e começou a sua jornada nada convencional. Ele poderia ter passado o final de semana inteiro ao lado de Paula, mas nem por isso deixou de colocar o seu plano em prática.

Chegou ao consultório de Miguel na hora marcada e entrou na sala com um sorriso no rosto. Não o tirando nem enquanto limpava a cadeira para se sentar.

— Desconfio que o humor da minha esposa não mudou tanto assim para ela estar contando piadas na recepção. — Disse o médico desconfiado, fazendo com que Jonathan sorrisse mais.

— Apesar dela ser muito simpática, ela nunca me contou nenhuma piada.

— Bons tempos em que nós nos conhecíamos e ela contava umas péssimas, mas eu tinha que rir da mesma forma.

— Tu nunca me disse como conheceu ela, Miguel. Tu sabe tudo da minha vida, mas eu nunca soube nada além do básico.

— Ah, meu querido — respondeu o médico analisando o semblante de Jonathan — um dia ainda te conto tudo o que passamos.... Mas estou bem mais interessado no teu sorriso, já que a minha digníssima e lady esposa não é o motivo. Acredito que deve ser uma pequena pessoa, cujo nome começa com a letra P e estava te acompanhando em um certo jogo ontem à tarde. Aliás, vocês são muito fotogênicos nas câmeras ao vivo da TV.

— Sério que a gente apareceu? — Jonathan sorriu mais ainda.

— De mãos dadas e sorrindo. O comentarista até disse que era uma bela tarde de domingo, frio e ir ao estádio como casal.

— Tu está tirando com a minha cara, Miguel. — Jonathan duvidou. Sabia que o setor que ele sempre ficava era perto das câmeras, mas nunca tinha sido gravado.

— Não estou! Tanto que eu sei que a Paula estava usando uma camiseta do Grêmio antiga e possivelmente tua, pois estava grande nela e também, tu estava com um casaco branco e as calças pretas com o símbolo do Grêmio em um dos bolsos.

Jonathan, incrédulo, assentiu. Realmente estava vestido daquela forma e emprestou a Paula sua camiseta da sorte. Novamente ela havia funcionado perfeitamente.

— Mas agora vamos ao que interessa, Jonathan...

Jonathan narrou ao médico tudo que havia acontecido naqueles últimos dias. Desde o descobrimento da doença de Liana, ao qual Miguel já estava um pouco inteirado, através de Richard. Miguel havia o encontrado no corredor do hospital e conversado sobre isso. Contou da demissão de Paula, de como ela tinha ocorrido e o modo como Paula foi abordada por seu gerente. Explicou

sobre os seus sentimentos na hora em que Paula o contou e de como aquilo tinha mexido com ela de uma forma completamente nova.

Miguel, como sempre, escutava com total atenção ao que Jonathan contava. Conhecia bem o seu paciente para interpretar o seus sinas. E era visível que Jonathan se importava com Paula de uma forma esplêndida. Se ao vê-lo pela câmara já tinha sido muito emocionante, ao vivo a situação era bem mais nítida. Miguel adorava quando o seu trabalho mostrava resultado daquela forma. Ver Jonathan namorando e tão decido assim o deixava orgulhoso de seu trabalho e de seu paciente.

— Descobri quem é o dono da livraria que Paula trabalha. E deu a coincidência de ser um velho amigo do meu avô. — Jonathan se vangloriou. — Ele me reconheceu na hora, disse que eu sou muito parecido com a idade dele. E conversamos sobre muitas coisas, inclusive sobre o caso da Paula e do gerente assediador.

Contou o resto do seu plano e escutou alguns pontos de Miguel. O fato de não exagerar demais em alguns aspectos e não tomar todas as batalhas de Paula para si. Ela era totalmente livre para fazer suas escolhas e não precisava dele para tomá-las. Pedir opinião e conselhos era uma coisa aceitável, mas não uma interferência mais enfática da parte dele.

Jonathan escutou com atenção e assentiu. Entendeu o que Miguel havia falado e teria que mudar algumas coisas no seu plano, mas nada que interferisse o andamento do mesmo. E no fim, ainda questionou, quase que ingenuamente.

— Se a tua esposa fosse assediada por um gerente, o que tu faria?

— Faria o cara comer a terra em que seria enterrado depois de eu matá-lo. — Sinceramente Miguel respondeu automaticamente, como se fosse um comentário comum, fazendo Jonathan assentir.

— Então o que eu senti não foi exagerado ou fora do comum. — Concluiu Jonathan.

— Nenhum pouco. Teus sentimentos pela Paula estão cada vez mais fortes, eu posso ver isso, quem dirá tu que sente. É uma coisa boa, Jonathan, desde que não sufoque nenhum de vocês. Acho que é muito cedo a Paula ir morar contigo, ainda mais dessa forma. Se tudo der certo ela poderá ter o emprego dela de volta, e, com isso, não precisa se mudar de vez para o teu lado. É bom vocês manterem um espaço, principalmente nos primeiros meses. Vocês ainda estão se conhecendo. E se não der certo?

Jonathan sorriu de leve.

— Essa opção não existe. A Paula é a única para mim. Nunca vai existir outra perfeita assim. E eu vou fazer de tudo para que ela continue ao meu lado. Já mudei tanto por ela e ainda vou mudar. Ela merece o melhor e eu não vou me contentar com menos do que isso.

— Jonathan... Livre arbítrio está aí, meu amigo. Se ela decidir ir embora ela vai, tu não pode obrigar ninguém a ficar ao teu lado.

— Eu sei — respondeu lividamente — assim como eu sei que isso não vai acontecer.

Miguel percebeu que teria que trabalhar mais aquele lado de Jonathan, mas também sabia que Jonathan falava a verdade. Não haveria outra pessoa para Jonathan.

Era Paula e sempre seria.

Todo mundo já sabia disso.

Capítulo 61

— Nunca achei que ficaria entediada de tanto ficar deitada e dormindo. — Liana suspirou enquanto olhava o seu acesso de soro no braço.

Paula se remexeu na cadeira para ativar a sua circulação um pouco. Estava desde cedo de acompanhante de Liana e, assim como ela, também estava entediada.

— Estou com fome.

— Ainda não é hora de comer — Paula olhou para o relógio pendurado na parede do quarto.

— Comer — bufou Liana colocando as mãos sobre a barriga — como se o que eles me dessem aqui fosse realmente comida. Ontem o Richard me trouxe meia banana. Quase que mandei ele socar naquele lugar.

Paula riu, fazendo com que Liana risse também.

No início a situação a deixou nervosa. Paula era a única pessoa disponível para passar as tardes acompanhando Liana que estava internada no hospital. Nada de preocupante, como explicou o seu obstetra e Richard, apenas para controlar com mais precisão a sua glicose e as atividades de Marina.

Richard até pensou em largar tudo para ficar com ela, mas Liana sabia de duas coisas: Richard no hospital ao seu lado iria deixar ela surtada e ele não ia conseguir aguentar ficar muito longe do centro cirúrgico pediátrico. Seus colegas o consultavam sempre que o enxergavam.

Sérgio e Fernanda eram os mais preocupados, ligavam quase que toda a hora e só descansavam quando Liana xingava eles. O mercado estava com muito movimento e Sofia gripada em casa. Os dois não podiam estar ali ao lado de Liana. Duas pessoas a menos para ela se estressar enquanto estivesse ali. Fernanda regularia até a quantidade de ar que Liana respirasse e Sérgio ficaria a observando de perto o dia todo, até no banheiro se ela deixasse.

Ricardo e Bia estavam atarefados com a faculdade. O período de provas logo começaria e os alunos fantasmas começavam a voltar para a sala de aula, ocupando todo o tempo deles para explicarem novamente as matérias. Bia seria a opção mais tranquila para estar ao lado de Liana, por já ter passado por uma gestação de risco, e Ricardo também, o irmão era bem mais maleável do que Sérgio. Bastava um empurrão de Liana e ele ficaria quieto. Jonathan estava incluso naquele meio, mas também era outro enforcado na faculdade e resmungando que não via a hora de assumir o posto de professor orientador de teses.

Sobrava Paula. A única com tempo suficiente de sobra para acompanhar

Liana, não deixar ela comer as paredes do hospital e ainda não sufocá-la como o resto do pessoal. Ela ficou completamente sem reação ao atender o telefone e ser Liana pedindo para que ela a acompanhasse. Nunca que negaria, era claro. Gostava de todos da família e já se sentia um pouco parte dela, mas nem por isso deixaria de sentir um pouco de medo de Liana.

E quem não sentiria?

Chegou muito receosa, ficou nervosa ao estar sozinha com ela e logo depois se sentiu à vontade. Liana poderia estar um pouco mais ácida que o normal, pelo fato de estar trancada dentro do hospital, mas não reclamava e nem brigava. Estava lá por Marina e se comportaria como deveria.

As duas conversaram como se já fossem amigas de anos. Liana era um amor de pessoa quando não estava possuída por algum espírito de porco, como exemplificava Sérgio em poucas palavras. Um estado em que ela se mantinha em 95% do tempo.

— Se a enfermeira me trazer uma laranja ou qualquer outra coisa desse tipo eu juro que me atiro daquela janela.

— Não acho uma boa ideia — Paula comentou — e eu não estou nenhum pouco a fim de ir atrás de ti. Estou curtindo essas minhas férias forçadas e não pretendo sair daqui.

Liana revirou os olhos e voltou a olhar o filme que passava na TV. Algum remake de Lagoa Azul moderna. E logo cochilou, acordando quando Richard apareceu trazendo uma bandeja com café e pão. Liana parecia que tinha visto a felicidade em forma de comida. Estava tão entretida saboreando a comida que nem percebeu Paula indo embora.

Paula seguiu para a faculdade para mais uma prova. Com todo o seu tempo extra, estava bem adiantada na matéria e aproveitou o resto do tempo para reler a mais nova versão do seu TCC que Jonathan havia impresso e encadernado para ela. Era bem melhor do que a versão feita à mão que ela tinha. Cansou de revisar e voltou para o seu decrepito apartamento. Hoje era um dos dias que ela passaria a noite longe de Jonathan.

Era uma coisa boa, apesar dos pesares, como o frio e a solidão. Era um dos momentos para que ela pudesse pensar na sua realidade naquele momento. Ainda estava muito preocupada com o seu futuro se não encontrasse algum trabalho urgentemente.

Havia feito alguns currículos, no computador de Jonathan e impresso, distribuiu em algumas empresas de arquitetura e até mesmo em outras livrarias. Se fosse o caso até mesmo a fazer faxina Paula voltava. Não tinha vergonha de

trabalhar em nenhum ramo que fosse.

Chegou em casa e tomou um bom banho. Se trancou no seu quarto, ao ouvir barulhos no quarto da colega e supôs que ela estivesse “trabalhando”. Colocou seus fones de ouvido, desligou a luz do quarto e ligou em uma estação de rádio qualquer. Fechou os olhos e voltou a pensar em tudo que poderia fazer, até mesmo pedir para que o irmão lhe mandasse a sua receita de sorvete para vender na cidade, mas logo descartou, pois o frio ainda continuaria por algum tempo.

Acabou dormindo em algum momento, entre uma música e outra e quando acordou percebeu que não estava sozinha no seu quarto. Ingênua como sempre, Paula chegou até sussurrar o nome de Jonathan em vão. E então começou a se arrepiar.

No escuro, não conseguiu discernir nada, apenas alguma coisa pesada caindo em cima de si e foi então que ela começou a se debater e a gritar.

— Cala a boca que vai ser rápido, tua colega foi comprar bebida e quando voltar a gente se diverte junto. Eu pago bem. — A voz falou e Paula gritou mais alto ainda.

A briga começou e terminou quando Paula conseguiu acertar o seu joelho em alguma parte dolorida do corpo do homem. O grito que ele deu gelou a sua alma, junto com a promessa de que ia matá-la. Foi o tempo de Paula pegar a sua bolsa, o seu casaco e o par de tênis que havia deixado na porta de entrada. Saiu correndo, sem olhar para trás ou ao menos perceber que estava apenas de pijama em uma área de risco.

Uma quadra depois, ofegante e trêmula, Paula conseguiu calçar os tênis e vestir o casaco, o fechando ao máximo que conseguiu. Baixou a cabeça, para esconder as lágrimas e rumou até a estação de metrô mais próxima que havia. Somente pode respirar aliviada quando entrou no vagão e percebeu mais pessoas ao seu redor. Ali estava segura.

Tremia tanto, de medo e frio, que foi difícil de encontrar o seu telefone e discar o número de Jonathan à cobrar. E quando começou a chamar, rezou para que ele atendesse, pois a chave do apartamento dele havia ficado dentro da sua outra mochila. Se ele não atendesse, Paula estava literalmente na rua.

Jonathan bocejou ao sair do banheiro onde havia acabado de tomar um banho. O dia havia sido puxado e se ele tivesse que explicar qualquer coisa que fosse sobre carbono ele explodiria. Ainda havia passado no hospital para espiar Liana. Ela estava muito bem, brigando com Richard sobre querer tomar um banho sem ele estar colado nela. Saiu de lá rindo dos dois. Tudo que ele queria

era chegar em casa, tomar um banho, comer alguma coisa e ir dormir. De preferência com Paula ao lado dela, mas o último pedido era mais impossível. Era dia dela ficar no seu apartamento e Jonathan sozinho.

Ele não gostava nenhum pouco, era claro. A zona em que Paula morava era horrível e ele não gostava nem de pensar. Porém, estava escutando Miguel sobre o que ele havia dito sobre respeitar as decisões de Paula e não forçá-la a nada. Se ela queria dormir longe, tudo bem, outro dia eles ficariam juntos e Jonathan faria de tudo para que o dia fosse perfeito.

Com o banho de água gelada, quase congelante, que Miguel havia lhe dado, Jonathan estava repensando a ideia impulsiva que havia tido ao conversar com o senhor, amigo de seu avô e dono da livraria em que Paula tinha sido despedida injustamente. Aquilo ainda estava trancado na garganta de Jonathan e ele mexendo os seus pauzinhos para que a casa do gerente abusado de Paula caísse com ele por baixo. Ele tinha fé de que conseguiria reverter a situação sem a loucura em que estava pensando. Seu gerente de conta disse que ele poderia fazer alguns investimentos na herança, quase intocada que havia recebido de seu avô e matar dois coelhos era uma boa pedida. Boa, mas não quer dizer sã ou que Paula aprovaria uma loucura daquelas. Até porque, no momento em que Paula se formasse, Jonathan tinha certeza de que ela abandonaria a livraria e seguiria o rumo da sua escolha.

Comeu alguma coisa que encontrou na sua geladeira e quase teve um infarto ao pegar o seu celular e ver as chamadas não atendidas de Paula. Estava tão cansado que nem havia tirado ele do silencioso. E se atrapalhou todo ao ver ela ligando novamente para atender.

— Paula! — Gritou e foi interrompido pela mensagem de ligação à cobrar.

Desligou a chamada e discou o número dela, errando na primeira vez e quando chamou e ela atendeu, um buraco se abriu embaixo dos pés dele.

— Um homem entrou no meu quarto e tentou me agarrar. — Paula falava entre os soluços desesperadores.

— Onde tu está? — Jonathan teve que se segurar na cadeira para não cair. Aquilo não poderia ser verdade, era um pesadelo e o pior que Jonathan poderia ter um dia.

— No metrô. — Outro soluço e uma faca entrando no peito de Jonathan. — Vou descer na de sempre e esperar o ôni...

— Não! — Jonathan já estava calçando os sapatos e saindo do apartamento em direção à garagem. — Não sai da estação. Eu estou indo te

buscar. Não vou desligar o telefone e vou falando contigo o tempo todo. Vou chegar o mais rápido possível, P.

Paula chorou novamente enquanto ele descia elevador do prédio.

Jonathan continuou com ela na linha por todo o caminho. Paula nem conseguia falar mais. Só chorava e tremia, tanto que um guarda se aproximou dela na catraca, onde Jonathan havia pedido para que ela o esperasse.

— Obrigada, senhor. — Jonathan agradeceu ao guarda depois de explicar a situação e dizer que já estava chegando.

Estacionou o carro em um lugar proibido, o guarda havia passado um rádio ao colega que ficava na entrada, autorizando Jonathan a deixar o carro ali enquanto buscava Paula. E ao vê-la ali, sentiu todo o seu sangue sair do seu corpo e a sua vida chorando e assustada.

Capítulo 62

Em seus braços.

Ali sabia que Paula estava segura de todos os males que poderiam acontecer. Jonathan não iria a soltar por nada naquele mundo.

Paula ainda chorava, um choro completamente diferente daquele que ele presenciou quando ela contou que perdeu o emprego. Sabia que Paula era a mulher mais forte que Jonathan já tinha visto. Fernanda, Bia e Liana também eram, mas não chegavam aos pés de Paula.

Paula que passou fome e frio na infância, adolescência e até a pouquíssimo tempo atrás. Paula que vendeu muito sorvete no verão para ajudar em casa. Paula que lutou contra tudo e todos e estava terminando o seu curso como bolsista integral em uma das faculdades mais caras da cidade. Paula que era a melhor aluna do curso e tinha uma grande chance de conseguir uma bolsa para especialização.

Paula que havia mudado o mundo certinho e limpo de Jonathan. Paula que era a mulher que ele nunca imaginou, pois sabia que não existia. Paula a pessoa por quem Jonathan faria tudo que pudesse e a manteria segura.

Ela era tão pequena que Jonathan ainda não conseguia se perdoar por ter deixado que ela voltasse para aquele apartamento tão perigoso. Miguel que fosse para bem longe com aquelas teorias enfeitadas, Jonathan queria estar de olho em Paula todos os momentos do seu dia. Queria ela ao seu lado. Queria ela protegida embaixo do mesmo teto que ele estava.

Afastou um pouco dela, apenas o suficiente para olhar no seu rosto, manchado pelas lágrimas e começar a distribuir beijos sobre seus olhos e bochechas.

— Graças a Deus — Jonathan murmurou. Não era muito religioso, apesar de ter sido criado em uma escola católica, mas em momentos como aquele, ele agradecia a qualquer coisa física ou oculta.

Paula tentou se afastar. Sentia-se completamente imunda para estar recebendo aquele carinho todo de Jonathan. Ela queria ir para qualquer lugar que tivesse um chuveiro para limpar tudo aquilo que estava sobre si.

— Não.... — começou a se afastar e Jonathan a prendeu — eu estou toda suja e....

Aí mesmo que Jonathan a abraçou com mais força e com todo o seu coração.

— Nunca para mim — sussurrou ele entre os seus cabelos. — Nunca. —

E sentiu uma lágrima escorrer de um dos seus olhos azuis. — Vem, vamos para casa.

Jonathan a soltou, tirou o seu casaco e colocou por cima de Paula. Ela estava tremendo e ele percebeu que poderia ser de frio. Ela estava de pijamas no meio de uma estação de metrô em uma noite fria e úmida.

Agradeceu ao guarda da estação e novamente ao que estava cuidando de seu carro, estacionado em lugar impróprio. Ajudou Paula, que ainda tremia, a sentar-se e a colocar o cinto. Ajustou o ar-condicionado no máximo e dirigiu para seu apartamento enquanto ela narrava o que havia acontecido.

— Acho que devemos ir até a polícia e fazer um boletim de ocorrência, P. — Jonathan sugeriu.

— Não vai adiantar. Estava escuro, não consegui ver nada e se a polícia bater lá não vai encontrar nada. Capaz nem da minha colega de quarto estar lá. Só quero ir para algum lugar, tomar um banho para me limpar e dormir para esquecer tudo isso.

— Quer ligar para o Paulo?

— Não! Seria capaz dele sair correndo de casa e só apavorar a mãe. Estou bem, John. — E segurou a mão dele que estava em cima da sua perna.

Jonathan assentiu e dirigiu o mais rápido que conseguia de volta para casa.

Paula conseguiu tomar o seu banho e se enfiou na cama o mais rápido que pode, mas não dormiu enquanto Jonathan não deitou ao lado dela e a puxou para mais próximo dele.

— Nunca senti tanto medo — murmurou para ela que se aninhava no seu peito e o abraçava forte. — Promete para mim que não vai voltar mais para lá.

Paula não teve nem tempo de responder e ele já tinha voltado a falar.

— Vem morar comigo. O apartamento é pequeno, mas comporta nós dois. Se quiser eu posso comprar um maior, com mais cômodos para distribuir as nossas coisas nele. Posso deixar tu reformar do jeito que quiser e decorar também. Isso não é problema nenhum. Só não quero mais te ver passar por isso e receber outra ligação daquelas. Não consigo nem imaginar se alguma coisa pior acontecesse....

Paula, abraçada em Jonathan, deixou outra lágrima cair em cima dele. Detestava chorar, e detestava mais ainda ter que passar por tudo aquilo. Tinha medo de fechar os olhos e a sensação de estar embaixo de um homem desconhecido voltar. Não queria soltar Jonathan e se sentir sozinha. Ela não aguentaria passar por aquilo novamente.

O convite de Jonathan era tentador. Tentador demais.... A proposta ia além do necessário. Comprar um apartamento novo era um exagero sem necessidade nenhuma. Paula gostava daquele aconchegante e pequeno, era mais do que o suficiente para os dois. Ela nem tinha tantas coisas assim. Tinha certeza que seria um sonho dormir e acordar todos os dias ao lado de Jonathan. Mas o que a assustava mais era o que ela poderia oferecer nas condições em que estava. Paula era bem consciente de que nem se quisesse conseguiria dividir alguma das contas básicas que ele bancava no apartamento.

— Obrigada, John... Mas vir morar contigo é um sonho muito alto para mim. No momento eu não tenho condições de sair de onde eu moro. — Na verdade ela não tinha nem como manter aquele, quem dirá outro. Queria pensar naquilo amanhã, ou outro dia, agora ela só precisava ficar ao lado dele e dormir em paz. Nos braços de Jonathan ela não teria pesadelos.

Jonathan ficou triste ao escutar aquilo. Ver Paula agir daquela forma machucava ele. E ele entendia que poderia ser um grande fator naquela decisão.

— Eu sei que não sou o namorado perfeito — começou a falar novamente — que tu merece coisa bem melhor do que eu. Todo mundo acha que eu sou um idiota por nunca ter te beijado ou feito outras coisas. — Ele limpou a garganta de leve. — Não pensa mal de mim, Paula, por favor. Eu estou fazendo de tudo para mudar isso. Eu quero mudar, e eu sei que vou conseguir, só preciso de um tempo para me permitir. Espero, de todo o meu coração, que tu me espere...

Novas lágrimas para ela. Como aquilo era difícil para Paula. Jonathan era perfeito sim, em todos os sentidos. Paula não precisava de beijos arrebatadores ou qualquer outra demonstração de afeto. Jonathan supria aqueles sentimentos com outras ações tão prazerosas quanto o prazer físico. Não era por culpa dos beijos que ela escolhia se afastar de morar com ele. Paula tinha mais carinho e afeto do que aquele ato em si poderia transmitir. Era uma simples questão de diferenças.

— Não é por isso, John.... — Ela se aproximou do peito dele e o beijou em cima do seu coração. — Se tu me pedir mil anos, eu espero. Por ti eu espero a minha vida toda. Existe muito mais entre nós do que beijos e contatos mais íntimos. Carinho, cuidado e afeto não se compram com beijos.

— Então porquê? Qual o motivo? Eu não vejo nenhum empecilho, bem pelo contrário. Tu ficaria segura, não teria que andar de ônibus e metrô à noite e ainda ficaríamos o tempo todo juntos. Morar contigo seria mais um passo para eu conseguir me libertar dos meus receios e me entregar por completo.

Ela sentiu o abraço dele se intensificar.

— Estou desempregada, Jonathan. — Começou a revelar. A noite já tinha sido péssima, o que era mais uma dose de declínio para ela? — Não tenho como me manter aqui, nem sei como vou fazer para continuar a faculdade, quem dirá dividir um apartamento como esse? Não tenho condições.

Novamente Paula escutou Jonathan agradecer aos céus por alguma coisa. O movimento dele quase a assustou, mas diferente do que havia passado algumas horas atrás, o peso de Jonathan em cima do seu corpo era bom. Era acolhedor, protetor e uma promessa futura.

— E eu imaginando que o culpado era eu. — Jonathan encostou a testa dele na de Paula e começou a rir. — Só tu mesmo, P. Minha P.

E beijou a testa dela diversas vezes. Passando pelas bochechas e terminando em cima do seu nariz, como sempre, gelado como uma pedra de *iceberg*.

— Nunca te cobraria um centavo por morar aqui comigo. Longe disso. — O sorriso dele, mesmo no escuro era notável pelo timbre da sua voz. — Vem, Paula, vem morar comigo. O Miguel me disse que era cedo demais, e eu estava tentando escutar ele, mas eu não consigo. Estou em um dilema, pois ele sempre me diz para eu escutar o que quero, não o que os outros esperam de mim. Eu quero tu na minha casa, na minha cama, me ajudando a fazer o jantar para nós, deitada no sofá olhando filme e comendo pipoca, me ajudando a fazer meu sabonete líquido....

Paula começou a rir. Nunca mais ajudaria Jonathan a fazer aquilo, química não era com ela. Por causa do pequeno incidente com algumas dosagens, Jonathan teria sabão líquido por uns cinco anos. Eles tiveram que distribuir pelo prédio para os vizinhos por não terem onde estocar em casa.

— Miguel sempre me diz para eu me afastar do que me faz mal e me aproximar do que me faz bem. — Ele acariciou os cabelos dela de leve.

Paula queria parar de chorar, mas como conseguir escutando Jonathan falando aquilo? Era óbvio que as lágrimas de desespero e medo haviam sido trocadas pelas de alegrias. Somente Jonathan para fazer aquela alternância, do pior para o melhor em questão de horas.

Ela não sabia o que havia feito para merecer tudo aquilo, mas assim como Jonathan hoje, agradecia aos céus por tudo aquilo ter acontecido. Não era sorte ter encontrado Jonathan no momento em que mais precisava, mesmo não sabendo, era puramente destino. Alguma força maior que juntou os dois de uma forma extraordinária. Talvez ela soubesse que não haveria outra pessoa para

nenhum deles. Jonathan e Paula eram únicos e se encaixavam com perfeição.

Paula sabia disso. Sabia tanto que, se fosse qualquer outra pessoa propondo aquilo para ela, Paula nunca aceitaria. Acharia uma loucura sem antecedente. Morar com um uma pessoa que ela recém estava conhecendo, era tão perigoso quanto com uma prostituta que atendia no quarto ao lado do dela. Por aquele motivo que ela fez a sua escolha.

— Ok.... Eu venho morar aqui, mas com uma condição. — Não estava em posição de pedir nada, mas aquilo era maior do que todas as outras coisas.

— Se tu me pedir a taça da Libertadores de 83 e de 95 do Grêmio eu busco para ti, e ainda autografada por todos os jogadores. Compro até o passe do Ronaldinho Gaúcho.

Novamente Paula riu em meio as suas lágrimas de alegria.

— Não vou pedir nada de extravagante como o passe dele, as taças autografadas ou um apartamento maior para que eu decore como quiser. Só não quero voltar lá para buscar as minhas coisas.

Jonathan desceu a sua boca para a pele dela. Era limpa, cheirava ao sabonete líquido que fizeram e ela escolheu a essência minuciosamente com a atendente da loja em que Jonathan sempre comprava. A pele mais íntegra e a única que ele queria ter sob a sua.

— Kado e Richard me devem uma mudança. Eles me enganaram quando o Richard se mudou para o apartamento novo dele há uns anos. Agora vão me pagar com gosto.

— Obrigada, John. Meu John...

— Eu que te agradeço, P. Minha P.

E novamente Jonathan distribuiu tantos beijos por Paula que ela ficou com soluço de tanto rir.

Capítulo 63

— Então quer dizer que o senhor tem duas tatuagens? — Paula encarou Jonathan enquanto os dois andavam pela orla da praia de mãos dadas.

— Uma é culpa da Bia — Jonathan respondeu rapidamente — me deixei ser levado por ela em um estado vulnerável. Quando eu vi já estava na mesa do tatuador sofrendo. E a outra foi há um ano. É um R no peito em homenagem ao meu avô. Nunca reparou nelas?

— Digamos que tu não é um nenhum pouco exibicionista e eu nunca te vi sem camiseta, nem mesmo sem pijama, e o teu é bem grossinho para esconder essas coisas.

Paula falou escondendo um sorriso. O que mais Jonathan poderia esconder por baixo das roupas? Riu com o seu pensamento ousado e voltaram a caminhar em direção ao nada. Apenas pelo fato de estarem juntos mais uma vez.

Jonathan havia mudado a sua vida por completo naquela última semana, principalmente depois que ela havia, finalmente, aceitado o convite para que morasse com ele. Enquanto não instalou ela, com todas as suas coisas, não sossegou. Até mesmo fez Richard e Ricardo ajudarem a buscar os poucos pertences que Paula tinha aquele apartamento.

Ela não quis nem voltar para pegar suas coisas, tinha medo do que iria encontrar por lá e estava mais protegida no apartamento de Jonathan junto com Bia e Liana, que já estava de alta do hospital e esperando para que todos voltassem para casa juntos.

Uma junção de meninas, como Paula nomeou as horas em que as três ficaram sozinhas sem ninguém para as perturbar. Até mesmo Felipe estava com Ricardo ajudando na mudança. As três conversaram, riram e Bia e Liana tentaram assustar Paula sobre conviver com alguém.

— Não acredito em nenhuma das palavras de vocês. Jonathan é diferente do Ricardo e do Richard. Nunca que vou precisar implorar para ele fazer qualquer coisa, ou lavar a louça, ele faz por livre e espontâneo TOC. — Paula argumentou para encerrar o que elas achavam que era tortura.

Os quatro voltaram trazendo as roupas e pertences de Paula, com um ar de muita culpa. Culpa aquela que Paula percebeu sobre o que era quando eles anunciaram que haviam acabado de descarregar as coisas.

— E a minha mesa de desenho? — Paula sentiu um pequeno calafrio passar pela sua coluna.

Era a coisa mais importante e mais cara que ela tinha em seu poder. Uma mesa antiga, era claro, que Paula havia ganhado de um professor querido, e que

trocou a sua. Toda a faculdade foi feita em cima daquela mesa, mesmo com todos os ajustes que ela teve que fazer, incluindo um pequeno tijolo que estava calçando uma das pernas bambas.

— O Jonathan... — Começou Ricardo.

— O Richard... — Apontou Jonathan.

— O Ricardo... — Defendeu-se Richard.

— Todos vocês — concluiu Liana, direta como sempre.

Jonathan deu um passo à frente e pegou na mão de Paula delicadamente.

— Nós três... Quatro, porque o Felipe estava junto.

— Aconteceu um pequeno imprevisto nas escadas, Paula — Ricardo limpou a garganta.

— Ela era mais pesada do que imaginávamos, e pelo estado dela não quisemos desmontar. Infelizmente... — Richard, com todos os anos aperfeiçoando a maneira de dar notícias tristes concluiu deixando subentendido o que havia acontecido com a mesa de desenho de Paula.

Paula não estava preparada para aquela notícia. E junto com tudo que estava acontecendo na sua vida, ela não se admirou de mais uma tragédia daquelas. Sem sua mesa, ela não conseguiria desenhar direito, sem ficar com uma bela dor nas costas. Sabia que o estado dela era crítico, para não dizer péssimo, mas esperava que ela durasse ainda mais alguns anos. Ou pelo menos o tempo que demorasse para que ela juntasse um dinheiro e comprasse outra. Sabia dos preços, namorava uma há séculos em uma loja que havia no shopping em que ela trabalhava. O valor era de, no mínimo, três meses do seu salário sem gastar um centavo que fosse. Ou seja, um valor altíssimo para Paula bancar naquele momento.

— Juntamos os pedaços, mas o estrago foi bem feio — Ricardo completou o quadro.

Jonathan amparou Paula ao receber a mensagem. Sabia da importância da mesa para ela. Era um dos seus instrumentos de trabalho e como ela precisava dela para desenhar. A mesa era toda adaptada para Paula. Desde a altura regulável, às gavetas com suas canetas e lápis especiais e alguns desenhos inacabáveis que ela estava trabalhando. Um ela até havia mostrado para ele uma noite em que estavam compartilhando juntos. O projeto da casa da sua família, já com a sorveteria de Paulo inclusa. Jonathan lembrava do modo como ela ficava curvada em cima da sua mesa e ela dizendo que na sua mesa de desenho não ficava daquela forma.

— Foi por isso que nos atrasamos — voltou a explicar Richard. — Fomos

ao shopping. Felipe decidiu que queria comer e levamos ele ao...

— Termina essa frase e tu sai voando por essa janela. — Apontou Liana, ainda com uma grande e restritiva dieta.

— Nós compramos uma nova, P. — Jonathan sorriu para ela, que ainda estava com os olhos marejados de tristeza pela perda da mesa. Uma coisa fútil, mas para o estado em que Paula andava, qualquer coisa a fazia se sentir a pessoa mais triste de todas.

— O que? — Ela encarou Jonathan, que sorria para ela.

— Ela deve chegar semana que vem — anunciou Ricardo. — Não tinham uma nova na loja, só a do mostruário. E eu não sabia que uma mesa de desenho poderia ser mais cheia de acessórios que um carro importado.

— Vocês compraram uma mesa para mim? — As lágrimas de Paula, que não desceram de tristeza, agora caíam de alegria.

— Sim! — Richard sorriu para ela, ao lado de Liana. — Depois do desastre que fomos com a mudança, nada mais justo do que repormos o nosso estrago.

— Não sei nem como agradecer! Uma nova é caríssima, eu me contentava com uma usada mesmo, do mesmo jeito que estava a outra.

— Meu amor — riu Jonathan ao tirar uma mecha do cabelo de Paula da frente dos seus olhos — sinceramente, tua mesa estava podre.

— Jonathan está sendo bem sutil, Paula. E não precisa agradecer, aceita como um presente de formatura adiantado. — Ricardo falou enquanto tentava limpar a boca de Felipe, um tanto suja de chocolate, antes que Liana avançasse no afilhado.

Depois daquele grande, e inesperado presente, a semana de Paula só melhorou. Até mesmo o frio castigante estava deixando lugar para um sol mais quente e acolhedor. Jonathan a convenceu de não voltar a trabalhar, descansar um pouco, acabar a faculdade e depois voltar a pensar em procurar emprego, ou até mesmo a ser uma arquiteta autônoma em tempo integral. Ele garantiu que não faltaria nada a Paula por aqueles meses. Seu auxílio-desemprego era mais do que suficiente para o que ela precisava. Até foi uma surpresa para Paula quando os recursos humanos terceirizados da livraria ligou para ela pedindo que ela comparecesse com seus documentos para assinar sua rescisão e orientações para o recebimento dos seus benefícios. Foi um alívio para ela saber que não estava tão desamparada financeiramente.

Mas nada superou o fato quando Paula chegou na faculdade e encontrou os convites da formatura a esperando na sua mesa, bem como algumas fotos que

ela havia tirado na prova de toga. Especialmente aquela em que ela havia tirado com Jonathan ao seu lado, ainda sem encostarem um no outro, mas o sorriso sincero de ambos era notável. Paula não pensou duas vezes ao comprar um porta-retratos e colocar a foto exposta ao lado da mesa do telefone do apartamento. Era a primeira foto deles juntos.

Os convites eram outro caso à parte. Eles eram lindos, perfeitos e de um bom gosto inquestionável. Com toda a dedicação e muita caligrafia especial, Paula denominou cada um dos convites que tinha. Um da sua família, Leo, o melhor amigo de Paulo, Ricardo, Bia e Felipe, Sérgio, Fernanda, Inácio e Sofia, Richard e Liana, sem contar o do seu João, o senhor que ajudou Paula muitas vezes no seu trabalho. E um especial, para Jonathan. Ali estava a pequena comitiva que ela queria presentes quando Paula subisse ao palco e recebesse o diploma de arquiteta.

Catou as moedas que tinha perdida na sua bolsa e avisou Jonathan que iria até o correio mais próximo para enviar os convites.

— Tu vai enviar os convites para a tua família pelo correio? — Jonathan questionou enquanto terminava de lavar a louça do café da manhã.

— Sim, é a única forma deles receberem.

Jonathan terminou de lavar as mãos, meticulosamente e a observou arrumando as coisas e pegando os envelopes.

— Não faz isso, P. Tenho uma ideia melhor.

E ali estavam eles, passeando à beira da praia da cidade de Paula, tendo o pôr-do-sol ao horizonte e as luzes da cidade se acendendo as suas costas. Com uma parada estratégica, e para não haver ciúmes de Fernanda e Sérgio, Paula entregou os convites e continuaram a viagem em direção à casa da família dela.

Foram recebidos quase com uma festa. Jonathan era tão esperado como a própria Paula, principalmente por sua mãe que o esperou com um bolo especial e um sopão que ele tinha gostado muito na última visita. Paula só conseguiu chamar a atenção de sua família quando mostrou o convite em si, senão as atenções ainda ficariam a cargo de Jonathan.

E quando Leo chegou, a história mudou de rumo por completo naquela pequena e precária casa.

— Segunda — anunciou Leo para Paulo e toda a família. — Segunda nós vamos lá para receber o dinheiro.

Paulo ficou estático no seu lugar. O dinheiro do processo pela morte prematura de Paola finalmente estaria indo para sua família. Paulo precisou se sentar e receber um pouco de água de Pauline para conseguir raciocinar com

clareza.

— Eu....

— Está tudo bem, mano — Leo falou, como sempre o chamou, os dois eram como irmãos mesmo. — Vamos para PoA, de lá para o banco e colocamos o dinheiro na tua conta. Na terça tu já pode começar a gastar.

— Posso deixar vocês com o meu gerente de conta pessoal — Jonathan se meteu no assunto, querendo ajudar. — Ele vai te ajudar com tudo isso, Paulo. Foi o que me salvou quando eu precisei.

Paulo não sabia nem como começar a falar, quem dirá agradecer. Estava sentindo um misto de alívio, por saber que a família não passaria mais por necessidades. Paulo não escutaria a tosse constante de Pietro, poderia comprar o remédio certo que o médico havia receitado, e não o placebo que pegava da farmácia da cidade. Sua mãe não precisaria mais lavar as roupas à mão naquela água gelada, Paulo compraria uma máquina e uma secadora para que Pauline não precisasse mais secá-las no fogão à lenha, e sair de casa com cheiro de fumaça.

Olhou para Paula, sua pequena P. A guerreira que saiu de casa em busca de estudo e melhora. Estava quase se formando em arquitetura e feliz ao lado do excêntrico Jonathan, que cuidava dela melhor do que Paulo poderia fazer um dia e ainda a fazia feliz.

A única coisa que faltava era Paola naquele meio. Mas de onde ela estivesse, Paulo tinha a certeza de que estava cuidando de todos eles. Finalmente a sorte começava a mudar para toda a família.

Capítulo 64

Jonathan fechou o terceiro e-mail da semana que recebeu de Liana sobre o mesmo assunto: o benefício de beijar.

Ele até tinha lido da primeira vez, imprimiu e ainda sublinhou as partes que achou mais interessante para pesquisar. Ficou na internet até mais tarde, sobre os tópicos destacados, fingindo trabalhar em alguma coisa, enquanto Paula se divertia desenhando na sua mesa nova.

— O Paulo está louco para começar a obra — ela tinha dito, animada — está só esperando o desenho ficar pronto para começar. Ainda quero dar para um professor meu dar uma olhada e assinar para mim. — Ela suspirou pesadamente. — Acho que meu irmão não vai esperar eu me formar para que possa assinar por mim mesma. Mas não importa, quero eles longe daquela casa o mais rápido possível.

Dava para sentir a animação de Paula e da família inteira. Paulo era o mais comedido e com medo de ser passado para trás, Jonathan e Leo tiveram um trabalho árduo para deixar tudo pronto entre Paulo e o banco. Agora era uma questão dele perceber que tinha uma grande, muito grande, soma de dinheiro em mãos para cuidar bem da sua família.

O celular de Jonathan tocou e ele percebeu a mensagem de texto de Liana perguntando se ele já tinha lido e colocado em prática tudo o que os e-mails que ela mandou em prática.

Liana estava se tornando um pouco obcecada com aquele assunto. E para ser sincero, até Jonathan já começava a apresentar alguns sinais diferentes em questão àquele assunto em específico.

Paula já estava bem adaptada ao apartamento e compartilhando algumas manias excêntricas de Jonathan. Ele ainda se perguntava se era por concordar com as ideias de que a casa tinha que ser um ambiente mais limpo que o resto do mundo ou se ela fazia aquilo para agradá-lo.

Tudo começou com alguns sonhos. Sonhos esses que Jonathan sabia que não eram nada inocentes. Até ele mesmo ficava corado quando lembrava de alguns, e o fato do clima ter esquentado e Paula abandonado as milhares de peças de roupas que usava, não ajudava nenhum pouco.

Miguel ficou animadíssimo, para não dizer excitado (brincadeiras à parte) quando Jonathan começou a relatar aquelas situações para ele. Era fantástico acompanhar a evolução de Jonathan daquela forma como Miguel fazia. Desde o início, quando ele chegou ao consultório, sem nem sentar ou encostar em algum lugar para hoje, onde Jonathan estava começando a sentir desejo pela namorada.

— E como tu pretende lidar com isso? — Questionou Miguel trocando a foto que ele sempre deixava em cima da sua mesa. A de hoje era dele, a esposa e o filho na praia.

— Ainda não tenho a mínima ideia — suspirou ele olhando o trabalho do médico. — Já pensou em quando vai me contar a história de vocês? — Miguel sorriu e olhou para Jonathan.

— Muita tragédia e problemas no meio, o que importa é que estamos juntos hoje e felizes. Meu foco aqui é em ti e agora na Paula. Por falar em Paula...

— Não. Nem pensar que eu vou te deixar sozinho com ela.

— Ela está na sala de espera, John... Por favor... — Miguel implorou e não conseguiu convencer Jonathan. Por fim, apelou. — A Samantha era minha paciente e eu tive que enfrentar a comissão de ética para não perder o meu registro de médico.

Jonathan observou o médico por alguns segundos sem piscar nem nada.

— Sêrio? — Miguel deu os ombros.

— Eu tinha acabado de terminar a especialização em psiquiatria e ainda estava atendendo na clínica de reabilitação que fiz meu estágio. Encontrei ela lá, toda machucada e desmantelada. Trouxe ela para a casa que eu trabalho e então.... Quando eu vi que meus sentimentos por ela mudaram, abandonei o tratamento dela e comecei a vê-la como amiga. Foi uma confusão só...

— E tu fazendo eu me martirizar por ter levado a Paula para o meu apartamento sem levar em consideração o pouco tempo que nós nos conhecemos?

— Faça o que eu digo e não o que eu faço. — Miguel sorriu para um Jonathan transtornado com aquela revelação.

Miguel se endireitou na cadeira e olhou para o médico.

— Todos nós temos problemas, Jonathan. Quem conhece a Samy hoje, não imagina o que ela e nós passamos para chegarmos até aqui. Assim como não acredita que o Ricardo tem tendências suicidas fortíssimas e que precisa de acompanhamento seguido. E muito menos, que tu tenha tantos traumas de infância que ainda te atormentam.

Jonathan assentiu lentamente. E, mesmo assim, não deixou Miguel conversar a sós com Paula. O máximo que fez, foi apresentar ele no final da consulta. Ainda não queria que Paula tivesse aquele contato com Miguel, Ricardo sofria até hoje com a proximidade do médico com Bia.

Mas, apesar de tudo, Jonathan ainda pensava em como lidar com as vontades que estava sentindo a respeito de Paula. E a coisa ficava bem pior quando eles bebiam. Com Paula apenas focada na sua faculdade, não tendo que trabalhar cedo, as saídas deles para outros lugares eram bem mais frequentes. E naqueles momentos Jonathan ficava apenas por um fio.

Ele sabia que estava sendo dramático demais. Era simplesmente focar em Paula e encostar a sua boca na dela. Adorava a boca de Paula, principalmente nos momentos em que ela sorria ou chamava o seu nome. O que o preocupava? Muitas coisas.

Ele era inexperiente. Seria o seu primeiro beijo e aquilo o deixava mais nervoso ainda. No seu entendimento, tinha que ser perfeito. Tudo para ela tinha que ser daquela forma. Jonathan nunca aceitaria nada para Paula que não fosse o mais perfeito possível.

Jonathan era inseguro. Apesar de fazer tudo por ela, ainda tinha muita insegurança no seu corpo. Era normal, afirmou Miguel, um sentimento que o acompanharia pelo resto da sua vida. Se um dia deixasse de sentir que não precisava mais se esforçar por Paula, seria a sua ruína. E por isso, tinha muita ressalva de como o beijo em si seria recebido por ela. Estaria Paula naquele mesmo patamar que ele, a ponto de entregar o seu corpo e alma?

Aquela questões pipocavam na cabeça de Jonathan, todas as vezes que ele acordava daquela forma e com Paula dormindo ao lado dele. Mal ele sabia que Paula estava mais do que pronta, mas esperaria o tempo que precisasse por Jonathan.

O amor que tinha desenvolvido por ele naqueles meses em que se relacionavam, era um prelúdio de tudo que viria no futuro para os dois. Paula e Jonathan eram perfeitos nas suas imperfeições. Se Jonathan havia mudado, Paula poderia dizer que também. E tudo por causa do relacionamento dos dois.

Paula não precisava de Miguel para explicar o óbvio. Jonathan era daquela forma e sempre seria, e aquilo não faria diferença nenhuma no que ela sentia. Se fosse o caso de viver ao lado dele sem nenhum contato físico mais intenso, ela aceitaria.... Contudo, Paula tinha a grande impressão que Jonathan estava se soltando aos poucos. Ela sentia os olhares de soslaio quando ela está se arrumando para sair, o modo como ele engolia em seco e saía de fininho quando entra no quarto e ela está trocando de roupa e tantos outros detalhes que ela notava e guardava para si.

Era uma questão de tempo, Paula sabia e tinha esperança.

— Vou lá entregar o convite do seu João. — Paula se aproximou de

Jonathan o beijando na bochecha com barba. Percebeu o susto dele e o modo apressado como fechou as janelas do computador.

— Quer que eu vá junto? Pode ser que eu encontre o teu antigo gerente e tenha uma conversa com ele.

— Não precisa. — Paula sorriu enquanto acariciava a bochecha dele. — Quero dar uma olhada nos vestidos de formatura, antes que a Bia e a Li comecem a ter mil ideias. — Beijou ele novamente e saiu.

Estava nervosa com o reencontro com seu João na livraria. Por ela não voltaria àquela livraria nunca, mas por todo o tempo em que trabalharam juntos, Paula devia entregar em mãos aquele convite. O senhor havia dividido sua própria comida nos dias mais conturbados de Paula. Ela nunca esqueceria isso. Convidá-lo a estar junto naquele momento era o mínimo que ela poderia fazer.

Entrou na livraria sentindo-se nostálgica. Fazia falta nos dias de Paula ficar por entre os livros. Ela nem sabia que sentia tanta falta assim até entrar ali e suspirar.

— Paula, minha querida — Paula se virou em direção à voz.

— Seu João! Que saudade! — Se abraçaram por alguns segundos. — Como vocês estão aqui?

— Muito bem, minha filha. E tu, como está? E a faculdade? E o Jonathan?

Paula sorriu. Caminharam por entre as prateleiras em direção à área dos funcionários enquanto Paula respondia todas as perguntas do senhor. Ela até se perdeu no meio do caminho e quando percebeu estava dentro da sala onde, há algumas semanas, havia sido despedida.

— Pode entrar, Paula. Vamos conversar um pouco sobre algumas coisas que ficaram em aberto entre nós.

Paula engoliu em seco, entrou na sala não sabendo o que esperar. Talvez a presença de Jonathan fosse mais necessária do que ela imaginava.

Capítulo 65

Capítulo 66

Jonathan acordou no meio da noite com a cama vazia ao seu lado. Coçou os olhos e levantou, indo em direção à luz que vinha da cozinha. E foi lá que encontrou Paula, dormindo em cima da sua mesa de desenho.

Ele sorriu, é claro. Paula estava revisando o projeto da casa da sua família, pela milésima vez. Até mesmo Jonathan, que não entendia quase nada sobre desenhos e arquitetura, já sabia tudo de cor, de tanto Paula recitar para ele enquanto conversavam.

Era bonitinho ver ela empolgada e falando sem parar. Jonathan quase se enxergava em Paula ao começar a falar de química, percebia que ela não estava entendendo nada, mas prestava toda a atenção do mundo. Nada mais justo que ele retribuir.

Amanhã ela iria levar para o seu professor aprovar o projeto. Jonathan não tinha dúvidas de que ele nem olharia direito e aprovaria. Estava perfeito, de tanto ela apagar e desenhar de novo algumas partes. Paula ainda não tinha confiança nenhuma no aprendizado que teve, Jonathan estava tentando mudar aquela parte dela. Talvez essa fosse a única coisa que realmente quisesse mudar em Paula.

Se aproximou dela e tocou no seu ombro de leve.

— P, tu fugiu da cama, vamos voltar.

Ela gemeu e suspirou alto. Jonathan riu. Paula tinha um sono muito pesado, ao contrário de Jonathan que acordava por qualquer coisa. Inclusive sem Paula estar ao seu lado na cama.

Respirou fundo e percebeu que teria que carregá-la até a cama. Estava se tornando especialista em tal assunto. Com cuidado, a colocou no seu colo e a depositou no seu lado da cama. A cobriu com o cobertor, e ainda pegou mais um por precaução. O frio havia se dissipado, apenas aparecendo nas noites e Paula ainda o sentia como se estivessem no forte do inverno.

Deitou ao lado dela e Paula automaticamente se aproximou de Jonathan. Agora ele poderia voltar à dormir em paz.

Paula acordou sem se lembrar de onde estava. Piscou algumas vezes e sentou o braço de Jonathan circundando sua cintura.

— Fui atrás de ti e te encontrei dormindo em cima da mesa de desenho — Jonathan falou sem nem abrir os olhos.

— Tenho que revisar de novo... — Jonathan apertou o braço em volta dela.

— O desenho está pronto desde semana passada, P. Não tem mais nenhuma mudança ou erro. Relaxa e dorme que amanhã nosso dia vai ser corrido.

Paula voltou a deitar. Tentou relaxar, mas era difícil, amanhã seria o dia em que levaria seu projeto para que seu professor aprovasse. Ela já tinha visto colegas levando seus desenhos e o professor os rejeitando depois de poucos segundos de análise. Tanto que corria um bolão na turma de quem teria o desenho com mais tempo de avaliação e aprovação. O recorde era de menos de um minuto e nenhuma aprovação. Paula sabia que o desenho não seria aprovado, mas não queria ter o pior tempo de avaliação. Caso isso acontecesse, ela nem saberia o que fazer.

Mas Jonathan tinha razão, como sempre. Paula estava em cima daquele desenho demais. Agora não tinha mais tempo nenhum para correção ou adicionar detalhes que ela poderia ter se esquecido. E aquilo a deixava mais nervosa ainda.

— Relaxa, amor. — Jonathan se aproximou mais encostando o seu nariz no seu pescoço e a beijando ali.

— Estou tentando, mas estou apreensiva. E se o professor me reprovar? E se eu passei todos esses anos estudando para nada? — Jonathan riu.

— Tenho doutorado em química e esses dias erramos a dosagem das coisas para o sabão.

— Só que se eu errar a casa pode cair em cima da minha família.

— Ela não vai cair, P. Eu te prometo. Vai dar tudo certo, ok? — Jonathan a beijou novamente ali, deixando sua barba do dia roçar na pele lisa dela.

Paula respirou fundo e tentou relaxar. Além de levar o desenho para o professor, Pauline ainda viria, de excursão, com a escola para acompanharem a feira de conhecimento que a faculdade fazia todos os anos. Os cursos montavam estandes nas dependências, para mostrarem aos jovens o que o curso oferecia. Pauline ainda não estava no último ano, mas ao ver que sua escola estava juntando um pessoal para conhecerem a faculdade, não pensou duas vezes ante de começar a incomodar Paulo para que a deixasse ir. O irmão não teve escapatória nenhuma a não ser deixar que ela viajasse junto.

As irmãs se encontraram na entrada da feira. Jonathan estava no estande de química, ao lado de Ricardo, no de física e em frente ao de Bia com a bioquímica e farmácia. Paula entregou Pauline para um Jonathan inquieto e louco para fazer algumas coisas explodirem e causar espanto para os jovens.

Por ainda estar em aula e no final do curso, Paula ficou com um pouco de inveja dos alunos que estavam no estande. Recordou-se da sua vez que ficou no estande de arquitetura. Era ótimo estar naquele ambiente. Paula sentiria falta daqueles momentos.

Ainda tinha muita dúvida sobre aquela bolsa que Bia havia comentado no início do semestre. Aqueles dias quando estava conhecendo ela, Ricardo e Jonathan. Parecia que era há uma vida atrás, e não poucos meses. Não sabia se era merecedora da bolsa, tantos colegas estavam apresentando bons resultados ao seu lado. E sem contar aqueles que já tinha um estágio remunerado em grandes construtoras e com um futuro bem mais promissor que o dela.

Entrou na sua sala, meio atrapalhada com seus materiais e encontrou o professor sentado à mesa.

— Bom dia, Paula. Já que está aqui, vamos começar isso. Assim eu te libero mais cedo. Com essa feira acontecendo, só os alunos que realmente precisam estar aqui hoje.

Paula tentou sorrir, mas em vão. Seu nervosismo era tanto que derrubou seu desenho antes de entregá-lo ao professor. Contou com uma ajuda dele e deu um passo para trás enquanto não sabia onde socar as suas mãos. Como elas ficaram tão inconvenientes.

O professor correu os olhos sobre o desenho por poucos segundos, assinou no lugar em que deveria e olhou para Paula.

Ela já sabia. Reprovado em todas as formas e quesitos básicos da arquitetura. Paula era um desperdício de dinheiro da faculdade. Todos aqueles anos, fome e frio foram de nada. Paula poderia ter um diploma, mas do que adiantava ter um pedaço de papel dizendo que tinha concluído a faculdade, mas não sabia como utilizar os conhecimentos e muito menos como aplicar.

— Está ótimo, Paula. — O professor falou.

— Oi?! — Ela piscou diversas vezes para tentar se concentrar no que ele havia falado.

— Está ótimo. Perfeito. Nem parece que tu recém está te formando. Tenho funcionários no meu escritório que não tem nenhuma parte do teu talento. Parabéns, é o melhor desenho da turma.

Ela ficou estática. Completamente sem palavras. Foi como se um raio caísse em cima da sua cabeça e que a impedisse de se movimentar, responder e até mesmo respirar.

— Tu tem um futuro interessante, Paula. Principalmente se seguir a carreira. Te aconselho a não ficar presa em nenhuma grande corporação de arquitetura. Não te tranca assim.

— Ok... — foi a única coisa inteligente que conseguiu falar. Balançou a cabeça, sorriu e recobrou a consciência. — Obrigada, professor. — Paula sorriu. — Vou seguir o seu conselho.

O professor ajudou Paula a guardar o tão precioso desenho e a tão sonhada aprovação. Saiu em disparada para a feira em busca da única pessoa que queria compartilhar aquela notícia. Correu, literalmente, até o estande de química e encontrou Jonathan, com um ar de preocupado com o que poderia ter acontecido com Paula na sua apresentação.

— Como... — nem teve tempo de terminar a pergunta, Paula já estava abraçada nele, o apertando com toda a força que ela possuía com o seu corpo. Não mais do que um passarinho batendo as asas, pensou Jonathan.

— Ah, meu amor.... — Jonathan imaginou que alguma coisa havia acontecido de ruim. E estava bem consciente de que esse fosse o caso, teria um trabalho árduo em restaurar a autoestima de Paula.

— Deu tudo certo! — Ela disse entre o sorriso mais lindo que Jonathan tinha visto na sua vida. — O professor assinou e aprovou ele. Não chegou a analisar o desenho por meio minuto!

— Eu te disse, P! — Jonathan a abraçou de novo e a levantou do chão com seus braços. — Eu te disse, meu amor. Eu te disse que tudo ia dar certo.

Sim, ele sabia que tudo daria certo. Já estava dando. E não era somente na faculdade de Paula.

Era na vida deles.

Capítulo 67

Como Paula previu, o dia acompanhada por Pauline, e a ótima notícia de que seu desenho para a casa da sua família aprovado, não tinha como ser ruim.

Ela não sabia qual era o mais animado entre Pauline e Jonathan. A irmã por estar vivenciando toda aquela magia que a faculdade poderia oferecer a uma jovem adolescente, que nem sabia o que queria da sua vida. Jonathan por estar cercado de inúmeras experiências em todos a extensão da faculdade. Ou talvez Paula pudesse se incluir nesse meio de animação e ganhar.

Passaram por todos os estandes e ainda repetiram os que mais gostaram. Os alunos, ao verem o excêntrico professor Jonathan entrando no seu estante já ficavam alvoroçados. Queriam explicar como o curso funcionava e a representação dele com afinco.

Pauline estava encantada. Tão encantada que quase se atrasou para pegar o ônibus da excursão de volta. Ficou nervosa a ponto de quase começar a chorar enquanto repetia que Paulo iria matar ela se perdesse a carona. Paula tinha que concordar, o irmão mataria Pauline se acontecesse alguma coisa. Conhecia bem a fúria de Paulo quando ficava mais preocupado do que o normal. Jonathan teve que se comprometer a dar a notícia a ele caso Pauline realmente perdesse o ônibus. Ainda bem que não foi preciso.

Despediram-se com Pauline portanto o desenho oficial, e aprovado, da futura casa da sua família. Um papel tão importante que Paula queria que ficasse exposto no seu quarto quando acabasse a construção da casa.

Os dias passaram e Paula recebeu um convite mais parecido com uma intimação. Depois de saber do seu sucesso em sala de aula, Beatriz achou que fosse o momento exato para que ajudasse Paula a escolher o seu vestido de formatura. Paulo havia dado carta branca à irmã para que escolhesse e isso fez os olhos de Bia cintilarem. Paula já imaginava que a ajuda viria, por isso já tinha começado a olhar alguns sempre que tinha oportunidade. Não que Bia tivesse um gosto duvidoso e empurraria os piores vestidos para Paula, sabia do bom gosto dela, só tinha medo do valor final mesmo. Apesar da liberação do irmão, o dinheiro não precisava ir todo para apenas um vestido.

— O vestido de formatura só perde de importância para o de casamento. — Bia falou animada ao lado de Paula.

— Nada a ver, Bia. — Liana falou do outro lado de Paula. — O de formatura é o melhor, o de casamento depois pode ser usado como pano de chão!

— Liana! — Fernanda a repreendeu, caminhando ao seu lado. — Não escuta nada do que elas falam, Paula. — Fernanda foi até o lado de Paula e

enganchou o seu braço no dela. — Os vestidos são diferentes e têm diferentes pesos emocionais para cada pessoa. E estamos aqui para te ajudar, não atrapalhar. — Fernanda olhou para Bia e Liana, fazendo as duas se sentirem com treze anos novamente.

Algumas coisas nunca mudavam.

As quatro entraram em uma loja de vestidos e encontraram uma vendedora disposta a atendê-las. Elas estavam com o dia livre, Jonathan Sérgio e Ricardo estavam com as crianças no estádio vendo o jogo e depois passariam em algum lugar para comerem e conversarem. A noite seria longa para todos eles.

— Queremos um vestido de formatura para ela — Bia apontou para Paula que já olhava alguns modelos nas araras.

— De preferência um que faça ela ser uma musa sexy. O namorado dela é meio tanso da cabeça e queremos matar ele do coração vendo a Paula assim.

— Liana! — Fernanda novamente chamou a atenção dela e balançou a cabeça.

— Que foi?

A vendedora assentiu e sorriu para Paula. Conversaram por alguns instantes enquanto ela analisava o corpo de Paula e tirava suas medidas.

— A questão aqui é: Paula, o Jonathan já te beijou? Ou vocês ainda estão no clima de romance do século dezoito? E que eu sabia as moças eram bem assanhadas nessa época, pelos livros que andei lendo. Já que não posso fazer nada e nem trabalhar direito, fico caçando esses romances apimentados na internet e lendo. — Se justificou enquanto Fernanda procurava algum lugar para se sentar, o dia ia ser longo.

Liana, por ainda estar de repouso, quase absoluto, estava mais impossível do que nunca. Para o leve desespero de Fernanda, que aguentava Liana nos seus calcanhares quase o dia todo e ela quase surtava quando Sérgio ficava junto.

— Jonathan é lento, mas ele ainda vai chegar lá. — Bia respondeu rapidamente, vendo o desconforto de Paula com a situação.

— Já mandei vários artigos para ele sobre a importância do beijo e como ele é benéfico para a saúde. Sei que ele lê todos, Jonathan nunca receberia um artigo científico sem ler, questionar e ainda mandar perguntas para o criador. Acho que está na hora de atacar ele, Paula. Usa a moita ou sai dela, mais gente pode estar querendo usar.

— Meu Jesus... Liana, por favor!

— Alguém está com o espírito de porco hoje! — Bia comentou, dentro de alguma arara fora da vista.

— Não me fala em porco que eu e a Marina ficamos com vontade de comer bacon!

Paula riu do comentário de Liana, ela ainda estava em uma restrita alimentação e fazendo aplicações de insulina regularmente.

Aquilo a deixou relaxar um pouco. Não precisava ficar envergonhada, constrangida e muito menos desconfortável. Elas eram a família que Jonathan escolheu para si e foi aceito do jeito que era. Jonathan falava de Fernanda e Sérgio quase como se fossem seus pais, era tocante ver ele ao telefone com os dois, parecia Paula dando seu relatório para Paulo quase todos os dias.

Então os comentários de Liana não deveriam a deixar daquela forma. Elas eram suas amigas e as únicas que Paula tinha. Era bem mais fácil conversar com elas do que ter novas amigas e explicar quem, e o que era Jonathan Ramiro.

A atendente voltou e as levou para uma sala especial para que Paula, Liana, Fernanda e Bia pudessem ficar mais à vontade enquanto Paula experimentava os milhares de vestidos a sua disposição.

— Eu nunca agarraria o John à força, Li. Nossa relação não é assim. — Começou Paula a explicar.

— Se fosse eu já tinha dado um pé na bunda dele. Olha esse mulherão ai e ele moscando por medo de germes. — Paula, apenas de calcinha e sutiã estava virada para o espelho e esperando que a atendente arrumasse o vestido para experimentar.

Paula estava mais cheinha do que quando começou a conhecer o pessoal. Jonathan fazia questão de inventar jantares e guloseimas fora de hora para empanturrar Paula o máximo que conseguisse. E pelo visto estava dando resultado.

— Invejo teu corpo, P. Ultimamente eu tenho me sentido um bujão de gás, como o Sérgio me disse esses dias. Nada serve e nem acho nada para comprar. E se não gostasse do outro time, tu não me escaparia.

Novamente Paula riu enquanto Fernanda colocava a mão em frente ao rosto e Bia provavelmente já tinha chegado a Narnia.

— O Jonathan sabe disso, querida — Paula piscou para Liana.

— Quer dizer que o químico tem algum composto correndo nas suas veias, Paula?

— É claro que tem, mas eu não vou forçar a barra com ele. Jonathan sabe

que eu nunca faria isso e nem estou cobrando nada. Quando ele estiver pronto vai acontecer.

— Isso mesmo, Paula — Fernanda a ajudou a colocar o vestido e olhou para o reflexo dela. — Jonathan é especial e nós estamos muito contentes em vocês tenham se encontrado. Ninguém mais entende como ele é tão perfeitamente.

— Eu entendo e...

— Cala a boca, Liana!

Bia apareceu do nada, meio a uma arara e com um único vestido nas mãos.

— Eu achei! Pode tirar esse trapo e colocar este! Agora.

Paula não precisou de outro convite, tirou aquele com a ajuda de Fernanda e enfiou o que Bia trazia nos braços.

Se virou para o espelho e todas elas deram um passo para trás.

Paula havia encontrado o vestido perfeito.

— Quero ver ele resistir a isso. Vai dar o primeiro beijo e outras coisas na tua formatura, Paula.

— LIANA! — Bia e Fernanda gritaram ao mesmo tempo.

Paula só conseguia rir e sentir o seu coração explodir de felicidade. Já nem prestava atenção no que Liana, Fernanda e Bia falavam.

Capítulo 68

— Tu está brava comigo. — Jonathan falou deitado no colo de Paula, enquanto ela olhava o filme e acariciava os cabelos dele.

— Não estou. — E a sua atenção se voltou para a TV novamente enquanto entranhava seus dedos nos cabelos de Jonathan. Eles estavam um pouco comprido, encaracolando nas pontas. Paula estava aproveitando enquanto ele não cortava para brincar. Eram macios e finos, pareciam de bebê.

— Está sim. — Jonathan não estava nenhum pouco a fim de olhar o filme. Estava mais encantado em estar deitado no colo de Paula e com ela fazendo carinho daquela forma.

— Se eu estivesse brava, já teria arrancado teus cabelos com uma pinça. Um a um. Ou teria passado a tesoura neles de uma forma que não daria para arrumar. E como eu estou aqui, tentando olhar o filme e brincando com os teus cabelos, significa que eu não estou nenhum pouco brava. — Ela deixou Jonathan absorver aquelas palavras, e por fim acrescentou. — Mas se tu continuar a falar sobre isso, eu vou ficar. E talvez eu possa ficar e te deixar dormindo no sofá, como tu está bem aconchegado nele.

— O sofá não é um lugar para dormir, apenas se recostar.

— Ah, mas ele pode começar a ser um ótimo lugar para ti dormir.

Jonathan chegou a abrir a boca para responder alguma coisa, mas lembrou de um certo, e sábio, conselho que havia recebido de Ricardo e Sérgio. Havia questões que era melhor deixar para lá, principalmente se elas pudessem mudar a ordem de algumas coisas.

Tudo havia começado com uma simples questão: a formatura de Paula. Faltava pouco menos de um mês para a grande festa. Paula já estava com o vestido pronto, aquele mesmo que não havia deixado Jonathan ver e outros detalhes menos importantes. E então Jonathan teve a brilhante ideia de convidar Paula para irem comprar o seu presente de formatura.

— Tu já me deu um presente de formatura — Paula apontou para a mesa de desenho.

— Foi em conjunto e porque nós deixamos a antiga cair no chão e se espatifar toda. Não conta.

— Para mim conta. Não preciso de nada. — Paula disse e saiu em direção ao banheiro onde tomaria um banho.

Jonathan a esperou sentado à mesa para jantarem e revelou o seu plano de presente: um carro. Nunca que ele imaginou que Paula não aceitaria. Tinha sido

o presente de Jonathan de seu avô quando ele se formou na faculdade. Largou o carro antigo que tinha e ficou com o novo.

— Eu nem sei dirigir, Jonathan. Onde vou socar um carro? — Questionou ela sabiamente.

— Eu te ensino. E tenho outra vaga na garagem aqui. — Ainda bem que ele omitiu o fato de que compraria outra. Sempre era bom ter um sobrando.

— Não. O Paulo já tentou e eu nunca consegui, no fusca velho dele. Paola aprendeu, eu não. — Ela deu os ombros.

— Eu ensino química para umas amebas que nem sabem escrever o próprio nome, ensinar tu a dirigir vai ser fácil demais.

Paula apenas balançou a cabeça e sorriu. Olhou para Jonathan e repetiu que não queria um carro de presente de formatura.

— Já tenho tudo que eu preciso. — Saiu da mesa e beijou a cabeça de Jonathan duas vezes. — Se quiser me dar alguma coisa, que seja bem mais simples e sem valor monetário nenhum, ok?

Aquilo foi como um banho de água gelada em Jonathan. Ele não tinha ideia nenhuma do que dar para Paula que se enquadrasse naqueles quesitos. Bem que Sérgio e Ricardo haviam comentado que mulheres adoravam lançar enigmas como aqueles para que eles queimassem neurônios pensando no que fazer. Era bem mais fácil Paula falar o que queria, ele ia lá e comprava e acabava com o assunto rapidamente.

Mas não, agora ali estava ele, um lugar privilegiado, não poderia negar, tentando desvendar as palavras de Paula.

O filme acabou e eles foram dormir. Paula e Jonathan ainda conversaram sobre algumas coisas banais e nem sabiam dizer quem pegou no sono primeiro. Jonathan só sabia que foi o primeiro a acordar, enredado junto com Paula no meio da cama e um bocado dos cabelos dela sobre o seu rosto. Afogamento por cabelos, como Paula gostava de brincar. Com muita relutância, e preguiça, conseguiu sair da cama. Tomou um banho, fez café, deixando pronto para Paula e saiu em direção ao primeiro compromisso do dia: Miguel.

Gostava quando era o primeiro paciente do dia. Geralmente ele esperava Miguel e a esposa abrirem o consultório e ainda tinha aquele cheiro de limpeza do dia anterior. Era muito gratificante.

Chegou cedo e ficou no corredor do andar esperando eles. Jonathan nunca tinha reparado na esposa de Miguel, mas depois de saber um pouco do passado deles, começava a notar alguns sinais. Como do fato de Miguel sempre chegar acompanhado dela, de como ela não encarava os pacientes por muito tempo, ou

o modo como Miguel sempre a tocava quando abria a porta do consultório para os pacientes saírem. Jonathan nunca tinha percebido, mas os olhos da esposa sempre seguiam o marido na sala de espera.

— Bom dia, Jonathan. Ou ainda seria noite? — Brincou o médico ao entrarem no consultório.

Jonathan limpou a cadeira, como sempre fazia, e sentou-se em frente de Miguel. Contou as coisas de sempre e nem percebeu que havia tocado no assunto Paula até ouvir o nome dela sair da sua boca.

— Também acho exagerado da tua parte dar um carro para ela, Jonathan. Paula é uma batalhadora, e não gosta de ganhar tudo facilmente. Gosto dela — Miguel sorriu.

Jonathan bufou. Simplesmente não podia acreditar que seu psiquiatra estava do lado de Paula. Agora entendia muito bem o que Ricardo reclamava ao chegar das consultas dizendo que Bia já havia consultado no seu lugar. Miguel sempre estava ao lado dela.

— Mas vamos por partes, — Miguel se endireitou na cadeira e focou em Jonathan — o que pensou no presente sem valor monetário? Talvez seria essa uma mensagem subliminar para que tu faça alguma coisa?

Jonathan olhou para o médico e franziu o cenho.

— Não entendi....

— Ora, meu caro professor doutor em química. Tu e a Paula já estão há algum tempo juntos. E eu, assim como todos, queremos saber a profundidade de tudo isso, Jonathan. Acredito que a Paula, por mais que não demonstre, também quer saber. Qual o plano, Jonathan? Ficarem sempre nessa coisa platônica ou...

Jonathan se remexeu desconfortável na cadeira. Novamente aquele assunto, um dos principais que o deixava inquieto durante boas horas do seu dia.

— Acho que tu já deu vários passos importantes nos últimos tempos, John. E eu aplaudo cada um deles em pé. Tua mudança é notável e muito significativa. Mas ainda falta alguma coisa, não é? O teu último pedaço, aquele que tu está louco para entregar para Paula e morre de medo...

Jonathan engoliu em seco. Sim, ainda faltava aquele pequeno pedaço da alma para entregar à Paula.

— Qual é o medo, Jonathan? Ela já conhece o teu pior e o teu melhor. Não vai ser por causa disso que ela vai se afastar de ti.

— Não... — ele se remexeu, desconfortável. — Ela sabe... entende que...

— O que, Jonathan? Da última vez que conversamos tu estava falando até

de filhos! Mas como vai chegar lá se....

— Meu pai! — Jonathan explodiu. — Meu pai! Eu não quero ser como ele! Que usou a minha mãe, tirou tudo dela e a deixou daquela forma em que não conseguia nem diferenciar os próprios filhos. E ele tendo caso com tudo que se mexia dentro de casa, não respeitando nem o meu quarto de criança. Quantas vezes eu tive que dormir com o cheiro dele e de outra pessoa nos meus lençóis !

Jonathan levantou e começou a caminhar no pequeno espaço do consultório de Miguel.

Estava tudo bem com ele até chegar ali e Miguel o receber com o atizador de fogo, com a ponta incandescente, pronto para mexer nas feridas de Jonathan. Aquelas que ele nem se lembrava mais e estavam quase cicatrizadas.

Jonathan não podia negar o medo que sentia em ser parecido com seu pai. Via por seu irmão. A semelhança entre os dois, tanto física como moral, perseguia Jonathan. A genética era a única coisa do mundo que ninguém conseguia fugir. O sangue que corria nas suas veias eram o mesmo que corria nas veias dele. Jonathan não queria ser assim. Paula não merecia um Jonathan igual a eles.

— Nós já conversamos sobre isso, Jonathan. — Falou calmamente, não alterando a voz para que o clima não ficasse mais pesado. — Vocês dois são duas pessoas diferentes. Tu reconhece os erros dele e sabe que não vai repeti-los. Quando chegar a hora, tu vai conseguir notar a diferença.

Jonathan balançou a cabeça.

— Não tenho tanta confiança em mim mesmo.

— Pois eu tenho. Paula tem. E eu sei que há uma família inteira, que te aceitou de coração, que também tem. Todos nós sabemos que tu vai conseguir. Já deu os passos mais difíceis. Encontrou Paula, a fez prestar a atenção em ti e a descobrir que há alguém por trás dessa fachada que morre de medo de germes alheios. A cativou tanto que ela mora contigo. Quando, desde o início do nosso tratamento, Jonathan, tu imaginou que hoje estaria onde está?

Jonathan assentiu, voltou a sentar e escutou Miguel terminar de falar. Não, Jonathan não era igual ao seu pai. Não, Jonathan nunca machucaria Paula como seu pai havia feito com a sua mãe. Sim, Jonathan merecia ter uma vida completa ao lado de Paula.

E sim, toda a felicidade do mundo era pouco para eles.

Capítulo 69

Paula estava sentada em cima de Jonathan massageando suas costas tensas.

— Eu realmente não acredito que tu tenha feito isso. — Falou ela com um misto de indignação e fúria, fazendo com que Jonathan apenas gemesse embaixo dela. Ela nem conseguia distinguir se era de dor ou respondendo.

Passou as mãos sobre a tatuagem de asas dele, sentindo a tensão em todos os músculos das costas. De longe se via que Jonathan não era uma pessoa feita para trabalhos braçais, como carregar tijolos durante à tarde toda.

Paula queria matar Paulo por sugerir que Jonathan pudesse ajudar fazendo aquilo.

Estava na casa de sua família há quase quatro dias. Primeira vez que ela e Jonathan ficaram longe desde que se assumiram como namorados. Havia apresentado o seu TCC, com a nota máxima, como já era esperado e foi aplaudida pela pequena plateia que ali estava. Um professor até brincou que nunca tinha visto uma plateia tão ilustre, e variada, para uma apresentação de TCC para graduação em arquitetura. Três doutores, respectivamente em física, bioquímica e química, médico especialista em um cirurgia pediátrica e uma mestre em ortodontia. Depois daquela apresentação primorosa e com nota máxima, o único passo que faltava era a formatura.

Paula não tinha mais nada para fazer ali naquela cidade. Depois dela e Jonathan jantarem com a plateia e mais um convidado especial, seu João, Paula estava livre para fazer o que quisesse. E com tantos detalhes para serem acertados em casa, para o início da construção e a sorveteria de Paulo, ela acordou cedo e embarcou no primeiro ônibus que tinha disponível.

E para Jonathan, que havia ficado em casa, sozinho, os dias pareciam anos. O combinado era dele sair na sexta da faculdade à noite, dormir na casa de Sérgio e Fernanda, para não dirigir na madrugada e partir quando amanhecesse. Mas nada impedia de mudanças acontecerem. Por isso não hesitou quando um professor colega pediu para trocar de horário em algumas turmas, deixando Jonathan livre da faculdade por alguns dias. Era final de semestre e Jonathan havia feito um milagre e conseguido adiantar suas matérias e provas. Aceitou muito grato ao professor atrasado.

Ele quase nem conseguiu terminar a sua mala e saiu em direção à cidade de Paula. Para ser mais exato, Jonathan fez uma pequena parada no meio do caminho para avisar, levar algumas coisas que Nara fez para a padaria do mercado e ver Sérgio, Fernanda e as crianças.

Paula nem acreditou quando atendeu o telefone e escutou Jonathan dizendo

que já estava a caminho. Tinha saído de uma reunião com o mestre de obras que Paulo havia contratado para a construção da casa, tudo que ela mais queria era se aconchegar em Jonathan e dormir com ele ao seu lado. Aqueles dias longe dele já estavam causando um efeito inesperado nela. Principalmente os que envolviam procurar Jonathan no meio da noite para se aquecer. Ele era uma ótima fonte de calor e que nunca esfriava.

Ficou tão impaciente com a espera, que já estava caminhando no pátio, mentindo que estava medindo o perímetro, só para quando ele chegasse ela pudesse correr em sua direção. Só não se atirou em cima do carro pois não queria ser atropelada nas vésperas da sua formatura.

Quando o carro chegou, Paula não conseguiu esconder o seu sorriso de felicidade. E nem Jonathan.

Foi recebido na casa de Paula com a mesma hospitalidade de sempre. Uma Pauline curiosa, um Pietro querendo brincar, Paulo sempre o observando de perto e a mãe querendo agradar fazendo todas as vontades de Paula e Jonathan. Na hora de dormir, conversaram sobre tudo o que fizeram nos dias separados e na repercussão da apresentação de Paula.

— Ricardo disse que todos os professores de arquitetura querem ler o teu trabalho. E os que já leram estão encantados com o que viram. Tu é o novo prodígio da faculdade. Daqui uns dias vai ocupar o lugar de prestígio e joias da faculdade que eu e o Kado temos.

— Exagerado — brincou ela enquanto mexia nos cabelos dele. Jonathan estava deixando ela sonhar que eles ficariam grandes e assim, para o se deleite.

Paula acordou novamente cedo. As reuniões ainda continuariam pela manhã e na tarde, ela sairia com sua mãe para começarem a encomendar algumas coisas para a construção que começaria antes mesmo da formatura de Paula. E ao voltar para casa, no final do dia, encontrou uma cena, no mínimo, inusitada.

— Jesus Cristo, o que está acontecendo aqui? — Paula questionou um Jonathan completamente desgrenhado, suado e com o rosto sujo de poeira.

O primeiro pensamento de Paula foi a coisa mais impossível de todas: a casa finalmente havia cedido em algum ponto e desabado por completo.

— Teu irmão e eu estamos carregando os tijolos que chegaram hoje à tarde.

O suspiro de alívio de Paula foi notável. Mas logo tomou forma de irritação com Paulo. Como ele tinha a audácia de colocar Jonathan a carregar tijolos daquela forma? Paulo sabia de todos os receios de Jonathan! Paula havia conversado muito com o irmão sobre isso e tinha plena consciência de que ele tinha entendido que Jonathan era especial. E muito mais do que especial para

ela.

Ao olhar Jonathan, Paula sentiu o seu pobre coração perder algumas batidas. Ele estava desesperado, era óbvio. Clamava por Paula alguma coisa que seus lábios não ousavam dizer. Era nítido em quem o conhecia tão bem como Paula. Sem contar aquele ar de cachorro abandonado e sujo no meio da chuva. Se o quadro não fosse uma tragédia, Paula não hesitaria em tirar uma foto dele e guardar para a posterioridade.

— Larga isso, Jonathan! — Falou bem alto para que o irmão ouvisse. — Vai direto para o banho.

Jonathan olhou para ela tão aliviado que quase a idolatrou naquele exato momento. Largou o que estava fazendo e entrou no banheiro o mais rápido que ele conseguiria um dia correr.

— Paulo! — Paula, ainda com a sua bolsa pendurada nos ombros, chamou o irmão, furiosa. — Que história é essa de colocar o Jonathan a carregar tijolos?

O irmão, suado, sem camiseta e sujo, olhou para a irmã e deu os ombros.

— Ele disse que queria ajudar, pedi ajuda com esse milheiro de tijolos.

Paula levantou os braços, querendo uma explicação mais lógica e, ao mesmo tempo, grudar um tijolo na cabeça do irmão.

— E o que eu disse do Jonathan? Que ele não faz esses serviços braçais!

— Relaxa, P. O professor não vai morrer por carregar alguns tijolos. Apenas uma dor nas costas amanhã...

Paula saiu pisando duro para dentro de casa. Realmente Beatriz tinha razão, Jonathan era um ser tão especial que somente ela o compreendia. E, temia, que ele voltasse a surtar como aquela vez antes deles começarem a namorar.

Por isso que esperou ele sair do banho, tomou um, e agora estava sentada em cima dele massageando suas costas com uma gosma cheia de plantas e raízes que sua mãe fazia para dor nos músculos. Paulo era viciado naquela receita.

Espalhou por toda a extensão das costas de Jonathan e massageava com um pouco de pressão em alguns pontos estratégicos. Paula ainda sabia exatamente onde apertar, mesmo estando há tantos anos sem praticar em Paulo.

— Por que tu resolveu a fazer isso, Jonathan? Pode me dizer se o Paulo te ameaçou ou te forçou a trabalhar assim. O máximo que pode acontecer é eu atirar um tijolo nele.

Jonathan estava quase adormecendo, essa era a verdade. Seu corpo doía em lugares que ele nem imaginava que era possível. A única coisa que aliviava era

as mãos de Paula nas suas costas espalhando aquela coisa com cheiro forte de menta.

— Ele não me forçou a nada, P. — Murmurou quase fechando os olhos por completo. — Estou aqui como convidado, tenho que fazer tudo que os anfitriões pedem. É de bom tom.

— Ah, ok. Se amanhã ele pedir para tu te atirar da ponte, tu vai fazer?

Sua resposta foi apenas um gemido e um nó de um músculo atingido com precisão.

— Tremi na base ao te ver daquela forma. Pensei comigo mesma — Paula fez força e sentiu um osso de Jonathan estalar, indo para o lugar certo — pronto, perdi o namorado. Ele vai sair correndo daqui e nunca mais vou ver ele.

Jonathan suspirou e terminou rindo.

— Não tem mais perigo de isso acontecer. Já não sou o mesmo daquela época. Consigo até carregar alguns tijolos — Paula sorriu e fez Jonathan mudar de posição, ficando sentada em cima dele e olhando direto nos seus olhos azuis.

— Acho que eu te preendi de vez então. — As mãos de Jonathan apertaram as coxas de Paula.

— E eu acho que é para sempre.

Ela sorriu. E Jonathan fez uma cara de dor a fazendo voltar a massagear as suas costas e peito com o remédio de sua mãe.

No final das contas Jonathan dormiu mais pesado do que uma pedra. Tanto que Paula saiu do quarto, voltou para chamá-lo para jantar e o máximo que ele respondia era algum gemido para atestar que não estava morto. Apenas desmaiado mesmo.

Paula desistiu de tirar ele da cama, juntou com sua família, ainda puxando as orelhas de Paulo sobre o acontecido e esclarecendo, mais uma vez, que Jonathan era especial. Em todos os sentidos da palavra e ela exigia o mínimo de compreensão do irmão.

— E quando eu trazia as minhas namoradas para cá e tu e a Paola quase matavam as coitadas? Nunca vou esquecer daquela vez em que vocês duas inventaram que a casa era amaldiçoada e ficaram arrastando as coisas no meio da noite.

— Sério isso? — Pauline começou a rir.

— Eu tinha oito anos, nem isso. E a guria era muito chata.

— Mais do que as de hoje?

— Pauline!

— O que? É verdade, a última que veio jantar aqui em casa era tão chata que até mesmo a mãe reclamou depois. E o Pietro derrubou suco nela.

— Se depender de vocês eu vou morrer solteiro, já entendi o recado. E tenho que tratar o Jonathan como um rei.

— Sim! — Pauline respondeu rapidamente e logo Pietro se intrometeu na conversa.

— Tio Jonathan é legal, ele me ensinou a fazer bolha de sabão gigante.

— Tio Jonathan isso, tio Jonathan aquilo... — Paulo debochou.

— Sim, Jonathan tudo isso. Agora trate de aceitar ele porque ele veio para ficar. — Paula saiu da mesa, mas não antes de beijar o rosto do irmão mais velho.

Paula se arrumou para dormir e deitou ao lado de Jonathan. Automaticamente ele se aproximou mais, encostou sua cabeça no peito dela e suspirou alto. Como se finalmente a última peça do seu quebra-cabeça se encaixasse com perfeição.

Capítulo 70

Jonathan estava nervoso. Mais nervoso quando ele era o formando. Caminhou de um lado para o outro na sala do seu apartamento e quase nem escutou o riso de Ricardo.

— Calma, John. O formando não é tu.

— Será que elas vão demorar muito? — Jonathan questionou, impaciente.

Ricardo, Sérgio e Richard riram.

— Demorar é uma palavra que não existe no vocabulário delas. Principalmente da Liana. — Richard se remexeu no sofá. — Lembra da formatura dela? Liana foi a última a chegar e tinha começado a se arrumar no meio da manhã.

— Fernanda sempre foi mais tranquila. — Sérgio falou — Mas com a Bia e a Liana juntas....

— Bia é rápida. O problema é mesmo a Liana. — Ricardo arrumava a pequena gravata de Felipe.

As palavras dos amigos não acalmaram nenhum pouco Jonathan. E ele sabia que se fosse outra vez no quarto iria apanhar de Liana. Ela já havia avisado duas vezes.

— E a família da Paula? Como eles vão? — Sérgio questionou, olhando para Inácio, entretido no videogame de Jonathan.

— Estão no apartamento do amigo do Paulo. Vão dormir por lá, não tinha espaço aqui para todos. Provavelmente já estão lá. Todos já devem estar lá.

— Não estamos atrasados, Jonathan. — Richard levantou, foi até a geladeira de Jonathan, abriu e pegou uma bebida.

— Ainda temos meia hora, do horário de saída que combinamos. — Ricardo complementou. — Vai dar tudo certo e...

A porta abriu e Fernanda foi a primeira a sair, junto com Sofia. Sérgio chegou até a esquecer como se respirava por alguns segundos. Beatriz foi a segunda, e Ricardo não conseguiu suprimir um sorriso e pensar em qualquer outra coisa. Liana veio logo atrás, e Richard sempre parava o que estava fazendo para admirar a mulher que carregava a sua filha dentro de si.

— Estamos prontas — Fernanda foi para o lado de Sérgio, que ainda estava embasbacado com a esposa. E pegando Sofia pela mão.

— Bem na hora marcada. — Bia complementou e ajustou a gravata de Ricardo, ele nunca conseguia ficar com nada no pescoço da forma certa.

— Estou me sentindo um bujão de gás de capa nova. — Liana reclamou e

colocando as mãos nas costas.

— O botijão mais bonito de todos. — Richard se aproximou e beijou o rosto de Liana.

Jonathan não estava nenhum pouco interessado no que os amigos falavam. O mundo poderia acabar naquele momento que Jonathan nem iria perceber. Seus olhos, e sentidos, estavam voltados em apenas um ponto. Em Paula.

O mistério do vestido de formatura estava quase dando uma úlcera em Jonathan. Paula manteve o segredo até aquela hora. Por mais que Jonathan a incomodasse e a torturasse, nada fez Paula revelar como ficaria com o vestido.

E o resultado não poderia ser mais perfeito. O vestido havia sido feito para ela. Se Jonathan já achava Paula a mulher mais linda, mesmo quando ela acordava toda amassada e descabelada, quem diria quando ela estava toda produzida daquela forma. Todos aqueles minutos de esperam valeram completamente.

Jonathan se aproximou dela e pegou na sua mão. Estavam geladas.

— Estou nervosa. Não sei se vou conseguir chegar lá, e seu eu tropeçar ao subir para receber o diploma?

— Se isso acontecer, eu estarei lá para te segurar. — Paula sorriu, para o desespero de Jonathan. Seu coração já não era lá essas coisas quando se tratava de Paula. Quando ela sorria daquela forma a situação ficava pior.

Jonathan estava mais bonito do que nunca. Os cabelos curtos, nada era perfeito, o terno com um caimento perfeito e a gravata quase o mesmo tom dos seus olhos azuis. Era necessário uma mistura única para repetir aquela cor. E saber que eles estavam vidrados em Paula, fazia com que seu nervosismo aumentasse mil vezes.

— Se eu soubesse que o vestido seria assim, teria feito mais cócegas em ti. Tu está linda, P. — Ainda segurando a mão de Paula, Jonathan trouxe até seus lábios e a beijou.

— Obrigada, John. E tu também está lindo. Apesar de os cabelos estarem curtos demais. — Jonathan sorriu, a represália de Paula pelo corte dos seus cabelos ainda era presente.

Sérgio, Fernanda, Bia e Ricardo olhavam para os dois e suspiravam. Bia era a mais emocionada de todas.

— Não quero ser o estraga prazer — Sérgio começou a falar — mas está na hora de sairmos.

Jonathan ainda demorou um pouco para conseguir tirar os olhos de Paula.

Uma tarefa difícilíssima! Saíram em dois carros em direção ao salão em que seria a formatura.

Nervosa era pouco para o que Paula sentia. As mãos geladas, as pernas que tremiam e a emoção de estar vivendo tudo aquilo. Era a realização de um sonho que ela achava ousado demais até mesmo sonhar.

Chegaram à faculdade na hora marcada. Jonathan abriu a porta do carro para ela e estendeu a mão.

— Está pronta, P?

— Nenhum pouco. — Ela riu e aceitou a ajuda de Jonathan.

Desceu do carro e olhou as luzes da entrada. E ao olhar para o outro lado, encontrou sua família chegando. Apesar de Liana dizer que a maquiagem duraria a formatura toda, inclusive às lágrimas, Paula já não tinha tanta certeza.

— P... — Paulo perdeu a voz ao ver a irmã.

Todos os percalços que a família tinha vivido. Tudo valia a pena por aquele momento. A pequena P, a criança magra e quase sempre doente, que Paola havia sequestrado do orfanato e não deixado mais ela sair, estava se formando em arquitetura. A primeira da família a possuir um diploma da faculdade.

Paulo percebeu naquele momento que trabalharia o triplo se fosse preciso para que a irmã chegasse àquele ponto.

— Ah, minha filha! — Sua mãe a abraçou e, como sempre, lembrou com um aperto no peito da falta que Paola fazia naquela família.

As lágrimas desciam livremente pela face de Paula, tanto que Jonathan teve que secá-las com um dos seus lenços. Paula entrou no prédio com todos os seus convidados e logo um fotógrafo os levou para as áreas especiais.

Paula estava tão feliz que nem percebeu o tempo passar. Tirou tantas fotos que seus olhos chegavam a doer por causa dos flashes em sua direção. Não havia problemas. E quando chegou a vez de tirá-las com Jonathan, Paula esqueceu de tudo ao seu redor e o que tinha passado. Não havia mais a época de fome e frio, naqueles longos invernos sem iluminação do sol. De agora em diante o futuro seria quente e iluminado.

Paula havia encontrado o seu sol particular. A luminosidade e calor que ela tinha achado era mais forte do que o sol em si.

Capítulo 71

Paula era a mais bonita e a mais feliz de toda a formatura. Jonathan não precisava ser o namorado dela para perceber aquilo. Todos estavam notando.

Ela era a única ali que havia batalhado com todas as suas forças para estar naquele palco. A única que começou o curso não sabendo se conseguiria seguir no outro dia, durante praticamente todo o tempo. A que contou com a ajuda de colegas e professores para conseguir manter-se na faculdade com todos os materiais caros.

Paula.

A merecedora.

Jonathan estava emocionado ao ver Paula saindo do seu lugar, vestindo a toga preta e a faixa da cor do seu curso. A câmera focou no seu sorriso e Jonathan esperou que o fotógrafo tivesse tirado a foto perfeita da felicidade de Paula. Jonathan iria enquadrar todas elas e distribuir por todo o apartamento. Colocaria uma ao lado da sua cama, para acordar e se estiver do lado contrário dela ao seu lado, veria Paula sorrindo. Outra no seu armário da faculdade como companhia para aquele primeiro bilhete que ela escreveu para ele, bem como a foto da prova de toga que Jonathan fez uma cópia para si, para cada vez que abrisse para pegar alguma coisa, encontraria Paula feliz. Ela, mais do que ninguém, merecia aquele dia. Sentiu as lágrimas de orgulho queimar seus olhos quando o professor colocou o capelo em cima de sua cabeça.

Paula entrou naquela salão como estudante e sairia de lá como arquiteta. Haveria como a situação ficar melhor?

Sim, era claro que poderia. Jonathan sentia-se pronto. Após algumas consultas extas com Miguel naqueles últimos dias, Jonathan sabia que havia chegado em um ponto em que poderia entregar o seu coração, seu corpo e sua alma para Paula.

Miguel era um excelente médico. Jonathan era a prova viva disso e ninguém poderia negar. Fez com que ele conseguisse enxergar tudo que estava a sua frente de uma maneira que Jonathan não poderia contestar.

Jonathan não era igual ao seu pai. Amava Paula e nunca iria fazê-la sofrer como seu pai fazia com sua mãe. Nunca a trairia. Nunca faria seus filhos presenciar cenas que nenhuma criança deveria ver. Foi um trabalho árduo, mas agora Jonathan sabia que estava pronto.

Não havia mais nenhuma barreira, tanto física, como psicológica, que faria ele recuar. Ele queria. Queria entregar seu coração para Paula e receber o dele de volta. Com nenhuma ressalva. Com nenhum impedimento. Com nenhum medo.

Ele não via a hora de estar a sós com ela e falar tudo aquilo que sentia. Jonathan seria capaz de conseguir colocar em palavras todos os seus sentimentos?

— Acho que é a tua hora, Jonathan. — Sérgio falou enquanto a valsa dos pais com os formandos chegava ao final.

Paula dançava e ria com Paulo, seu irmão.

— Estou tão orgulhoso de ti, P... — As palavras faltaram a ele.

— Obrigada, Paulo. — Paula nem lembrava mais da sua maquiagem, e muito menos de como estaria o seu rosto naquele momento.

Havia chorado de felicidade em cada um dos momentos até àquela hora. Dançar com Paulo não seria uma exceção.

— Não tem que agradecer por nada, pequena P. Por ti, pela mãe, Pauline e Pietro eu faço qualquer coisa. Trocaria de lugar com Paola se fosse possível naquele momento.

Paula limpou a lágrima do irmão.

— Queria que ela estivesse aqui com a gente hoje. — Paulo voltou a falar. — Veria a Paula, a boneca que ela trouxe para me mostrar que tinha o mesmo meu nome. Uma pequena P para eu cuidar, tentar espantar os namorados — Paula não pode deixar de sorrir mais ainda —, se tornando uma mulher belíssima e agora formada na faculdade. Ela ficaria tão orgulhosa da nossa Paula.

Paula estava completamente sem palavras. Abraçou o irmão com toda a força que ela possuía. Nunca que conseguiria chegar até ali sem Paulo trabalhando mais do que uma pessoa normal aguentaria para dar a oportunidade para ela. Paula queria retribuir tudo aquilo que ganhou, mas nem saberia por onde começar. Paulo, Pauline, sua mãe e Pietro mereciam as melhores coisas. Agora, com ela formada, poderia ajudar em casa. Dar o merecido descanso para Paulo.

— Eu agradeço todos os dias por Paola ter me encontrado aquele dia no orfanato e me levado até vocês. Nunca consegui dizer isso para ela...

— Ela sabia, P. Ela sabia e ela sabe, Paola sempre soube disso. No momento em que ela apareceu contigo junto, eu já sabia que ela tinha te escolhido e nunca mais iria te deixar. Tu era nossa, a boneca que eu nunca pude dar a Paola.

Paula não conseguia mais parar de chorar. Mesmo com os protestos de Paulo. A música parou por alguns segundos, o mestre de cerimônia chamou os segundos pares para a música reservada para eles. Os pais deram lugares a namorados e amigos na pista de dança. Paula viu Jonathan se aproximando, tão

sorridente que fez o coração de Paula pular dentro do seu peito.

— Bom, parece que a minha hora acabou. — Paulo beijou a testa da irmã enquanto a abraçava. — Parabéns, minha P. Eu sempre soube que essa vitória chegaria para ti.

— Obrigada, Paulo. Eu amo tanto vocês...

— Nós também. E Jonathan, — se virou para ele que esperava a sua vez — cuida bem dela.

— Pode deixar, Paulo. Prometo pela minha vida que vou cuidar dela para sempre.

Paulo assentiu e saiu, deixando os dois na pista. Antes de tudo, Paula enfiou a mão no bolso de Jonathan, naquele que ela sempre sabia onde encontraria os lenços umedecidos. Limpou as mãos, delicadamente, enquanto os outros pares se formavam e se aproximou dele.

Abraçou Jonathan. Ah, Jonathan! A única pessoa no mundo por quem Paula poderia se apaixonar. O único homem a quem Paula poderia entregar a sua vida com a certeza de que tudo ficaria bem. A pessoa, fora da sua família, que Paula mais amava em todo o mundo. O que apareceu na hora que ela mais precisava e a ajudou de uma forma que ela nem conseguiria explicar para as pessoas. E ainda havia muitas pessoas que perguntavam como ela conseguia viver com Jonathan e suas manias excêntricas.

Sua resposta sempre era a mesma: como conseguir evitar não se apaixonar por ele? Principalmente quando ele estava ali, ao lado dela nos momentos em que Paula mais precisava. Que a aqueceu quando Paula estava congelando, que a alimentou quando sentiu fome e que agora a amava da mesma forma que ela fazia.

Paula não precisava de palavras. Palavras eram simbólicas e falsas. Era fácil demais abrir a boca e proferi-las. Qualquer um poderia fazer isso sem o menor sentimento e apontando uma faca para as quem recita. Paula estava em busca de ações. Essas sim valiam mais do que qualquer palavra. O poder de uma ação era mais real do que a de simples letras.

O que ela tinha com Jonathan eram ações. Sabia disso. Jonathan não era uma pessoa que distribuía favores a todos que encontrava, mas era extremamente leal aos seus amigos. Paula era a felizarda por ser considerada mais do que isso por ele. E via nos seus olhos, tão azuis e penetrantes, o tom que ela nunca conseguiu reproduzir nos seus desenhos, a felicidade em ver a realização dela. Se aquilo não era sinônimo de amor, Paula nunca iria compreender o sentimento então.

— Parabéns, meu amor. — Jonathan disse, arrumando uma mecha do cabelo dela. — Estou tão orgulhoso de ti. Apesar de não ter ganho o destaque da turma. Segunda eu, Kado e a Bia vamos ter uma conversa com o setor responsável e...

— John.... — Paula sorriu. — John, meu amor, não precisa... Eu sabia que não iria ganhar a bolsa. E eu não ligo para isso, já ganhei o meu maior presente de todos. — Novamente ela a abraçou.

A música começou e eles começaram a dançar. Do mesmo jeito que ensaiaram no meio do apartamento. Jonathan não era um dançarino nato, Bia teve que se intrometer em um dos ensaios para ajudar.

Paula estava encaixada no peito de Jonathan. As lágrimas até tinham cessado um pouco. Talvez precisasse se hidratar um pouco para elas voltarem. Aquele era o momento perfeito para que Jonathan começasse a falar tudo aquilo que havia ensaiado na frente do espelho enquanto se barbeava. Mas havia se esquecido de todas elas.

Sua mão apertou a cintura de Paula a fazendo levantar os olhos em sua direção. Ao vê-la ali, Jonathan encostou sua testa na dela. Deixando os rostos o mais próximo que conseguiam e que já estiveram um dia.

— Eu... Eu... — gaguejou.

Vamos lá, Jonathan. Tu consegue!

— Eu não sou igual ao meu pai. — Começou ele, desastrosamente.

Paula não entendeu o significado original, mas concordou. Conhecia a história. Escutou Jonathan narrar cada uma delas. Desde as traições, o desinteresse da mãe pelos filhos, e um pequeno Jonathan, presenciando cenas lamentáveis e querendo ajudar o irmão contra as drogas.

— Tu nunca vai ser como ele, John. E nem eu vou deixar. — A mão no pescoço de Jonathan o acariciou bem ali. Era um ponto fraco dele, descobriu como ele gostava e se aproximava como um gato manhoso quando Paula fazia aquilo.

— Lembra quando a gente brigou por causa do teu presente? E tu me pediu uma coisa única e sem valor monetário?

— John... Eu já disse que não preciso de nada. Tenho meu diploma e tu na minha vida, o que mais eu posso querer?

Jonathan fechou os olhos e respirou fundo. Ele precisava dizer. Sabia que Paula já entendia o seu amor por ela, mas era necessário fazer aquela última demonstração. O ato que simbolizava que Jonathan era de Paula de corpo e alma.

— Meu coração e meu corpo, Paula. Esse é o teu presente de formatura. Quero te amar incondicionalmente. Quero te amar e amar o teu corpo com a mesma intensidade. Quero que tu me ame da mesma forma. Eu te amo, Paula. Te amo mais que a minha própria vida. A única coisa que eu quero te dar é a minha vida.

Apesar da desidratação, Paula encontrou uma reserva de água que converteu em lágrimas.

— Eu te amo, Jonathan. Eu te amo....

Jonathan sorriu, e para provar que falava a verdade, que entregaria seu coração e corpo, delicadamente encostou seus lábios nos dela.

Finalmente, Jonathan estava dando o seu primeiro beijo.

E para confirmar o ato, todos os convidados de Paula gritaram e aplaudiram de felicidade.

Capítulo 72

Paula acordou. Abriu os olhos e sentiu o sol entrando pela janela do quarto. Se virou na cama e não encontrou Jonathan. Somente o cheiro dele e as lembranças da noite passada.

Não pode deixar de abrir um sorriso. Simplesmente a melhor noite da sua vida. Em todos os sentidos da palavra. Todos mesmo.

Jonathan não estava brincando quando disse que queria amar Paula de corpo e alma. Paula ainda estava em êxtase quando ele a beijou, e nem acreditou quando chegaram em casa e Jonathan queria continuar.

Paula nunca imaginou que ele fosse uma pessoa tão empolgada, ou melhor, sabia sim. E ficou maravilhada em ser apresentada àquele Jonathan em questão.

Saiu da cama, vendo que estava usando apenas a camisa branca de Jonathan. Se arrepiou ao lembrar da primeira vez que a colocou e o modo como Jonathan a tirou do seu corpo, beijando cara centímetro de pele para cada botão que abria. Até ele arrebentar os últimos impaciente.

Caminhou até a cozinha e o encontrou preparando café. Pé por pé, silenciosamente, até chegar perto dele. Observou as costas perfeitas, o desenho das asas de anjo nas suas costas e um pequeno arranhão que ela se lembrava de ter feito com as suas unhas no auge.

Sentiu um aperto no seu estômago e o abraçou pelas costas, plantando um beijo bem no meio da sua coluna.

— Bom dia, minha arquiteta. — Jonathan falou ficando todo arrepiado com o contato. — Como foi a primeira noite de formada?

Paula sorriu quando ele se virou. Jonathan a abraçou e a beijou profundamente. Sentiu o seu coração vibrar, seu corpo acender de uma forma única e Paula passar as mãos sobre o seu corpo.

— Acho que alguém ainda está muito empolgado. — Paula falou quando Jonathan a levantou a colocando sentada em cima do balcão da pia.

Ele se afastou um pouco, e arregalou os olhos azuis.

— Eu te machuquei! Eu sabia que iria fazer alguma coisa de errado. Estava empolgado demais e...

— Tu não me machucou, Jonathan. — Ela sorriu e tocou no rosto dele, querendo que ele desmanchasse aquela cara de pavor. — Digo empolgado pelo que fizemos ontem à noite depois que chegamos e o que tu está insinuando nesse momento.

— Miguel me avisou que isso poderia acontecer. — Suspirou, culpado. —

Anos de reclusão e quando provei.... Desculpa. Disse que não ia ser igual ao meu pai e olha o que eu estou fazendo. Te prensando pelas paredes e em cima da pia.

Jonathan se afastou e passou as mãos pelos cabelos. Paula saiu de cima da pia e caminhou em sua direção.

— Está tudo bem, John... — Ele se afastou, mas Paula insistiu e tocou nele. — Eu não estou reclamando, só comentando. E quem deve pedir desculpas sou eu, ok? Não deveria ter falado assim.

Jonathan puxou Paula até o sofá e ambos caíram sentados. Paula especificamente em cima dele. Ela acariciou seu rosto, beijou seus lábios, passando para o resto do rosto, fazendo com que ele relaxasse e a abraçasse por completo.

— Somos novos nessa parte do relacionamento. Concordo com o Miguel que depois que experimentamos queremos mais. — Ela sorriu ficando um pouco encabulada. — Mas não quero essas comparações horríveis, ok? Sou eu quem estou aqui contigo e quem está comigo é o meu Jonathan. E eu te amo.

Jonathan levantou os olhos para ela. Paula. Sua Paula. A mulher que havia virado a vida dele de cabeça para baixo desde o primeiro dia que a viu. A única que conseguia se adaptar a todas àquelas regras ridículas que Jonathan havia criado para o seu bem. A única que ele compartilharia sua vida e seu corpo. A primeira e última.

— Eu te amo — disse e a puxou para mais um beijo.

Ele estava com inúmeros sentimentos percorrendo seu corpo. Acreditava que a confusão era o maior de todos. O que predominava por completo. Um caos completo, doce, macio e receptivo a tudo que Jonathan queria fazer. Paula era a mulher da sua vida e ao mesmo tempo a sua perdição completa. E ele estava louco para se perder mais uma vez.

Beijar era ótimo. Jonathan sentiu-se um enorme idiota por não ter feito aquilo antes. E quando chegou àquela conclusão, percebeu que não esperaria por mais nada. Se fosse da vontade dele e de Paula, não frearia nenhum dos seus instintos. E pelo visto, Paula também não queria parar os seus. Acabou que Jonathan e Paula se entregaram de corpo e alma um ao outro.

— Eu adoraria continuar isso agora — Paula murmurou enquanto Jonathan percorria suas mãos pelo seu corpo macio e quente. — Mas tenho certeza de que se a gente não aparecer no churrasco que o Sérgio está fazendo, eles vão aparecer aqui e nos pegar no flagra.

— Posso ligar para o porteiro e barrar a entrada de todos — Jonathan beijava o pescoço dela a fazendo respirar mais rápido.

— Meu irmão mataria o porteiro e tenho certeza de que contaria com alguma ajuda extra... Jonathan! — Ela começou a rir enquanto ele continuava a explorar o corpo dele.

— Mas não me mataria se a gente chegasse só um pouco atrasados, não é?

— Acho que eles já contam com isso e... Ahhhh! — Paula gritou quando Jonathan a levantou como se ela não pesasse nada, a carregando direto para o quarto.

Como o previsto, chegaram muito atrasados ao almoço que Sérgio estava fazendo. Um domingo sem churrasco o deixava de mau humor pelo resto da semana. Todos estavam os esperando, inclusive toda a família de Paula, que foram convidados por Sérgio. Quanto mais pessoas, melhor!

— Eu sabia que ela ia dar bem mais do que o primeiro beijo com o Jonathan ontem. — Liana comentou com Bia e Fernanda.

— Liana! — Fernanda a repreendeu.

— O que foi. Olha aquelas caras de felicidade dos dois. Estou com inveja, isso sim. Richard me vetou qualquer tipo de brincadeira. Por causa da Marina e porque não estamos juntos para nos divertirmos juntos. Eu detesto ele com todas as minhas forças.

Bia revirou os olhos, mas não conseguiu deixar de sorrir. Era nítida a felicidade de Paula e Jonathan. Como ela estava feliz com aquilo! O seu maior sonho, a de ver a felicidade de Jonathan, estava finalmente acontecendo. Ela estava encantada em ver aquela cena.

— Paula, precisamos conversar sobre a tua pós e a bolsa da faculdade. — Ricardo se intrometeu nos pensamentos de Bia.

— Sim. — Ela limpou os pensamentos e assumiu a dianteira. — Amanhã estamos entrando com um pedido especial à secretaria. Foi muito injusto o que eles fizeram.

— Gente — Paula sorriu — eu agradeço o esforço, mas eles fizeram o certo. Deram a bolsa para quem tinha mais facilidade de usar do que eu. A faculdade já me custeou tudo, não iria mais investir sem nenhum retorno.

— Não, Paula! — Ricardo voltou a falar. — Aquela bolsa é tua. De uma forma ou de outra. Ontem, durante a festa, todos os outros professores concordaram. E vão apoiar o pedido. Eles ficaram furiosos quando mudaram a opção. Todos eles te escolheram, Paula.

Paula não sabia nem o que responder. Já era tão grata pela faculdade em si que nem mantinha a ilusão da pós graduação. Nem mesmo quando Bia falou para ela meses atrás. Era muita areia para o caminhãozinho acadêmico de Paula.

— E se eles não concordarem, a gente vai dar um jeito de tu continuar a estudar, P. — Jonathan falou ao lado dela.

— John...! — Ela o advertiu.

— Não vamos brigar. Eu já decidi isso. Tu não pode parar de estudar agora. E tenho mais dois ao meu lado. Alguma dessas batalhas eu tenho que ganhar.

Paula nem tinha o que respondeu. O beijou e deixou que ele entendesse como quisesse. Ela sabia que ele converteria o beijo em algo completamente positivo.

— Agora chega de monopolizarem a Paula — Liana empurrou o irmão — minha vez de roubar ela para conversarmos sobre alguns planos futuros.

Liana pegou Paula pelo braço e levou até Richard para começarem a discutir o prédio do tão sonhado bar que eles queriam abrir. Sérgio quase foi à loucura quando soube que já havia até um planos para a construção. Só não ficou pior pois estava muito compenetrado conversando com Paulo e o seu amigo, Leo, e a sorveteria que ele abriria. Uma parceria brilhava na mente iluminada para negócios de Sérgio.

Fernanda e a mãe de Paula logo se tornaram grandes amigas, e já trocavam conselhos de como lidar com os filhos. Inácio e Pauline estavam imersos em algum mundo adolescente em que nenhum dos adultos tinha permissão para entrar. E Pietro havia entrado para o clã junto com Sofia e Felipe. As conversas e risos ecoavam naquelas paredes.

A família adotiva de Jonathan e a de Paula estavam juntas. E os dois não poderiam estar mais felizes do que já eram.

Paula sentiu Jonathan se aproximar dela com um copo de bebida. Ela agradeceu e sorriu.

— Eles nem precisam de nós para se conhecerem. — Jonathan comentou a abraçando pela cintura.

— Será que se fosse eles a nos apresentarem estaríamos juntos hoje?

Jonathan a encarou. Seus olhos azuis já estavam um pouco nublados pelo álcool. Deu um sorriso meio torto e meio bobo e respondeu com toda a sinceridade do seu coração, puro e bêbado.

— De qualquer forma a gente ficaria juntos, P. Seja eu derrubando alguma solução ácida em ti e destruindo o teu casaco, ou algum deles se conhecendo em algum lugar e nos apresentando. Nosso destino iria se cruzar de algum modo.

Paula sorriu para ele.

Também tinha a certeza de que qualquer que fosse o cenário, alguém daria um jeito de juntar os dois para sempre.

Capítulo 73

Dois anos e alguns meses depois....

Jonathan bocejou. Encarar uma manhã de provas, em plena segunda-feira, depois de um final de semana de festa não era para qualquer um. Especialmente se a festa em questão fosse o aniversário de dois anos de Marina. Nenhum aniversário da família Chiarelli era apenas uma festinha simples. Sérgio fazia questão de que começasse no sábado e encerasse apenas no final do domingo.

Esse, em especial, não poderia ter sido diferente. Principalmente depois de Richard, Liana e Marina estarem foram por quase um mês, longe das asas de Sérgio e das saias de Fernanda. E sem contar dos dindos e dindas de Marina. A pequeno Docinho, como era chamada em casa. De tão doce que era, não podia comer nada com açúcar.

A gestação de Liana se manteve estável quanto à diabete, ela conseguiu se controlar ao máximo para que Marina viesse ao mundo com toda a saúde, mas o esforço não foi completamente compensado. Marina havia nascido bem, porém com um quadro de diabetes alto para um recém-nascido. E, apesar de toda a assistência que ela recebia, ainda inspirava muitos cuidados. Por isso que os três embarcaram em busca do melhor tratamento infantil que poderiam encontrar.

Marina era um doce, realmente sua doçura compensava qualquer ausência de açúcar que uma criança na idade dela consumiria. Alguns diziam que ela nem era filha de Liana e apenas de Richard.

A festa foi como o esperado. Toda a família reunida e mais alguns amigos. Marina correndo de um lado para o outro com Richard e Liana atrás dela. Estava eufórica e mostrando para todo mundo a sua “caixinha”, acoplada ao seu corpo para infusão de insulina. E os adesivos coloridos que havia ganhado para o sensor e o cateter do outro lado. Os do dia eram de princesa, para combinar com a decoração do CTG na ocasião.

Jonathan e Paula haviam chegado na sexta à noite, junto com Ricardo, Bia e Felipe, que a cada dia que se passava estava mais alto. Bia comentava que não estava conseguindo acompanhar o crescimento do filho, quando ela piscava os tornozelos já estavam de fora e os sapatos pequenos. Felipe era uma girafa, brincava ela, igual ao seu pai.

No sábado, a pequena comitiva com a família de Paula chegou. Como já era esperado, todos viraram grandes amigos e a parceria de Paulo com Sérgio, na parte dos sorvetes estava cada vez maior. A finalização da construção da casa, aquela mesma planejada por Paula, junto com a sorveteria foi um sucesso total. Quando Paulo pensou que iria poder descansar, com Paula formada e as finanças

da família bem mais estabilizadas, o sucesso da sorveteria chegou. Não havia dia em que sobrasse um pouco de estoque, todas as noites de Paulo eram em cima das máquinas para a fabricação de mais.

E no meio de tudo aquilo, estava Paula e Jonathan. Vivendo suas vidas da melhor forma possível. Jonathan ainda dando suas aulas de química na faculdade e ajudando Paulo com a formulação dos sorvetes. Continuava com suas manias, aquelas mesmas que Paula, com o passar do tempo, pegou para si também. Era mais fácil conviver e se adaptar do que tentar mudar alguma coisa. Nem Miguel conseguiria isso.

Já Paula, conforme Jonathan havia dito depois da sua formatura, ainda era uma estudante. Mas não uma estudante qualquer, apenas a melhor. A faculdade tinha voltado atrás depois da pressão dos professores, Paula estudava como bolsista de um mestrado e com a vaga de um doutorado garantido. Era o mínimo que o corpo docente aceitaria. Paula era excepcional.

E nas horas vagas, trabalhava como arquiteta independente. A construção da casa e da sorveteria de Paulo havia aberto um bom mercado para ela na pequena cidade em que moravam. E com a saída do bar de Liana e Richard do papel, para os cabelos brancos de Sérgio virem mais rápidos, era uma questão de tempo para que novos trabalhos surgisse por ali também. Contudo, no momento, ela estava muito empenhada na reforma de uma certa livraria. A mesma em que trabalhou como uma louca e agora era uma das sócias.

Sim, seu João fez a cabeça de Jonathan por completo. Deixou ele a ponto de Paula não aguentar mais e dizer para ele parar de incomodar ela e acertar de uma vez. Jonathan não precisou escutar duas vezes, no outro dia seu João já estava contente por saber que sua amada livraria ainda continuaria em funcionamento e em boas mãos.

E agora com a reforma, Paula estava quase sempre por lá comandando tudo e falando dos planos para Jonathan, como se ele entendesse qualquer coisa que ela falasse.

— Professor, podemos continuar a prova semana que vem? — Um dos alunos perguntou.

— Claro, — debochou Jonathan — não quer levar para casa e trazer na próxima aula?

Os alunos riram enquanto outros resmungaram. Jonathan deu mais alguns minutos para os alunos e recolheu as provas. Saiu em direção à praça de alimentação onde encontraria Paula, Ricardo e Bia. Visualizou o casal de amigos e estranhou, Paula sempre era a primeira a chegar.

— Eu acho que a Paula perdeu o horário, não iam começar a trocar o teto da livraria? E por falar em livraria, Felipe está atrás de um livro. — Bia comentou.

— Eu sei, ele me mandou uma mensagem ontem para a P. Ela disse que já ia trazer hoje. — Jonathan respondeu e mandou uma mensagem para Paula. Adorava aqueles aplicativos de troca de mensagens instantâneas.

Não obteve nenhuma resposta enquanto buscava o seu almoço. E ao voltar para a mesa ligou. Uma pessoa estranha atendeu e Bia percebeu a cor de Jonathan sair do seu corpo instantaneamente.

— O que aconteceu? Quem atendeu o telefone da Paula?

— Ela caiu na livraria — respondeu automaticamente. Nem sabia mais onde estava. — Está no hospital na emergência e...

— Vamos para lá agora! — Ricardo foi o primeiro a levantar e pegar o telefone e ligar para Richard. Sabia que ele estava de plantão.

O trajeto até o hospital Jonathan nem sabia mais quem era ele mesmo. A única coisa que pensava era na sua P. Sua mulher que ele amava mais que a sua própria vida. O que seria dele se acontecesse alguma coisa?

— Valeu, Richard, estamos chegando. — Bia desligou o telefone e estalou os dedos em frente do rosto de Jonathan, quase em estado catatônico. — Ela está no Pronto Socorro, Richard ainda não pode descer lá por estar de plantão no bloco cirúrgico, mas conversou com o médico do plantão. Ela está bem e xingando todo mundo por terem te avisado daquele jeito.

— Sabia que alguém ia surtar. — Riu Ricardo estacionando o carro perto do hospital.

Entraram e logo Jonathan foi encaminhado por uma enfermeira para a ala onde Paula estava. Jonathan nem lembra do percurso, só conseguiu respirar aliviado quando encontrou Paula deitada em uma das camas do pronto socorro.

— Paula! — A abraçou e beijou diversas vezes. — Meu Deus, o que aconteceu?

— Oi... — Ela sorriu levemente e acariciou o rosto dele. — Cai de uma escada — ela deu os ombros de leve. — Ossos do ofício. Está tudo bem, não vejo a hora de sair daqui, tenho que apresentar uma planta e...

— Que apresentar nada, quero falar com o médico e pedir um exame de corpo inteiro e de cabeça para ver se não tem nada inchado ou quebrado.

— Jonathan, está tudo bem. Só me desequilibrei. Acordei meio enjoada de tanto comer esse final de semana e não tomei café da manhã. Só comer alguma

coisa que eu já estou ótima.

Richard apareceu naquele momento com um sorriso nos lábios.

— Quero um exame completo nela, Richard. Cabeça e todos os ossos.

— Bom dia para ti também, Jonathan. Como está, Paula?

— Oi, Richard. Estou ótima, posso ir embora?

— Vamos ter que fazer uma média entre os dois pedidos. Fazer alguns exames e te liberar o mais rápido possível, ok?

— Mas o meu curso e...

— Vai ganhar um belo atestado, P. Não vai perder nada por isso. Um check-up é ótimo às vezes.

E saiu em direção ao médico plantonista. Jonathan limpou a cadeira e entregou alguns para Paula. Sentou e aguardou. Uma enfermeira veio para colher sangue para um exame e as horas passaram lentamente. Só não mais porque Richard havia burlado algumas regras e colocando Bia e Ricardo por alguns minutos.

E quando finalmente o médico voltou, estava sorrindo.

— Boas notícias, Paula. Descobrimos a origem do teu enjoo e a tontura que causou a queda de vocês.

Paula encarou Jonathan, que ainda olhava para o médico. Ela havia escutado bem? Vocês?

— Desculpa... — ela cortou o médico. — Não entendi a última parte.

Jonathan virou para Paula, tentando juntar a conversas e entender o que estava acontecendo.

— Paula...

— Tu está grávida!

— Ai, meu Deus! — Jonathan olhou para Paula e sentiu o seu coração explodir.

— Isso... Isso... Meu Deus! — Paula sentiu alguma coisa a atropelar e percebeu que era Jonathan em cima dela.

— Eu te amo tanto, Paula! Tanto que eu não acredito que nós vamos ter um bebê! Eu vou ser pai e tu vai ser mãe! Meu Deus, obrigada, Paula.

Paula escutou ele falar, mas nem sabia o que responder. Como assim grávida?! A coisa que ela mais regulava na vida era o seu remédio anticoncepcional. Ficava apavorada só na menção. Morria de medo e tinha uma péssima experiência depois do parto de Paola.

O médico parabenizou o casal e os encaminhou para o setor de obstetrícia. O responsável fez umas perguntas básicas e questionou sobre algum tipo de sangramento e a liberou para procurar um médico nos próximos dias.

Jonathan estava igual Felipe quando comia chocolate demais. Ligou para todo mundo dando as notícias de que em breve mais um integrante chegaria na família. Paula nem sabia o que responder quando todos a dando os parabéns. O único que ficou preocupado era Paulo.

— P, está tudo bem mesmo?

— Não sei. Acho que é a novidade em si que eu ainda não digeri ainda. — Ela riu. — Só preciso de uns dias para me acostumar com a ideia.

E foi o que realmente aconteceu. Os dias passaram e a alegria de Jonathan a contagiou por completo. Não segurou as lágrimas de felicidade quando ele chegou na livraria, onde ela estava supervisionando, sem subir em escadas, com inúmeros pacotes. O primeiro presente do bebê era claro que seria um uniforme completo do Grêmio. E sem contar as pequenas peças que Jonathan havia comprado e alguns brinquedos.

Todas as noites Jonathan fazia Paula deitar e se aproximava daquela barriga, que ainda não tinha nenhum indício de gravidez para conversar. Paula ria alto, acariciando os cabelos dele e Jonathan começava a contar a história dos dois. O modo como Jonathan agiu nas primeiras vezes que se encontraram, o medo que ele tinha por ela o rejeitar e a forma como eles conseguiram levar o relacionamento desde o início.

Planejaram nomes. Paula escolheu Ramiro, se fosse um menino, para a felicidade e lágrimas de Jonathan. Todo o amor da sua vida seria pouco para Paula, Jonathan sabia. E caso se fosse uma menina, Rafaela foi o escolhido por ele.

Quando a consulta chegou, Jonathan pediu para o médico deixar ele esterilizar a maca e aparelho de ecografia. Richard havia recomendado do médico e já tinha o deixado ciente de alguns aspectos do pai. Paula deitou com a ajuda de Jonathan e encheu os olhos de lágrimas, novamente, quando viu o pequeno borrão na tela do aparelho.

— E o que é aquele outro borrão ali? — Jonathan apontou para a tela.

— O outro bebê — o médico sorriu. — Parabéns, são gêmeos!

Capítulo 74

Gêmeos.

Jonathan nunca havia pensando na possibilidade em ser pai há alguns anos. Estava muito contente com seus três afilhados amados. Sofia, Felipe e até mesmo Marina, que ainda era um bebê dentro de Liana. Era a felicidade da sua vida, a única perspectiva que ele pensou que se permitiria viver. Sua vida seria sempre a mesma coisa de sempre. Alunos na faculdade, provas e trabalhos para corrigir e um pequeno apartamento quase estéril. Ele era feliz naquela rotina cíclica.

Um círculo sem fim.

Tudo havia começado a mudar no momento em que Paula entrou na sua metódica vida. Uma mulher além das expectativas de Jonathan. Ele não tinha pretensão nenhuma de encontrá-la. Ela nem nos seus sonhos existia, quem dirá na vida real. A que compreendia todos os seus medos e receios, que não tentava modificar nenhum dos seus hábitos que ele adquiriu anos atrás. Que invés de querer mudar Jonathan, o ajudava a crescer e a expandir seus horizontes.

Paula era tudo aquilo e muito mais. Jonathan ainda acordava algumas noites pensando que estava vivendo um sonho. Se virava na cama e a encontrava enroladinha, gelada e procurando o corpo dele para se aquecer. Não era sonho. Era realidade. A melhor de todas. A abraçava e beijava os seus cabelos até ela suspirar como uma gatinha manhosa.

Paula não era perfeita. Para Jonathan ela era mais do que isso. Havia sido criada especialmente para ele, acreditava.

E agora, com a notícia dos gêmeos, Jonathan tinha a certeza de que a felicidade era um estado pleno em que se poderia viver constantemente. Era mágico acompanhar de perto, o mais perto possível, aquele momento. Nunca tinha sido literal para alguns ditados popular, mas acreditava completamente no milagre da vida. Duplamente.

Com a notícia e a explanação para os familiares a festa foi geral. Sérgio estava tão contente quanto à chegada de um novo sobrinho, quem dirá com a chegada de dois. A mãe de Paula precisou de uma confirmação visual da ecografia para acreditar que a Pequena P, a menina franzina e que vivia correndo atrás de Paola e Paulo, carregando dois bebês dentro dela.

— E vai caber, minha filha? — Sua mãe questionou chorando.

— Espero que sim! — Paula a abraçou fortemente.

Jonathan já poderia ser considerado o pai mais babão de todos. Richard e Liana já haviam dado a ele um cartaz com os dizeres. Jonathan o colocou dentro

do seu armário da faculdade, ao lado de uma das ecografias, com os nomes de Ramiro e Rafaela, uma foto dele com a Paula na formatura dela, a primeira foto dos dois juntos e até mesmo aquele primeiro bilhete que Paula deixou no apartamento dele e uma do ensaio da gestação que fizeram. Ricardo e Bia diziam que o armário de Jonathan não cabia nem os próprios livros.

Mas nada deu mais trabalho, e, ao mesmo tempo prazer do que a mudança deles. Jonathan quase entrou em parafuso ao perceber que eles precisavam mudar de apartamento. Aquele em que estavam era pequeno demais! Apenas um quarto e um banheiro para quatro pessoas!

— Duas pessoas e dois bebês, Jonathan — Paula comentou pela milésima vez enquanto Jonathan massageava seus pés.

— Mas eles vão crescer e vão precisar de um quarto só para eles.

— Felipe e Sofia dormiram junto com os pais até quase os cinco anos. Não precisamos nos mudar agora. Vamos esperar a reforma da livraria e ela começar a dar lucros e não só despesas. Agora massageia outras partes, por favor....

Jonathan era um teimoso, Paula já tinha percebido. Quando colocava uma coisa na cabeça, ninguém conseguia tirar. E quando ela menos esperava e estava muito preocupada com o que colocaria de roupa para ir à faculdade no outro dia, já que as calças que estava usando dele estava começando a ficar pequena, Jonathan a convidou para descer dois andares do prédio.

— É nosso. — Ele sorriu daquela forma que Paula sabia que não resistia. — Ou melhor, vai ser nosso quando eu assinar os papeis.

— Isso é a maior loucura que eu já vi, Jonathan. E olha que a gente tem um histórico grande delas — Não pode deixar de sorrir. — Apesar do apartamento ser lindo, só precisa de uns ajustes e... — Paula começou a caminhar pelos cômodos já com a “cabeça de arquiteta” que Jonathan falava, agindo.

E logo ela teve que se desdobrar em duas, grávida de gêmeos, como Jonathan gostava de brincar. Não foi fácil, mas eles conseguiram acabar a mudança com algumas semanas de antecedência do parto. Semanas aquelas em que o médico de Paula pediu repouso total, mas que ela não sossegou um minuto que fosse. Precisava deixar tudo pronto, ou pelo menos os quartos.

Dois quartos de bebês. Ramiro e Rafaela eram tão aguardados, por tantas pessoas, que Paula se pegava os dias pensando em como fazer o tempo passar mais rápido para que eles nascessem e os quatro pudessem entrar de férias. Um mês na casa de sua mãe com Jonathan. Somente sua mãe para ajudá-la e ensiná-la a cuidar de dois bebês.

Ela estava muito nervosa, não pelo parto em si, sua preocupação estava

no pós parto, quando tivesse que se desdobrar em duas para dar conta. Tinha escutado as histórias de Bia e Liana, se elas contavam coisas escabrosas dos primeiros meses, o que sobraria para Paula e Jonathan?

Paula era otimista, mas às vezes se pegava pensando em como conseguiria lidar com a maternidade.

Era claro que não conseguiria sozinha, teria Jonathan. O amor da sua vida. O excêntrico professor de química, que havia mexido com o seu coração sem querer. E agora, havia completado a felicidade dela. Duplamente.

Sentiu a mão de Jonathan acariciando a sua barriga gigante e largou o celular, onde estava respondendo as mensagens de Pauline e Fernanda.

— O Paulo estava entregando uma encomenda de sorvete para o Sérgio na hora em que alguém ligou, desesperado, dizendo que a minha bolsa havia estourado.

Jonathan sorriu, culpado. Entrou um pouco em pânico quando Paula saiu do banheiro dizendo que alguma coisa estava errada, e mais ainda quando a bolsa estourou na entrada do hospital.

— Agora ele, Sérgio, Fernanda e Liana, de penetra, já estão à caminho para cá.

— Vão se juntar com o Kado e a Bia lá na sala de espera que não deixaram eu nem trocar a minha roupa para vir te ver? — Richard apareceu do nada. — O que vocês aprontaram para essa bolsa estourar dois dias antes da data da cesárea?

Jonathan limpou a garganta, Paula sorriu de leve. Ambos eram culpados.

— Sério? O médico já não tinha proibido?

— Proibir é uma palavra muito forte, Richard — Paula acariciou a barriga. — Ele disse evitar seria bom. Simplesmente não conseguimos evitar e...

— Evitar? Ela praticamente se avançou em mim, não tive escapatória.

— Sei... — Richard não conseguiu segurar o riso. — Vou ficar de plantão para conhecer em primeira mão os meus afilhados. Vou gostar de jogar isso na cara do Sérgio e Ricardo.

Estavam esperando alguma das salas de cirurgia desocuparem. Paula, Jonathan e o médico haviam optado pela cesárea. Paula morria de medo de sentir dor e, especialmente de não dar conta do recado de trazer à vida os dois. Só que ela estava sentindo algumas dores diferentes e esperava que não demorasse muito.

— Acho que vou chamar uma enfermeira. — Jonathan levantou,

assustado e trazendo a primeira que encontrou.

Viram ela calçando uma luva e tranquilizando os pais de primeira viagem.

— Vamos ver se já tem dilatação e... Jesus! — Jonathan deu um pulo para frente para ver o que a enfermeira estava vendo.

— Isso é.... — Olhou para a enfermeira que estava tirando as luvas e ligando para o médico.

— Sim, já é a cabeça do bebê. Ela está corando — respondeu ao telefone.

— Como é que é? — Paula falou um pouco alarmada.

— Está nascendo, não está sentindo nada? — Questionou a enfermeira.

— Não e.... — Sentiu uma fígada e a vontade de empurrar grande.

O obstetra e Richard chegaram ao mesmo tempo. A correria foi tão grande que nem Jonathan e nem Paula conseguiam assimilar o que estava acontecendo. Quando perceberam, o médico pediu para ela empurrar e depois de duas ou três respirações profundas Richard apareceu segurando um bebê chorando.

— E aqui temos o Ramiro. — Anunciou enquanto limpava o bebê, que ainda chorava.

Jonathan percebeu que havia vivido sua vida toda para aquele momento. Tudo que tinha passado não tinha mais significado nenhum. Tudo estava resumido naquele ser que Richard colocou em seu colo, enrolado em um pano azul.

— Parabéns, papai. — Richard falou sorrindo. Realmente ele adorava aquela sua profissão. Aqueles momentos eram impagáveis.

Jonathan segurou seu primeiro filho no colo. Encarou os olhos de Ramiro, um pouco mais escuros do que os seus. Estava completamente apaixonado. E sabia que aquela era somente a primeira dose.

Caminhou com o seu filho no colo em direção de Paula. Descobriu que era mais possível ainda amar mais aquela mulher do que ele já amava. Colocou Ramiro em cima dela e os dois ficaram encantados com o que haviam feito juntos.

— Ele é perfeito — murmurou Paula, com inúmeras lágrimas nos olhos. Ela já havia chorado tanto naquela vida, mas se as próximas lágrimas fossem de felicidade como àquelas, estaria pronta.

— Ele é sim. — Jonathan beijou Paula diversas vezes. — Obrigado, meu

amor. Obrigado por isso...

Junto com sua mulher e seu filho, Jonathan poderia ser considerado o homem mais feliz do mundo. Mas ainda tinha Rafaela por nascer, e Jonathan nem sabia se conseguiria suportar tamanha felicidade para um dia só.

Uma enfermeira se encarregou de pegar Ramiro depois de alguns minutos. O corpo de Paula precisava se concentrar novamente para trazer à vida mais um bebê. Jonathan não sabia o que fazia, se acompanhava a enfermeira até o banho de Ramiro, ou ficava junto com Paula.

— Vai lá, quando ela for nascer eu te chamo. — Explanou Richard, alegre. E Paula assentiu.

— Cuida do nosso filho que daqui a pouco a Rafaela vai se juntar com vocês.

Jonathan não precisou de outra palavra. Foi até a área de banho dos bebês e nem percebeu a presença do fotógrafo registrando aqueles momentos únicos. Ramiro estava mais calmo embaixo da água morna e nas mãos ágeis da enfermeira. Jonathan, como todo o pai, um pouco desajeitado e nervoso para ajudar a colocar a primeira fralda e roupa. Eles tinham terminado o trabalho quando Richard o chamou.

Chegou a tempo de ver o médico ajudando Rafaela a nascer. Novamente não tinha palavras para descrever o que estava sentindo. Era muita felicidade para apenas um Jonathan. Teria que se perguntar se era merecedor de tudo aquilo.

Rafaela, assim como seu irmão, chorava alto quando foi colocada no colo de Paula. E muito indignada quando não encontrou Ramiro para onde estava indo.

— Acho que vamos ter uma teimosa na família. — Comentou Paula feliz e beijando a cabecinha da filha.

Rafaela foi para o banho e só conseguiu se acalmar quando foi colocada no mesmo berço que Ramiro. Como num passe de mágica, os dois se encaixaram com perfeição. Os nove meses dentro de Paula, foi dividindo em um espaço tão minúsculo, que chegaram a sorrir com todo aquele berço para eles.

Paula se recuperou perfeitamente do parto, em pouco tempo foi levada para o quarto e minutos depois os dois chegaram com Jonathan junto.

Olhou para os três e, principalmente para o sorriso de Jonathan. Estava cansada, escabelada e um pouco desmantelada, mas era a mulher mais completa daquele mundo.

Paula não precisava de um apartamento maior ou reformado e nem da

livraria. Tudo que ela queria e necessitava estava ali.

Jonathan Ramiro.

Ramiro.

Rafaela.

Paula já tinha tudo que precisava naquele mundo.

Fim.

Table of Contents

<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>
<u>Capítulo 22</u>
<u>Capítulo 23</u>
<u>Capítulo 24</u>
<u>Capítulo 25</u>
<u>Capítulo 26</u>
<u>Capítulo 27</u>
<u>Capítulo 28</u>
<u>Capítulo 29</u>
<u>Capítulo 30</u>
<u>Capítulo 31</u>
<u>Capítulo 32</u>
<u>Capítulo 33</u>
<u>Capítulo 34</u>
<u>Capítulo 35</u>

[Capítulo 36](#)
[Capítulo 37](#)
[Capítulo 38](#)
[Capítulo 39](#)
[Capítulo 40](#)
[Capítulo 41](#)
[Capítulo 42](#)
[Capítulo 43](#)
[Capítulo 44](#)
[Capítulo 45](#)
[Capítulo 46](#)
[Capítulo 47](#)
[Capítulo 48](#)
[Capítulo 49](#)
[Capítulo 50](#)
[Capítulo 51](#)
[Capítulo 52](#)
[Capítulo 53](#)
[Capítulo 54](#)
[Capítulo 55](#)
[Capítulo 56](#)
[Capítulo 57](#)
[Capítulo 58](#)
[Capítulo 59](#)
[Capítulo 60](#)
[Capítulo 61](#)
[Capítulo 62](#)
[Capítulo 63](#)
[Capítulo 64](#)
[Capítulo 65](#)
[Capítulo 66](#)
[Capítulo 67](#)
[Capítulo 68](#)
[Capítulo 69](#)
[Capítulo 70](#)
[Capítulo 71](#)
[Capítulo 72](#)
[Capítulo 73](#)
[Capítulo 74](#)